

**Simone Lira da Silva**

**PRÁTICAS DE CONSUMO ENTRE TRABALHADORES COM O  
LIXO: empoderamento e reprodução das distinções sociais**

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Título de doutor em Antropologia Social.

Orientadora: Dra. Alicia Norma Gonzàlez de Castells

Linha de pesquisa: Antropologia Urbana e Patrimônio Cultural

**Florianópolis**  
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

SILVA, Simone Lira da  
PRÁTICAS DE CONSUMO ENTRE TRABALHADORES COM O LIXO :  
empoderamento e reprodução das distinções sociais / Simone  
Lira da SILVA ; orientadora, Alicia Norma González de  
Castells - Florianópolis, SC, 2015.  
213 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa  
de Pós-Graduação em Antropologia Social.

Inclui referências

1. Antropologia Social. 2. Catadores de lixo. 3.  
Consumo. 4. Empoderamento. 5. Distinções sociais. I.  
Castells, Alicia Norma González de . II. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em  
Antropologia Social. III. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA SOCIAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA  
SOCIAL**

**PRÁTICAS DE CONSUMO ENTRE TRABALHADORES COM O  
LIXO: empoderamento e reprodução das distinções sociais**

**Simone Lira da Silva**

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Alicia Norma González de Castells

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Título de doutor em Antropologia Social.

**Banca examinadora**

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Alicia Norma González de Castells (PPGAS/UFSC)

---

Prof<sup>o</sup> Dr. Pablo Schamber (UNaM-UBA)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Micheline Ramos de Oliveira (PMGPP/UNIVALI)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Camila Sissa Antunes (UNOCHAPECÓ)

---

Prof<sup>o</sup> Dr Rafael Victorino Devos, (PPGAS/UFSC)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Eugênia Dominguez (PPGAS/UFSC)



## AGRADECIMENTOS

O resultado desse trabalho contou com o apoio e incentivo de muitas pessoas que encontrei ao longo de toda minha trajetória acadêmica. Agradeço a todos os que acreditaram e incentivaram a realização dessa pesquisa, bem como aos que compartilharam a experiência de escrita da tese.

Agradeço com muito carinho aos trabalhadores com o lixo, que compartilharam seus dias de trabalho, suas histórias de vidas e seu tempo comigo, permitindo assim que eu pudesse empreender a escrita desta tese. Sem o aprendizado vivido junto a eles, este trabalho não teria sido possível.

Aos meus pais, pelo exemplo de humildade e trabalho, que foi de fundamental importância para passar pelos momentos mais difíceis de minha vida acadêmica.

Agradeço ao Rudemar, por compartilhar e acreditar nesse sonho junto comigo, pelo seu apoio emocional e por sua compreensão as minhas ausências.

Agradeço de modo muito especial a minha orientadora, Alicia Norma González Castells, por ter estado sempre presente e me apoiar em todas as solicitações que precisei fazer ao PPGAS. Também por ter me incentivado a fazer o estágio de Bolsa Sanduíche e por sua postura aberta, que permitiu me aventurar teoricamente nessa temática.

Agradeço a Jeana Laura da Cunha e a Micheline Ramos de Oliveira, pelas considerações acerca da minha pesquisa ainda na qualificação do projeto de tese; e ao professor Rafael Victorino Devos e a professora Maria Eugênia Dominguez, pelas considerações feitas em minha banca de qualificação de tese.

Agradeço ao professor Vincenzo Padiglione, por me receber na Universidade Sapienza di Roma, permitindo uma experiência sem igual academicamente.

Agradeço aos colegas do Núcleo de - Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural (NAUI UFSC), pela interlocução, amparo e amizade durante este longo tempo que o processo de escrita demandou.

Agradeço também aos colegas do Núcleo de Estudos Contemporâneos (NECON/UFSC), por terem me auxiliado na pesquisa realizada com trabalhadores com o lixo em Santa Maria.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal

## VI

de Nível Superior (CAPES) pelas bolsas de estudos que possibilitaram-me finalizar o curso.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFSC) e a seus professores, pelo empenho em proporcionar uma excelente formação a seus pós-graduandos.

Agradeço também a todos os funcionários que passaram pela secretaria do PPGAS/UFSC, nesses últimos cinco anos, por sua flexibilidade e compreensão. Sei que dar suporte administrativo a um programa tão grande e com necessidades tão distintas como o da antropologia é uma tarefa para poucos.

E, por fim, agradeço imensamente aos professores Pablo Schamber, Micheline Ramos de Oliveira, Camila Sissa Antunes, Rafael Victorino Devos e Maria Eugênia Dominguez por terem aceitado o convite para compor minha banca de defesa. Estendo os mesmo agradecimentos às professores Gabriel Coutinho Barbosa e Carla Almeida, que aceitaram ser membros suplentes da banca. Todos contribuíram para o fechamento de mais esta etapa de minha vida acadêmica.

*O Vinho dos Trapeiros*

(...)

Há o trapeiro que vem movendo a frente inquieta,  
Nos muros a apoiar-se e como faz um poeta,  
E sem se incomodar com os guardas descuidosos,  
Abre o seu coração em projetos gloriosos.

Ei-lo posto a jurar, ditando lei sublime,  
Exaltando a virtude, abominado o crime,  
E sob o firmamento - um pálio de esplendor –  
Embriagar-se à luz de seu próprio valor.

Estes, que a vida em casa enche de desenganos  
Roídos pelo trabalho e as tormentas dos anos,  
Derreados sob montões de detritos hostis,  
Confuso material que vomita Paria,

Voltam, cheios de odor de pipas e barrancos,  
E seguem-nos os que a vida tornou tão brancos,  
Bigodes a tombar como velhos pendões;  
Os arcos triunfais, as flores, os clarões

Se erguem diante do olhar, ó solene magia!  
E na ensurdecadora e luminosa orgia  
Do clarim e do sol, do grito e do tambor,  
Eles trazem a glória ao povo ébrio de amor!

(...)

Charles Baudelaire ([1849], 2006)



## RESUMO

### SILVA, Simone Lira da. **PRÁTICAS DE CONSUMO ENTRE TRABALHADORES COM O LIXO: empoderamento e reprodução das distinções sociais**

Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

Orientador: Dra. Alicia Norma González de Castells

Linha de pesquisa: Antropologia Urbana e Patrimônio Cultural

#### **Resumo**

Esta tese tem por base pesquisas etnográficas realizadas junto a *Trabalhadores com o lixo* organizados em associações de materiais recicláveis de Palhoça-SC, durante os anos de 2012 e 2013, e também em associações da cidade de Santa Maria-RS, entre os anos de 2005 a 2009. Trata-se de uma análise das formas como *Trabalhadores com o lixo* usam objetos encontrados no lixo para fins lúdicos, utilitários, artísticos ou de coleções individuais. Analiso as diversas práticas de apropriações de objetos encontrados no lixo por trabalhadores com o lixo, em especial as práticas que destinam estes objetos para o mercado de usados, a produção de artesanatos e a elaboração de coleções. Defendo a tese de que essas práticas de apropriações de objetos encontrados no lixo constituem-se em práticas de consumo que permitem: a) uma mudança estrutural através das micros esferas de empoderamento proporcionadas pelo trabalho com o lixo e b) a sustentação de determinadas estruturas de classificação presente na lógica de consumo da nossa sociedade e visíveis nas formas de distinções sociais.

**Palavras chaves:** trabalhadores com o lixo, consumo, empoderamento, distinções sociais.





**ABSTRACT**

SILVA, Simone Lira da. **CONSUMER PRACTICES AMONG WORKERS WITH TRASH: empowerment and reproduction of social distinctions**

This thesis is based on ethnographic research conducted among workers with trash. The research was conducted in recycling associations from Palhoça-SC, during the years 2012 and 2013, and also associations from the city of Santa Maria-RS, between 2005 and 2009. It is an analysis of the ways that workers with trash using objects found in the garbage for recreational purposes, utilities, artistic or individual collections. Analyze the various appropriations practices of objects found in the trash by workers with trash, especially the practices that lead these objects to the used market, the production of handicrafts and the elaboration of collections. I argue that these practices of appropriation of objects found in the trash are in consumer practices that allow: a) a structural change through micro empowerment spheres provided by work with trash and b) the maintenance of determined classification structures present in consumer logic of our society and visible in the forms of social distinctions.

**Key words:** workers with trash, consumption, empowerment, social distinctions.



## LISTA DE SIGLAS

ARPS	Associação de Recicladores Pôr do Sol
ARSELE	Associação de Reciclagem Seletivo Esperança
ASMAR	Associação dos Seleccionadores de Material Reciclável
ARESP	Associação de Recicladores Esperança
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CASE	Centro de Atendimento Socioeducacional
CBO	Código Brasileiro de Ocupações
CEBs	Comunidade Eclesiais de Bases
Cempre	Compromisso Empresarial para Reciclagem
ACMR	Associação dos coletores de materiais Recicláveis
CESMA	Cooperativa dos Estudantes de Santa Maria
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
COMCAP	Companhia de Melhoramentos Capital de Florianópolis
CTRC	Central de Tratamento de Resíduos da Caturrita
CTReS	Centro de Transferência de Resíduos Sólidos
CUT	Central Única dos Trabalhadores
EcoSol	Feira Americana de Economia Solidária
EVA	Poli acetato de Etileno Vinil
FASE	A Fundação de Atendimento Socioeducativo
FEBEM	Fundação de Bem Estar do Menor
FEICOOP	Feira Internacional do Cooperativismo
FEPAM	Fundação Estadual de Proteção Ambiental
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MNCR	Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis
MNLM	Movimento Nacional de Luta pela Moradia
MST	Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra
NAUI	Núcleo de - Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural
NECON	Núcleo de Estudos Contemporâneos
NDTV	Nova Deli Televisão limitada ( <i>New Delhi Television Limited</i> )
PDSE	Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior
PEAD	Polietileno de alta densidade
PEBD	Polietileno de baixa densidade
PET	Polietileno tereftalato
PNSB	Pesquisa Nacional de Saneamento Básico
PP	Polipropileno

## XIV

PPGAS	Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Pro-CREP	Associação Criar, Reciclar, Educar e Preservar
PS	Poliestireno
PVC	Poli cloreto de vinila
REUNI	Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
RSU	Resíduos Sólidos Urbanos
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNIFRA	Universidade Franciscana de Santa Maria
UNISUL	Universidade do Sul de Santa Catarina

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Fechamento do campo Rom de via Salviati (Roma, Itália) em outubro de 2014.....	47
Figura 2. Barracos Rom.....	48
Figura 3. Mapa dos campos Rom em Roma.....	48
Figura 4. Trabalhadores com o lixo retirando materiais reciclados dos Contêineres em Santa Maria – RS.....	61
Figura 5: Carrinhos das Trabalhadoras da ARPS, em Santa Maria.	63
Figura 6. Diagrama das diferentes esferas da limpeza urbana.....	67
Figura 7 Localização da ProCREP entre as praias da Pinheira e Guarda do Embaú .....	77
Figura 8. Localização das associações de Santa Maria em relação ao centro da cidade.....	78
Figura 9. Esteira de seleção do lixo na Pro-CREP.....	79
Figura 10. Seu Luiz trabalhando na prensa da ASMAR.....	79
Figura 11. Roupas do brechó da Pro-CREP.....	93
Figura 12 Objetos encontrados no lixo e que estavam à venda no brechó da Pro-CREP.....	93
Figura 13 Bombonas feitas na Pro-CREP e encapadas com folhas de revista para pôr nos postos de recolhimento de óleo de cozinha.....	96
Figura 14. Mosaicos da oficina da Pro-CREP.....	96
Figura 15 e 16. Artesanatos da oficina da ARSELE em Santa Maria.....	98
Figuras 17, 18 e 19. Coleção de imagens e quadros exposta na parede da cozinha da ASMAR.....	102
Figura 20. Coleções de bonecos pendurados por seu Zé na cabine do caminhão da ASMAR.....	104
Figura 21. Encontrando pote com bijuterias na Pro-CREP.....	112
Figura 22. Joci, no intervalo do almoço, analisando as “coisinhas” que havia encontrado.....	123
Figura 23. Quiosque aos fundos da casa de Maria.....	127
Figura 24. Parede divisória entre a sala e o quarto da filha de Maria.....	128
Figura 25. Luminária de PVC na casa de Maria.....	129
Figura 26. Banheiro da casa de Maria.....	129
Figura 27. Organização das práticas de consumo segundo a estrutura de consumo.....	148
Figura 28. Símbolos de classificação dos plásticos.....	150

Figura 29. Mesas de seleção do material reciclado na ASMAR.....	153
Figura 30. Trabalhadoras da ARPS percorrendo as ruas do bairro de Santa Marta, local conhecido como Alto da Boa Vista.....	157
Figura 31. Gráfico da circulação dos bens através das práticas de consumo.....	160
Figura 32. Diagrama sintetizando alteração e reprodução da estrutura de consumo.....	165

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	21
CAPÍTULO 1	
O CAMPO DE PESQUISA E AS ABORDAGENS METODOLÓGICAS.....	31
1.1. A cidade e o trabalho com o lixo.....	32
1.1.1 A história da limpeza urbana e os trabalhadores com o lixo.....	32
1.1.2. Os trabalhadores com o lixo e o imaginário urbano...	36
1.2. As relações de poder entre os agentes do mercado de materiais recicláveis.....	39
1.2.1. O trabalho com o lixo em regime familiar versus novas tecnologias de limpeza urbana: Cairo Egito.....	41
1.2.2 O reuso em Roma: a ilegalidade do trabalho com o lixo e a condição de imigrante.....	42
1.2.3. América do Latina: a luta pelo reconhecimento e melhorias de trabalho.....	49
1.3. Brasil: políticas de limpeza urbana e os trabalhadores com o lixo.....	52
1.3.1. Da legislação e do poder público.....	52
1.3.2. Dos trabalhadores com o lixo, suas reivindicações e a informalidade.....	55
1.3.3 Os atravessadores.....	59
1.3.4. Entre possibilidades de conflito e de cooperação: os casos de Florianópolis, SC e Santa Maria, RS.....	60
1.4. Sobre as escolhas e o recorte da pesquisa.....	68
1.4.1. Porque fazer pesquisa em Associações.....	68
1.4.2. Características organizacionais das associações pesquisadas.....	70
1.4.3. O trabalho realizado pelas Associações.....	76
1.5. Desafios de um fazer etnográfico entre trabalhadores com	

## XVIII

o lixo.....	80
1.5.1 Estabelecendo uma relação de reciprocidade .....	80
1.5.2 O pesquisador em meio aos interesses conflitantes dos agentes em campo.....	83
1.5.3 Os limites da escrita etnográfica .....	85
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>A APROPRIAÇÃO DE OBJETOS ENCONTRADOS NO</b>	
<b>LIXO.....</b>	<b>89</b>
2.1. As diversas formas de reuso dentro das associações.....	90
2.1.1 O mercado de usados.....	90
2.1.2 Os artesanatos.....	95
2.1.3. As coleções.....	100
2.2. Sobre a ambiguidade do lixo.....	107
2.2.1. Lixo: de objeto de repulsa a objeto de desejo.....	108
2.2.2. O estigma e a negociação da identidade de trabalhador com o lixo.....	104
2.2.3. A identificação do lixo a alguém.....	117
2. 3. A vida em um mundo das coisas.....	121
2.3.1. As coisinhas.....	122
2.3. 2. Maria e sua casa feita de “reaproveitamento”.....	125
2.3.3. O belo também pode ser útil: para repensar a estética.....	131
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>A ESTRUTURA DE CONSUMO E SUA RESSIGNIFICAÇÃO</b>	
<b>PELO TRABALHO COM O LIXO.....</b>	<b>135</b>
3.1. A sociedade contemporânea e o consumo na teoria social..	136
3.1.1. As definições da sociedade contemporânea de consumo.....	136
3.1.2. O que diz a antropologia do consumo.....	140
3.2. O sistema produtivo e a padronização do trabalho com o lixo.....	147
3.2.1. Classificações do mercado de materiais recicláveis e a estrutura de consumo da sociedade contemporânea	147
3.2.2. A padronização imposta aos trabalhadores e sua adequação as condições de cada associação.....	152



3.3. As práticas de consumo entre trabalhadores com o lixo.....	159
3.3.1 A circulação dos objetos.....	160
3.3.2. Atribuição e alteração de significado.....	162
3.3.3. Estruturas de classificação das hierarquias e distinções sociais.....	166
3.4. Em síntese.....	170
CAPÍTULO 4	
EMPODERAMENTO E DISTINÇÃO SOCIAL: ALTERAÇÃO E REPRODUÇÃO DA ESTRUTURA DE CONSUMO ENTRE TRABALHADORES COM O LIXO.....	
4.1. O empoderamento feminino pelo trabalho com o lixo.....	173
4.1.1. Vera: encontrando a liberdade feminina.....	174
4.1.2. Dona Maria e a maternidade.....	178
4.2. Distinções sociais: o nós e o outro no campo do trabalho com o lixo.....	183
4.2.1. A escola: entre expectativas e frustrações.....	184
4.2.2. Peripécias de uma manhã de verão.....	187
4.2.3. Dona Teresinha e a periferia.....	189
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	195
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	199
FILMOGRAFIA.....	207
CONTEÚDO DE BLOGS E SITES DE JORNAIS E DE INSTITUIÇÕES USADOS NA PESQUISA.....	209



## INTRODUÇÃO

Desde 2005, tenho realizado pesquisas com pessoas que vivem da coleta, seleção e venda do lixo. O uso que essas pessoas fazem de alguns objetos que encontram no lixo, ressignificando-os em forma de coleções, decorações, ferramentas de trabalho e de uso doméstico sempre me intrigou. As diversas práticas de apropriação dos achados no lixo são o objeto central de análise desse trabalho. Defendo a tese de que as práticas de apropriações de objetos oriundos do lixo consistem em uma prática de consumo que, ao ressignificar categorias prescritas nas ordens de classificações de nossa sociedade e disseminadas pelo sistema de produção de bens, altera e reproduz a estrutura de consumo.

Tal intento teórico e analítico sobre o fenômeno de apropriação de objetos encontrados no lixo se dará com base em dados coletados em pesquisas etnográficas realizadas junto a *Trabalhadores com o lixo* de Palhoça-SC durante os anos de 2012 e 2013, e também em pesquisas realizadas na cidade de Santa Maria-RS, entre os anos de 2005 e 2009. As pesquisas etnográficas foram realizadas junto a *Trabalhadores com o lixo* organizados em associações. Durante estas pesquisas, realizei observação participante, entrevistas e registro de sons e imagens em três associações de Santa Maria - Associação dos Seleccionadores de Material Reciclável (ASMAR), Associação de Reciclagem Seletiva Esperança (ARSELE) e Associação de Recicladores Pôr do Sol (ARPS) e em uma associação de Palhoça, Associação Criar, Reciclar, Educar e Preservar (Pro-CREP).

No Brasil os trabalhadores com o lixo são conhecidos popularmente como “Catadores”. Em sua grande maioria, são trabalhadores informais e sua presença não é bem acolhida pela população, que tende a olhá-los com pena, medo ou nojo. Muito do que tem sido escrito pela imprensa de nosso país também não contribui para uma positivação desse trabalho, pois em geral os descreve como um problema social ou o exemplo da “degradação social” a que a pobreza induz algumas pessoas.

Nesse texto sempre me referirei aos “catadores” como Trabalhadores com o lixo. Trabalhadores com o lixo é uma categoria criada no início de meus estudos com esta população e que visava melhor descrever a identidade que tentavam atribuir a si mesmos. Na ocasião, havia me deparado com uma enormidade de termos usados por eles para se autorreferenciarem, ou usados pelas outras pessoas para falarem deles. Isso inviabilizou a escolha de um dos termos como

categoria nativa e optei por criar uma definição que contemplasse dois movimentos presentes na negociação das identidades dos “catadores”. De um lado, as pessoas com as quais fiz a pesquisa sempre se referiam a sua atividade como “trabalho honesto”; de outro, sentiam-se constrangidas por precisarem “viver do lixo”. Ao problematizar estas duas categorias, trabalho e lixo, percebi que as mesmas eram essenciais para qualquer discussão que pretendesse discutir uma identidade para os “catadores”.

A palavra trabalho tem uma importância enorme para as pessoas de baixa renda. Ter um trabalho é a prova inabalável de que não estão roubando, de que são honestas e estão dentro da lei (FONSECA, 2004). É bem verdade que esta positividade deriva de uma ideia de trabalho formal, “de carteira assinada”, que não é o caso das pessoas que trabalham com o lixo. Por isso, suas falas estão constantemente tentando justificar sua atividade e mostrar para a pesquisadora como o que fazem é, sim, um trabalho. Por meio da palavra trabalho, eles tentam positivar a atividade que os põe em proximidade constante com o lixo e que lhes atribui uma situação socialmente considerada degradante, constrangedora.

O lixo, ou mais precisamente o contato com o lixo, confere aos “catadores” um atributo depreciativo, um estigma<sup>1</sup> e, com ele, o constrangimento que envolve realizar sua atividade. Segundo Goffman (1982), “a vergonha se torna uma possibilidade central, que surge quando o indivíduo percebe que um de seus próprios atributos é impuro”. A vergonha ou o constrangimento de “mexer” no lixo faz do lixo algo indissociável do trabalho realizado pelos “catadores” e das representações sociais criadas sobre eles. Sendo assim, optei por manter o termo lixo na denominação ao invés de usar material reciclável, ou resíduos sólidos como se faz em denominações oficiais. Com esta escolha não pretendo sugerir uma nova nomenclatura, nem mesmo deslegitimar as já existentes. Meu propósito ao adotar a expressão “trabalhadores com o lixo” é enfatizar a construção identitária dessas pessoas nas relações travadas em seu cotidiano de trabalho. Entendo que esta construção identitária é mais bem compreendida se visualizamos as constantes negociações feitas pelos trabalhadores sobre o sentido negativo associado ao lixo. São os sentidos negativos atribuídos ao lixo que criam a permanente necessidade de os trabalhadores com o lixo

---

<sup>1</sup> Estigma, nas definições de Goffman (1982, p 13), é usado “...em referência a um atributo profundamente depreciativo”. O estigma é uma espécie de relação entre o atributo e o estereótipo que a sociedade tem dele.

buscarem por formas de autovalorização, adotando os discursos ambientais e as terminologias como selecionadores de material reciclável. (SILVA, 2007 e 2010).

Inicialmente, a pesquisa de doutorado visava realizar um estudo etnográfico sobre os conflitos de usos de espaços públicos entre trabalhadores com o lixo da região metropolitana de Florianópolis, estado de Santa Catarina (SC) e o poder público, os setores comerciais e civis da cidade. Porém, no decorrer das investigações, percebi que o fenômeno de apropriar-se de objetos encontrados no lixo, bastante recorrente entre trabalhadores com os quais fiz pesquisas na cidade de Santa Maria (RS), se passa também em Florianópolis. Entendi que abordar a temática do trabalho com o lixo através da análise das apropriações dos objetos proporcionaria um novo olhar sobre meu objeto de estudo. A discussão, portanto, amplia-se, trazendo exemplos que extrapolam os limites de divisão política dos municípios brasileiros.

A maior parte dos trabalhadores com o lixo com os quais mantive contato nos últimos 10 anos iniciaram esta atividade após algum infortúnio pessoal ou familiar, em geral, a perda de emprego, doença, morte ou prisão do provedor da família. Relatavam que começaram esta atividade como algo provisório, “até as coisas melhorarem”, porém, são pessoas com dificuldades para serem aceitas no mercado de trabalho formal: homens e mulheres com idade avançada e sem escolaridade, mulheres com muitos filhos, jovens que ainda não têm idade ou experiência para entrar no mercado de trabalho, usuários de drogas, ex-presidiários, moradores de rua, etc.

Dentre estes trabalhadores, consegui aproximar-me mais das mulheres e com elas obtive a maior parte dos dados apresentados na sequência. Fazer a pesquisa com mulheres não foi uma escolha propriamente dita, mas algo a que fui levada pelo trabalho de campo. Como minha estratégia para conseguir acompanhar o trabalho deles foi pedir para me deixarem trabalhar dentro das associações e para que me ensinassem a fazer a seleção do lixo, acabei sendo inserida em atividades que estavam sendo realizadas por mulheres. Meu acesso aos homens se limitava aos momentos de descanso ou a quando conseguia convence-los a dar-me uma entrevista.

Os homens também retiram objetos do lixo para uso pessoal, mas raramente tive oportunidade de interagir com eles no momento em que encontravam os objetos. Isso dificultava entender suas escolhas. Já com as mulheres, podia acompanhar todo o processo, desde o momento em

que encontravam os objetos, como os avaliavam, que opiniões tinham sobre eles e qual destino davam aos mesmos.

Optei por não trocar os nomes dos trabalhadores com o lixo por pseudônimos. Esta foi uma escolha feita pela maioria deles e que, desde as primeiras pesquisas, decidi arcar com as possíveis consequências de aceitá-la. Além disso, muitos dos depoimentos que usei para escrever esta tese e também os trabalhos anteriores estão registrados em vídeos que os próprios integrantes das associações usam para promover seu trabalho em eventos de que participam. Nos outros casos, em especial nos relatos mais pessoais e perturbadores sobre a vida de alguns dos trabalhadores que usei no capítulo quatro deste texto, cheguei a cogitar usar pseudônimos. Por fim decidi não fazê-lo, mas tomei o cuidado de contar apenas as histórias dos que, devido ao tempo decorrido desde que fiz a pesquisa, não poderiam mais ser identificados ou mesmo encontrados. Nesses casos, a sazonalidade com que usavam o trabalho com o lixo os tornou anônimos.

Nos quatro capítulos que compõem este texto, busco dar conta da complexidade das relações nas quais os trabalhadores com o lixo estão envolvidos e articular minha tese de que a apropriação dos objetos retirados do lixo para fins artísticos, estéticos e de coleção individual alteram a estrutura de consumo em nossa sociedade, ao mesmo tempo em que a reproduzem.

No primeiro capítulo, busco fazer uma apresentação do universo social, político e econômico em que se inserem os trabalhadores com o lixo. Para isso, fiz uso de dados estatísticos, produção cinematográfica e comparações com estudos realizados em outros países. Discorro sobre três pontos que considero importantes para entender o lugar social ocupado pelos trabalhadores com o lixo com os quais fiz a pesquisa. O primeiro ponto diz respeito à ligação milenar deste trabalho às zonas densamente povoadas das cidades e sua importância na construção do imaginário urbano atual. O segundo ponto é a relevância desse trabalhador para o mercado de reciclagem e as diversas disputas de poder que necessita travar com outros setores interessados nesse campo. E, por fim, o terceiro ponto são as circunstâncias específicas do trabalho com o lixo no Brasil.

Início este primeiro capítulo apontando as cidades e a intensa concentração de população nelas como responsáveis por gerar necessidade de serviços especializados de limpeza urbana, as quais darão origem ao tipo de atividade em que estão inseridos atualmente as pessoas com as quais fiz minha pesquisa. Objetiva-se mostrar como o trabalhador com o lixo, apesar de ser um personagem indissociável do

imaginário urbano atual, não surgiu com a modernidade. Suas práticas de extrativismo urbano estavam presentes nas cidades antigas de grandes impérios como o persa, o grego e o romano.

Na sequência desse capítulo, tento apresentar o trabalhador com o lixo como um agente dentro dos campos de poderes (sistema produtivo, mercado de reciclagem, legislação e movimentos em prol do meio ambiente) com a qual sua atividade precisa dialogar. Nesse sentido o trabalho com o lixo está sempre em busca de formas para sobreviver em meio aos diversos contextos políticos, econômicos e sociais apresentados por cada de nossa sociedade. No Egito, por exemplo, temos formas familiares de trabalho com o lixo enfrentando os novos sistemas de limpeza urbana importados de modelos europeus. Na Europa esta atividade vem cada vez mais sendo relegada a clandestinidade, mas sobrevivendo ainda assim e até mesmo se inserindo em contextos de comércio legais, como é o caso dos *Zingaros* e o mercado de pulgas<sup>2</sup> em Roma. Na América Latina, estes trabalhadores têm cada vez mais chamado atenção dos governos, organizando-se politicamente e reivindicado melhorias em suas condições de trabalho ou mesmo mais espaço para atuar formalmente na limpeza urbana.

Também delinheio o funcionamento da limpeza urbana no Brasil, delegada aos municípios. Tento mostrar as diversas pressões legislativas e de órgãos ambientais que influenciam os modelos de gestão de resíduos adotados por cada município brasileiro. Este modelo é o principal responsável pela grande heterogeneidade assumida pelo trabalho com o lixo no país, já que os trabalhadores precisam se adequar ao lugar destinado a eles por cada um dos 5 570 municípios brasileiros. Através de exemplos das políticas de limpeza urbana da cidade de Florianópolis, SC, e de Santa Maria, RS, tento mostrar como esta heterogeneidade contempla desde exitosas parcerias entre trabalhadores com o lixo e o poder público local a diversas formas de exclusão da participação dos primeiros nessas políticas.

Essa longa descrição visa evidenciar as principais disputas políticas e também o lugar ocupado pelos trabalhadores com o lixo. Entender tais contextos políticos e econômicos é importante para

---

<sup>2</sup> Mercado de pulgas são feiras de ruas, nas quais diversos comerciantes vendem antiguidades roupas e objetos usados. Este tipo de comércio, que segundo a versão mais difundida, originou-se em Paris, na França, está presente hoje em vários países. É possível encontrar um desses mercados em quase toda a grande cidade do mundo.

compreender a origem dos significados atribuídos ao trabalho com o lixo e, conseqüentemente, o lugar ocupado por estas pessoas na sociedade. É em meio a negociações travadas com tais significados que estes indivíduos tentam inserir-se na sociedade, fazendo os objetos circularem e participando dessa forma das práticas de consumo e de suas classificações. É também em meio a tais disputas políticas que a estrutura de consumo, analisada nessa tese, reproduz-se propagando consagradas distinções sociais, que acabam por reforçar o lugar de inferioridade do trabalhador com o lixo na hierarquia social.

Por fim, as duas últimas sessões desse primeiro capítulo buscam justificar as escolhas de pesquisa e apresentar as associações de trabalhadores com o lixo em que fiz a pesquisa. Também há uma breve exposição da metodologia utilizada e de algumas problemáticas do fazer etnográfico geradas na interação travada com cada um dos trabalhadores com o lixo com quem fiz a pesquisa.

No capítulo dois, sigo o cotidiano das pessoas que trabalham com o lixo para apresentar e problematizar o que considero serem as principais formas de apropriação de objetos encontrados no lixo dentro das associações: o mercado de usados, os artesanatos e as coleções. Também tento evidenciar como as práticas de apropriação de objetos retirados do lixo são parte de um longo processo de ressignificação dos sentidos atribuídos ao lixo e ao trabalho com ele. As práticas de apropriação consistem em retirar do lixo determinados objetos e direcioná-los para outras categorias de classificação, como a de “reaproveitamento”, de “reciclado” e de “coisinhas”.

Na análise do mercado de usados e dos artesanatos, busco evidenciar a importância que discursos relacionados à proteção ambiental e à exclusividade artística tinham sobre a atribuição do valor aos objetos encontrados no lixo. Afirmo que a circulação desses objetos só pode ser entendida através de uma noção de consumo que ultrapasse as questões de subsistência ou de utilidade e dê maior ênfase para entender como a aquisição de determinados bens permite manter relações sociais. É também pela capacidade de estabelecer relações sociais que entendo ser possível compreender as práticas de colecionamento de objetos encontrados no lixo.

Na sequência do capítulo, discorro sobre a ambigüidade que possui o lixo e de como seu caráter profano é negociado pelos trabalhadores com o lixo no momento de sua apropriação. O objetivo é demonstrar que, para o lixo sair de um lugar de repulsa para um lugar de desejo, o trabalhador com o lixo precisa rever suas classificações de mundo e alterá-las. Os novos lugares ocupados pelos objetos



encontrados no lixo, como itens de decoração, de vestuários, de ferramentas, de utensílios domésticos, etc., são fruto de um grande esforço dos trabalhadores com o lixo para reordená-los dentro de seu mundo.

Nesse novo mundo de coisas, construído pela apropriação de objetos retirados do lixo, também é possível apresentar como, no gosto dos trabalhadores com o lixo, belo/útil não são categorias opostas, mas complementares. Faço isso através da descrição da casa da Maria, uma de minhas principais informantes em campo, e que construiu sua casa quase que totalmente com objetos encontrados no lixo. Esta senhora nos ajuda a pensar em uma estética criada pelos trabalhadores com o lixo, na qual beleza e utilidade estão mutuamente presentes.

No capítulo três, afirmo que as práticas de apropriação de objetos encontrados no lixo, que me ocupei no capítulo anterior, são parte do consumo de nossa sociedade. Para explicar o que estou chamando de “nossa sociedade”, retomo as diversas tentativas de definições esboçadas por sociólogos e antropólogos contemporâneos, como Bauman (2008, 1972), Baudrillard (2011), Campbell (2001), McCracken (2003) e Sahlins (2011). Apesar de possuírem distintas abordagens para o tema, todos têm em comum o fato de considerarem que a nossa sociedade, a qual se referem por diferentes nomes (dentre os quais, destacam-se “sociedade ocidental” e “sociedade de consumo”), surge de profundas mudanças na forma de consumir das sociedades tradicionais.

O consumo, torna-se, portanto, o centro das atenções é e definido neste texto como sendo tanto as ações que permitem a circulação dos objetos quanto os significados e valores atribuídos a tais objetos e a tais ações. Tento dar ao conceito do consumo uma amplitude maior ao abordá-lo por meio de duas novas categorias: estrutura de consumo e práticas de consumo. A primeira se refere aos princípios classificatórios de ordem cultural e a segunda às diversas ações que envolvem a produção e circulação dos bens (produção, venda, compra, troca, apropriação e descarte).

Minha intenção é criar um estranhamento das práticas de consumo que são tão banalizadas em nosso cotidiano, não raro, pela própria teoria antimaterialista. Busco, através da desconstrução das noções banalizadas sobre consumo, repensar as práticas sociais envolvidas no consumo e iniciar uma discussão que extrapole as visões negativas e moralistas que acompanham as análises sobre consumo.

Depois desse esforço teórico, dou sequência ao capítulo, seguindo os objetos e a circulação esperada para eles pelo sistema produtivo de

nossa sociedade. Para isso, descrevo algumas das principais classificações do mercado da reciclagem, oriundas das estruturas de consumo predefinidas pela indústria nas quais estes são classificados. Minha intenção é mostrar como essas classificações são inseridas no cotidiano de trabalho com o lixo padronizando-o. No entanto, apesar de tais classificações implicarem em um processo de padronização do trabalho com o lixo, elas não se realizam totalmente. Em parte por resistência dos próprios trabalhadores, em parte pela falta de recursos tecnológicos para desenvolver os trabalhos nos moldes esperados ou incentivados pelo sistema produtivo.

Por fim, elaboro a tese de que o consumo de objetos retirados do lixo propicia a renovação e reprodução da estrutura de consumo. Enfatizo que o consumo entre trabalhadores com o lixo tem aspectos de reordenação das formas de circulação dos objetos e que suas novas classificações estão sempre em conflito com as estruturas de classificação e hierarquias sociais.

No último capítulo, busco demonstrar como o trabalho com o lixo pode atribuir aos trabalhadores com o lixo empoderamento, mas também reforçar as distinções sociais e as formas de exploração a que estão submetidas essas pessoas. De um lado, as práticas de consumo proporcionadas pelo trabalho com o lixo dão novos sentidos à vida das pessoas ligadas a ele, elevando sua autoestima e criando espaços de poder dentro da família e da sociedade. Por outro lado, os sentidos atribuídos ao lixo e ao sujeito pela sociedade os mantêm a margem dela, seja porque são vistos como “coitadinhos”, seja porque representam a “face da degradação social”, ou ainda porque despertam medo na maioria da população.

Para exemplificar as formas de empoderamento através do trabalho com o lixo, apresento a história de vida de duas senhoras que tiveram seu papel dentro da família completamente alterado a partir do momento que passaram a trabalhar com o lixo. No primeiro caso, conto a vida de Vera que, após a separação do marido violento, passou a sustentar toda a sua família com o trabalho com o lixo. Ela também encontrou nesse trabalho um espaço de fortalecimento para consciência política, que a ajudou a quebrar o ciclo de exploração vivido por ela e a mãe enquanto mulheres negras, relegadas a semiescavidão dos trabalhos domésticos. No segundo, convido o leitor a acompanhar um ano da vida de Dona Maria. Meu objetivo é mostrar a capacidade de superação dessa mulher diante da fragilidade ou da vulnerabilidade de sua condição social e econômica. A alteração estrutural advinda dos pequenos exercícios de poder possibilitados pelo trabalho com o lixo,

embora muito reduzida, é importantíssima para a vida dessas mulheres. Trata-se de uma alteração dos significados que geralmente atribuíam a si, elevando suas autoestimas e alterando os lugares de ação geralmente impostos pela sociedade a elas.

Na sequência do capítulo quatro, discorro sobre como certas classificações da estrutura de consumo permanecem. Os objetos continuam informando e hierarquizando os indivíduos que fazem uso deles. As distinções sociais mantidas e reproduzidas dentro dessa estrutura de consumo provocam uma série de interações conflitantes e até mesmo violenta entre os grupos.

Meu objetivo com esta discussão é mostrar como os trabalhadores com o lixo percebem a inferioridade de seu trabalho quando em comparação com outros setores. As vezes, o entendimento do lugar que ocupam no mundo permite a eles criarem estratégias para negociarem seu status e até mesmo obterem vantagem com a condição de “coitadinhos” na qual a maior parte da sociedade os vê. Mas, em algumas circunstâncias, principalmente quando diante de agentes de autoridade (assistentes sociais, professores da escola dos filhos), que dizem o que devem fazer, como devem criar seus filhos, limpar suas casas, etc., sentem-se profundamente humilhados.

Finalizo o texto com a reflexão feita por Dona Teresinha sobre o viver na “periferia”. Ela reflete sobre o preconceito social e racial vivido pelos trabalhadores com o lixo e pela maior parte das pessoas que moram na “periferia”. Expõe com propriedade o medo e o sentimento de ódio que vê serem despertado nos jovens, que não têm oportunidade de estudar e são, desde crianças, humilhados pela polícia, pela escola e por todas as instituições que deveriam proporcionar-lhes abrigo. Também fala do lixo e de como este muitas vezes é o único recurso para as pessoas que estão desacreditadas socialmente.



## **CAPÍTULO 1**

### **O CAMPO DE PESQUISA E AS ABORDAGENS METODOLÓGICAS**

O número de trabalhadores com o lixo tem aumentado visivelmente nos últimos anos, especialmente no Brasil. No cenário nacional, eles têm se tornado os principais responsáveis pelo aumento dos índices de reciclagem. Sendo assim, antes de iniciar a análise das apropriações que os trabalhadores com o lixo fazem de objetos que encontram durante a sua atividade, dediquei este capítulo a fazer uma contextualização do lugar ocupado por estas pessoas na sociedade. Tento responder qual é a origem do “catador de lixo”, que lugar ele ocupa no imaginário urbano, como negocia com o poder público e setores empresariais do mercado do lixo seu espaço de trabalho e como estes trabalhadores têm se organizado.

Estas questões, juntamente com algumas reflexões de cunho metodológico, serão as principais discussões propostas para este capítulo. Inicio fazendo uma contextualização histórica da limpeza urbana e do surgimento dos trabalhadores com o lixo. Na sequência, apresento este trabalhador como parte do imaginário urbano, geralmente estigmatizado por sua atividade. Depois, apresento as peculiaridades do trabalho com o lixo em países como Egito, Itália, Espanha, Argentina e Brasil. O intuito dessa descrição é problematizar a heterogeneidade de estratégias adotadas pelos trabalhadores com o lixo ao redor do mundo frente às relações de poder que travam com diferentes esferas sociais: poder público, mercado de reciclagem, empresas de limpeza urbana e a própria sociedade civil.

Além disso, apresento o cenário nacional do trabalho com o lixo e descrevo as quatro associações nas quais fiz minhas pesquisas. A ênfase desse capítulo recai sobre a diversidade organizacional assumida pelo trabalho com o lixo no mundo e mesmo no Brasil. Apesar da heterogeneidade de formas de trabalho com o lixo apresentadas nesse capítulo, a apropriação de objetos do lixo por estes trabalhadores é recorrente.

Por fim, explicito a metodologia adotada e as especificidades do contato e das interações travadas com os membros de cada uma das associações. Além de problematizar o fazer etnográfico contemporâneo, esta parte do texto pretende chamar a atenção para os limites da escrita etnográfica.

## 1.1. A cidade e o trabalho com o lixo

Afastar os dejetos do convívio é uma prática comum realizada inclusive por alguns animais, que costumam limpar seus ninhos e tocas. Entre as pessoas, o tratamento dado ao lixo é acompanhado por uma série de regras sociais que mudam com o tempo e de uma sociedade para a outra e que contemplam tanto o receio e a necessidade de afastamento do lixo, quanto à aceitação e normatização da presença desse.

### 1.1.1. A história da limpeza urbana e os trabalhadores com o lixo.

Por muito tempo, o lixo foi quase que exclusivamente orgânico e, entre povos nômades ou lugares pouco populosos, ele não chegava a ser notado, já que se decomporia antes de se acumular. No entanto, o lixo se torna um problema a ser discutido e tratado quando as pessoas se aglomeram em cidades tendo menos espaços para que seus dejetos sejam naturalmente absorvidos pela natureza (EIGENHEER, 2009). A limpeza urbana é, portanto, uma necessidade originada concomitantemente ao surgimento de grandes cidades.

Apenas no último século é possível encontrar escritos que analisam os diversos sistemas de manejo do lixo ou que falam sobre como a sociedade deve se preocupar com ele. Apesar de não ser o alvo de estudo, algumas referências ao lixo são encontradas em documentos antigos e em vestígios arqueológicos. Historiadores que escreveram sobre os costumes trazem trechos de documentos de época que nos permitem ter uma ideia sobre o lugar ocupado pelos dejetos humanos naquele momento. No livro *O processo civilizador*, volume I, Elias (2011) relata os costumes e práticas das pessoas no século XV e XVI na Europa. Este é um período de mudanças nas práticas higiênicas e Elias reúne uma série de exemplos retirados de cartilhas educativas e de regulamentos de cortes que orientavam como se portar em público e aumentavam o patamar do que deveria ser considerado vergonhoso. Estas orientações estimulavam a separação dos dejetos humanos dos lugares de convívio. As pessoas deveriam afastar seus dejetos das vistas de outras pessoas e preferencialmente fazer suas necessidades em lugares reservados.

Entre os exemplos citados por Elias, destaco o trecho retirado do tratado de boas maneiras, *Il Galateo*, escrito por Giovanni Della Casa, no século XVI: “Além do mais não fica bem ao homem decoroso e honrado preparar-se para aliviar na presença de outras pessoas, nem

erguer as roupas, depois, na presença delas” (ELIAS, 2011, p. 131). Orientações semelhantes eram encontradas nos regulamentos da corte de Wernigerode, em 1570 e na corte de Brunswick, de 1589. A preocupação em afastar os dejetos resultantes das necessidades fisiológicas humanas, embora estivesse mais ligada a um novo padrão de vergonha que vinha sendo imposto, retrata também o aumento da preocupação europeia com a limpeza urbana nesse período.

No trecho citado por Elias, da carta da duquesa de Orléans, fica visível o descontentamento com o acúmulo de lixo orgânico nas ruas de Paris.

O cheiro do lodaçal é horrível. Paris é um lugar horrroso. As ruas cheiram tão mal que não se poderia sair de casa. O calor extremo está provocando o apodrecimento de grande quantidade de carne e peixe, e isto, juntamente com a multidão de pessoas que fazem... na rua, produz um cheiro tão detestável que não se poderia ser suportado. (Carta da Duquesa de Orléans de 1694 apud ELIAS, 2011, p. 132).

Milênios antes das cidades europeias começarem a se escandalizarem com as sujeiras nas ruas, outras civilizações já possuíam enormes e impressionantes sistemas de esgoto e latrinas. É o caso dos Egípcios e dos Hindus que há 3000 a.C. e há 2500 a.C., respectivamente, já dispunham de latrinas, pavimentação de ruas e canais subterrâneos para captação de águas servidas e esgoto. Estas civilizações também conheciam e dominavam as técnicas de reaproveitamento das fezes como adubo. O desenvolvimento das técnicas de canalização da água deu-se paralelamente ao domínio da drenagem dos líquidos usados juntamente com os dejetos para a agricultura (EIGENHEER, 2009).

O mesmo é possível dizer das civilizações Gregas e Romanas. Os gregos sistematizaram a coleta de água cinco séculos antes de Cristo. Também possuíam regras de limpeza urbanas, limpadores de ruas e coletores de excrementos, os *Koprologen*. A função desses homens era levar os dejetos a uma distância de pelo menos 1920 metros (10 estádios) fora dos muros da cidade. Os Romanos, por sua vez, foram célebres na captação e escoamento de águas, e a limpeza dos esgotos era realizada por prisioneiros de guerra e apenados (EIGENHEER, 2009).

Após a queda do Império Romano, o saneamento básico em Roma entra em declínio e a limpeza urbana só irá ser retomada com os governos papais do século XVI. No que diz respeito ao restante da Europa, pouco se sabe sobre os períodos anteriores à idade média. Somente a partir de alta Idade Média, quando o comércio e as cidades voltam a ter importância e as pestes começam a ser relacionadas à sujeira, as questões de saneamento voltam à tona. No entanto, nenhuma delas tinha uma densidade populacional comparável às cidades Romanas e muito menos sistemas de saneamento eficientes como as do antigo Império Romano. A canalização de esgotos era quase inexistente, usavam-se fossas para fezes e a queima dos demais resíduos. Apesar disso, alguns avanços foram feitos, no fim da Idade Média, impulsionados pelo trabalho de médicos que viam no saneamento uma forma de evitar ou reduzir os danos causados pelas epidemias. (EIGENHEER, 2009).

No século XIX, a Alemanha foi o país que mais implementou as inovações no campo de saneamento básico, tornando-se referência de organização, ordem e limpeza. Desde muito cedo implementou a cobrança de taxa para o recolhimento do lixo, vasilhas específicas e fechadas para o depósito seletivo de lixo. Além disso, possuía uma frota de caminhões adaptados para a coleta de cada tipo de vasilha empregada na coleta seletiva, usou trens para o transporte do lixo até os galpões de triagem, cujos registros datam de 1900. Durante os períodos de guerra, estes serviços entraram em crise, mas foram retomados na segunda metade do século XX, inclusive com a implementação de leis para a proteção de águas subterrâneas e a construção de aterros sanitários (EIGENHEER, 2009).

No Brasil, a limpeza urbana se desenvolve de forma lenta e bastante desigual de uma cidade para outra. Jogar as fezes pelas janelas, fossas abertas, queimas de resíduos são práticas comumente empregadas até os dias de hoje em alguns locais do país, em especial na zona rural. No Rio de Janeiro e em algumas outras cidades mais antigas, os escravos eram os responsáveis por levar os barris de fezes das casas de seus senhores até o cais (EIGENHEER, 2009)<sup>3</sup>. Esta prática se estendeu até o fim do Século XIX, como se pode perceber nesse trecho:

Época dos tigres.

---

<sup>3</sup> Sobre esta prática ver também Mary Karasch (2000) *A vida dos escravos no Rio de Janeiro* e Jean Baptiste Debret (1982) *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*.



Então o mais fétido e nauseabundo despejo das casas se fazia em barris não tampados que escravos e negros africanos do ganho levavam ao mar, e a rua do Ouvidor, de fácil e reta comunicação com a praia, era uma das mais frequentadas pelos condutores dos repugnantes barris, das oito horas da noite até às dez.

A esses barris asquerosos, o povo deu a denominação geralmente adotada de – tigres – pelo medo explicável com que todos fugiam deles (MACEDO, 2005, p. 139).

A partir da metade do século XIX, o Rio de Janeiro tentou regulamentar os horários de transporte dos tigres e implementou um sistema de esgoto e de coleta de lixo na cidade, que ora era gerido diretamente pelo governo, ora por empresas contratadas. Também criou um sistema de incineração que fracassou. Antes disso, o destino do lixo do Rio de Janeiro e também de outras cidades litorâneas era quase que exclusivamente o mar ou a incineração. O século XX, em especial nas grandes cidades brasileiras, é marcado pela tentativa de introdução de novidades técnicas na coleta do lixo. Nenhuma delas, no entanto, consegue escapar da necessidade dos aterros. A coleta seletiva só começa a ser introduzida na metade em diante do século XX (EIGENHEER, 2009).

Medina (2007) afirma que a atividade de limpadores existe há séculos e tem fortes e diretas ligações com a economia dominante. No entanto, segundo o autor, há evidências claras, tanto em sociedades agrárias como nas industrializadas, de que eles nem sempre são pobres e de que em alguns casos exerceram papéis importantes na agricultura, no artesanato e na indústria. Tanto no passado como no presente, o trabalho com o lixo tem dado oportunidades para os indivíduos obterem rendimentos decentes e escaparem da pobreza, e, em alguns casos, fazerem fortunas no negócio de reciclagem. (MEDINA, 2007, p. 16)

Não só a organização da limpeza urbana é antiga, como também a ideia de evitar o desperdício, reutilizar coisas antigas ou de ganhar dinheiro com o lixo. Além do reaproveitamento de materiais orgânicos para a agricultura, durante o império Romano, segundo Eigenheer (2009), existiam pessoas (chamadas *canicolae*) que buscavam coisas ainda úteis nos locais em que desembocavam as cloacas. Talvez estes sejam os primeiros registros sobre a existência de trabalhadores com o lixo, não vinculados ao sistema oficial de limpeza urbana e que

reintroduziam o lixo em um novo ciclo de consumo. Desde o início do séc. XIX, tanto no Brasil como na Europa há indivíduos que, paralelamente ao sistema de coleta de lixo instituído pelo poder público, recolhem o lixo das ruas ou de dentro dos aterros para vender.

Estes indivíduos atuam paralelos ao sistema de limpeza urbano praticamente desde o início das aglomerações humanas em cidades, que resultaram na proeminente necessidade de afastar as grandes quantidades de lixo produzidos nesses conglomerados. Apesar de sua presença datar de vários séculos, os trabalhadores com o lixo geralmente são tratados em muitos estudos como um dos aspectos degradantes do mundo contemporâneo. Para Cristovam Buarque (1997), eles são os “modernos nômades”, produzidos pela modernidade e que vivem do que a modernidade joga fora. Outros autores, como Natalino (2003) também tratam da questão colocando-os em relação direta com a sociedade moderna.

Se, por um lado, é questionável considerar o trabalho com o lixo como uma característica do mundo moderno, por outro lado é inegável que os trabalhadores com o lixo estão diretamente ligados ao estilo de vida urbano, que proporciona trabalho e subsistência no lixo que produz. O trabalhador com o lixo pratica uma espécie de extrativismo urbano e usa-se de toda sua engenhosidade e criatividade para transformar estes bens. Com essas transformações eles criam coisas que lhe possam ser úteis ou comercializáveis e coisas com as quais se encantam e encantam quem visita ou faz parte de suas casas.

### **1.1.2. Os trabalhadores com o lixo e o imaginário urbano**

A presença significativa dos trabalhadores com o lixo nas cidades os tornam um componente importante do imaginário urbano de nossas cidades. Segundo Canclini (2007), devemos pensar a cidade como um lugar para se habitar e para ser imaginado.

Ante todo, debemos pensar en la ciudad a la vez como lugar para habitar y para ser imaginado. Las ciudades se construyen con casas y parques, calles, autopistas y señales de tránsito. Pero las ciudades se configuran también con imágenes. Pueden ser las de los planos que las inventan y las ordenan. Pero también imaginan el sentido de la vida urbana las novelas, canciones e películas, los relatos de la prensa, la radio y televisión. La ciudad se vuelve densa al cargarse con fantasías

heterogêneas. La urbe programada para funcionar, diseñada en cuadrícula, se desborda y se multiplica en ficciones individuales y colectivas. (CANCLINI, 2007, p. 107).

Os trabalhadores com o lixo são parte desse imaginário urbano e, portanto, estão presentes nas diversas formas de representações imagéticas das cidades. João do Rio, ilustre escritor brasileiro, no livro *A alma encantadora da rua*, relata uma incrível conversa que tem com seu amigo sobre as pequenas profissões de rua, quando ambos presenciam um cigano vendendo de forma enfática e agressiva a faca e o anel de ouro que dizia ter encontrado na rua.

...Todos esses pobres seres vivos tristes vivem do cisco, do que cai nas sarjetas, dos ratos, dos magros gatos dos telhados, são os heróis da utilidade, os que apanham o inútil para viver, os inconscientes aplicadores à vida das cidades daquele axioma de Lavoisier: nada se perde na natureza. A polícia não os prende, e, na boêmia das ruas, os desgraçados são ainda explorados pelos adelos, pelos ferros-velhos, pelos proprietários das fábricas...

— As pequenas profissões!... É curioso!

As profissões ignoradas. Decerto não conheces os trapeiros sabidos, os apanha-rótulos, os selistas, os caçadores, as ledoras de *buena dicha*. Se não fossem o nosso horror, a Diretoria de Higiene e as blagues das revistas de ano, nem os ratoeiros seriam conhecidos.

(...)

Os trapeiros existem desde que nós possuímos fábricas de papel e fábricas de móveis. Os primeiros apanham trapos, todos os trapos encontrados na rua, remexem o lixo, arrancam da poeira e do esterco os pedaços de pano, que serão em pouco alvo papel; os outros têm o serviço mais especial de procurar panos limpos, trapos em perfeito estado, para vender aos lustradores das fábricas de móveis. As grandes casas desse gênero compram em porção a traparia limpa (João do Rio [1908] O que se vê nas ruas, no livro *A alma encantadora das ruas*)!

Hoje, se procurarmos em qualquer site de busca por palavras como *catadores*, *pickers*, *cartoneros*, etc., seremos bombardeados com uma quantidade enorme de imagens de pessoas guiando um carrinho de supermercado, ou tracionando pequenos veículos de duas rodas, carroças puxadas por animais e homens com sacos de lixo nas costas sempre carregados de latinhas, papelão e todo tipo de material reciclável. Estas imagens também são representativas do urbano e da cidade.

No cinema e nas telenovelas, o trabalhador com o lixo é um figurante indispensável para ilustrar e ambientar o espaço social de uma narrativa que se passa nas cidades. No cinema americano, ele é sempre alguém maltrapilho, bêbado que passa no fundo da cena empurrando um carrinho de supermercado cheio de objetos que encontra na rua. Na maior parte dessas imagens, ele é a ilustração da degradação social da intensa urbanização e da desigualdade social. São imagens fortes que reforçam o senso comum que os estigmatiza enquanto moradores de ruas, drogados, criminosos, etc. Nas telenovelas nacionais, a imagem preferida é aquela em que ele puxa um carrinho de duas rodas de construção artesanal. Recentemente, algumas dessas telenovelas no Brasil têm também trazido o trabalhador com o lixo para fazer parte do elenco central em que a trama se passa, dando assim, espaço para realçar os dramas humanos desse grupo de pessoas.

No Brasil, a indústria cinematográfica de documentários vem investindo nesse personagem há anos. Alguns desses documentários se tornaram bastante famosos e chegaram a concorrer a prêmios dentro da categoria, como é o caso dos documentários "Boca do Lixo" (1992), de Eduardo Coutinho; "Estamira" (2004), de Marcos Prado; e "Lixo Extraordinário" (2010), de Lucy Walker, que apesar de se centrar no trabalho do artista plástico Vik Muniz<sup>4</sup>, famoso por fazer sua arte a partir de objetos do lixo, acabou dando destaque para alguns trabalhadores com o lixo com quem o artista manteve contato durante a produção de seus quadros.

Os trabalhadores com o lixo também são temática de documentários internacionais. Basta uma rápida busca na internet ou nas produções cinematográficas das últimas três décadas para perceber que

---

<sup>4</sup>Artista plástico brasileiro que se encontra radicado nos Estados Unidos e que possui uma série de trabalhos fotográficos de desenhos nos quais recria determinadas imagens com objetos inusitados, como lixo, alimentos, arames.

estes trabalhadores estão presentes em todos os continentes. O recente documentário *Redemption* (2013), dirigido por Jon Alpert e Matt O'Neill, por exemplo, acompanha o trabalho de algumas das pessoas que se sustentam resgatando garrafas e latas das calçadas de Nova York<sup>5</sup>. O Canal de notícias da NDTV também produziu um documentário sobre a vida de Rekha<sup>6</sup>, uma catadora empreendedora que passa a liderar um grupo de 12 mulheres que trabalham com o lixo e estão vinculadas a *Chintan* e a *Safai Sena*<sup>7</sup> na Índia.

O trabalhador com o lixo, portanto, tem protagonizado algumas narrativas do urbano dramáticas e repletas de poesia. Não obstante a esse imaginário que por vezes enobrece o trabalhador com o lixo, a primeira coisa que nos vem em mente quando o olhamos é sua condição degradante, sua miséria e tragédia pessoal. Segundo Medina (2007), os trabalhadores com o lixo são retratados frequentemente como marginais e como os mais pobres dos pobres. Os trabalhadores com o lixo com os quais fiz pesquisa enquadravam-se dentro desse grupo visto pela sociedade como desafortunados.

## 1.2. As relações de poder entre os agentes do mercado de materiais recicláveis

---

<sup>5</sup> O documentário e informações sobre ele podem ser encontrados em: DEMOCRACY NOW. *Redemption: Oscar-Nominated Doc Follows the Working Poor Who Survive on Collecting Bottles and Cans*. **Democracy Now**. New York, 31 de janeiro de 2013. [http://www.democracynow.org/2013/1/31/redemption\\_oscar\\_nominated\\_doc\\_follows\\_the](http://www.democracynow.org/2013/1/31/redemption_oscar_nominated_doc_follows_the). Acesso em: 31 de abr. 2014.

<sup>6</sup> O documentário pode ser encontrado em: NDTV. *Real women, incredible lives: from rag picker to entrepreneur*. **NDTV Nova Deli**, Índia, 24 de fevereiro de 2014. Disponível em: <http://www.ndtv.com/video/player/news/real-women-incredible-lives-from-ragpicker-to-entrepreneur/310792>. Acesso em: 05 de mai. 2014.

<sup>7</sup> *Chintan Environmental Research and Action Group* é um grupo que desenvolve pesquisas, iniciativas políticas, campanhas educacionais e capacitação com o intuito de incentivar o consumo e produção sustentáveis, “empregos verdes” e reciclagem. O site do grupo encontra-se disponível em <http://www.chintan-india.org/>. A *Safai Sena* é uma organização de trabalhadores com o lixo, pequenos compradores, pequenos sucateiros e outros tipos de recicladores de Nova Délhi, na Índia, que vem tentando regulamentar e tornar reconhecida a importância de seu trabalho para a sociedade em geral. Eles também possuem um site: <http://www.safaisena.net/>.

Para além desse imaginário urbano, trabalhadores com o lixo tornam-se parte central e vital da coleta seletiva de lixo e da indústria de reciclagem. Seu trabalho reduz o lixo que é levado para lixões e aterros sanitários e diminui a água e a energia gasta na industrialização de produtos fabricados com recursos virgens. Segundo Medina (2007), madeira, cerâmica, metais, vidro, papel, têxteis e resíduos de alimentos, quando descartados por pessoas que não os consideram mais necessários, podem ser considerados um recurso útil por outros, como os catadores. Esses indivíduos que recuperam itens a partir de resíduos para fins de reutilização ou reciclagem desempenham um importante papel na transformação de objetos descartados em valor. Neste papel, catadores são mediadores na relação entre sociedades e seu ambiente. (MEDINA, 2007, p.16)

Portanto, trabalhar com o lixo não é apenas consequência de um desfortuno individual. Este trabalho, sua permanência e seu visível crescimento nas últimas décadas estão intrinsecamente ligados à macro questões socioeconômicas. Diversos setores de nossa sociedade (indústria de reciclagem, movimentos ambientais, empresas em busca de marketing através dos chamados selos verdes) têm contribuído para aumentar a importância desse mercado.

As pesquisas que realizei com alguns grupos de trabalhadores com o lixo no Brasil me permitem dizer que estas pessoas não são simplesmente vítimas do sistema capitalista e do mercado de materiais reciclados como grande parte da literatura sobre o assunto tem afirmado. Embora a maioria deles possa ter iniciado a trabalhar com o lixo após um período de tragédia pessoal ou pela exclusão do mercado formal de trabalho, a permanência no trabalho também se dava por reconhecerem o potencial econômico e a autonomia profissional que o mesmo proporcionava. Além disso, os trabalhadores com quem fiz pesquisa eram extremamente perspicazes em usar em seu favor os diversos discursos ambientais, surgidos nas últimas décadas. Eles sabem como atingirem, através da apropriação desses discursos, certas esferas de nossa atual moralidade promovendo, desta forma, seu trabalho na sociedade e reivindicando melhorias para o mesmo.

As mesmas preocupações com o meio ambiente que têm sido usadas pelos trabalhadores com o lixo para legitimar sua atividade também tem chamado a atenção de empresários com grande capacidade de investimento. Estes últimos investem pesadamente na criação de novas tecnologias para o setor e se apresentam ao poder público como a solução para o problema da coleta seletiva. Oferecem uma concorrência aos trabalhadores com o lixo muito difícil de ser batida, principalmente

porque tem um respaldo maior das políticas públicas de saneamento e podem proporcionar ao governo determinadas garantias que o trabalhador com o lixo autônomo não pode dar, nem mesmo quando está organizado em cooperativas. Não é raro encontrarmos exemplos de situações em que governantes tentam resolver o problema do lixo através de leis e medidas que excluem ou vão contra os interesses da população que trabalha com o lixo.

Portanto, enquanto agentes desse setor, inserem-se em um emaranhado mundo de disputas permeado pela intensificação dos discursos ambientais, pela histórica necessidade de afastar o lixo, pelo aumento do interesse de setores privados no mercado do lixo e pelo aumento da produção de lixo. Conhecer as disputas em que o trabalhador com o lixo esta inserido é fundamental para entender as pressões em que tal categoria se firma no espaço urbano.

Com o intuito de exemplificar a complexidade e heterogeneidade de relações travadas entre trabalhadores com o lixo, poder público, empresas de limpeza urbanas e indústria de reciclagem faço uma breve apresentação do trabalho com o lixo em diferentes países. É importante notar as diferentes estratégias usadas por trabalhadores com o lixo para viabilizar seu trabalho frente aos interesses de grandes empresas de limpeza. O primeiro exemplo é o da cidade do Cairo, no Egito, na qual a coleta de lixo, historicamente sob responsabilidades de duas etnias locais, passa a ser alvo de interesse de grandes empresas da limpeza urbana. Depois, trago a invisibilidade e ilegalidade desses trabalhadores na Europa a partir do exemplo de Roma e, por fim, faço algumas comparações com países da América Latina, mais especificamente Brasil e Argentina, onde é possível ver estes trabalhadores como agentes, fazendo frente a políticas públicas e reivindicando melhorias de seu trabalho perante o governo.

### **1.2.1. O trabalho com o lixo em regime familiar versus novas tecnologias de limpeza urbana: Cairo Egito**

A discrepância entre os interesses de gestores públicos e a atividade quase secular de trabalhadores com lixo da favela *Manshiet Nasser* do Cairo, no Egito, são um bom exemplo de como a rentabilidade dos negócios associada à reciclagem tem atraído cada vez mais a atenção de grandes empresas para a atividade. Esta favela se originou entre 1930 e 1940 com a imigração dos *Zabbaleen*, que eram um grupo de sem-terra criadores de porcos, cabras e outros pequenos

animais. Ao chegarem à cidade, os *Zabbaleen* faziam parceria com outro grupo de imigrantes originários do Oásis Dakla, no deserto Egípcio, e conhecidos como *Wahiya*. Os *Wahiya*, no início do século XX, assumiram a responsabilidade de recolher o lixo na cidade do Cairo. Os *Wahiya* recebiam do governo para fazer a coleta do lixo, e os *Zabbaleen* passavam a pagar aos *Wahiya* pelo direito de recolher do lixo alimentos para seus animais. Com o tempo, os *Zabbaleen* se especializaram e passaram a fazer do lixo um negócio de família. Hoje eles não só selecionam o material reciclável, como também criaram algumas tecnologias para reciclar alguns desses materiais. Todo o lixo que recolhem é levado para as suas casas na favela *Manshiet Nasser*, também conhecida como Cidade do Lixo, onde fica espalhado pelas ruas e interior das casas até ser selecionado, incinerado ou reciclado (FAHMI, 2005).

No entanto, nas últimas décadas, o governo local vem tentando implantar novas formas de coleta de lixo que nem de longe se aproximam das formas de trabalho com o lixo usadas em regime familiar por quase um século entre os *Zabbaleen*. Os programas do governo visam diminuir a insalubridade e aumentar a percentagem de reciclagem do lixo com tecnologias de reciclagens mais eficientes e com a contratação de empresas europeias de coleta de lixo. Os *Zabbaleen* não participaram da tomada dessas decisões e a atual competição pelo lixo juntamente com a resistência que este povo apresenta em aderir às tecnologias estrangeiras tem feito os índices de reciclagem no Cairo cair (FAHMI, 2005).

Nos últimos anos, a comunidade *Zabbaleen* tem sido extremamente prejudicada pela privatização dos serviços de resíduos sólidos urbanos (RSU) por meio de contratos com corporações multinacionais. A intensificação da adesão às novas tecnologias fornecidas pelas mesmas ameaça a sustentabilidade desse grupo, removendo o acesso deles aos resíduos e entrando em conflito com os tradicionais sistemas de trabalho familiar *Zabbaleen*. A situação é agravada por uma política oficial que vem tentando mover os *Zabbaleen* e suas atividades de triagem de resíduos sólidos para fora da cidade, com o argumento de transformar seus bairros em ambientes mais limpos e saudáveis (FAHMI e SUTTON, 2010).

### **1.2.2 O reuso em Roma: a ilegalidade do trabalho com o lixo e a condição de imigrante.**



Em casos mais extremos, as políticas de limpeza urbana não só entram em conflito com interesses de trabalhadores com o lixo, como impedem a sua existência. Em 2008, o *Alcade* de Roma propôs proibir a mendicância e a busca por lixo dentro dos contêineres, o que causou a imediata contestação do presidente do Pontifício Conselho Justiça e Paz, o cardeal Renato Martino. Martino diz que pedir esmola ou buscar o que comer e vestir entre os detritos quando se tem fome e frio é um direito humano fundamental do pobre.<sup>8</sup> Na Espanha também tem havido tentativas de proibir que as pessoas busquem por objetos e comida no lixo. Algumas normativas criadas na última década estipulam inclusive o pagamento de multas para pessoas que forem pegas remexendo o lixo. Em Madri, na Espanha, estas multas podem chegar a 750 euros<sup>9</sup>.

Tais medidas, contudo, não são totalmente eficazes. O caso de Roma é bastante representativo nesse sentido. A proibição de buscar objetos no lixo não foi efetivamente implantada, embora as regulamentações existentes tendam a excluir os Trabalhadores com o lixo informais. Segundo LUPPI (2008), a modernização do modelo de gestão dos resíduos sólidos urbanos na Itália expulsou os coletores informais de resíduos. Para eles, sobraram apenas os contêineres de rua,

---

<sup>8</sup> EL UNIVERSAL. Califica El Vaticano de inacceptable prohibicion de pedir limosna. Roma, 08 de agosto de 2008, Caderno El Mundo, **El Universal**. Disponível em: <http://www.eluniversal.com.mx/notas/528754.html>. Acesso em: 13 de nov. 2013.

<sup>9</sup> Alguns sites de jornais e blogs usados como documentos pesquisas consultados sobre as polêmicas geradas em torno da proibição de remexer e coletar lixo na Espanha: BLOG VIEJO TOPO. Spain: welcome to the Third World. Pobreza y exclusión social. **Blog del Viejo Topo**. Espanha, 17 de janeiro de 2013 <http://blogdelviejotopo.blogspot.com.br/2013/01/spain-welcome-to-third-world.html>. Acesso em: 24 de mar. 2015. RAMAJO, Javier El Ayuntamiento de Sevilla amplía las multas por "rebuscar" en la basura. **El Diario**. Espanha, 12 de outubro de 2014. [http://www.eldiario.es/andalucia/Prohibido-Sevilla-Ayuntamiento-rebuscar-basura\\_0\\_312868738.html](http://www.eldiario.es/andalucia/Prohibido-Sevilla-Ayuntamiento-rebuscar-basura_0_312868738.html). Acesso em: 24 de mar. de 2015.

LA REPUBLICA. El Ayuntamiento de Madrid multará con 750 euros a quien busque comida en la basura. **La Republica**. Espanha, 23 de outubro de 2011. <http://www.larepublica.es/2011/10/el-ayuntamiento-de-madrid-multara-con-750-euros-a-quien-busque-comida-en-la-basura/>. Acesso 24 de mar. 2015.

LA RAZÓN. Multas de 750 euros por hugar en la basura. **La Razón**. Madrid, Espanha, 20 de setembro de 2009. [http://www.larazon.es/multas-de-750-euros-por-hugar-en-la-basura-KJLA\\_RAZON\\_99938#.Tt1i0eoNbKHkIj](http://www.larazon.es/multas-de-750-euros-por-hugar-en-la-basura-KJLA_RAZON_99938#.Tt1i0eoNbKHkIj). Acesso 24 de mar. 2015.

ricos em bens reutilizáveis, mas pobres em materiais recicláveis, que poderiam ser revendidos por peso.

A Itália é um dos últimos países Europeus a aderir ao formato de coleta de lixo ecológica estimulado por acordos da união europeia, que previam entre outras coisas o fim dos lixões e a criação de metas de reciclagens. A limpeza urbana tem se limitado a um sistema de gestão que inclui limpeza de estradas, coleta, deposição em aterro (LUPPI, 2008). As normativas e decretos sobre a coleta de lixo na Itália não mencionam a figura do “catador de lixo”, todas estas regulamentações estão voltadas para as empresas que se cadastram No *Albo Nazionale Gestori Ambientali*<sup>10</sup> (Cadastro Nacional de Gestores Ambientais) e tratam dos documentos necessários para efetuar o cadastramento e da infraestrutura que as empresas devem ter dependendo do tipo de lixo que irão transportar ou estocar. O *Albo Nazionale Gestori Ambientali* é um órgão governamental criado pelo decreto Legislativo 152/06. Vinculado ao Ministério do Meio Ambiente da Itália, ele é responsável por fazer o cadastro das empresas que desejam trabalhar na coleta ou destinação final de diferentes tipos de resíduos.

O mais interessante do caso de Roma é que não era só para a legislação que os trabalhadores com o lixo não existiam, a população de Roma também desconhecia sua existência, embora circulassem em grande quantidade pelas ruas da cidade. No segundo semestre de 2013, passei seis meses nessa cidade para um “estágio de doutorado sanduíche no exterior”<sup>11</sup>. Minhas tentativas de obter informações sobre os trabalhadores com o lixo foram praticamente todas frustradas. Quando perguntava a meus vizinhos sobre a existência de pessoas que recolhessem lixo para vender à reciclagem, todos negavam veementemente sua existência.

Não se falava sobre eles, não se legislava sobre eles, e também não se reconhecia a presença de trabalhadores com o lixo nas ruas.

---

<sup>10</sup>Todas as informações e normas sobre a coleta e tratamento de lixo na Itália podem ser encontradas no site: <http://www.albonazionalegestoriambientali.it/Home.aspx>. Acesso em: 9 de dez. 2014.

<sup>11</sup> Estágio de Doutorado Sanduíche no Exterior ou Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) é um programa institucional da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que tem como objetivo qualificar recursos humanos por meio da concessão de bolsas de doutorado sanduíche para alunos das Instituições de Ensino Superior brasileiras que possuam curso de doutorado recomendado e reconhecido.

Estive, muitas vezes, inclinada a aceitar a orientação do professor Vincenzo Padiglione<sup>12</sup>, referente a que não encontraria trabalhadores com o lixo em Roma e que o mais perto que chegaria de algo parecido com meu objeto de pesquisa no Brasil seriam os *Zíngaros*<sup>13</sup>. Segundo ele, este grupo costumava recolher e consertar objetos eletrônicos encontrados no lixo para revender.

Foi somente quando passei a residir em um dos bairros periféricos de Roma que tomei conhecimento de outra lógica de funcionamento da cidade e de circulação de pessoas. Além de identificar, no caminho que fazia entre minha casa e a universidade, alguns locais de compra de material reciclável, em especial papelão e metal, também passei a compartilhar os meios de transportes com pessoas que carregavam objetos de metais em suas bolsas ou carrinhos de bebês. A partir de então comecei a localizar com mais frequência estas pessoas em todas as partes da cidade, eles existiam e em grande quantidade, mas eram mais discretos e utilizavam-se de métodos diferentes para fazer o transporte do material reciclado de maneira que podiam se deslocar com facilidade por todos os meios de transportes da cidade.

Assim como os próprios trabalhadores ocultavam o lixo que recolhiam em seus carrinhos e sacolas, eles também eram ocultados pela negação da população sobre sua existência ou pelo deslocamento da questão para um problema de imigração. Passei a insistir com meus professores da Universidade Sapienza e com meus vizinhos, dando como exemplo essas pessoas que eu via nas ruas carregando lixo e os lugares onde se comprava material reciclável. Em uma das ocasiões, quando insisti com o professor Padiglione e uma das senhoras que trabalhava com ele sobre o mesmo assunto, começaram a falar do furto de partes de metal que compõem os trilhos ou dos cabos de energia dos trens e que ocasionam a paralização temporária de algumas linhas. O professor Padiglione também me recomendou que eu deveria ir

---

<sup>12</sup>Vincenzo Padiglione é professor da *Sapienza Università di Roma* e foi meu tutor durante o estágio de bolsa Sanduíche que realizei nessa universidade entre agosto de 2013 e janeiro de 2014.

<sup>13</sup>*Zíngaro* ou ciganos, como são conhecidos no Brasil, são pessoas que fazem parte do grupo étnico originado no antigo Oriente. O local exato da origem desse grupo é motivo de controvérsias, mas, devido a seu estilo de vida seminômade, espalharam-se por quase todos os países do mundo. São conhecidos por suas danças, músicas alegres e misticismos. Também são alvo de discriminação na maior parte dos lugares por onde passam.

conhecer a feira onde os *Zíngaros* vendiam objetos usados, pois alguns eram retirados do lixo.

Uma de minhas vizinhas me surpreendeu com a resposta de que não eram italianos, e sim, *Zíngaros* ou imigrantes que mexiam no lixo dos contêineres. De fato, praticamente todas as pessoas que observei na rua eram imigrantes e este foi o principal motivo para não ter tentado fazer contato com eles, pois, além de dominar pouco o italiano, também não sabia como deveria interagir, em especial com os homens. Eu identificava sua condição de imigrante pelas roupas típicas que usavam ou pela língua que falavam entre eles.

O trabalho com o lixo é parte importante do setor de venda de objetos usados, disseminado nos diversos mercados de pulgas espalhados pela cidade de Roma. Segundo pesquisas da associação *Occhio del Riciclone* (2008, p. 53), este setor compreende uma série de atividades que permitem o retorno a circulação de produtos que já estavam com seu fim previsto. Estes objetos são subtraídos do fluxo normal do lixo quando o objeto já se encontra no lixo ou quando potencialmente pode vir a tornar-se lixo, ou seja, ainda não foi descartado pelo seu dono, mas o será se ninguém intermediar sua realocação a um novo dono. Nessas duas categorias, estão presentes uma série de peças de antiquários, antiguidades modernas e peças de coleção (OCCHIO DEL RICICLONE, 2008, p. 53). Segundo Luppi (2008), Roma possui pelo menos 2300 empresas de revenda de usados destacando-se materiais de escritório e eletrônica (principalmente Televisores e computadores), derivados de papel (livro, quadrinhos e revista), música e vídeo (cd, audiocassete, videocassete e DVD). O mercado de pulgas *Rom*, mais reconhecido pela atividade de revistar os contêineres de lixo está em fortíssima expansão, mas sofre com as constantes blitz de vigilantes urbanos e com dificuldade de conseguir autorização para fazer uso do espaço público para a venda de seus produtos (LUPPI, 2008, p. 158).

Outro fator importante no que diz respeito ao trabalho com o lixo informal em Roma é a questão étnica. Este trabalho é preponderantemente atribuído aos *Zíngaros* ou *Rom*, embora outros imigrantes também participem do mesmo. A atividade de consertar objetos ou fabricá-los a partir de metal encontrado na rua e revendê-los é passada de pai para filho por várias gerações. O problema é que os *Zíngaros* não possuem autorização do *Albo Nazionale Gestori Ambientali* para transportar e estocar materiais ferrosos e isso pode resultar em medidas repressivas e confisco de material (OCCHIO DEL RICICLONE, 2014, p. 55).

No caso dos *Rom*, o conflito étnico é o principal fator envolvido nas negociações que precisam travar para exercerem a atividade de coleta e armazenamento de resíduos. Para obterem a autorização do *Albo Nazionale Gestori Ambientali*, necessitam apresentar uma série de documentos que dificilmente imigrantes teriam. Entre os documentos solicitados para se obter a licença de trabalho com o lixo, estava o de propriedade ou de aluguel do imóvel ou terreno que serviria de depósito para o lixo.

Ninguém que vive em um campo *Rom* tem esse tipo de documento. Os campos *Rom* são quase sempre locais provisórios destinados pela prefeitura para que os *Rom* se instalem. Na maior parte dos casos, os campos *Rom* têm muito mais famílias do que as que foram cadastradas pela prefeitura originalmente. É comum que outras famílias se incorporem aos campos *Rom* após a implantação dos mesmos. Eles são constituídos em sua maioria de aglomerados de moradias provisórias em estado precário, sem esgoto ou água encanada. Algumas dessas habitações são *trailers*, outras são feitas de restos de madeiras e, ao redor delas, se acumulam também os materiais recolhidos do lixo.



**Figura 1.** Fechamento do campo Rom de via Salviati (Roma, Itália) em outubro de 2014.

Fonte: ABITARE A ROMA. Operazione di bonifica al campo nomadi di via Salviati. *Abitare a Roma*. Roma, 17 de outubro de 2014. Disponível em: <http://www.Abitarearoma.net/operazione-bonifica-campo-rom-via-salviati/>. Acesso em: 11 de junho de 2015.



Figura 2. Barracos Rom. Fonte: PANARELLA, Elena Baraccopoli e campi nomadi abusivi «Roma è una bomba a orologeria». *Il messaggero. It.* Roma, 15 de novembro de 2014. Disponível em: [http://www.ilmessaggero.it/ROMA/CRONACA/roma\\_campi\\_nomadi\\_centri\\_rifugiati\\_immigrato\\_tor\\_sapienza/notizie/1013240.shtml](http://www.ilmessaggero.it/ROMA/CRONACA/roma_campi_nomadi_centri_rifugiati_immigrato_tor_sapienza/notizie/1013240.shtml). Acesso em: 01 de junho de 2015.

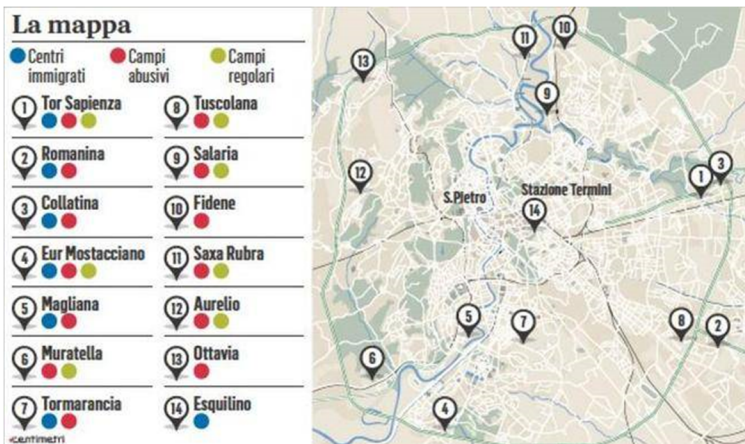


Figura 3. Mapa dos campos Rom em Roma. Fonte: PANARELLA, Elena Baraccopoli e campi nomadi abusivi «Roma è una bomba a orologeria». *Il messaggero. It.* Roma, 15 de novembro de 2014. Disponível em: [http://www.ilmessaggero.it/ROMA/CRONACA/roma\\_campi\\_nomadi\\_c](http://www.ilmessaggero.it/ROMA/CRONACA/roma_campi_nomadi_c)

Recai também sobre esse grupo o estigma de imigrante, de povo nômade e, sobretudo, a fama de viverem do roubo. A população que vive ao entorno dos campos *Rom* seguidamente vai protestar, nos meios de comunicação, contra a instalação desses campos, fazendo abaixo assinados e solicitando a retirada dos mesmos. Os depósitos de resíduos acumulados pelos *Rom* em lugares ermos, quando descobertos, são apreendidos e fechados pela polícia, obrigando-os a encontrar outros lugares para estocarem o material reciclado à venda. Apesar disso, alguns campos existem há décadas e sua condição de provisoriade torna-se permanente<sup>14</sup>.

Portanto, no que diz respeito a Roma, é interessante destacar três aspectos: primeiro, de que o trabalho informal com o lixo na Itália estava ligado ao mercado do usado; segundo, que havia um conflito étnico perpassando a questão e, terceiro, que era associado a uma atividade ilegal e ao estigma do furto. É possível afirmar assim que o trabalho com o lixo também estava presente em Roma, mas eram invisíveis para a maioria dos Italianos. Apesar de não ser tão explorado pelo modelo da reciclagem industrial tal como conhecemos no Brasil, o trabalho com o lixo era a o principal responsável pelo abastecimento dos mercados de pulgas espalhados pela cidade.

### 1.2.3. América Latina: a luta pelo reconhecimento e melhorias de trabalho

Em alguns países da América Latina, os trabalhadores com o lixo têm encontrado espaços para reivindicar reconhecimento dos governos e auferir investimento e incentivos para se organizarem em associações ou cooperativas. Medina (2007) examina a evolução histórica dos catadores e seus vínculos com os setores produtivos formais e informais de sociedades capitalistas. Para isso, utiliza-se de estudos de casos

---

<sup>14</sup> A maior parte dessas informações foram colhidas por mim através da análise de jornais italianos online.

ROMATODAY. Viadotto della Magliana, scoperto deposito di rifiuti pronti alla vendita gestito da rom. **Roma today**. Roma, 17 de março de 2015. Disponível em: <http://www.romatoday.it/cronaca/deposito-campo-rom-via-del-cappellaccio.html>. Acesso em: 10 de abr. 2015.

ROMA TODAY. "Rinasce Casilino 900, Marino venga ad inaugurarlo". **Roma today**. Roma, 24 de dezembro de 2014. Disponível em: <http://centocelle.romatoday.it/centocelle/campi-rom-ex-distributore-agip.html>. Acesso em: 10 de abr 2015.



realizados no México, Brasil, Colômbia, Argentina, Egito e Índia. Tenta mostrar como os catadores não desenvolvem apenas uma atividade marginal, mas que eles têm um significativo impacto sobre o incremento da competitividade industrial e que sua atuação pode ser compatível com um sistema de manejo sustentável do lixo.

Na Argentina, a presença dos trabalhadores com o lixo, segundo Schamber (2008), remonta à época colonial e tem convivido com diferentes formas de rejeição, reconhecimento e integração resultantes dos mecanismos empregados pelo estado para a disposição e eliminação do lixo. Schamber (2008) consegue traçar um rastro do trabalho com o lixo desde 1860. Para ele, há grandes períodos no que diz respeito à coleta de lixo desde então. No primeiro período, de 1860 até 1890, o lixo havia sido privatizado e as empresas responsáveis realizavam a queima a céu aberto ou a incineração. Na queima a céu aberto, havia interesse em reciclar a maior parte possível de lixo. Os *rebuscadores*, como eram descritos os trabalhadores com o lixo nos documentos municipais, eram quem faziam a coleta dos materiais recicláveis dentro dos depósitos para queima. Eles estavam sempre envolvidos em disputas sobre a quem caberia o lucro da venda do material, se a eles ou as aos empresários do lixo donos dos depósitos e contratados pela prefeitura. É nesse período que apareceram as primeiras críticas sobre as condições de trabalho dos “rebuscadores” nos depósitos de queima de lixo.

De 1910 a 1977, os lixões de queima começam a ser extintos. Era nesses locais que trabalhavam a maior parte dos *rebuscadores*, que a partir dessa época passam a ser chamados pejorativamente de *cirujas*. Estes trabalhadores passam a desenvolver uma forma informal de coleta do lixo pelas ruas de diversas cidades da Argentina. O lixo podia ser simplesmente coletado pelos trabalhadores ou comprado nas residências a preços muito pequenos e revendidos depois. Nasce uma grande preocupação de ordem médico-sanitária em relação a esta prática. Estes dados são recuperados por Schamber (2008) em parte através de documentos municipais e de jornais da época e, em parte, pela história de vida de alguns de seus entrevistados que seguiram a profissão exercida e ensinada pelos pais e foram *cirujas* a vida toda.

No terceiro período descrito por Schamber (2008), de 1977 até o momento, o lixo passa a ser enterrado indiscriminadamente e a atividade dos *cirujeos* é inicialmente reprimida. Nas décadas de 70 e 80, por diversas vezes, proibiu-se os *cirujeos* de vasculhar e transportar o lixo. Paralelamente, desenvolveram-se grandes negócios para as empresas que realizavam o aterro do lixo. As principais justificativas para o afastamento dos *cirujeos* era de que o aterramento constituía-se em um



tratamento mais higiênico. Tal discurso tinha ampla aceitação durante a ditadura, e ainda tem espaço na atualidade, constituindo-se no principal contraponto para as tentativas de integração dos trabalhadores com o lixo no setor formal de coleta de lixo.

A partir da década de 90, houve um aumento significativo de trabalhadores com o lixo, mas muito poucos deles estão organizados em associações ou registrados na prefeitura e essa é uma característica marcante desse tipo de trabalho: ser uma atividade independente. Todas as políticas que buscam encerrar a atividade dentro de cooperativas acabam não tendo respaldo da maioria desses trabalhadores, que continuaram suas práticas de coletas individuais para escárnio da sociedade civil, que, em geral, vê este grande número de trabalhadores pelas ruas como uma enfermidade social. A cadeia produtiva que abarca a transformação dos dejetos em mercadorias inclui os *cirujeos* ou *cartoneiros*, os depósitos especializados que compram o material coletado por estes trabalhadores nas ruas e a indústria (Schamber, 2008).

Schamber (2008) relata também alguns dos principais embates entre trabalhadores com o lixo e a sociedade civil durante a primeira década do século XXI em Buenos Aires. Os *cirujeos* começaram a fazer uso dos trens interurbanos para se deslocarem até o centro da cidade e realizar a coleta dos materiais recicláveis pelas ruas. Caminhões também eram usados nesse transporte. É importante ressaltar que não se trata apenas do deslocamento dos trabalhadores, mas também de seus carrinhos e carroças. A formalização do uso do trem por trabalhadores com o lixo, restrito a alguns horários da noite, deu-se após muitos embates entre os *cirujeos* e os outros usuários dos trens, que consideravam absurdo dividir o espaço lotado com os carrinhos dos *cirujeos*.

Schamber (2008) apresenta, por meio deste histórico do trabalho com o lixo, vários problemas envolvendo esta população: humanitário, de convivência urbana (devido aos transtornos que provocam ao trânsito) e de fundo econômico, pois diminuem os ganhos das empresas contratadas para a limpeza urbana. O autor concorda que todas estas implicações têm seu cunho de verdade, mas alerta para questões que costumam ser menos evidentes, como, por exemplo, a economia que este trabalho representa para os cofres públicos (que pagam as empresas por tonelada de lixo coletado), o fato de que são os *cirujeos* os responsáveis por obter níveis de reciclagem semelhantes ao primeiro mundo e por reinventarem a mercadoria e o trabalho em um lugar onde só existia lixo.

No Brasil, assim como na Argentina, os trabalhadores com o lixo são agentes políticos e lutam pelo direito de permanecer exercendo essa atividade. No Brasil eles precisam estar em constante negociação com os poderes públicos municipais, os quais têm autonomia na gestão do saneamento básico. O país também se encontra em um momento de grande esforço para adaptar-se a sua nova lei de saneamento básico, e o lugar do trabalhador com o lixo acaba dependendo das soluções encontradas para atender a essa lei. Outro fator que interfere diretamente nas condições e possibilidade de trabalho com o lixo no Brasil é o crescente número de empresas de limpeza urbana interessadas no mercado de reciclagem. Dada a amplitude das disputas de poder e dos agentes envolvidos, abrirei um novo tópico para tratar do assunto.

### **1.3. Brasil: políticas de limpeza urbana e os trabalhadores com o lixo**

#### **1.3.1. Da legislação e do poder público**

No Brasil, a coleta do lixo é de responsabilidade do serviço público prestado e/ ou regulamentado pelos municípios. Cabe à administração de cada município recolher e dar um destino final para o lixo de seu território ou determinar regras para que comércio e indústrias gerenciem seus resíduos. No que tange à regulamentação da coleta de lixo, possuímos apenas a lei 12.305 de 2010, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Esta lei estabelece algumas obrigações aos empresários, aos governos e aos cidadãos no gerenciamento dos resíduos. A lei 12.305 se originou de propostas que foram sugeridas na câmara de deputados ainda na década de 1980, mas que só recentemente, devido às pressões de movimentos ambientalistas, foram aprovadas. E, entre suas principais regulamentações, está o prazo para que até 2 de agosto 2014, todos os lixões<sup>15</sup> existentes no Brasil fossem

---

<sup>15</sup>“Um lixão é uma área de disposição final de resíduos sólidos sem nenhuma preparação anterior do solo. Não tem nenhum sistema de tratamento de efluentes líquidos - o chorume (líquido preto que escorre do lixo). Este penetra pela terra levando substâncias contaminantes para o solo e para o lençol freático. Moscas, pássaros e ratos convivem com o lixo livremente no lixão a céu aberto, e pior ainda, crianças, adolescentes e adultos catam comida e materiais recicláveis para vender. No lixão, o lixo fica exposto sem nenhum procedimento que evite as consequências ambientais e sociais negativas”. Esta definição está disponível em:

transformados em aterros<sup>16</sup>. Essa regulamentação, como já era esperada por grande parte dos especialistas da área, não foi cumprida. Após ter expirado o prazo para que os municípios se adequassem à nova lei, o site do Ministério do Meio Ambiente disponibilizou o dado de que 59% dos municípios brasileiros dispõem seus resíduos em lixões ou aterros controlados. Apenas 1.865 municípios (33,5%) declararam possuir planos de gestão de resíduos sólidos, e 2,2 mil (39,5%) municípios dispõem seus resíduos em aterros sanitários<sup>17</sup>.

Até a aprovação da lei 12.305, de 2010, cada município tinha criado seus próprios sistemas de gerenciamento de resíduos e as populações de cada localidade haviam se adaptado ou se conformado com eles. Estes sistemas diferem enormemente de município para município. Em alguns lugares, a coleta seletiva já vem sendo realizada há tempo, em outros, incentivou-se as organizações de trabalhadores com o lixo em associações, ou fez-se contratos com empresas de coleta, que deveriam reciclar e depositar o lixo em aterros. Mas, a realidade da grande maioria dos municípios é o descarte em lixões a céu aberto.

---

[http://www.lixo.com.br/index.php?Itemid=251&id=144&option=com\\_content&task=view](http://www.lixo.com.br/index.php?Itemid=251&id=144&option=com_content&task=view). Acesso em: 27 dez. 2013.

<sup>16</sup>O aterro consiste em remediar o lixão fornecendo a ele uma cobertura de argila e grama (idealmente selado com manta impermeável para proteger a pilha da água de chuva) e captação de chorume e gás. Além de técnicas que visam a impermeabilização, também procura dar conta dos impactos negativos com a cobertura diária da pilha de lixo com terra ou outro material disponível, como forração ou saibro. A ideia é aproximar o lixão do que seria ideal, ou seja, um aterro sanitário. No aterro sanitário, o terreno é preparado com o nivelamento de terra e com o selamento da base com argila e mantas de PVC antes de iniciar a disposição do lixo. “Desta forma, com essa impermeabilização do solo, o lençol freático não será contaminado pelo chorume. Este é coletado através de drenos de PEAD, encaminhados para o poço de acumulação, de onde, nos seis primeiros meses de operação, é recirculado sobre a massa de lixo aterrada. Depois desses seis meses, quando a vazão e os parâmetros já são adequados para tratamento, o chorume acumulado será encaminhado para a estação de tratamento de efluentes. A operação do aterro sanitário também prevê a cobertura diária do lixo.”

[http://www.lixo.com.br/index.php?Itemid=251&id=144&option=com\\_content&task=view](http://www.lixo.com.br/index.php?Itemid=251&id=144&option=com_content&task=view). Acesso em: 27 de dez. 2013.

<sup>17</sup>Dados obtidos no site do Ministério do Meio Ambiente. Disponível em <http://www.mma.gov.br/mma-em-numeros/residuos-solidos>. Acesso em: 27 de mar. 2015.

Segundo a pesquisa do Cempre, “Ciclossoft 2012”, apenas 14% dos municípios brasileiros possuem coleta seletiva, incluindo diferentes modelos: coleta de porta em porta, pontos de entrega voluntário e cooperativas de catadores de lixo. O Brasil é considerado um grande "reciclador" de latas de alumínio, mais de 90%, mas ainda reaproveita pouco os vidros, os plásticos, as latas de ferro e os pneus. Esses números apontam que as políticas de coleta seletiva de lixo têm recebido maior atenção que os aterros sanitários, no entanto, o pouco que se recicla ainda depende quase que exclusivamente do trabalho dos catadores de lixo. O lixo recolhido por eles tem preços baixos e chega à indústria em melhor estado e mais limpo que os que vêm da coleta realizada pelas prefeituras, geralmente misturados a resíduos orgânicos.

Adequar-se às exigências previstas ou regulamentadas pela atual lei é um desafio difícil de ser alcançado, pois, além dos altos valores que envolvem a construção de aterros, implica também em encontrar formas eficientes de envolver a população para descartar o seu lixo de forma adequada. Em meu entender, as dificuldades em se conseguir adesão da população no controle e destino dos resíduos se devem à enorme heterogeneidade de sistemas de gerenciamento do lixo desenvolvidos em cada município brasileiro e também às discrepâncias estruturais e mesmo à dificuldade de acesso à informação que tem a população de nosso país de tamanho continental. Como mencionei na descrição histórica do tratamento dado pelas pessoas ao lixo, em muitos lugares de nosso país, ainda é comum a queima do lixo ou o descarte direto no leito de rios. Criar o hábito de separar o lixo nas residências e reduzir a quantidade de embalagem que usamos constitui-se em um enorme desafio enfrentado por todos os órgãos públicos responsáveis por este setor.

Paralelo ao desafio de conseguir a adesão das pessoas às políticas de saneamento básico, os municípios ainda enfrentam o desafio de incluir na coleta seletiva as famílias que há anos vinham trabalhando na seleção e reciclagem do lixo. Trata-se de pessoas que criaram seus filhos com o dinheiro que conseguiram vendendo lixo para indústrias de reciclagem. A alternativa de excluí-las desse processo ou de mantê-las na informalidade, em geral, tende a desencadear uma série de conflitos sociais.

### **1.3.2. Dos trabalhadores com o lixo, suas reivindicações e a informalidade**

No Brasil, “catador de material reciclável” é uma profissão reconhecida pelo Ministério do Trabalho e Emprego desde 2002, mas que não possui regulamentação estabelecida pelo poder legislativo do país. Os trabalhadores com o lixo são incluídos ou excluídos desse processo de diferentes formas por cada município. É comum que, após a mudança de prefeitos e de vereadores, por exemplo, contratos sejam alterados e parcerias anteriormente travadas com trabalhadores com o lixo sejam desfeitas. Em virtude disso, os trabalhadores do setor, em geral, são autônomos ou estão dentro de associações, mas sem carteira assinada. A maioria não contribui para a previdência social do país e está totalmente desamparado em caso de doença, invalidez ou velhice avançada que os impeça de trabalhar.

Apesar de dominarem a fase inicial do mercado da reciclagem, os trabalhadores com o lixo têm sérias dificuldades para se legitimarem e serem reconhecidos dentro desse trabalho. À medida que prefeituras tentam se adequar às novas leis sobre os resíduos sólidos e contratam empresas especializadas para gerenciar o setor, muitos desses trabalhadores com o lixo veem seu sustento ameaçado. Além da especulação nos preços de materiais reciclados, eles precisam competir com as grandes empresas de coleta do lixo. O que está nos lixões ou nas ruas é também cada vez mais cobiçado pelas indústrias de reciclagem.

Embora a atividade de “catar” lixo não seja ilegal, quando os municípios tentam regulamentá-la, exigem que trabalhadores com o lixo se organizem em cooperativas ou associações para terem direito a investimentos ou mesmo acesso ao lixo reciclável. Além de ser difícil para muitos desses trabalhadores cumprirem com as exigências burocráticas da criação de uma cooperativa ou associação, muitos deles não têm interesse em trabalhar em grupo, estão na atividade exatamente para serem autônomos. O mercado da reciclagem praticado por trabalhadores com o lixo foi originado praticamente à margem do poder público e com uma técnica de fazer atrelada ao trabalho familiar, que dificulta adesão às propostas de parcerias pensadas pelos governos.

Muitos trabalhadores com o lixo têm tentado se inserir nas políticas públicas e chamar a atenção do governo Federal para sua reivindicações. As articulações em torno do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) ou de associações são as principais vias de reivindicação para aprovação de leis e de

investimentos em melhorias do trabalho com o lixo. Os grupos organizados em associações estão em maior consonância com o governo, já que é de interesse desse último que todos os trabalhadores estejam devidamente inseridos em associações. As solicitações de verbas para construção de galpões de triagem, aquisição de equipamentos e de meio de transporte para o material reciclável têm sido atendidos com certa frequência pelos governos. No entanto, os trabalhadores que trabalham autonomamente ou em regime familiar são cada vez mais excluídos dessas negociações. Este grupo tem, por intermédio do MNCR, organizado eventos de amplitude nacional, tentando levar suas reivindicações a conhecimento público.

Em São Paulo, desde 2003, é realizado um encontro próximo à data de festividades para o Natal com catadores e moradores de rua, no qual se faz presente o Presidente da República em exercício. No entanto, estes canais de negociações, que acenam para uma possível regulamentação desse trabalho, esbarram em duas dificuldades. A primeira é a tentativa de nossos governantes de incluir esses trabalhadores em um pacote de políticas destinadas a outros setores da sociedade (que eventualmente eles também fazem parte), mas que negligenciam reivindicações específicas do trabalho com o lixo; a segunda é o fato de que grande massa desses trabalhadores, por não participarem de nenhum tipo de movimento ou associação, são automaticamente excluídos dos programas.

Em 2012, durante esse encontro de véspera de Natal entre a Presidente da República e catadores e moradores de rua, o discurso do líder do movimento dos catadores pediu para que as políticas fossem direcionadas às necessidades dos trabalhadores com o lixo e não às parcerias privadas. Eduardo Ferreira, popularmente conhecido como Dudu entre os integrantes do Movimento Nacional de Catadores de Material Reciclável, critica as iniciativas do governo que financiam tecnologias não apropriadas para o trabalho de coleta e seleção individual do lixo. Ele reivindica apoio tecnológico, mas de uma tecnologia que possa ser usada efetivamente pelas pessoas que trabalham com o lixo. Também se posiciona contrário às políticas que visam apenas à organização dos trabalhadores dentro de associações, que receberiam o lixo reciclável coletado por empresas privadas, porque elas não são de interesse de grande parcela dos trabalhadores com o lixo:

(...) Temos as questões da PP. Hoje as PP, as parcerias privadas, se falam de fazer coleta

seletiva e bota cooperativas, galpões e os catadores fica presos em galpões. Porque nós catadores e catadoras queremos estar nas ruas. Nós temos que vê, tá junto com a comunidade, “ca” população. É isso que nós queremos. Não fica no galpão esperando o material. Nós queremos recebê por aquilo que nos fazemos. (sic). (Eduardo Ferreira, o Dudu, São Paulo, 21/12/2012)<sup>18</sup>

Essa postura por parte dos trabalhadores com o lixo foi reafirmada na celebração do Natal Solidário com catadores e população em situação de rua, realizada em São Paulo em 03 de dezembro de 2014. Roberto Laureano, representante do MNCR, afirmou que “confinar” os catadores dentro de galpões, em associações e cooperativas traz o medo de perder o meio de sustento para sistemas mecanizados que não colocam “os trabalhadores de fato” dentro do processo. A presidente do Brasil, Dilma Rousseff, nessa ocasião reafirmou a continuidade de projetos que preveem o investimento em melhorias tecnológicas e em integração ao sistema de coleta seletiva para quem estiver organizado em cooperativas, bem como a formação e aperfeiçoamento de todos os profissionais desse setor. Não propôs nenhuma alteração nos planos desses programas para atender à demanda e às críticas feitas pelos trabalhadores autônomos, e por fim conclamou-os a fazerem sua parte: se organizarem para poder entrar nos programas.

O problema desses programas desenvolvidos no Brasil está na dificuldade que os mesmos têm de travar um diálogo capaz de conquistar a adesão dos trabalhadores com o lixo. Em parte porque de fato desconhecem as necessidades ou as práticas a que estão habituados os trabalhadores com o lixo, em parte porque, apesar da incorporação dos discursos ambientais, os trabalhadores com o lixo estão mais preocupados com questões pragmáticas que otimizem seu trabalho e seus ganhos que a negociar a regulamentação de seu trabalho. Mesmo quando há um diálogo e os trabalhadores com o lixo são incorporados

---

<sup>18</sup>Este discurso foi proferido no encontro de Natal da Presidente com catadores e população em situação de rua, no dia 21 de dezembro de 2014, no sindicato de Banqueiros, no centro de São Paulo. O vídeo com imagens do evento está disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=VMnO7EBu5K8>. Acesso em: 14 de mai. 2014

no gerenciamento de resíduos dos municípios, não se consegue alcançar todos ou dar segurança sobre a continuidade da parceria.

Dessa forma, os programas voltados para os trabalhadores com o lixo negligenciam e relegam à informalidade uma enorme população que trabalha de forma autônoma, sem vínculo com associações. Esta informalidade tem como consequência uma enorme dificuldade para se levantar dados sobre a população de trabalhadores com o lixo. A PNSB (Pesquisa Nacional de Saneamento Básico) de 2008 identificou que apenas 26,8% das entidades municipais que faziam o manejo dos resíduos sólidos em suas cidades sabiam da presença de trabalhadores com o lixo nas unidades de disposição final desses resíduos. A pesquisa da PNSB (2008) também subestima o número desses trabalhadores em aproximadamente 70.000 para todo o Brasil. No estado do Rio Grande do Sul, onde está localizada a cidade de Santa Maria, na qual eu realizava pesquisas no ano de publicação do estudo, estimava-se a presença de 5.638.

Considero este número muito baixo para todo o estado do Rio Grande do Sul, levando em conta dados obtidos na minha pesquisa em Santa Maria. Nessa cidade, a prefeitura contabilizava em torno de quinhentos catadores em 2005, sendo que faziam parte dessa estatística apenas indivíduos registrados em associações, removidos do lixão da Caturrita e participantes do projeto “catando cidadania”, da secretaria de cultura. Se considerarmos que, em Santa Maria, o número de trabalhadores com o lixo, em 2008, fosse de apenas 500, e que existem outras cidades como Caxias do Sul e Porto Alegre, a capital do estado, que possuem mais associações e uma população de rua maior vivendo da coleta e venda do lixo, é perfeitamente possível que apenas essas três cidades do estado do Rio Grande do Sul tivessem uma população de trabalhadores com o lixo próxima ao número atribuído para o estado inteiro pela pesquisa PNSB 2008.

O relatório de pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), *Diagnóstico sobre Catadores de Resíduos Sólidos*, divulgado em 2012, alerta para a dificuldade de se obter dados precisos sobre o número de trabalhadores com o lixo presentes em todo o Brasil; e que, portanto, a construção de um quadro mais realista requer um olhar crítico sobre as informações disponíveis em fontes diversas. O diagnóstico do IPEA leva em consideração também os números fornecidos pelo Movimento Nacional de Catadores de Material Reciclável (MNCR), que calcula a existência de mais de 800 mil catadores em todo o território nacional, dos quais 100 mil compunham a sua base; e também outras estimativas, como a da Caritas, que cita o



número de 500 mil catadores, e do Cempre (Compromisso Empresarial para Reciclagem) – 2011, que calcula entre 300 mil e 1 milhão. Sendo assim, os responsáveis pelo diagnóstico sobre catadores no Brasil optam por sugerir um intervalo estimado com base apenas na dispersão dos números anteriormente citados, que vai de 400 a 600 mil indivíduos.

De fato, chegar a um número preciso sobre esta população é extremamente difícil. Necessitaríamos criar uma metodologia que pudesse contornar uma série de características de quem trabalha com o lixo, tais como: a sazonalidade, muitas vezes as pessoas só recorrem a este trabalho nos períodos de desemprego ou quando os preços de alguns materiais estão em alta; a preferência pela informalidade, a maioria dos trabalhadores prefere não estar vinculado a cooperativas e programas do governo para poder ter maior controle e liberdade sobre a forma de exercer a atividade; a ilegalidade, existe uma parcela de trabalhadores com o lixo que é foragido da justiça ou usuário de droga e, nesses casos, preferem que ninguém tenha conhecimento de sua existência; a vulnerabilidade de alguns diante das leis, como é o caso dos menores de idade e das mães que levam seus filhos pequenos para o trabalho; e a própria forma como descrevem sua profissão, muitas das pessoas com quem fiz pesquisa, ao serem questionadas sobre que profissão exerciam, diziam que eram autônomos.

### **1.3.3. Os atravessadores**

Outra figura importante no meio de reciclagem e que está em contato direto com o trabalhador com lixo em todo o Brasil é o atravessador. Os materiais recicláveis são vendidos a pequenos comerciantes, que os armazenam e depois revendem em quantidades maiores por melhores preços para outros comerciantes, que fazem o mesmo até que esse chegue à indústria de reciclagem. Trata-se de imbricado comércio realizado por pessoas que possuem capacidades diferenciadas de armazenamento e revenda dos materiais recicláveis.

Os atravessadores são uma figura singular em meio ao mercado de reciclados. Em alguns casos, um antigo catador, em outros empresários, geralmente da área do transporte, que viram, nesse setor, uma nova oportunidade de investimento. Os trabalhadores com o lixo que passaram a fazer “travessia” dos materiais reciclável até a indústria, muitas vezes, só precisaram ter a posse de um terreno, no qual conseguiam armazenar os materiais que selecionavam até conseguir

encher um caminhão com um único tipo de material. Na primeira venda, perceberam que ganhariam muito mais comprando material, já separado por outros trabalhadores com o lixo, e revendendo-o diretamente à indústria ou a alguma transportadora de cargas. Existem também os atravessadores que eram donos de caminhões e perceberam que podiam comprar o material reciclável dos trabalhadores com o lixo, fazer o transporte até as capitais de reciclagem, na grande maioria localizada em São Paulo, e revender o produto diretamente no portão da indústria de reciclagem. Eles perceberam que nessa atividade ganhariam muito mais que com qualquer frete que realizassem percorrendo a mesma distância.

Os atravessadores são indispensáveis aos trabalhadores com o lixo, pois a grande maioria destes não dispõe de lugar para estocar o lixo. Nos períodos em que realizei a pesquisa, nenhuma das associações dispunha de lugar suficiente para estocar os materiais que selecionava em quantidade suficiente para completar uma carga de um único material e vender diretamente à indústria. A capacidade de estoque influencia diretamente no preço recebido pelo produto. Esta necessidade se agrava mais entre os trabalhadores com o lixo que trabalham sozinhos nas ruas, quase sempre sua capacidade de estoque é o carrinho que puxam enquanto coletam e fazem a seleção. Eles precisam ir até o atravessador toda a vez que seus carrinhos enchem. Isso, aliado ao fato de que não têm como prensar o material selecionado, faz com que o valor pago pelo atravessador caia pela metade.

Os atravessadores são vistos também como negociadores hábeis, mas pouco confiáveis. Eram frequentes, nas associações, os trabalhadores com o lixo levantarem suspeitas sobre os valores pagos por alguns dos atravessadores. Também desconfiavam das balanças dos atravessadores e, sempre que possível, realizavam a pesagem dentro da associação em balança própria. A forma rápida com que muitos atravessadores enriqueciam e aumentavam seu capital era o principal motivo para tanta suspeita.

#### **1.3.4 Entre possibilidades de conflito e de cooperação: os casos de Florianópolis, SC e Santa Maria, RS**

A breve descrição de alguns eventos relacionados à limpeza urbana na cidade de Santa Maria, onde realizei minhas primeiras pesquisas (entre 2005 e 2009), e de Florianópolis, cidade em que moro desde 2011, permite evidenciar as complexas possibilidades de cooperação e conflito travadas entre os trabalhadores com o lixo e os diversos setores em que o mercado da reciclagem se desenvolve.

Em 2005, a prefeitura de Santa Maria, em conjunto com a empresa PRT Prestação de Serviços Ltda. criou o projeto “Humanização do Centro”, que consistia em disponibilizar um carrinho elétrico para recolher o lixo do comércio e evitar que este se acumulasse nas calçadas e atraísse “catadores”. Em 2008 foram instalados contêineres que dificultaram aos trabalhadores com o lixo verem o tipo de material que estava dentro e também dificultava o processo de coleta. A circulação de carrinhos e de carroças no centro da cidade, onde haviam sido instalados os contêineres, não diminuiu, os trabalhadores com o lixo se adaptaram e criaram uma ferramenta com um gancho na ponta para puxar as sacolas de lixo para fora do contêiner.

O propósito da empresa e da prefeitura ao implantarem o projeto de instalação dos contêineres era impedir que o lixo ficasse amostra nas ruas, evitar o mau cheiro, já que o mesmo era fechado, e facilitar a coleta, pois os contêineres eram virados dentro do caminhão com o auxílio de um braço hidráulico que exigia um único funcionário para a tarefa. A população, no entanto, reclamava que os mesmos eram insuficientes para a quantidade de lixo produzido, sendo comum que se acumulasse lixo ao redor deles. Além disso, estavam posicionados distantes um do outro, tornando a tarefa de retirar o lixo de casa mais difícil que anteriormente, quando bastava depositá-lo na cesta em frente ao portão ou no chão.



**Figura 4. Trabalhadores com o lixo retirando materiais reciclados dos Contêineres em Santa Maria – RS. Foto de : Liana Coli. Disponível em: <http://www.revistaovies.com/cronicas/2011/11/e-conteiner-pra-ca-e-conteiner-pra-la/>. Acesso em: 25 de março de 2015.**

Em 2008, o lixão da Caturrita, em Santa Maria-RS, foi finalmente fechado e a prefeitura tentou inserir os trabalhadores com o lixo do local no quadro de empregados da empresa contratada para gerir a nova usina de reciclagem criada próxima do local. Até 2008, muitos indivíduos disputavam, dia e noite, os materiais recicláveis que chegavam em caminhões no Lixão da Caturrita. Quando o Lixão foi fechado, havia em torno de 250 pessoas trabalhando no local. A empresa PRT prestação de serviços Ltda. venceu a licitação para a coleta e a destinação do lixo e passou a levar cerca de 150 toneladas de lixo produzido por dia pelos moradores de Santa Maria para a Central de Tratamento de Resíduos da Caturrita (CTRC), da empresa Tecnoresíduos Serviços Ambientais Ltda.

Ao fazer isso, os trabalhadores do lixão perderam seu local de trabalho e tiveram seu meio de sustento comprometido com o novo contrato. Parte destes indivíduos que coletavam lixo na caturrita foi contratada pela empresa Tecnoresíduos, mas outros não conseguiram se candidatar às vagas devido à idade avançada, à falta de documentos, ou por não poderem trabalhar nos horários estabelecidos pela empresa. Também havia os que reclamavam, nas entrevistas concedidas aos jornais locais, que na Tecnoresíduos eles receberiam apenas um salário, enquanto no lixão podiam receber bem mais vendendo o material reciclável recolhido. (Jornal A Razão, 02/04/2008, p 7).

As três associações em que realizei a pesquisa na época também reclamavam da diminuição da quantidade de lixo que conseguiam coletar. Muitos de seus pontos fixos de coleta no comércio passaram a entregar o lixo diretamente à central de reciclagem. Por um determinado momento, até 2011, a PRT destinava os resíduos oriundos da coleta seletiva para associações que estavam devidamente cadastradas na prefeitura. Porém, o volume de lixo entregue era tão pequeno que os trabalhadores com o lixo associados acusavam a empresa de desviar o mesmo e fazer a revenda.

Além disso, os trabalhadores com o lixo tinham de se adaptar aos horários das coletas realizados pela empresa. Era necessário passar pelos contêineres do centro ou pelas lixeiras dos bairros antes que o caminhão da coleta convencional passasse. Se o trabalhador com o lixo desconhecesse a escala da coleta ou por algum motivo se atrasasse, corria o risco de voltar para casa sem uma boa coleta.



**Figura 5: Carrinhos das Trabalhadoras da ARPS, em Santa Maria. Foto de Simone Lira da Silva**

Em 2011, a empresa Revita substituiu a PRT quando, à época, a prefeitura rescindiu o contrato com a empresa. Esta nova empresa continua a levar o lixo da coleta convencional para Central de Tratamento de Resíduos da Caturrita. No entanto, a coleta seletiva, segundo site da secretaria da prefeitura, estaria sob encargo da Associação de Seleccionadores de Material Reciclável (ASMAR), que destinaria os resíduos coletados para associações cadastradas, mas a ASMAR é a única associação que aparece como cadastrada no site. Paralelo a isso, a prefeitura de Santa Maria, em 2014, cogitava a possibilidade de suspender o contrato com a Revita, que vence em janeiro de 2016, porque esta não teria cumprido com o requisito de investir na coleta seletiva<sup>19</sup>. Os trabalhadores com o lixo precisaram renegociar sua situação novamente quando este contrato for finalizado.

Em Florianópolis, os contratos feitos pela prefeitura com as empresas de limpeza urbana também ditam o espaço formal que os trabalhadores terão na coleta seletiva. Florianópolis, assim como muitas

---

<sup>19</sup>PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA MARIA. Recicla Santa Maria. Programa de Coleta Seletiva. **Prefeitura Municipal de Santa Maria** Disponível e: <http://www.santamaria.rs.gov.br/recicla/>. Acesso em: 26 de mar. 2015.

idades Brasileiras, usou o mar como destino para o lixo no início do século XIX. Os serviços de remoção eram executados por particulares em carroções puxados a burro e só teve início em 1877. Nessa época, tudo era levado para as praias da Baía Norte. Em 1914 foi construído o forno do lixo, próximo à Ponte Hercílio Luz, o mesmo funcionou durante quase meio século, queimando os resíduos da Capital. O primeiro lixão da cidade surgiu em 1958 e ocupava uma área de 12 hectares no manguezal do Itacorubi. Nesse mesmo ano o incinerador foi desativado.

Em dezembro de 1976 a Companhia Melhoramentos da Capital (COMCAP) assumiu a Limpeza Pública do município de Florianópolis. Passava então a cuidar da coleta de lixo da cidade, além de assumir a responsabilidade pelos serviços de varrição de ruas, capinação, remoção e limpeza de valas a céu aberto. O lixão do Itacorubi foi desativado em 1990, graças à pressão popular e a partir de 2000 passou por um processo de recuperação e organização paisagística. Hoje este lugar abriga o Centro de Transferência de Resíduos Sólidos (CTReS), com Estação de Transbordo da COMCAP, centro de triagem gerenciado por associação de catadores, espaço de educação ambiental e o Museu do Lixo. Atualmente todo o lixo recolhido em Florianópolis proveniente da coleta convencional é encaminhado para o aterro localizado no Município de Biguaçu e de Proactiva Ambiental<sup>20</sup>.

A primeira proposta de coleta seletiva do lixo para Florianópolis ocorreu em 1986 e teve seguimento com o chamado Projeto Beija-Flor, que buscava dar tratamento e destino correto para o lixo dentro das próprias comunidades, ensinando moradores a separarem o lixo e a usarem o lixo orgânico em compostagem para hortas. Em 1990, programa abrangia dez bairros (nove dos quais populares) e atingia 25 mil pessoas. A coleta de porta em porta só teve início em 1994, mas só em 1997 ela conseguiu atingir toda a área urbana. A produção da coleta

---

<sup>20</sup>PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. Os resíduos sólidos em Florianópolis – fatos históricos e situação atual. **Prefeitura Municipal de Florianópolis**. Disponível em: [http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/26\\_11\\_2009\\_12.18.52.2a2a84d471e2627cfd3c56fab3bdc129.pdf](http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/26_11_2009_12.18.52.2a2a84d471e2627cfd3c56fab3bdc129.pdf). Acesso em: 27 de mar. 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. Evolução da limpeza pública na Capital Evolução da limpeza pública na Capital Das praias para o forno e o lixão. **Prefeitura Municipal de Florianópolis**. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/comcap/index.php?cms=evolucao+da+limpeza+publica+na+capital&menu=1>. Acesso em: 26 de mar. 2015.

seletiva (materiais que seguem para reciclagem) corresponde a 7% do total de resíduos coletados em Florianópolis. Os demais resíduos, não reciclados, recolhidos pela COMCAP, são encaminhados para aterro sanitário de Biguaçu<sup>21</sup>.

Os trabalhadores com o lixo só são mencionados pela prefeitura de Florianópolis e pela empresa responsável pela coleta de lixo na cidade, a COMCAP, no ano de 2007, quando vários dos trabalhadores com o lixo que atuavam na região central da cidade ocuparam um terreno às margens da Avenida Gustavo Richard, na saída da Ponte Pedro Ivo Campos. Na época foi feito um acordo que os tornam responsáveis pela coleta seletiva no centro da cidade e sob fiscalização da COMCAP. A Associação dos Coletores de Materiais Recicláveis (ACMR) surgiu de um grupo de pessoas que desde 1994 vinha realizando a coleta de materiais recicláveis no centro da cidade e usando os arredores da ponte Pedro Ivo Campos. Em 2007 ocorreu a primeira tentativa de transferi-los do galpão de triagem da COMCAP no CTREs. O grupo se dividiu e ocupou o aterro na beira mar Baía Sul até 2009, quando foi obrigado por ordem judicial a deixar o lugar<sup>22</sup>.

Atualmente, a ACMR, que assume o galpão de triagem da COMCAP recebe grande parte do material da coleta seletiva e executa triagem e venda destes materiais. Além da ACMR, o município doa o material da coleta seletiva realizada pela COMCAP para outras duas

---

<sup>21</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. Evolução da limpeza pública na Capital: das praias para o forno e o lixão. **Prefeitura Municipal de Florianópolis**, Florianópolis. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/comcap/index.php?cms=evolucao+da+limpeza+publica+na+capital&menu=1>. Acesso em: 26 de mar. 2015.

<sup>22</sup> DIÁRIO CATARINENSE. Prefeitura desativa núcleo de triagem de material reciclado no Centro de Florianópolis. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 26 de fevereiro de 2009. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/diarioCatarinense/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&newsID=a2419184.xml>. Acesso em: 26 de mai. 2011

DIÁRIO CATARINENSE. Catadores de lixo reciclável de Florianópolis são transferidos. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 27 de março de 2009. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/Diariocatarinense/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&newsID=a2455700.xml>. Acesso em: 26 de mai. 2011.

SOUZA, Karina da Silva de. Experiência do Município de Florianópolis na Gestão de Resíduos Sólidos. **Fundação Nacional da Saúde**. Disponível em: [http://www.funasa.gov.br/site/wp-content/uploads/2013/05/kerine\\_silva.pdf](http://www.funasa.gov.br/site/wp-content/uploads/2013/05/kerine_silva.pdf). Acesso em: 28 de mar. 2015.

associações: A Associação Recicladores Esperança (Aresp), no Bairro Monte Cristo e a Associação Recicla Floripa, no Alto da Caieira do Saco dos Limões. Além dessas associações a COMCAP tem mais de uma dezena de parceiros que trabalham em regime familiar e recebem o material para fazer a triagem<sup>23</sup>.

Estes parceiros de triagem na coleta seletiva são apenas uma pequena parcela da população de trabalhadores com o lixo de Florianópolis. É muito comum ver, principalmente na região continental da cidade, pessoas puxando carrinhos de duas rodas ou empurrando carrinhos de supermercados repletos de papelão e metal. Em menor quantidade, também há uso de carroça com tração animal, prática que tem sempre a reprovação de grupos defensores de animais e que teve a proibição recentemente aprovada pela câmara municipal em março de 2015. Em dois anos nenhum veículo com tração animal poderá circular pelas ruas da cidade<sup>24</sup>.

Esforcei-me até o momento para evidenciar as diversas esferas ligadas à limpeza urbana no Brasil. De um lado, temos o governo, que pressionado por diferentes setores da sociedade regulamenta e administra o destino final do lixo. De outro, temos a indústria da reciclagem, que motiva financeiramente os investimentos nos setores de coleta seletiva. No topo dessa cadeia comercial, estão os empresários de limpeza urbana, que executam a limpeza urbana através de licitações milionárias e por meio da exploração de uma densa mão de obra desqualificada e mal remunerada. Também estão os atravessadores, que, em menor proporção, auferem altos lucros com a venda do material reciclado comprado de trabalhadores com o lixo por valores insignificantes e revendido à indústria de reciclagem. E, por fim, temos os trabalhadores com o lixo e os funcionários das grandes empresas de limpeza urbana, responsáveis pelo trabalho mais pesado e menos

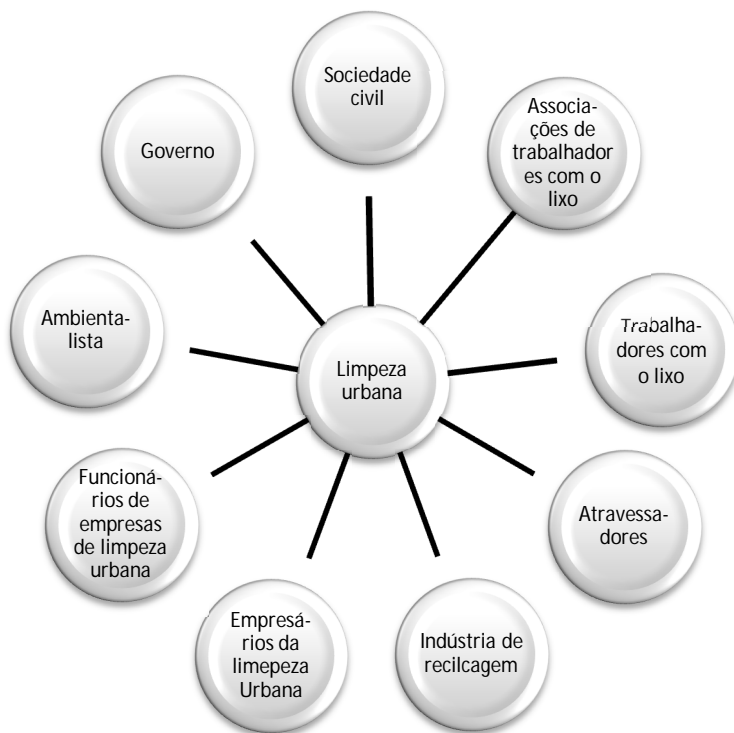
---

<sup>23</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. Evolução da limpeza pública na Capital Evolução da limpeza pública na Capital Das praias para o forno e o lixão. **Prefeitura Municipal de Florianópolis**, Florianópolis. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/comcap/index.php?cms=evolucao+da+limpeza+publica+na+capital&menu=1>. Acesso em: 26 de mar. 2015.

<sup>24</sup>G1 GLOBO. Artigo Câmara de Florianópolis aprova lei que proíbe circulação de carroças. **G1 Globo**. Florianópolis, 28 de março de 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/03/camara-de-florianopolis-aprova-lei-que-proibe-circulacao-de-carrocas.html>. Acesso em: 29 de mar. 2015.



valorizado. A estes se destina o estigma e uma pequena parte de todo o dinheiro movimentado pela limpeza urbana das cidades.



**Figura 6. Diagrama das diferentes esferas da limpeza urbana**

Os diversos agentes envolvidos na limpeza urbana coexistem em uma relação ora de conflito, ora de cooperação. As dinâmicas possíveis para tais relações dependem da conjuntura política e estrutura em que se organiza esta limpeza urbana em cada município. Apesar da heterogeneidade que tais relações podem assumir, as práticas de apropriação dos objetos encontrados no lixo, que me propus analisar nessa tese, são recorrentes entre todos os trabalhadores com o lixo com quem fiz pesquisa.

## **1.4. Sobre as escolhas e o recorte da pesquisa**

### **1.4.1. Porque fazer pesquisa em Associações**

Depois de passar algumas páginas descrevendo como o trabalho com o lixo no Brasil é algo que ocorre essencialmente na informalidade e por indivíduos autônomos, torna-se gritante a necessidade de explicar por que escolhi fazer a pesquisa dentro de associações. Esta escolha se deve em grande parte porque, ao realizar uma pesquisa dentro de um espaço específico e delimitado, eu poderia passar mais tempo com cada um dos trabalhadores, conhecê-los melhor e conquistar sua confiança. Isso não é possível quando os contatos são realizados com trabalhadores de lixo que coletam por conta própria e que, em geral, são muito sazonais no trabalho e nas rotas de coleta que realizam. Embora alguns deles até tenham um itinerário de coleta mais ou menos predefinido, eles apresentam maior resistência a permitir que os acompanhem no trabalho ou a levar a pesquisadora para ver como se faz a seleção do lixo em casa.

Em Santa Maria, tentei algumas vezes realizar pesquisa com pessoas que não estavam dentro de associações, mas que recolhiam o lixo dentro da Universidade Federal de Santa Maria. Uma das senhoras que abordei trabalhava juntamente com dois filhos e eu já a tinha visto no campus em outras ocasiões. Mesmo eu tendo me identificado como estudante, ela se sentia extremamente desconfortável em falar comigo, tentava abreviar nossa conversa o máximo possível e estava sempre se justificando. Repetia que só estava recolhendo nas lixeiras externas, que não estava entrando nos prédios, que as crianças a acompanhavam naquele dia porque estavam sem professores na escola, mas que nos demais dias eles frequentavam a aula. Isso aconteceu em 2005, e parte de sua preocupação e atitude defensiva que adotou diante de mim é compreendida se levarmos em conta que nesse ano a universidade tentou criar um cadastro dos trabalhadores com o lixo autorizados a entrar no campus, eventualmente alguns deles podem ter sido abordados pela segurança do Campus. O fato é que, depois dessa tentativa frustrada, eu não a vi mais.

Outra senhora, Dona Maria, que tinha cadastro na reitoria para realizar a coleta, também no campus da Universidade, aceitou conversar comigo e até me dizia quais os dias e horários costumava passar por ali, mas, não obstante, a minha insistência em acompanhá-la até a sua casa ela nunca aceitou. Sempre me dizia para ir em um outro dia, porque naquele ela não poderia me receber ou tinha algum outro compromisso.

Depois ela parou de ir ao campus, e eu perdi totalmente o contato por alguns meses. Quando Dona Maria retornou, eu já estava realizando pesquisa nas associações e praticamente não saí mais coletar lixo com ela pelo campus.

Por outro lado, as associações tinham um endereço fixo e horário de trabalho bem delimitado, que faziam com que eu sempre tivesse acesso aos trabalhadores. É evidente que muitos deles também se sentiam desconfortáveis com minha presença dentro da associação, mas, na medida em que passava a conviver com eles por longos períodos, isso ia sendo alterado. O método de observação participante que usei consistia em pedir para trabalhar junto a eles e para que me ensinassem a fazer seleção dos materiais. Aos poucos, começaram a sentir curiosidade sobre o porquê de uma estudante universitária ter de sujar as mãos com o lixo. Assim, por meio de uma recíproca curiosidade, trocamos conhecimentos, eles me mostravam seu mundo de trabalho e eu tentava explicar por que precisava fazer um trabalho para faculdade em que tinha de ficar tanto tempo pesquisando, ou o que era uma etnografia (coisas, diga-se de passagem, que penso nunca ter explicado eficientemente).

Falar sobre trabalhar com o lixo já é algo difícil para uma grande parcela deles, admitir que o lixo não é só para vender, mas também para se usar em casa é um tabu maior ainda. Nas primeiras abordagens, houve sempre uma tentativa de distanciar a pesquisadora dessas práticas, enfatizando o caráter comercial do reciclável, seus preços no mercado, o quanto estavam atentos à segurança do trabalho, ou ainda a importância da reciclagem na preservação do meio ambiente. Apenas quando a pesquisa passou a ter um nível de interação em que meus informantes se sentiram à vontade para perguntar sobre minha vida, eu passei a ter acesso a dimensões de suas vidas que não costumam ser externalizadas a um estranho, principalmente no caso dos trabalhadores com o lixo, dada a vulnerabilidade e estigma dos quais são vítimas.

Os trabalhadores precisam de tempo para perceber que o antropólogo não é um assistente social, não é um fiscal do trabalho ou um desses agentes ambientalistas que irá discursar sobre a necessidade de retirar do meio ambiente materiais que nem sempre são rentáveis ao vender para a reciclagem. Eles também precisam ter um mínimo de confiança de que o pesquisador não transformará o que ouve, grava e fotografa em um discurso sensacionalista que os vitime mais do que já são. Fazer a pesquisa em associações fornecia o tempo necessário para ser conhecida e conhecer cada um dos informantes. Era preciso que eles

se sentissem à vontade para separar, em minha frente, o que iriam levar para casa e eventualmente me mostrassem o que fizeram com esses objetos no interior de suas casas.

Como tentei mostrar até este ponto do texto, a população de trabalhadores com o lixo é muito ampla, e ter acesso a toda ela ou mesmo a todo um segmento desse mercado (catadores de rua, associados, atravessadores) é quase impossível. Então, optei por realizar a pesquisa dentro de associações ou cooperativas de trabalhadores com o lixo, onde eu poderia conviver com as pessoas por um tempo maior, suficiente para conseguir conhecê-los, ganhar sua confiança e poder ser convidada a entrar em suas casas.

A pesquisa foi realizada em três associações de Santa Maria - RS entre os anos de 2005 e 2009, e em uma associação no município de Palhoça, Santa Catarina, em 2012 e 2013. O trabalho com o lixo nas quatro associações pode ser descrito em três fases: a coleta nas ruas, a seleção dentro dos galpões e a prensagem do material reciclado para vender aos atravessadores ou às indústrias de reciclagem. Mas, apesar dessa similaridade, cada associação possuía um formato de organização administrativa e um histórico de formação que merece ser melhor detalhado.

#### **1.4.2. Características organizacionais das associações pesquisadas**

A Associação dos Seleccionadores de Material Reciclável (ASMAR) foi a primeira associação em que realizei pesquisas, estabelecendo contato constante entre 2005 e 2009. A associação existe desde 1990, foi criada através de uma iniciativa da CEBs (Comunidade Eclesiais de Bases), que organizou um projeto voltado à educação ambiental e que previa a reciclagem do lixo produzido durante um encontro da CEBs realizado na paróquia nossa Senhora Medianeira na cidade de Santa Maria em 1990. Quando o evento terminou, muitas pessoas continuaram a levar materiais para o local, e houve a necessidade de pensar uma forma de dar continuidade ao trabalho.

Irmã Lourdes, religiosa local responsável por várias iniciativas de organização de cooperativas e associações voltadas para a economia solidária em Santa Maria e Região, conseguiu que a ordem dos Irmãos Maristas cedesse um galpão no qual a Senhora Margarete Vidal fundou a associação e foi coordenadora até o ano de 2007. Ela começou trabalhando com um grupo de adolescentes da Pastoral da Juventude da Igreja Católica. Após algum tempo, devido a pouca adesão aos horários de trabalho, chegou a um acordo com a Irmã Lourdes para que só

ficassem na associação pessoas que estivessem “dispostas a cumprir horário” e que quisessem, de fato, “lucrar” com a atividade. A partir daí, como me relatou a senhora Margarete, a maioria dos integrantes passou a ser pessoas mais velhas, com “família para sustentar”.

A Associação de Recicladores Pôr do Sol (ARPS) também foi organizada por iniciativa de religiosos da Igreja Católica. Esta associação é um projeto de geração de trabalho e renda apoiado pela Escola e Centro Social Marista Santa Marta iniciado em 2004. No ano de 2009, quando realizei a pesquisa nessa associação, o Centro mantinha estrutura física (galpão) com maquinário necessário à prensagem dos materiais reciclados, arcava com despesas e disponibilizava uma assistente social para acompanhamento e assessoria da ARPS. O galpão da ARPS está localizado na vila Pôr do Sol, no bairro Nova Santa Marta (área originada de ocupação da antiga fazenda Santa Marta em 1991), em uma região bem periférica da cidade de Santa Maria.

Irmão Pedro, que havia sido professor na Escola Santa Marta percebeu que muitos dos alunos tinham pais que trabalhavam com o lixo e que enfrentavam várias dificuldades nas ruas. Por iniciativa dele, o Centro Marista se dispôs a montar e ajudar na elaboração das normas e da burocratização da associação. A rotatividade de trabalhadores nessa associação era muito grande, segundo a assistente social Larissa, que acompanhava a organização da associação em 2009, a maioria deles não gostava de se ver como “catador” e, muitas vezes, saíam da associação por pequenas discordâncias. Todo o processo de seleção dos novos membros era feito pela assistente social Larissa, do centro Marista.

A ARSELE é a única associação que não foi fundada por um grupo externo, seja religioso, político ou educativo, mas mantinha parcerias com todos estes setores. Essa associação existe desde 2001 e, desde 2005, está instalada no antigo depósito da estação férrea, graças a iniciativas de ocupação do Movimento Nacional da Luta pela Moradia (MNLN). A associação foi criada por Dona Terezinha e uma de suas filhas, Magda, elas eram integrantes do grupo que iniciou a ASMAR, em 1992, e usaram esta experiência para criar uma forma de renda para a comunidade que se formou da ocupação MNLN na área dos depósitos da Antiga estação ferroviária de Santa Maria. Inicialmente, a associação funcionou na casa da Magda e depois na casa de dona Terezinha. Juntamente com lideranças do Movimento da Luta pela Moradia, passaram a requerer o prédio da antiga estação. A prefeitura se comprometeu a liberar o galpão para eles, mas os integrantes do movimento ocuparam o local antes, com medo de que o destino dele não

fosse o prometido. Pressionaram dessa forma a prefeitura para que assinasse a liberação, e o contrato para o uso dos galpões por 5 anos foi assinado em 2005.

Dona Terezinha era uma senhora muito hábil em conseguir articulações com diversas esferas da sociedade. Com o auxílio de várias parcerias, em especial com a da Universidade Franciscana de Santa Maria (UNIFRA), ela conseguiu reformar todo o prédio da ARSELE. Também levou projetos de extensão das universidades da cidade para atuarem dentro da associação, alguns dos quais permitiram a criação de um espaço de educação infantil no local e a compra de equipamentos para o trabalho com o lixo.

Diferente de outras associações, na ARSELE o dinheiro obtido com a reciclagem não era dividido igualmente a todos os que realizavam a coleta e seleção. A maioria dos associados iam poucas vezes no mês ajudar na seleção, e quase todos tinham outras fontes de renda. Dona Terezinha contou-me que ela era sustentada pelos filhos, e a Magda, sua filha, casada, tinha ajuda do marido nas despesas. O trabalho com o lixo era mais voltado à manutenção daquele espaço e como fonte de apoio aos moradores do bairro. Dona Teresinha administrava os lucros destinando parte do dinheiro para as despesas da associação, parte deixava para distribuir entre as pessoas da comunidade que precisavam mais e para dar “um trocadinho” aos meninos da CASE<sup>25</sup>, pelos quais ela se responsabilizava quando saíam para cumprir pena em liberdade e trabalhando. Era muito comum que as pessoas do local a procurassem para pedir auxílio na compra de um botijão de gás, para resolver problemas com a justiça, para solicitar abrigo quando estavam passando por situação de violência dentro de casa ou quando por algum motivo perdiam seu “barraco”. Estas pessoas depois auxiliavam a associação usando um dia de folga no trabalho para levar um carrinho de material reciclável até a associação ou então ajudar na seleção dos materiais.

---

<sup>25</sup>Os Centros de Atendimento Socioeducativo (CASE), também conhecidos no Rio Grande do Sul como Fundação de Atendimento Socioeducativo (FASE) é o órgão responsável pela execução das medidas socioeducativas de internação e de semiliberdade, aplicadas judicialmente aos adolescentes que cometem ato infracional. A FASE foi criada em 2002, em substituição a antiga Fundação do Bem-Estar do Menor (FEBEM), visando responder melhor ao estatuto da criança e do adolescente (ECA), e romper com o paradigma correccional-repressivo que orientava a política do bem-estar do menor. Informação disponível em: <http://www.fase.rs.gov.br/wp/institucional/historico/>. Acesso em: 30 de out. 2015.

Os objetivos da associação não eram muito claros. Embora ela atuasse como uma fonte de geração de renda e trabalho, a sua principal atenção estava voltada para atender a demandas das pessoas a sua volta e estas demandas mudavam constantemente. Em alguns momentos, a ARSELE era a creche local e o centro comunitário onde as pessoas podiam fazer ginástica e os adolescentes praticarem dança. Em outros, podia ser usada como uma cozinha comunitária para festividades ou mesmo para sanar a necessidade de alimentação da população local. Também não foram raras as vezes em que o galpão foi usado como moradia provisória de famílias ou de pessoas em situação de desabrigo. Além disso, a associação era o ponto de referência para a população ao entorno levar animais abandonados ou que foram gravemente feridos em acidentes de trânsito. Dona Terezinha não media esforço para dar alimento, abrigo e cuidados de saúde a esses cães. Após sua recuperação, eles permaneciam na associação ou nos arredores, o que fazia com que a população de cães da ARSELE fosse bem grande, por vezes, incomodando fiscais ambientais e vizinhos. Este tipo de organização peculiar da ARSELE dificultava seu registro e reconhecimento junto à prefeitura. Era muito difícil que enquanto local de trabalho conseguisse sempre cumprir com todas as normas de segurança de trabalho e da vigilância sanitária, mantendo todas as demais atividades no mesmo recinto.

Quanto a Pro-CREP tornou-se legalmente uma associação em 2004, no entanto, sua história é bem mais antiga e tem reflexos diretos na organização administrativa que a mesma assume atualmente. A associação se originou de um projeto iniciado em 1991 pela professora Hélia para arrecadar fundos para a escola em que lecionava, no bairro Guarda do Embaú, Escola Estadual Isolada do Embaú. Alunos e professores começaram a fazer “arrastão” de coleta de materiais recicláveis, que eram levados para um terreno contínuo à escola, conseguido emprestado. A renda obtida foi usada exclusivamente para fazer melhorias na estrutura física da escola. O sucesso do empreendimento permitiu que comprassem o terreno emprestado e construíssem uma quadra de esportes no local. Por conta disso, tiveram de pedir emprestado outro terreno para continuar o projeto de reciclagem.

Nessa época, a separação e coleta dos materiais era realizada, voluntariamente, por pais, professores, funcionários e alunos fora do horário escolar. Os materiais reciclados eram também usados para confeccionar material didático e fazer as roupas e fantasias das festas

organizadas pela escola. Com a autoestima elevada pelas melhorias, reivindicaram um nome para a escola, que passou a ser Escola Isolada Professora Alga Serino.

Em 1997, professora Hélia foi estimulada por uma universitária, que procurou a escola para fazer trabalho de conclusão de curso, a inscrever o seu projeto, “aprendendo ecologia”, em um concurso nacional. A escola foi então premiada e recebeu o prêmio diretamente do Presidente da República em exercício, Fernando Henrique Cardoso. Após esta premiação, a prefeitura se interessou em ampliar o projeto para toda a baixada da guarda do Embaú. Foi Criado então o projeto “Pro-CREP - Criar, reciclar, Educar e Preservar”. A prefeitura conseguiu recursos federais para adquirir um galpão devidamente equipado para a seleção dos materiais reciclável.

Como o projeto anterior da escola não tinha espaço próprio, as pessoas envolvidas no projeto tiveram de aceitar a proposta da prefeitura de fazer no bairro da Pinheira. Alguns conflitos originaram-se daí, em parte porque eles gostariam que o projeto permanecesse na Guarda do Embaú, em parte porque a população da Pinheira não queria o galpão em seu bairro, pois temia que o mesmo trouxesse sujeira e animais, como moscas, roedores ou urubus. A prefeitura então conseguiu, junto a órgãos ambientais, a liberação de um terreno na área verde da Pinheira. O galpão onde se encontra a atual associação foi então construído e inaugurado em 19 de dezembro de 1999. A prefeitura também cedeu um caminhão caçamba para ser usado nas coletas do lixo.

Em 1999 trabalhavam dezesseis pessoas fazendo a coleta, triagem e enfardamento do material reciclado, muitas das quais tinham essa atividade como única fonte de renda. Dois anos depois, com a mudança de gestão na prefeitura, foi retirado o apoio inicial, a professora que coordenava o projeto e o caminhão que estava emprestado. O galpão foi fechado por um breve período, posterior ao qual a comunidade reuniu um novo grupo de pessoas e passou a fazer a coleta com sacos e carrinhos de mão. É nesse momento que o projeto tornou-se uma associação, que só conseguiu ser legalmente instituída em 2004.

Em 2008, a associação se inscreveu no programa Desenvolvimento Regional Sustentável, do Banco do Brasil e conseguiu verba para compra de um trator com reboque, usado até o início de minha pesquisa em 2012, para coletar o material reciclado. Em 2009, fez uma “parceria” com a Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), que passou a desenvolver um projeto de extensão de fabricação do biodiesel a partir de óleo de cozinha, dentro da associação. Novos espaços foram construídos para abrigar os equipamentos de



fabricação do biodiesel e também para uma oficina de reaproveitamento. A verba dessa ampliação foi auferida por doações de comerciantes e da comunidade local e principalmente pela venda de sacolas retornáveis de supermercado.

Também faz parte da Pro-CREP um brechó e uma oficina de mosaico. Durante a pesquisa, em 2012 e 2013, a oficina de mosaico contava com uma das mulheres da associação, contratada pela prefeitura para ensinar pessoas da comunidade da Pinheira a fazer mosaicos de cerâmica. Nesse período, eles conseguiram trocar o trator e mais uma camioneta que tinham ganhado da polícia federal por um caminhão, que vinha realizando a coleta desde então. Também adquiriram uma Kombi para fazer a coleta do Biodiesel e para levar os mosaicos e produtos dos brechós em feiras da região.

A principal característica dessa associação é ter, em seu quadro de associados, diferentes agentes sociais que precisam a todo o tempo negociar seus interesses. Como a associação surge de um projeto educacional, as pessoas envolvidas nesse projeto anteriormente são as que passam a ocupar os cargos de diretoria. Porém, no momento em que se torna uma associação independente da escola em que se originou, deixa de contar com voluntários para realizar o trabalho e passa a inserir entre seus associados pessoas que buscarão no trabalho oferecido pela mesma uma fonte de renda. Estes dois grupos têm uma permanência maior dentro da associação, mas a diretoria, convicta do papel de assistência social da associação, sempre pode inserir nesta algum novo grupo.

A oficina de mosaico e o Brechó “consumo consciente”, o projeto biodiesel, o apoio ao grupo de recuperação de usuários de drogas, são alguns dos exemplos de atividades e novos grupos de pessoas inseridos na associação. O brechó, a oficina de mosaico e o projeto Biodiesel foram bem aceitos pelos trabalhadores com o lixo, mas isso não impedia o desenvolvimento de conflito entre estes setores. Quase sempre os conflitos estavam relacionados à disputa por objetos encontrados na triagem ou à divisão do dinheiro obtido nesses diferentes setores. Sempre pairava uma dúvida se os objetos deviam ir para as atividades desenvolvidas na associação ou se o trabalhador que os encontrava teria prioridade em ficar com eles.

No entanto, quando a diretoria da associação considerou que seria interessante apoiar um grupo de homens que tentava se livrar do vício em drogas e os inseriu no trabalho da associação, os conflitos se acirraram bastante. Este grupo de homens era reunido por um ex-usuário

de drogas, que tentava apoiar um ao outro para deixar de usar drogas. Eles não tinham uma sede e a maioria não tinha casa para morar. Alguns deles, no início da parceria com a associação, chegaram a morar em uma pequena sala que havia ao lado do galpão.

Os demais trabalhadores questionavam sua segurança trabalhando com “estes homens”, reclamavam que os mesmos não trabalhavam, que a quantidade de lixo selecionado praticamente não tinha se alterado e que não seria justo dividir com eles o dinheiro das vendas. A diretoria lançou mão de uma série de medidas para tentar amenizar a situação. Diminuí o valor pago aos novos integrantes e criou um sistema de apadrinhamento ou de filiação, em que cada um dos trabalhadores “adotaria” um dos homens e o ajudaria a se inserir na rotina de trabalho, ensinando-o e cobrando maior empenho no trabalho. Isso diminuiu um pouco o conflito mais explícito e aproximou os dois grupos, mas, ao fim de alguns meses, estes homens não mais trabalhavam na associação.

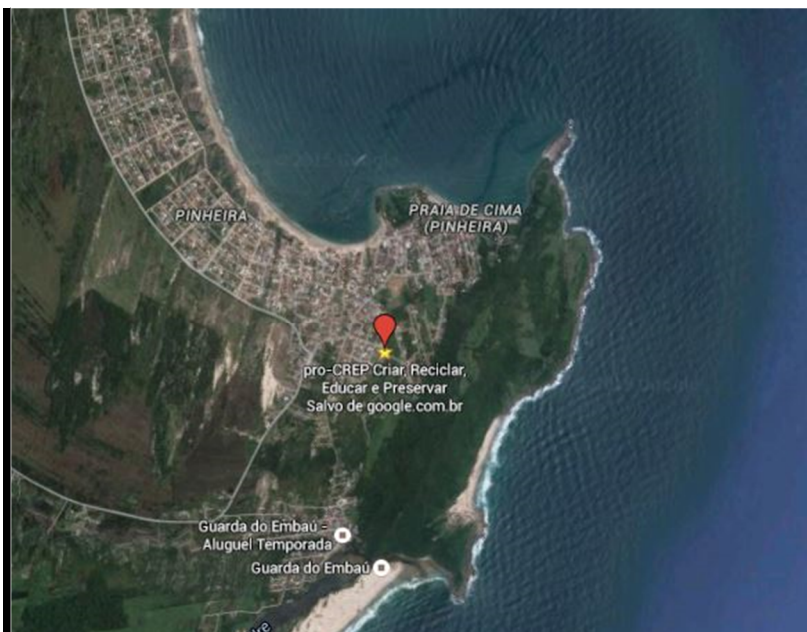
A peculiaridade desse formato organizacional é que a associação não teve os trabalhadores com o lixo participando de seu processo de formação. Eles foram convidados, depois, a fazer parte da mesma e assumir o setor de coleta e seleção do lixo. Assim, os objetivos da associação são muito mais amplos que os interesses dos trabalhadores com o lixo que fazem parte dela. Por conta disso, a associação precisa constantemente encontrar formas de conciliar os conflitos derivados da distância de visão de mundo dos associados que criaram e que levantam recursos e parcerias para a associação e os associados que trabalham na coleta e seleção do lixo.

### **1.4.3 O trabalho realizado pelas associações**

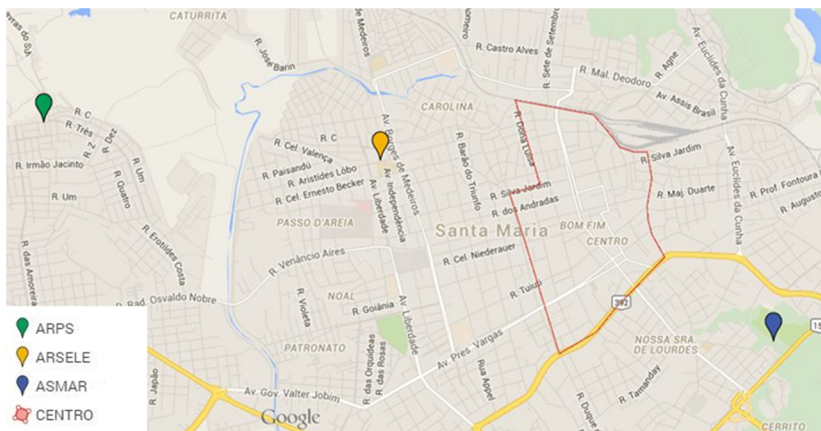
Todas as associações que descrevi acima realizam a coleta, seleção e venda do material reciclável. Algumas delas, como é o caso da Pro-CREP, na palhoça, e da ASMAR, em Santa Maria, têm caminhões próprios para realizar a coleta, roteiros pré-estabelecidos de coleta e parcerias com empresas dos locais onde atuam para obter com prioridade os materiais coletados. Nestes casos, o volume de lixo recolhido é muito maior e apenas dois ou três trabalhadores conseguem dar conta do da atividade de coleta. Já nas associações que usam como meio de transporte as carroças de tração animal ou de tração humana, a quantidade de lixo coletada é menor e todos os associados precisam, em algum momento, ir para a rua fazer a coleta.

O volume de lixo costuma variar também dependendo da época do ano. Geralmente em datas festivas, como natal, primeiro do ano e

carnaval, havia um aumento considerável do volume de lixo em todas as regiões e cidades das associações pesquisadas. Outro fator que costuma influenciar na coleta do lixo é a região em que as associações estão localizadas ou o local de sua rota de coleta. A associação da Pro-CREP, que está localizada em uma região com belíssimas praias (no bairro da Pinheira no município de Palhoça, SC), tem a produção de lixo intensificada durante todos os meses de verão. Já a ARPS, em Santa Maria, que fica em um bairro bem periférico, tem acesso a uma quantidade bem menor de lixo durante todo o ano.



**Figura 7. Localização da Pro-CREP entre as praias da Pinheira e Guarda do Embaú. Fonte: Google, 2015**



**Figura 8. Localização das associações de Santa Maria em relação ao centro da cidade. Fonte: Google, 2015**

O lixo recolhido nas ruas e lixões por trabalhadores com o lixo é selecionado, e dele são retirados todos os objetos que podem ser reciclados, em especial aqueles cujo valor de venda é mais alto. O processo de separação é praticamente o mesmo em todas as associações, com pequenas diferenças desencadeadas pelo tipo de tecnologia que cada uma disponibiliza e do tipo de material que tem maior valor monetário na venda para reciclagem. As associações possuem esteiras<sup>26</sup> ou mesas onde o lixo é espalhado e dele são retirados os materiais reciclados. Os materiais reciclados são depositados em pequenos recipientes (sacos, caixas, tonéis) que, quando cheios, são levados pelos trabalhadores até o local dentro das associações destinado a ser depósito daquele tipo de material. Quando este depósito está cheio o material é posto em uma máquina que faz a compactação e enfardamento do mesmo.

<sup>26</sup> Esteiras são equipamentos muito usados por todo o setor industrial para realizar o transporte de cargas no interior das instalações. Consistem em uma correia resistente sobre cilindros que ao girarem movimentam as correias. O exemplo mais conhecido, talvez seja as esteiras usadas nos caixas de supermercados para fazer a passagem dos produtos comprados pelo cliente. As esteiras usadas dentro das associações de trabalhadores com o lixo em que fiz a pesquisa tinham em torno de 5 metros cada uma.



**Figura 9. Esteira de seleção do lixo na Pro-CREP. Foto: Simone Lira da Silva.**



**Figura 10. Seu Luiz trabalhando na prensa da ASMAR. Foto: Renan Nunes Paz.**

É no momento da separação do lixo que os trabalhadores com o lixo geralmente encontram os objetos que despertam sua atenção e desejo. Estes objetos são então separados de todos os demais e postos junto aos objetos pessoais de quem os encontrou. Algumas vezes, os objetos despertam um interesse maior das pessoas que estão fazendo a separação e são passados de mão em mão enquanto se comenta sobre sua possível origem, valor, beleza, etc. É precisamente esta prática que analisarei nos próximos capítulos.

### **1.5. Desafios de um fazer etnográfico entre trabalhadores com o lixo**

Nessa parte, pretendo problematizar a interação travada com os membros das associações, levantando algumas problemáticas que permeiam o fazer etnográfico contemporâneo. A antropologia urbana se caracteriza por estudos, nos quais o antropólogo não se desloca para culturas distantes. Ainda assim, ele precisa conquistar seu espaço entre as pessoas com as quais pretende fazer a pesquisa. Compartilhamos da mesma língua, vivemos em um mesmo espaço e conhecemos os mesmos códigos culturais. Portanto, quando chegamos a campo somos, de imediato, inseridos dentro das hierarquias previamente definidas pela cultura de que ambas as partes compartilham.

Através de alguns exemplos de campo, pretendo apresentar como minimizei os efeitos que o *status* de estudante acarretavam em minha pesquisa e como fiz das fotografias e vídeos que produzi uma moeda de troca aceita entre os trabalhadores com o lixo. Também relato algumas dificuldades encontradas para estabelecer uma relação de confiança quando havia diversos agentes no campo com interesses conflituosos entre si. Fornecer estas informações é importante para deixar claro os limites da pesquisa e as influências sobre as quais os dados foram coletados.

#### **1.5.1 Estabelecendo uma relação de reciprocidade**

Minha primeira dificuldade quando iniciei a pesquisa com trabalhadores com o lixo, em 2005, em Santa Maria, foi não cair na armadilha de dar “esmola”. Devidamente orientada por meus professores de que talvez eu fosse assediada em campo para contribuir financeiramente ou ajudar algum de meus informantes e de que fazer isso poderia ser prejudicial à pesquisa, busquei constantemente por formas de contornar as solicitações. Dar esmola acabaria por reforçar a

ideia de hierarquia que separa o mundo acadêmico dos grupos menos favorecidos de nossa sociedade.

De fato, no início, as solicitações de auxílio financeiro aconteciam com frequência. Aprender a contornar tal problema foi um processo com vários estágios. Primeiramente usava-me de negativas simples, com a desculpa de não ter dinheiro comigo, ou de que possuía apenas o suficiente para o ônibus. Em geral, isso era verdade, mas mesmo assim negar a eles causava-me certo constrangimento. Depois, aos poucos, fui construindo um vínculo com os trabalhadores com o lixo, na medida em que eles tomavam conhecimento de minha origem de jovem do interior e de família pobre. Também passei a sentir-me mais à vontade com a negativa ao pedido por dinheiro, quando tomei conhecimento de que nem sempre se tratava de um pedido real de esmola. Em muitos casos, era apenas uma forma de constranger o outro diante do encontro social forçado com a diferença, era uma forma de ridicularizar e de rir dos indivíduos que eles percebiam que sentiam pena deles. Detalharei melhor este comportamento nos capítulos seguintes quando tratar das distinções sociais.

Por fim, a compreensão, mesmo que parcial, de minha condição de antropóloga fez me sentir um pouco mais confortável com o contato com o outro e desconstruir ideias predefinidas e hierarquizantes que eu própria compartilhava nessa relação. Passei a entender que o sentimento de responsabilidade que está por trás do ato de dar esmola, deriva de uma noção fechada sobre o quem é pobre em nossa sociedade, e de um espécie de “obrigação cristã” de quem tem mais para com quem tem menos, inculcada em mim por anos de formação católica. Na realidade, não era mais “rica” que nenhuma daquelas pessoas, e os centavos que os daria não fazia diferença para eles. A descoberta de uma moeda de troca mais igualitária para o tipo de relação que mantive com os trabalhadores com o lixo se deu com a introdução de um trabalho com imagens que passeia a realizar em 2006 na primeira associação em que fiz minha pesquisa, a ASMAR.

Em 2006, fui procurada por um colega do curso de desenho industrial da UFSM, Renan Nunes Paz, que gostaria de realizar seu trabalho de conclusão de curso com “catadores” e pediu para que o levasse a campo comigo. Um tanto relutante com o tipo de uso que ele poderia fazer das imagens, o convenci a me acompanhar no trabalho de campo por algum tempo e só depois solicitar aos trabalhadores para filmá-los. Isso foi feito e, à medida que Renan se empolgava com o

trabalho de campo e a abertura que isso lhe dava, resolvemos fazer um “documentário Etnográfico”.

Sem entrar no mérito do quanto etnográfico o documentário “das quinzenas às coisinhas” que produzimos, conseguiu ser, interessa para esta discussão saber que todas as fotos e vídeos produzidos foram mostrados e discutidos com todos os integrantes da ASMAR. Ao final, quando finalmente conseguimos editá-lo, o vídeo passou a ser usado pela associação como um recurso de apresentação nas palestras que os associados faziam em escolas e encontros de catadores. Além disso, o vídeo passou a ser divulgado pela Cooperativa dos Estudantes de Santa Maria (CESMA) após ganharmos o Troféu Cineclube Lanterninha Aurélio no Festival Santa Maria Vídeo e Cinema<sup>27</sup>.

A amplitude da divulgação do documentário garantiu meu espaço para pesquisa dentro da ASMAR e facilitou enormemente meu contato com as outras associações quando comecei a fazer a pesquisa para o mestrado. No mestrado, ampliei minha pesquisa para outras associações de Santa Maria e fui recebida por dona Teresinha, presidente da ARSELE, como a “menina do vídeo da ASMAR”. Desde minha primeira visita a essa associação, ficou claro que teria de produzir algo similar ao que foi feito por mim e Renan na ASMAR e que pudesse ser usado pelos associados da ARSELE como recurso de apresentação visual de seu trabalho.

Nesse período, não dispunha mais da parceria com o Renan e descobri que fazer uso de recursos de captação de imagem não era uma tarefa muito simples, assim como também não era realizar a edição dessas imagens. Apesar disso, consegui produzir pequenos vídeos com trechos das entrevistas que realizei dentro da ARSELE e também da outra associação que pesquisei em Santa Maria, a ARPS, e os usei como moeda de troca em ambas. Entendo que esta moeda de troca, juntamente com minha iniciativa de aprender o trabalho de selecionar o lixo, trabalhando junto com eles, contribuiu para desconstruir as hierarquias que estavam postas previamente para esta relação entre estudantes e “catadores de lixo”.

---

<sup>27</sup> O Troféu Cineclube Lanterninha Aurélio no Festival Santa Maria Vídeo e Cinema. Este festival de filmes acontece desde 2002 em Santa Maria, RS e é promovido entidade civil de mesmo nome, sem fins lucrativos.



### **1.5.2 O pesquisador em meio aos interesses conflitantes dos agentes em campo**

Na Pro-CREP, as imagens que produzi das outras associações em Santa Maria foram disponibilizadas à diretoria e aos trabalhadores com o lixo antes de minha primeira visita. Dagoberto, colega de doutorado e amigo, encarregou-se de falar sobre meu trabalho com os membros dessa associação. Ele é morador da Pinheira e, há alguns anos, vinha acompanhando o trabalho da associação. Dagoberto também me acompanhou na primeira visita a associação, apresentando-me às mulheres que trabalhavam na mesa de triagem do lixo e as que trabalhavam no brechó.

A presidente dessa associação na ocasião mencionou que seria importante se eu pudesse fazer um desses vídeos para a Pro-CREP, no entanto, as trabalhadoras não me pareceram muito empolgadas com a ideia. De início, portanto, tive de refazer todo o trabalho de conquistar a confiança das pessoas insistindo em me fazer presente no galpão e em trabalhar junto com eles no que quer que estivessem fazendo. Logo percebi que esta tarefa enfrentaria alguns problemas. Havia dois grupos com interesses distintos fazendo parte da mesma associação e precisei encontrar formas para negociar com os interesses conflitantes de ambos.

Um dos grupos era formado pelos fundadores e dirigentes e o outro pelos trabalhadores que realizavam o trabalho de coleta nas ruas e faziam a separação dentro do galpão. No primeiro grupo estavam as pessoas com alta escolaridade e articulação política. Eram eles os responsáveis por conseguir todo tipo de melhoria e investimento público no galpão. Já no outro grupo estavam pessoas com baixa escolaridade, mais de 40 anos e, em sua maioria, mulheres. Eram essas pessoas que trabalhavam na coleta e seleção do lixo.

Como mencionei anteriormente, essa associação se originou de um projeto ambiental e educacional de uma professora local, que só posteriormente inseriu trabalhadores com o lixo em seus objetivos. Numa tentativa de ampliar o projeto para além da reciclagem e seus benefícios óbvios ao meio ambiente, o projeto passou a visar também à geração de renda para a população pobre do local. Diante dessa composição da associação Pro-CREP, minha presença em campo precisou ser negociada constantemente.

Como na primeira visita a Pro-CREP passei mais tempo com a presidente, tive dificuldade de me inserir entre os trabalhadores com o lixo. Nas visitas que fiz na sequência, houve uma tendência, por parte

dos trabalhadores e também de outras pessoas da localidade da Pinheira que realizavam algum trabalho voluntário no local, de me afastarem do trabalho com o lixo, solicitando que acompanhasse outras atividades. Entre estas atividades, estava a venda e recebimento de roupas no brechó e a fabricação de sabão com os resíduos que sobram da fabricação de óleo diesel.

Nos primeiros meses, fiquei bastante preocupada com a pesquisa, pois apesar de já estar trabalhando com este tipo de pesquisa há muito tempo, estava demorando para chegar aos trabalhadores com o lixo. Sempre que possível, falava de meu interesse pelas pessoas que selecionavam o lixo e de como reaproveitavam determinados objetos no uso diário da associação ou para outros fins em suas próprias casas. Tudo parecia soar estranho às pessoas moradoras da pinheira que esporadicamente participavam de alguma atividade da associação. Elas tinham a preocupação em distanciarem-se dos trabalhadores e me alertavam para o fato de que eles (os trabalhadores) eram pessoas difíceis de se “lidar” e com grande dificuldade para trabalhar em grupo. Argumentavam que os trabalhadores precisavam ser ajudados e incentivados para que o trabalho desse certo, e a presença de estudantes dentro da associação era importante nesse sentido.

Em todo o caso, as primeiras visitas permitiram conhecer o funcionamento da associação como um todo, os conflitos e os diferentes grupos de pessoas envolvidos. Além disso, passei a tomar conhecimento da organização do local e assim evitar os dias em que a associação tinha reunião ou atividades que envolviam outras pessoas além dos trabalhadores com o lixo. A partir de então, passei a chegar ao local e ir direto para a mesa onde as associadas separavam o lixo ou ficava conversando com algum outro trabalhador. Depois de alguns dias trabalhando na mesa com as associadas, elas já me chamavam pelo nome, falavam de suas famílias e conversavam em minha presença, sem “cochichos”, sobre as discussões e conflitos que tinham dentro da associação.

Outra situação que algumas vezes interferiu na pesquisa, dificultando meu acesso a todos os envolvidos, foi a entrada na associação de um grupo de homens que estavam tentando parar de usar drogas. A entrada dessas pessoas, no início de 2013, como já mencionei acima, foi acertada pela diretoria. No entanto, os demais associados não gostaram da ideia de conviver e trabalhar com “usuários de drogas”. Em uma das ocasiões, enquanto separava o lixo na mesa junto com uma das associadas, um dos rapazes se aproximou, cumprimentou-me e perguntou se eu era nova ali. Respondi que era da universidade e estava

ali realizando uma pesquisa. Ele então me disse que estava ali para se livrar das drogas. Depois de ter ficado mais um tempo conversando com ele, a senhora que estava trabalhando ao meu lado falou, sem voz, mas mexendo os lábios de forma que eu pudesse entender: “cu-i-da-do”.

Nas raras oportunidades que tive de conversar com estes homens, eu me sentia vigiada e incômoda com os comentários das associadas. Eles pareciam não ouvir ou tentavam não se importar e até mesmo naturalizar o comportamento delas. Um deles chegou a me dizer que entendia o comportamento dos outros associados, pois era uma luta constante e até mesmo ele não tinha certeza se ia conseguir parar de usar drogas. Depois de algum tempo, a diretoria da associação criou um sistema de apadrinhamento, em que cada associado era responsável por um dos homens em reabilitação. Isso pareceu amenizar os conflitos, mas não durou muito. Ao fim de alguns meses, nenhum dos homens desse grupo estava trabalhando mais na associação. Eu então voltei, novamente, a fazer pesquisa apenas com mulheres.

Todas estas circunstâncias, o tipo de reciprocidade, a experiência de trabalho junto ao grupo e como negocieei com seus conflitos internos influenciaram no tipo de dado que consegui durante a pesquisa. A importância de mencionar tais acontecimentos é em parte devido ao fato de que os mesmos reforçam a explicação de porque trabalhar apenas com mulheres, bem como porque acabei realizando pesquisa apenas em associações. Tal direcionamento estava diretamente ligado ao tipo de interação que foi possível estabelecer com o grupo pesquisa diante das circunstâncias que se apresentavam em campo. Mais que escolhas, trata-se das possibilidades efetivas abertas pelas pessoas com as quais fiz pesquisas. Reafirmando que a etnografia se faz com os grupos pesquisados, a partir do que eles nos permitem conhecer e das redes de informações que criamos no convívio com eles (ZANINI, 2006, p. 27).

### **1.5.3. Os limites da escrita etnográfica**

Outra questão importante de ser mencionada são os caminhos encontrados no processo de escrita. Até mesmo Malinowski, conhecido pela ênfase nas técnicas a serem empregadas no estudo etnográfico, já fazia referência ao processo da escrita. Ele dizia que era imensa a distância entre os dados brutos coletados pelo etnógrafo e as afirmações dos nativos, e esta distância tinha de ser vencida durante os anos de laboriosa pesquisa que transcorriam desde a entrada na tribo até a fase

final, quando redigia a versão definitiva dos resultados obtidos (MALINOWSKI, 1976, p. 23).

Assim, mais do que as diversas técnicas empregadas na pesquisa, tais como participação observante, diário de campo, entrevistas gravadas, questionários etc., a etnografia se define pelo tipo de esforço intelectual, emocional, político e ético que temos que fazer na tentativa de uma “descrição densa”. A descrição densa pressupõe que há, de fato, uma decodificação a fazer a partir do que o autor da ação tem intenção de fazer ao agir (GEERTZ, 1989, p. 15-16). Trata-se, portanto, de entender cada ação dentro do contexto em que ocorre e de conseguir grafar essa ação no ato do texto do documento etnográfico.

À medida que o texto se desenvolvia, fui me dando conta dos limites da narrativa etnográfica e do exercício teórico. No intento de defender a tese de que as formas de apropriação do lixo entre trabalhadores com o lixo são em alguma medida parte das estruturas de consumo, temo ter me distanciado, em alguns momentos, da realidade e do cotidiano das pessoas com as quais fiz a pesquisa. Não raro o texto dos próximos capítulos irá se perder em divagações conceituais em busca de aperfeiçoar conceitos usados pela antropologia do consumo. Esse texto é antes de tudo uma busca por conexões possíveis entre fragmentos empíricos e teóricos. Embora teoria e empiria não devam ser tratadas como opostos, é necessário um enorme esforço para torná-las parte de um mesmo fazer: a etnografia.

A crítica pós-moderna de Clifford (2011) ao texto etnográfico recai justamente em um tipo de “autoridade etnográfica” fundamentada em um ponto de vista que não reconhece a distância entre o mundo pesquisado e o texto. A ideia interpretacionista de que é possível ver a cultura como um conjunto de textos é questionada por esse autor, que considera que não há como trazer um discurso para ser interpretado tal qual um texto é lido. “A interpretação não é uma interlocução. Ela não depende de estar na presença de alguém que fala” (CLIFFORD, 2011, p.39-40). O grande problema reside no fato de que o etnógrafo vai embora levando o que parece, de fato, serem “textos” para posterior interpretação. A elaboração da etnografia é feita em outro lugar, distante do ambiente pesquisado, elaborada pelo trabalho solitário do antropólogo. Por isso alguns autores, como Cardoso de Oliveira (2006), recentemente, têm enfatizado o ato de escrever como parte importante da produção etnográfica.

Com esta reflexão sumária sobre a escrita etnográfica, pretendo enfatizar e reconhecer que esta etnografia é o resultado de uma bricolagem empírica e teórica. Como *bricoleur*, lancei mão de todos os

recursos acumulados ao longo dos anos acadêmicos em coleções de teorias e dados etnográficos. Nesse sentido, reconheço as limitações da abordagem teórica que desenvolvo para pensar as práticas de apropriação de objetos encontrados no lixo por trabalhadores com o lixo. O esforço teórico contido nessa tese deve ser entendido, acima de tudo, como um exercício de saber e imaginação antropológica na busca da compreensão das práticas de apropriação dos objetos realizada por trabalhadores com o lixo. A lá Roy Wagner (2010) pode-se dizer que é parte do processo inventivo da cultura antropológica na construção de sua compreensão sobre a cultura do outro.



## CAPÍTULO 2

### A APROPRIAÇÃO DE OBJETOS ENCONTRADOS NO LIXO

Como já mencionei, as práticas de apropriação de objetos encontrados no lixo foram as primeiras constatações que fiz quando iniciei a pesquisa com trabalhadores com o lixo em Santa Maria. Os objetos retirados do lixo sempre me intrigaram muito. No início eu tinha certo desconforto diante dessa prática, talvez porque a associasse à pobreza extrema, ou talvez porque não conseguisse me distanciar de preocupações com a contaminação. Era difícil encarar com normalidade o fato de que objetos encontrados no lixo pudessem se tornar artesanato, coleções, ou voltar a fazer parte do que as pessoas usavam para se vestir e para realizar suas atividades diárias. Em algumas ocasiões, vi meu desconforto crescer quando os trabalhadores me inseriam nessa relação com os objetos encontrados no lixo, separando alguns deles (canetas, porta CDs, suporte para mouse) para mim. Mesmo depois de não ter mais nenhum problema em fazer a triagem do lixo, ainda me sentia desconfortável em levar para casa estes objetos encontrados no lixo e associados a minha pessoa. Talvez por isso eu tenha levado tantos anos para finalmente tornar a relação dos trabalhadores com o lixo e os objetos o centro da análise em minha pesquisa.

Neste capítulo, apresento e problematizo as diversas práticas de apropriação de objetos encontrados no lixo. Quando falo em práticas de apropriação feitas por trabalhadores com o lixo, refiro-me, de forma ampla, a todo o ato de retirar do lixo e do circuito de reciclagem industrial determinados objetos e direcioná-los para outras categorias de classificação, como a de “reaproveitamento”, de “reciclado”, de “coisinhas”. Aos objetos enquadrados dentro dessas categorias, os trabalhadores com o lixo davam uma série de destinos, entre eles o mercado de usados, os artesanatos e as coleções. No decorrer desse capítulo, aprofundo o conceito de apropriação para que ele sirva para pensar além da ideia de propriedade, também a agência e as potencialidades de compreensão do mundo possíveis diante das novas classificações feitas pelos trabalhadores com o lixo.

Mostro também como os significados atribuídos ao lixo são alterados diante das novas relações estabelecidas com eles. Assim como apresento todo o esforço de reelaboração das noções de puro e impuro empregado pelos trabalhadores com o lixo como parte do processo de apropriação. Por fim, discuto a dicotomia entre cultura material e relações sociais, propondo, à Tim Ingold (2003), pensar o humano

dentro do mundo e não fora dele. Os exemplos que trago dos trabalhadores com o lixo e dos objetos apropriados por ele visam enfatizar que objetos e pessoas fazem parte de um mesmo mundo. Nesse mundo, pessoas e objetos se entrelaçam e a estética das composições feitas com objetos retirados do lixo reúne tanto o útil ao belo.

## **2.1. As diversas formas de reuso dentro das associações**

Grande variedade de objetos vinha no lixo que chegava até as associações: celulares, eletrodomésticos, móveis, ferramentas, roupas, calçados, brinquedos, dinheiro, quadros, livros e todo o tipo de imagens esculpidas em gesso. Esses tipos de objetos só eram encaminhados à reciclagem se não houvesse possibilidade de reuso por parte dos associados. Os principais destinos dados aos objetos retirados do circuito de reciclagem pelos trabalhadores com o lixo era a revenda no mercado de usados, a confecção de artesanatos e a incorporação desses objetos em coleções individuais ou coleções das associações em que trabalhavam.

### **2.1.1. O mercado de usados**

Duas das associações em que realizei pesquisa, A ASMAR, em Santa Maria, e a Pro-CREP, em Palhoça, faziam a venda de objetos usados encontrados no lixo. Na ASMAR, o que mais se aproximava desse tipo de comércio era a venda de eletrodomésticos reformados pela Margarete. Tanto na ASMAR quanto na Pro-CREP tentou-se criar um sistema em que estes eletrodomésticos fossem vendidos inclusive para o próprio associado.

Na ASMAR os trabalhadores faziam recuperação e conserto de eletrodomésticos para serem vendidos a terceiros. Além de eletrodomésticos, livros e móveis também eram vendidos dessa forma. As pessoas que faziam parte da associação tinham preferência na compra dos objetos, só depois eles eram oferecidos fora da associação, geralmente para parentes e amigos, já que a associação não mantinha nada símile a uma loja.

Em uma das vezes que estava no local, os trabalhadores chegaram com um sofá no caminhão. O móvel foi entregue pelos proprietários de uma das casas em que os trabalhadores pegavam material naquele dia. Seu Zé, que trabalhava como motorista do caminhão da ASMAR, concluiu dizendo que isso (colocar o sofá fora) era “coisa de rico”. Todos admiraram o móvel, afinal estava “novo”,



apenas “um pouco sujo”. Alguns dos associados disseram que tinham interesse em ficar com o sofá, mas que não tinham dinheiro para comprá-lo. Por fim, Seu Zé acabou comprando o móvel.

Na ASMAR, os objetos pequenos encontrados nas mesas geralmente ficavam com quem os encontrava, mas quando se tratavam de objetos maiores e de maior valor ou de dinheiro, os associados haviam estipulado que os mesmos pertenceriam à associação. Foi dessa forma que a associação conseguiu os rádios, que ficavam ligados quase o tempo inteiro, e o televisor que assistiam durante o almoço. Se um dos associados os quisesse, teria de comprá-los. Esta regra, embora eventualmente fosse questionada por alguns dos associados, por considerarem que a associação não deveria cobrar de quem trabalhava ali, era aceita pela maioria que a considerava necessária para evitar disputas e o favorecimento de um membro em detrimento de outro. Além disso, no caso de haver mais de um associado interessado, dar-se-ia preferência pelo que estava há mais tempo sem comprar objetos nessas condições.

Apropriar-se dos objetos para revendê-los só era possível, na maioria dos casos, porque uma das associadas da ASMAR sabia fazer a conserto de quase todos os tipos de eletrônicos. Margarete, fundadora e, na época da pesquisa, presidente da ASMAR, fazia o conserto de micro-ondas, rádios, televisores e até pequenos motores. Ela também sabia fazer o desmanche desses materiais de maneira a separar metais de maior valor no mercado da reciclagem. Todos os objetos que podiam conter algum tipo de metal eram postos em um canto da associação para que ela os separasse. Antes de desmontar, Margarete verificava se havia possibilidade de conserto para os eletrônicos.

Na Pro-CREP também se realizava a venda de eletrônicos. Essa associação possuía um galpão bastante amplo que abrigava diferentes projetos relacionados ao reaproveitamento do lixo. Logo na entrada estavam os objetos eletrônicos encontrados no lixo, que ainda funcionavam e seriam vendidos como eletrodomésticos usados. Também na entrada estava o depósito de fardos de material já selecionado e um espaço com geladeira e mesa para que os associados pudessem fazer pequenas refeições. No canto à direita à entrada estavam localizados os banheiros e a porta de acesso ao Brechó. No centro do galpão ficava a esteira onde era feita a triagem do lixo. Ao redor dela, estavam os sacos, caixas ou bombonas usadas para separar os objetos e, ao longo de uma das paredes, compartimentos maiores para estocar os materiais selecionados até atingirem quantidade suficiente para se fazer

um fardo. Nos fundos existia outra porta grande, que dava acesso ao local de depósito de lixo trazido das ruas pelo caminhão. Nessa parte também ficava a porta de acesso à construção paralela que abrigava o projeto do biodiesel da UNISUL.

Havia na Pro-CREP, portanto, três espaços distintos que davam ao lixo um destino diferente da reciclagem industrial: a prateleira de eletrodomésticos, o brechó, e o projeto biodiesel, destinado à fabricação de óleo e sabão a partir de óleo de cozinha usado. Na parte de eletrodomésticos, a associação não tinha alguém que fizesse grandes reparos nos objetos encontrados. Mesmo sem funcionar, alguns deles eram separados e deixados próximos à porta de entrada, para o caso de alguém querer comprar.

Muitas pessoas iam até as associações atrás de material que pudessem usar em suas construções: grades de janelas e cercados, pedaços de metal, rodas, motores, recipientes de plástico ou papelão. Dona Hélio, presidente da associação, certa vez levou para casa rodas de triciclo infantil que seu filho usou para construir uma prótese para o cachorrinho de estimação da família que havia perdido o movimento das pernas de trás.

O brechó da Pro-CREP vendia roupas, mosaicos, calçados, vasos, bijuterias e artefatos decorativos ou religiosos, como estatuas e quadros. Com exceção das roupas e dos calçados, que eram doados por pessoas da vizinhança ou trocados por outros produtos, os demais objetos haviam sido encontrados no lixo. Alguns passavam por pequenos reparos ou pinturas, outros só precisavam de uma boa limpeza. Era Maria quem fazia esse tipo de trabalho.



**Figura 11. Roupas do Brechó da Pro-CREP. Fotos de Simone Lira da Silva.**



**Figura 12. Objetos encontrados no lixo e que estavam à venda no brechó da Pro-CREP. Fotos de Simone Lira da Silva.**

O pequeno espaço do brechó tinha, nos fundos, prateleiras com pilhas de roupas, no centro alguns cabides também com roupas,

mosaicos encostados pelos cantos, um balcão e algumas prateleiras de onde transbordavam calçados, além de fantasias de carnaval penduradas no teto. Todas as paredes estavam ocupadas com mosaicos ou com prateleiras, nas quais eram guardados tanto o material que seria usado para fazer os mosaicos como os objetos para venda. Praticamente, não havia espaço para se locomover por meio de todos os itens estavam à venda, sobrepostos uns sobre os outros.

As pessoas que frequentavam o brechó viviam, em sua maioria, na vizinhança da associação. Todas as pessoas que vi realizarem compras no local eram mulheres e algumas não só compravam como também traziam roupas e calçados para trocar ou doar ao brechó. Alguns clientes tinham crédito aberto no brechó, que funcionava de maneira bastante informal, com o nome anotado em um caderno e os valores devidos escritos ao lado, sendo simplesmente riscados após o pagamento. A mútua confiança necessária para este tipo de transação criava e mantinha as relações do brechó com seus frequentadores.

A venda de lixo no mercado de usados era também uma prática do mercado de pulgas de Roma que mencionei no capítulo anterior. Este mercado é dominado, em grande parte, pelo povo *Rom*, e o conhecimento de fundir metais ou de consertar determinados objetos e os transformar em novos produtos é passado de pai para filho. De acordo com pesquisa Realizada pelo Centro de Pesquisa *Occhio del Riciclone* (2008) Roma hospedava pelo menos 2.300 microempresas especializadas no aproveitamento de lixo e de lixo em potencial e cerca de 4.000 pessoas estavam envolvidas nesse tipo de trabalho.

Estas pessoas podiam ser divididas em três categorias principais de acordo com os diferentes bens manuseados: os trabalhadores que recolhem e vendem todo o tipo de bens a baixo valor; os trabalhadores que comercializam mercadorias específicas e baratas, e os trabalhadores que se especializam em artigos específicos de alto custo. Os primeiros são os que têm mais contato com o lixo e são a fonte de bens para as outras duas categorias. Os *Rom* encontram-se nesse primeiro grupo e eles recuperam os bens que revendem através de buscas em contêineres de lixo (OCCHIO DEL RICICLONE, 2010).

Os mercados de usados *Rom*, em Roma, passaram por altos e baixos desde sua primeira regulamentação em 1990. Os primeiros mercados desse tipo foram abertos em Spinaceto, na Casilino 700 e na Piazza San Felice da Cantalice. Eles não eram dedicados apenas aos *Rom*, mas também a trabalhadores italianos e de outras nacionalidades. Ele durou apenas 3 anos e precisou ser fechado devido ao grande

número de expositores que permanecia no local, inclusive nos dias não autorizados (OCCHIO DEL RICICLONE, 2010).

Estas formas de reaproveitamento através da venda dos objetos e do incentivo ao reuso está diretamente ligado aos diversos movimentos em defesa do meio ambiente. Nos discursos políticos ambientais existe uma linha de defesa do reuso, trata-se da chamada política dos três “r”: reduzir, reciclar e reusar. Esta preocupação ambiental, no entanto, não parecia ser o motivo que induzia os trabalhadores à prática de destinar os objetos para o reuso, embora tal discurso pudesse, em raras ocasiões, ser adotado pelos mesmos para promover suas vendas. Mesmo quando os trabalhadores com o lixo não usavam essa justificativa para agregar valor aos objetos destinados ao reuso, ainda assim a questão ambiental era algo muito presente para quem comprava. Em especial nas oficinas de artesanato, como mostrarei a seguir, a valorização dos objetos produzidos pelos trabalhadores com o lixo só era possível por conta dos valores agregado pelo discurso ambiental e pela exclusividade dos produtos artesanais.

### **2.1.2. Os artesanatos**

Os objetos encontrados no lixo podem ser retirados do circuito da reciclagem e encaminhados a outros setores das associações para serem usados em todo tipo de artesanato: mosaicos, sacolas, roupas, joias, etc. A Pro-CREP e a ARSELE possuíam oficinas de artesanato. Em uma das visitas que fiz a Pro-CREP, Maria, senhora responsável pela oficina, colava folhas de revistas em uma bombona. Além da colagem decorativa que ela fez com pedaços de madeira, também improvisou um puxador de madeira para a tampa. Estes recipientes seriam distribuídos nas escolas e nos comércios locais para o depósito de óleo de cozinha. Este era usado na produção de biodiesel e os resíduos dessa produção eram transformados em sabão.

O material para a fabricação dos mosaicos, com exceção da cola e do cimento, era encontrado no lixo. Todo tipo de objeto poderia se tornar um suporte para um novo mosaico: raquetes, cabeceiras de camas, pedaços de tábuas, circunferências de pontas de carretéis usados anteriormente para enrolar cordas e potes ou panelas de barro. As pessoas que trabalhavam na esteira sabiam que deviam separar estas coisas para dar a Maria, coordenadora e professora na oficina de mosaicos. Maria, no entanto, tinha especial sensibilidade para escolher

estes materiais e principalmente para ver potencial em objetos com os quais ninguém tinha pensado em fazer mosaicos.



**Figura 13. Bombonas feitas na Pro-CREP e encapadas com folhas de revista para pôr nos postos de recolhimento de óleo de cozinha. Fotos de Simone Lira da Silva.**



**Figura 14. Mosaicos da oficina da Pro-CREP. Fotos de Simone Lira da Silva.**

Seguidamente Maria caminhava pela associação em busca de coisas que pudesse usar em seus artesanatos. Depois de escolher o suporte, ela levava para a sala do brechó e, sobre uma mesa, começava a quebrar em pequenos pedaços os ladrilhos coloridos com um alicate. Quando planejava fazer um mosaico maior e com mais detalhes, como flores ou ramos, desenhava isso antes em um papel e colava os ladrilhos sobre o desenho. Feito isso, fixava o papel no suporte e rejuntava com cimento. Alguns dos mosaicos não eram meramente decorativos, eles podiam ser espelhos, cabideiros feitos com suportes de carimbos fixados, porta-chaves com pequenos ganchos de metal fixados sobre o mosaico, e ainda vasos de flores ou em bacias decorados com o trabalho de mosaico. Quando falava com um potencial comprador, Maria ressaltava estas funções que estavam além da beleza notada pelo mesmo no objeto.

Uma vez por semana ou a cada quinze dias, Maria dava aulas para quem quisesse aprender a fazer os mosaicos. As aulas consistiam em ajudar os principiantes a escolher o material que usariam e eventualmente sugerir algumas cores de ladrilhos ou mesmo a disposição desses. Os mosaicos eram vendidos no Brechó e uma pequena porcentagem do dinheiro ficava com a associação, o restante era de quem tinha feito o mosaico. Não presenciei nenhuma das trabalhadoras com o lixo fazendo estas aulas. Mas algumas delas diziam ter mosaicos em suas casas.

Na ARSELE, em Santa Maria, também havia uma oficina de artesanato. Assim como na Pro-CREP, as pessoas que trabalhavam na oficina não participavam diretamente da seleção do lixo, embora dividissem o mesmo espaço com os trabalhadores com o lixo e, eventualmente, percorressem as pilhas de lixo em busca de algo que lhes pudesse ser útil. Dona Teresinha, a presidente da associação, dizia que era um grupo a mais que era favorecido pela associação. O local também era, muitas vezes, procurado por quem tinha intenção de montar algum tipo de trabalho. Este foi o caso de Márcia e Marizete, duas senhoras que estabeleceram seu negócio de costura e artesanato nas dependências da ARSELE. Antes disso, elas trabalhavam na garagem da casa de uma delas, mas o local era pequeno. Foram para a associação após conhecerem o senhor que trabalhava na oficina de artesanato da ARSELE, o Tito, em uma das feiras que todos eles participaram. Ele as convidou para trabalhar no galpão.

Marcia e Marizete faziam camisetas para uniformes sob encomenda e pequenos serviços de costura. Além da costura, elas

tinham conhecimento e habilidades para fazer diversos tipos de artesanatos, como crochê, tricô, biscuit, bordados e tear. Trabalhavam em um espaço separado por uma parede de madeira dentro do galpão da ARSELE, onde instalaram suas máquinas de costuras e colocaram seus produtos à mostra.

Ao lado da porta de entrada da oficina, havia um balcão de vidro onde eram expostas as pulseiras feitas de restos de bijuterias encontrados no lixo. Atrás desse balcão estava um tear e uma mesa com um suporte no qual elas faziam as cestas e bolsas de jornal e também onde o Tito fazia seus artesanatos em madeira. Na metade da parede em frente à porta havia uma grande prateleira com as pequenas casinhas, suportes para chimarrão e caixas porta-objeto feitos por Tito. Na outra metade estavam bolsas femininas feitas de pano, crochê ou materiais retirados do lixo. No lado direito ficavam as máquinas de costura e os cabides de roupas.



**Figuras 15 e 16. Artesanatos da oficina da ARSELE m Santa Maria. Foto de Simone Lira da Silva.**



As duas senhoras responsáveis pelo setor de artesanato da ARSELE, sempre que possível, montavam stands com seus artesanatos na Praça Saldanha Marinho e também participavam das duas principais feiras de cooperativismo que ocorrem todo ano em Santa Maria, RS: a Feira Internacional do Cooperativismo (FEICOOP) e a Feira Americana de Economia Solidária (EcoSol)<sup>28</sup>. Estas feiras em particular são promovidas pelo Projeto Esperança e Coesperança, que incentiva empreendimentos solidários e voltados ao trabalho familiar, artesanal e ecologicamente correto. O valor atribuído aos produtos vendidos nesses locais, portanto, está intrinsecamente ligado a categorias criadas por tais valores.

As teorias de valor dos objetos, amplamente usadas na economia, geralmente buscam explicar a variação do preço dos objetos com pouco ou nenhum interesse pelas relações sociais proporcionadas por eles ou que tornam sua circulação possível. Segundo Singer (2012, p 23), existem basicamente dois tipos de teoria do valor predominantes para explicar as sociedades com economia de mercado: a teoria do valor-trabalho e a teoria do valor-utilidade (idem, p. 28). No entanto, para pensarmos o valor obtido por meio da exaltação de características específicas de um artesanato produzido com materiais encontrados no lixo, devemos estar atentos para as relações em meio as quais tais categorias se constroem.

Para o sociólogo George Simmel (2004, p 59), o valor dos objetos é subjetivo e adquirido por meio da troca. O valor tem por base um julgamento realizado pelos sujeitos que o trocam. A principal característica do valor é exatamente sua subjetividade, já que um mesmo objeto pode ter um alto grau de valor para um indivíduo e um valor muito menor para outro. Appadurai (2008, p. 78), por sua vez, parte da visão de Simmel, de que a troca é a responsável por conferir valor e

---

<sup>28</sup> Pesquisa com os feirantes desses dois eventos tem sido realizada pelo Núcleo de Estudo Contemporâneo, vinculado ao curso de Ciências Sociais e ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da UFSM. O livro *Mercados, Campesinato e Cidades: abordagens possíveis*, Organizado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Catarina Chitolina Zanini, fornece detalhes do trabalho e da visão de mundo promovida por estas feiras. Para isso, ver o artigo *Algumas considerações sobre a família camponesa: desafios e estratégias na reprodução social do campesinato no Feirão Colonial de Santa Maria/RS* de Silvana Silva de Oliveira e Maria Catarina Chitolina Zanini. Disponível em: [http://editoraokos.com.br/files/Mercados\\_campesinatos\\_cidades.pdf](http://editoraokos.com.br/files/Mercados_campesinatos_cidades.pdf). Acesso em: 29, maio de 2015.

acrescenta que é a política (relações, suposições e disputas relativas ao poder) a responsável por criar o vínculo entre a troca e o valor. O político, nesse processo, não se refere somente ao fato de representar e constituir relações de privilégio e controle social, refere-se também à tensão constante entre preço, barganha e à tendência das mercadorias de romperem com tais quadros.

Os artesanatos transformados em mercadorias pelas associações obtinham seu valor de dois campos de disputas políticas: o da exclusividade artística dos objetos que produziam e o da moralidade ambiental. No primeiro campo de disputa, o valor surge da originalidade do fazer artesão, em contraposição ao sistema de produção industrial. Ainda neste capítulo falarei mais sobre esse valor artístico. Já sobre o campo de disputas que chamei de moralidade ambiental, refiro-me a todas as ideias e discursos políticos em prol do meio ambiente e em busca de modos mais sustentáveis de gestão de resíduos que descrevi no primeiro capítulo como um dos principais propulsores da viabilidade do mercado de reciclagem na atualidade.

Portanto, para entender o valor desses objetos, é fundamental ultrapassar as questões da subsistência ou da utilidade e dar maior ênfase para como as formas de aquisição de determinados bens permitem manter as relações sociais. Nesse sentido, as perspectivas clássicas da antropologia sobre a circulação dos objetos, presentes na antropologia desde Mauss e Malinowski, são úteis para pensar as práticas de venda de artesanato e produtos usados. Para Mauss (2003), o fluxo da vida social seria impossível sem os objetos, já que são eles que conduzem as relações entre as pessoas e a circulação de valores. A troca de objetos é um momento de estabelecimento do contrato social.

A prática de vender ou comprar artesanatos feitos com objetos encontrados no lixo está muito mais relacionada à criação e manutenção de um determinado tipo de relação social que identifica cada um dos envolvidos com um determinado grupo, que propriamente com regras econômicas da oferta e procura. Quem compra e quem vende não o fazem por necessidade, ou pela utilidade simplesmente, eles comungam do ideário social que os faz escolher entre este tipo de mercadoria e não outra.

### **2.1.3. As coleções**

Além do reuso e do artesanato, os objetos encontrados no lixo também passavam a compor pequenas coleções. Algumas dessas coleções estavam expostas dentro das associações, outras eram

elaboradas individualmente pelos trabalhadores com o lixo e estavam em suas casas ou faziam parte de seu uso diário. Alguns dos objetos que compunham estas coleções eram escolhidos também para exercerem uma função nos locais em que eram realocados, outros possuíam uma simbologia religiosa ou idenitária e outros eram escolhidos pela sua beleza.

Na ASMAR, as paredes eram repletas de quadros e os móveis totalmente cheios de imagens de santos feitas de gesso, adesivos com todo tipo de dizeres e livros. Na parte maior do galpão, onde os associados realizavam a separação dos materiais recicláveis, havia diversos banners. A maior parte deles estava relacionada à atividade de reciclagem, enfatizavam sua importância ou simplesmente descreviam as formas de realizar a separação dos materiais recicláveis. Também havia cartazes de eventos antigos, nos quais a associação tinha participado ou pelo menos sido convidada a participar e alguns calendários.

Na pequena cozinha em anexo ao galpão da ASMAR, vários quadros estavam expostos na parede. Alguns desses objetos ainda mantinham uma relação de pertencimento com quem os havia encontrado, como o sagrado coração de Jesus de Dona Maria, o Bob Marley da Vera. O Sagrado Coração de Jesus era uma imagem em alto relevo que havia sido encontrada por Dona Maria e estava disposta abaixo do quadro do Snoopy. Snoppy, por sua vez, um personagem de desenho criado em 1947 e que se popularizou, tanto em revistas em quadrinhos quanto em desenhos animados para televisão, sendo ainda hoje muito apreciado. O quadro do Bob Marley, cantor jamaicano de reggae internacionalmente conhecido, foi encontrado pela Vera e exposto na outra parede da cozinha, ao lado de adesivos de “proibido fumar”.

A maioria das imagens era de santos católicos, no entanto, não se tratava de um altar religioso. Em meio a elas, havia multiplicidades de temas e sentidos apresentados pelas diversas imagens que conviviam lado a lado, evidenciando o percurso de catalogação coletiva e ao acaso. Não se procurava pelos objetos, eles simplesmente eram encontrados e só então escolhidos por algum dos trabalhadores para fazer parte do mostruário. Sem um eixo temático ou pretensões, esta coleção refletia de forma singela e espontânea as identidades de cada um de seus curadores.



Figuras 17, 18 e 19. Coleção de imagens e quadros exposta na parede da cozinha da ASMAR. Fotos de Renan Nunes Paz.

Coleções semelhantes também estavam presentes em outras associações. Na ARPS vários banners compunham as paredes do Galpão. Os banners, nesse caso, tinham também uma função de atenuar a quantidade de vento que entrava no galpão, pois o mesmo era feito de madeiras e entre elas havia pequenos espaços por onde o vento passava. Os carrinhos dessas associações também eram ornamentados com objetos encontrados no lixo, geralmente CDs e placas de carros.

No entanto, nem sempre os objetos escolhidos para serem expostos tinham utilidade propriamente dita. Era o caso da bandeira do estado do Rio Grande do Sul que ornamentava a mesa na qual as associadas guardavam os documentos da associação e também os seus pertences pessoais enquanto estavam trabalhando. A bandeira desse estado, assim como seu hino, é um símbolo identitário muito forte para o povo gaúcho<sup>29</sup>. Em uma das entrevistas que realizei com as associadas ao redor da mesa coberta pela bandeira do estado do Rio Grande do Sul, o rádio tocava uma música típica deste estado. Havia, portanto, na seleção desse objeto, um fundo identitário exaltado pelas mulheres que trabalhavam na ARPS.

Em outros casos, as coleções tinham um caráter de decoração. Quando conheci a casa da Joci, uma das trabalhadoras da ASMAR, em Santa Maria, ela me mostrou sua colorida coleção de pequenas xícaras de café. Estas xícaras estavam dispostas em um armário de madeira com portas de vidro. Ao contrário dos diversos itens que ela costumava levar para casa, aquelas xícaras ela não utilizava, eram “só para bonito”, como me explicou após descrever como encontrou algumas e ganhou outras das mulheres da ASMAR, que sabiam que ela gostava de xícaras.

Este também era o caso da pequena coleção de objetos pendurados dentro da cabine do caminhão pelo seu Zé, um senhor de 54 anos que havia trabalhado a vida toda como motorista de ônibus em empresas de transporte urbano da cidade de Santa Maria. Seu Zé foi demitido das empresas em que trabalhava após precisar tirar várias licenças médicas por problemas de saúde. Depois disso, ele não conseguia mais trabalho em lugar nenhum, então ficou sabendo por uma vizinha que também trabalhava na ASMAR, que eles precisavam de um motorista. Ele era casado e pai de três filhos que não moravam mais

---

<sup>29</sup> Sobre a construção da identidade gaúcha e do gauchismo ver Oliven (2006), também tradição, patrimônio e identidade gaúcha ver Maciel (2005) e sobre os Movimentos Tradicionalistas Gaúchos ver Brum (2009).

com ele. Pretendia continuar trabalhando na ASMAR até completar o tempo para se aposentar. Considerava que “era um trabalho como qualquer outro”, mas que “tinha que ser forte, se não for forte a pessoa não resiste aqui”. Para seu Zé, o grande problema de trabalhar na associação era o de o lixo ser muito “sujo”, as pessoas não separavam os materiais e enviavam para a associação tudo misturado com os materiais orgânicos e fezes de animais. Para ele, a única coisa que faltava para melhorar o trabalho na associação era as pessoas se “conscientizarem” e separarem melhor o seu lixo.

Difícilmente seu Zé levava coisas da associação para casa, dizia que sua casa já tinha de tudo, mas gostava muito de pendurar objetos no teto do caminhão, possuía vários bonecos pendurados pelo caminhão. As mulheres que trabalhavam nas mesas de seleção da ASMAR costumavam separar alguns itens que imaginavam que seu Zé pudesse vir a gostar. Além dos bonecos ele também se interessava por tapetes e panos que serviriam de forro para os bancos ou cortinas para as janelas do caminhão



**Figura 20. Coleções de bonecos pendurados por seu Zé na cabine do caminhão da ASMAR. Foto: Renan Nunes Paz**

Alguns trabalhadores criavam uma identidade própria a partir do uso que faziam dos objetos que colecionavam. Era o caso de Dona Maria com sua coleção de chapéus. Ela costumava recolher todos os tipos de toucas, chapéus e bonés que encontrava entre os reciclados. Esta era sua característica mais marcante, sempre estava com chapéus e toucas diferentes, trocando-os inclusive no decorrer de um mesmo dia de trabalho.

A definição acadêmica de coleção mais conhecida é dada por Pomian (1984). Este autor define a coleção como “qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público” (POMIAN, 1984, p. 53). Para Pomian (1984), a característica que uniria os diferentes tipos de coleção é o fato de os objetos pertencentes a elas atuarem como intermediários entre os espectadores e o invisível: “as estátuas representam os deuses e os antepassados; os quadros, as cenas da vida dos imortais ou os acontecimentos históricos; as pedras, a potência e a beleza da natureza, etc” (POMIAN, 1984, p. 65). Também os objetos encontrados em tesouros representam o invisível através do material raro de que são feitos, de suas formas suntuosas que remetem a uma tradição e também do fato de serem obtidos de pessoas famosas, conservando as memórias de um tempo do passado. A antiguidade ou a origem exótica conferem o invisível que este objeto representa (Idem, p. 65).

É difícil incluir as práticas de seleção e acolhimento de objetos que descrevi como coleção dentro dessa definição, já que a mesma parece excluir todas as exposições momentâneas e as acumulações de objetos formadas ao acaso e também as que não estão expostas ao olhar público. Os objetos reunidos pelos trabalhadores com o lixo, embora estivessem em alguma medida expostos ao público, tinham sua exposição bastante limitada. Além disso, estas coleções não estavam totalmente destituídas de suas funções, de seu valor de uso ou mesmo de seu valor de mercado. Todos os objetos por eles colecionados poderiam retornar ao mercado e a seu uso anterior, ou então simplesmente serem descartados como lixo.

Para Padiglione (2010), a tese de Pomian de que a utilidade e o significado são reciprocamente excludentes não é convincente e resulta pouco sustentável para pensar as coleções de museus hoje, pois os objetos tidos como obras de arte ou documentos não estão de todo fora do circuito social e econômico.

Esta oposição utilità-significação (per Pomian riconducibile all'universalità di quella visibile-invisibile) mi sembra poco praticabile oggi, tanto meno da una prospettiva etnografica. Um conto è effermare che il museo, in quanto cornice o *frame*, invita a una lettura straniata o simbolica di oggetti che sono stati decontestualizzati, altro conto è immaginare che questi oggetti solo perché simbolizzati come opere d'arte o *documenti* siano del tutto esterni al circuiti sociali ed economici (PADIGLIONE, 2010, p.32).

Para Gonçalves, (2007), Pomian, ao enfatizar uma função sociológica de mediação entre o visível e o invisível, deixa em segundo plano o conjunto de práticas sociais e culturais por meio das quais as coleções vêm a se constituir e se transformar. O que define uma coleção não é simplesmente seu papel de intermediário entre o visível e o invisível, como escreve Pomian. Uma coleção é mais que isso. Ela pressupõe “situações sociais, relações sociais de produção, circulação e consumo de objetos, assim como diversos sistemas de ideias, de valores e de classificação que as norteiam” (GONÇALVES, 2007, p. 24).

Esta oposição entre utilidade e significado faz menos sentido ainda para as coleções formadas por objetos salvaguardados pelos trabalhadores com o lixo. Em alguns casos, estes objetos até podiam atuar como intermediários entre os espectadores e o invisível. Um exemplo desse tipo de situação poderia ser expresso pelos cadernos de diários da irmã de Gisele Bündchen<sup>30</sup>, que as trabalhadoras da ASMAR, em Santa Maria, guardaram por algum tempo. O que tornava este objeto (visível, palpável) digno de ser guardado tinha mais a ver com a quem pertenceu e à proximidade com a fama (o invisível, inalcançável) que representava do que com qualquer característica inata do objeto, uma caderneta de papel como tantas outras que passavam pelas mãos desses trabalhadores todos os dias.

Nesse caso em específico, os trabalhadores com o lixo são atraídos a este objeto por seu *mana*, pelo prestígio e honra que tal objeto carrega. O diário tinha uma identidade de pertencimento que conferia prestígio a quem o possuísse. Eles querem compartilhar do *mana* e da

---

<sup>30</sup> Gisele Bündchen é uma modelo famosa nacional e internacionalmente e que, na época, possuía alguns familiares residindo em Santa Maria-RS.



honra dos objetos. No potlach, sistema de troca de presentes em várias sociedades descritas por Mauss (2003), os objetos que circulam nesse sistema carregam consigo o elemento da honra e do prestígio. Segundo o autor, de posse delas temos riqueza, prestígio e, com isso, também portamos o espírito que carregam (ibidem, p. 262). Quando Mauss (2003) descreve as trocas realizadas no potlach, busca encontrar a força que movimenta tal sistema. Para ele, essa força decorre de que as coisas dadas estabelecem um vínculo de alma, mais que isso, elas têm alma.

No entanto, na maior parte dos casos, os motivos que induziam os trabalhadores com o lixo a colecionar não se restringiam à possibilidade do objeto atuar como uma ligação entre o visível e o invisível. Para pensar estas práticas de guardar determinados objetos oriundos do lixo como colecionamento, é necessário tentar compreender o que move a circulação desses objetos. É nas formas de fazer cotidianas que tais objetos são escolhidos ou descartados pelos trabalhadores com o lixo.

Para Gonçalves (2007), a inserção de um objeto em coleções, museus e “patrimônios culturais” é apenas um momento da vida desse objeto. É nesse momento que, segundo o autor, podemos “perceber os processos sociais e simbólicos por meio dos quais esses objetos vêm a ser transformados ou transfigurados em ícones legitimadores de ideias, valores e identidades assumidas por diversos grupos e categorias sociais” (Idem., p. 24).

Pode se afirmar que, tanto no processo de venda de usados quanto na produção de artesanatos e na formação de coleções de objetos encontrados no lixo criavam-se identidades e redefiniam-se classificações. Os objetos serviam tanto para inserir os trabalhadores dentro de um grupo como para distingui-los um dos outros. Esta relação com o lixo permitia aos trabalhadores com o lixo reivindicar o pertencimento tanto ao grupo que defende o consumo sustentável, idealizado externamente às associações, quanto à estigmatizante categoria de pobre. Portanto, os objetos e as classificações que os trabalhadores com o lixo criam para eles permitem a produção e a circulação de valores que irão gerir as relações sociais desses indivíduos. Discutirei melhor como este processo de distinção e pertencimento opera no capítulo quatro dessa tese.

## **2.2. Sobre a ambiguidade do lixo**

As práticas de apropriação descritas anteriormente são realizadas pelos trabalhadores com o lixo mediante contínua e exaustiva reflexão

desencadeada pela liminariedade do lixo, o qual ainda é algo sujo e impuro, ao mesmo tempo que está repleto de possibilidade. De um lado, a associação do lixo à noção de sujeira confere a ele a capacidade de contaminação, o que o torna potencialmente perigoso e é o principal motivo de precisar ser descartado e levado para longe das pessoas. De outro, a valorização recente da reciclagem, a inclusão econômica encontrada por alguns setores da sociedade na atividade e o encantamento que alguns objetos provocam em quem os encontra torna o lixo valorizado e atraente.

Assim, o caráter profano e contagioso do lixo obriga as pessoas que trabalham com ele a ressignificarem suas noções de pureza e impureza para poderem se relacionar com os objetos encontrados no lixo. Este caráter profano e contagioso também acaba por ser transposto a quem trabalha com ele. As pessoas que exercem atividades com o lixo, principalmente as que têm um contato físico com ele, carregam consigo o estigma desse contato. Por outro lado, a possibilidade de ressignificação e de valorização do lixo, as vezes, permite a criação de uma espécie de identificação dos objetos encontrados com algum dos trabalhadores ou com seus familiares. Tal identificação era a principal responsável pelas escolhas exercidas pelos mesmos.

### **2.2.1. Lixo: de objeto de repulsa a objeto de desejo**

As novas classificações do lixo são resultado de um longo processo pelo qual o trabalhador com o lixo transforma seu medo, nojo e preconceito em desejo. Eles precisaram empreender um esforço de ressignificação das noções de limpo prescritas por nossa sociedade. Os objetos direcionados para a seleção em associações de reciclagem encontravam-se no estado liminar. Aplicando a teoria de Victor Turner (2013), pode-se dizer que os objetos, que encontravam-se nessa situação, passam por um processo ritual de distanciamento da sua estrutura social, depois do qual podem retornar à sociedade com um novo status. A liminariedade é uma fase intermediária entre o distanciamento e a reaproximação, em que as características do indivíduo que está “transitando” (no caso o lixo) são ambíguas, misturando-se sagrado e profano, por exemplo. Este momento liminar dos objetos provoca nos trabalhadores com o lixo certo conflito e reformulação das noções de limpo e sujo.

O trabalho com o lixo implica necessariamente na reelaboração e negociação dos significados destas noções. A discrepância de sentidos entre as categorias limpo e sujo de nossa sociedade e as que passam a

ser adotadas pelos trabalhadores com o lixo é fruto de um lento processo de transformação dos significados atribuídos ao lixo. O fato de alguns objetos não causarem nos trabalhadores com o lixo o mesmo tipo de medo ou nojo que geralmente desperta nas demais pessoas não significa que eles não compartilhem dessa aversão à impureza. A sujeira continua existindo para eles, mas dentro de outras categorias que foram criadas a partir do momento em que iniciaram a trabalhar com o lixo.

Seu Zé, motorista do caminhão da ASMAR, por exemplo, descrevia o lixo como sendo apenas o que era “nojento”. E os exemplos de nojento eram restos de comida ou fezes de animais. O lixo hospitalar, que descrevi no exemplo acima, era considerado, pela maioria dos associados, como limpo. Vera, uma das associadas da ASMAR, quando a questioneei sobre os possíveis riscos de contaminação, disse que admirava as pessoas do hospital porque, apesar de estarem “lidando com a morte”, ainda encontravam tempo para separar o lixo e não misturar com comida. Depois completou: “a embalagem de remédio, sorinho, não é contaminado, na minha cabeça eu penso isso”.

Categorias que descrevem a sujeira persistem, mas o que se enquadra nessa categoria foi alterado pelo cotidiano de trabalho com o lixo. Mary Douglas (2010, p. 15) diz que “as regras de higiene mudam, naturalmente, com as mudanças no nosso estado de conhecimento”. As pessoas com as quais eu estava realizando pesquisa dentro da associação tinham entrado em contato com outra ordem de conhecimento, que propiciava algumas mudanças nas suas formas de classificar o sujo e o limpo. Dona Maria se dava conta disso quando falava:

Eu sempre fui uma pessoa assim... Realista. Assim de ... que eu entrei aqui, tá, eu me apavorei, não vou dizer que não, porque eu me apavorei. Bá! É lixo né. Mas... eu não sabia nada e aí as gurias, as colegas mais velhas daqui me ensinaram. E eu peguei o jeito direitinho e também fui gostando, sabe. Fui [...] gostando né...e hoje eu posso ensinar para os meus filhos que isso aqui não é lixo, né. (Dona Maria, ASMAR, em entrevista para o vídeo *Das quinzenas às coisinhas*).

Para Douglas (1976), a sujeira é essencialmente a desordem.

Não há sujeira absoluta: ela existe aos olhos de quem vê. Se evitamos a sujeira não é por covardia, medo, nem receio ou terror divino. Tão pouco nossas ideias sobre doença explicam a gama de nosso comportamento no limpar ou evitar a sujeira. A sujeira ofende a ordem. Eliminá-la não é um movimento negativo, mas um esforço positivo para organizar o ambiente. (DOUGLAS, 2010, p. 12)

Tocar no lixo, nos termos de Mary Douglas (2010), como “contravenção da ordem” e o ato de classificar alguns dos objetos do lixo na categoria de recicláveis podem ser entendidos como um processo de purificação. O trabalhador com o lixo, em nossa sociedade, representa a contravenção de uma ordem na medida em que está em contato com aquilo que está fora de ordem. No entanto, ao dar ao lixo um novo lugar, transformando-o em matéria prima para a indústria de reciclagem, faz com que ele perca a característica de sujeira à qual estava ligada anteriormente (SILVA, 2010).

Fazer parte dessa contravenção da ordem não é um movimento fácil para os trabalhadores com o lixo. As mudanças na forma de sentir e pensar o sujo e o limpo às vezes eram descritas intensamente pelas associadas. Joci, ao ser interrogada sobre qual tinha sido sua primeira impressão ao trabalhar na ASMAR, disse ter se “apavorado”. Relatou que, nos primeiros dias, chegava em casa e lavava as mãos com álcool, pensava que não aguentaria, sentava-se na “pontinha” das cadeiras e comia toda “desconfiada”. Como precisava do trabalho, “aguentou” mais um tempo, até que foi percebendo que não era “assim”, foi encontrando várias “coisinhas”, começou a se “enturmar” com o pessoal e passou a gostar de trabalhar na ASMAR.

Para explicar a transformação dos significados atribuídos ao lixo, ainda na escrita de minha dissertação de mestrado, estabeleci um diálogo com Sahlins (1990). Tentei propor que os saberes que regem o que é sujo ou limpo e o que em nossa sociedade é considerado como emprego “decente” deveriam ser considerados como “relações simbólicas de ordem cultural” ou estruturas. E, de outro lado, que os motivos ou acontecimentos que levaram essas pessoas a trabalhar com o lixo e que exerceram influências na transformação dos significados que o lixo passou a ter para elas deveriam ser entendidos dentro da categoria de “evento” de Sahlins (1990). Com isso, tentava argumentar como, no mundo das ações desses trabalhadores com o lixo, as categorias de

limpo/sujo adquiriram novos valores funcionais e seus significados se alteravam para as pessoas que trabalham com o lixo (SILVA, 2007).

É nesse momento, quando consegue olhar para os objetos sem todo o estigma que estes carregam enquanto lixo, que o trabalhador com o lixo passa a reutilizá-los como ferramentas dentro da própria associação de trabalho ou em suas casas, como enfeites para suas casas, bijuterias para seus corpos, pequenas coleções e, o mais comum, passa a usá-los como matéria-prima na confecção de artesanatos ou objetos em geral de arte. É a partir desse momento que os trabalhadores com o lixo criam uma relação quase que afetiva com o lixo que os permite integrar em suas vidas alguns dos objetos encontrados nesse meio.

Muitos dos objetos encontrados no lixo passam então a despertar nesses trabalhadores que têm contato com eles o desejo de possuí-los. Alguns objetos chegavam a provocar certa euforia nas pessoas que os encontravam. Eles estabeleciam um momento de intensa curiosidade e interação entre os presentes no momento da descoberta. Em uma das vezes em que estive na Associação Pro-CREP da Pinheira, logo após o lanche da tarde, as mulheres retornaram para a esteira de seleção enquanto eu me detinha a fazer algumas fotos do interior da associação. Minha atenção foi chamada pelo som de vozes altas e risos. Fui até elas na esteira de triagem e presenciei o momento em que encontraram um pote plástico com várias bijuterias.

Quando me aproximei, vi Vera segurando um pote de bijuterias que Gilda tinha encontrado dentro de um dos sacos de lixo. Helena explicou para Marilene como ela conseguiria fazer um pingente com o pedaço de um dos brincos. Marilene levantou o brinco até a orelha e disse “chique do último, bem!”. Depois riu alto. Vera remexeu o pote para inspecionar o que havia dentro e Gilda disse para que levasse “para lá”, referindo-se ao brechó. Como este tipo de objeto era utilizado nos artesanatos, pareceu-me que ela se sentia um pouco desconfortável com o fato de as mulheres estarem procurando por peças que lhe interessassem. Helena me falou que não costumava usar joias e que, se encontrasse mais, daria para alguém e, então, virou-se para Gilda, que acabava de abrir o saco de lixo, e perguntou: “tem mais ouro Gilda!?” E esta respondeu que não, que o que tinha estava tudo dentro do pote e se tivesse encontrado mais tinha dito, pois chamou todas para repartirem. Marilene então chamou a atenção de Helena para que olhasse uma grande corrente e um pingente em formato de coração com mais ou menos cinco centímetros e disse: “oh, presente de Natal para Mamãe”. As duas riram muito. Marilene continuava tentando desfazer os nós da

corrente e Vera, que havia encontrado um pequeno brinco, procurava pelo outro dentro do pote para completar o par. Esse acontecimento se passou na véspera das festividades do natal de 2012, período em que muitos dos objetos encontrados costumam ser escolhidos porque servem para presentear alguém da família.



**Figura 21. Encontrando pote com bijuterias na Pro-CREP. Foto de Simone Lira da Silva.**

As mulheres da Pro-CREP se divertiram com a descoberta que fizeram, mas os risos pareciam estar ridicularizando quem fez ou quem viria a fazer uso daqueles objetos. Ao mesmo tempo elas tinham curiosidade sobre eles e separavam algumas coisas para levarem para suas casas. Fazer da corrente um presente para a mãe despertou riso nelas, mas era possível que de fato o tenham feito. Embora ninguém comentasse explicitamente, pairava sobre os objetos a identidade de quem os possuía antes. A atitude de Marilene, ao levantar o brinco até a orelha e fazer uma pose que foi seguida de risos altos, tanto dela como das demais, poderia estar representando o uso que iria fazer do brinco, o quão “chique” ficaria quem viesse a usar aquele objeto, mas também poderia estar reproduzindo a postura de quem supostamente o usou.

Em outra ocasião, quando as mesmas senhoras da Pró-CREP encontraram um saco de lixo com vários acessórios, como bolsas, pentes e tiaras para cabelo, ainda dentro de suas embalagens originais e com o selo especificando o valor do produto, também separaram alguns dos itens para levarem e presentearam amigos e familiares. Mas, nesse caso, a escolha dos objetos não foi acompanhada de tantos risos, foi mais rápida e objetiva. A origem do lixo parecia clara para elas, comentaram que só podia ter sido um camelô, “coitado”, que ao ver a polícia teve de se livrar das mercadorias.

Como é possível ver nesse exemplo, a identidade dos objetos permanecia atrelada ao lixo e precisava ser repensada. Na língua portuguesa, a palavra lixo é definida pelo dicionário Michaelis como: “1. aquilo que se varre para tornar limpa uma casa, rua, jardim etc”; “2. restos de cozinha e refugos de toda espécie, como latas vazias e embalagens de mantimentos, que ocorrem em uma casa”; “3. Imundície, sujeira”. Pelas duas primeiras definições, lixo seria aquilo que não se quer mais, e na terceira definição faz-se uma associação do lixo à sujeira. Os risos e os comentários refletiam esse pertencimento e permitiam às trabalhadoras recriar e refletir sobre relações possíveis de serem travadas com tais objetos, não obstante sua origem.

Além das noções de sujeira associadas aos objetos encontrados no lixo, o pertencimento anterior desse objeto também era alvo de especulações e por vezes implicava em sentimentos de repulsa nos trabalhadores. A noção de contaminação não estava atrelada somente à possível sujeira que tal objeto tenha tido contato durante o período em que esteve no lixo, ela estendia-se também ao contato que tal objeto teve com quem o possuiu antes, principalmente se esta pessoa já estivesse morta. Para alguns trabalhadores com o lixo, existia um grande tabu em usar roupas que soubessem ter pertencido a alguém morto.

Roberto Da Matta (1997) tem uma reflexão sobre a morte e os mortos no Brasil em que sugere que, para o brasileiro, a morte é uma passagem de um mundo a outro, portanto, o morto continua existindo, mesmo após a morte e se fala muito mais deles do que se filosofa sobre a ideia de finitude atrelada à morte. As relações entre este mundo onde vivemos e o outro onde os mortos vivem é permanente. A nossa cosmologia fúnebre garante que os mortos possam aparecer tanto para pedir algo (orações, favores, resolução de algo inacabado nessa vida), como também para nos oferecer algo (revelar tesouros escondidos, o próximo número da loteria, etc.) (DA MATTÁ, 1997, pp. 130-132). De qualquer forma, muitos de nós tememos passar pela experiência de fazer

contato com os seres desse outro mundo, e por isso tomamos uma série de precauções: após visitar um cemitério lavamos mãos e pés antes de entrar em casa; fechamos as janelas quando o cortejo fúnebre passa para evitar que o morto entre; evitamos ter contato com as coisas do morto, comprar ou alugar casas nas quais alguém tenha morrido de forma violenta ou sofrida, etc.

É claro que até mesmo este medo de atrair alguém de outro mundo pode ser resolvido, mas a relação direta de determinado objeto com um defunto precisa ser quebrada de alguma forma. Em uma das vezes em que saí com as mulheres da ARPS para coletar lixo nas ruas da periferia de Santa Maria, encontramos uma lixeira repleta de roupas. A maioria das roupas eram pijamas, batas de dormir e chambres femininos. Eram modelos meio antigos, com cores fortes e estavam em bom estado. As mulheres começaram a remexer entre as várias peças, a vestir algumas delas, em especial as que consideravam mais ridículas, e fazerem comentários como “quem usaria uma coisa dessas”, “ei, olha essa cor”, “só jogando fora”. Eu as observava um tanto constrangida com os olhares da dona da casa em frente a qual nos encontrávamos, que espiava pela janela. Então, uma das mulheres que tentava encontrar algo de seu interesse na lixeira disse: “Só pode ser roupa de morto, para terem posto tudo fora de uma vez e antiga assim”. As outras riram, e uma delas comentou que era só acender uma vela para o morto não aparecer. No final, apenas uma das associadas escolheu duas camisetas para si e o restante das roupas foi deixado na lixeira.

A máxima “o lixo para um é o tesouro de outro”, comumente usada nos dias de hoje para falar de reciclagem, é muito mais complexa do que parece. Para que o lixo de um se transforme no tesouro de alguém é dispensado um enorme esforço emocional para redefinir o lugar e o pertencimento de cada objeto. Este esforço emocional também é exigido para definir o lugar que cada trabalhador pensa ocupar na sociedade. Na atividade de trabalhador com o lixo, ele precisa constantemente negociar sua identidade diante do estigma que a sociedade atribui a esta atividade.

### **2.2.2. O estigma e a negociação da identidade de trabalhador com o lixo**

A imagem do trabalhador, avesso da sociedade de consumo, que cataloga e coleciona tudo o que a sociedade descarta, até é tratada em obras literárias, como a de Baudelaire, em meados do século XIX, como um tipo urbano que, junto com o poeta, o *flâneur*, a prostituta e vários



outros marginalizados, filosofam sobre a vida noturna da cidade. Segundo Benjamin, esta figura heroica do trapeiro, com a qual Baudelaire ocupou-se tão assiduamente, é uma metáfora do poeta deste período. Ambos, poeta e trapeiro, ocupavam-se solitários dos dejetos da sociedade e “realizavam seu negócio nas horas em que os burgueses se entregam ao sono” (BENJAMIN, 1989, pp. 78-79). Para Benjamin, os poetas veem nesses despossuídos aqueles que têm a consciência mais aguda do que a modernização de fato significa.

Mas para a sociedade é o lixo que caracteriza este herói. Como já mencionei anteriormente, quando justificava porque escolhi manter a palavra lixo na nomenclatura que escolhi para me referir às pessoas com as quais fiz pesquisa, o lixo confere a eles um atributo depreciativo, um estigma. Este estigma mantém um constante constrangimento a quem trabalha com o lixo, que, assim como as noções de sujeira, precisa ser reelaborado por eles.

Nossa sociedade é permeada pelo medo do contágio. Somos diariamente bombardeados com informações sobre como evitar doenças nos distanciando da sujeira. Nos supermercados, encontramos uma variedade enorme de produtos que promete nos livrar dos germes. Somos cada vez mais neuróticos em plastificar os alimentos e, geralmente, levamos ao extremo este medo do contágio quando se trata do lixo. Não é de estranhar que o trabalho com o lixo seja cercado por enormes tabus de sujeira. Este tabu e o medo de contágio não estão restritos apenas aos objetos encontrados no lixo, ele estende-se também às pessoas que trabalham com o lixo e determina as relações sociais que poderão ser travadas com essas pessoas.

Afastar o lixo é uma atividade realizada por pessoas, o que as coloca em uma relação direta de contaminação. Mas essa contaminação é muito mais simbólica que uma ação patogênica de fato. Ao realizarmos tais atividades, muito do estigma ou do que poderíamos chamar de mana negativo do lixo é também estendido aos trabalhadores com o lixo. Sua atividade torna-se alvo de repulsa, compaixão e mesmo medo. Muitas vezes, o próprio trabalhador compartilha desses sentimentos, principalmente no início de seu trabalho.

Em minha dissertação, eu falei de como este trabalhador negocia sua identidade diante ou por meio das relações que estabelece com diferentes esferas da sociedade bem como com os diversos atores envolvidos na produção de um mercado e de um discurso em defesa da reciclagem. Os atores a que me refiro são o governo, a sociedade civil, a indústria da reciclagem, os empresários de limpeza urbana, os

atravessadores, os ambientalistas e, por fim, os trabalhadores com o lixo e os funcionários das grandes empresas de limpeza urbana, a quem de fato se destina o estigma do trabalho com o lixo. A negociação de identidade se dá diante destes outros e dos significados que estes outros podem atribuir ao trabalho com o lixo (Silva, 2010).

Sendo assim, é comum que, em situações em que o trabalho com o lixo pode não ser bem visto pelo outro com quem pretende travar alguma relação, ele não revele sua atividade. Era muito comum, como já mencionei, que os trabalhadores com o lixo dissessem ser autônomos quando falavam de sua profissão. Esta nomenclatura de seu trabalho facilitava a eles conseguirem créditos em estabelecimentos comerciais, novos namorados, amigos e também se sentirem respeitados pelos familiares. Sempre que sentiam que podiam vir a ser alvo de algum preconceito devido a seu trabalho, ocultavam a informação sobre ele.

Por outro lado, nas situações em que como trabalhadores com o lixo podiam auferir algum benefício, seja junto a secretarias de assistência social, secretarias de meio ambiente e ou fundos de empréstimo para atividades voltadas à proteção do meio ambiente, sua condição de trabalhador com o lixo era exaltada. Geralmente faziam isso reproduzindo os discursos ambientais criados por defensores da natureza sobre a reciclagem. Além disso, ser trabalhador com o lixo pode vir acompanhado da palavra orgulho, quando eles eram convidados a fazer palestras nas escolas ou quando iam até alguma empresa ou mesmo nas casas solicitar doações de lixo reciclável para as associações. Nessas ocasiões, exaltavam a importância de sua atividade para a sociedade.

Para Goffman (2007), todo o indivíduo, ao encontrar-se na presença de outro, tenta controlar o tipo de impressão que irá passar a esse outro. Assim, as ações dos indivíduos são resultantes da interação face-a-face, ou seja, da influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros quando em presença física imediata (ibidem, p. 23). Segundo Woodward (2000, p. 41), a definição da identidade ocorre do reconhecimento de uma diferença entre um “nós” e um “eles” e são os sistemas classificatórios resultantes dessa diferença que dão sentido ao mundo social e constroem significados. A identidade nesse caso é um sentimento de pertencimento que tanto é experimentado pelo indivíduo como é atribuído externamente a ele devido aos papéis sociais que o mesmo assume no seu cotidiano.

Tais atribuições e negociações de identidade estão sempre presentes nos encontros entre diferentes grupos. Os Zíngaros, por exemplo, a quem socialmente se atribui o estigma de ladrão, usam em determinadas circunstâncias de tal imaginário sobre sua identidade para

atribuir valor aos objetos de sua venda. Padiglione relata o caso observado por Matt Sarlo de jovens que tentavam vender um relógio a baixo custo e que revelam a sua identidade Zingara para o comprador como forma de dar a entender que o mesmo poderia ser original e roubado (SARLO apud PADIGLIONE, 2007). Assim também, no Sertão de Valongo, comunidade rural habitada por descendentes de escravos, no município de Porto Belo/SC, Castells (2007) verifica que a referência à cor, empregada pelos outros de forma depreciativa aos Valongueses, era apropriada por eles para marcar posições e pertencimento dentro desse território.

Em minha dissertação, afirmava que tais negociações de identidade praticadas por trabalhadores com o lixo eram necessárias, tendo em vista que estes trabalhadores transitam por uma série de contextos sociais e que, para cada um destes contextos, é preciso construir uma elaboração ou definição de si para os outros ali presentes. Em última instância, tais negociações eram parte de suas estratégias de sobrevivências comuns a estas pessoas (SILVA, 2010). Esta negociação de identidade evidência o outro para quem o trabalhador com o lixo é diferente e os conflitos e hierarquias gerados desse encontro.

### **2.2.3. A identificação dos objetos a alguém**

Passado o dilema de apropriar-se ou não de objetos encontrados no lixo e encontrado sentidos para o trabalho com o lixo que o permitam distanciar-se do estigma atribuído a esta atividade, o próximo passo é decidir o que fazer com os objetos. Apesar de alguns objetos despertarem o interesse de quem os selecionou, nem sempre os trabalhadores com o lixo tinham uma ideia clara sobre o que fariam com o que retiravam do lixo. Depois de retirados do circuito de reciclagem, os objetos poderiam voltar para o lixo, irem para a reciclagem ou tornarem-se presentes para alguém.

Muitas das mulheres tinham recipientes individuais para colocarem os objetos de seus interesses. Os “cantinhos” das mesas ou dos espaços reservados para as bombonas eram onde os pequenos tesouros encontrados no lixo eram deixados pelos trabalhadores. Permaneciam ali até o fim do dia, quando o trabalhador reunia suas coisas e ia para casa. Outros objetos permaneciam nos “cantinhos” por mais tempo, até que quem o encontrou decidisse o que iria fazer com o mesmo.

O pertencimento dos objetos retirados do lixo, quando ainda estão nas associações, é incerto. Quando o trabalhador com o lixo encontra algo e o deposita em sua caixa pessoal de objetos, a princípio as pessoas pressupõem que seja dele. Mas, em alguns casos, podem surgir dúvidas sobre a quem pertence. Quando quem encontrou leva algum tempo para decidir o que irá fazer com o objeto, outros trabalhadores podem começar a sugerir o quanto aquele objeto poderia ser útil para outra pessoa. Nesses casos, fica subentendido que deva ser transferido a um terceiro, sob pena de que a atitude de não ceder seja vista como mesquinha. Além disso, objetos de maior valor monetário geralmente não são, ou não deveriam ser, retirados da associação. Está implícita a ideia de que eles pertencem a todos e devem ser usufruídos por todos. Estes códigos, que delimitam as possibilidades de circulação dos objetos, articulam e reforçam as relações de reciprocidade, parentesco e amizade entre os trabalhadores com o lixo.

Presenciei várias vezes nas mesas como esse processo se dava. Quando alguém retirava do lixo alguma coisa, se não era de seu interesse, acabava repassando para a colega que, sabia, faria melhor uso. Isso era bastante visível com os brinquedos de crianças, que eram endereçados para a mulher que tinha filhos na faixa etária ou sexo que pudesse se interessar mais pelo “presente”. Dona Maria, da ASMAR, me dizia que as netinhas dela já sabiam que podiam esperar as coisas que a vó levaria para casa e imitava como elas falavam quando chegava em casa. Rosane, também da ASMAR, dizia que os meninos gostam mais de carrinho e as meninas de bonecas.

Além do olhar criativo dos trabalhadores com o lixo sobre os objetos, as práticas de apropriação eram realizadas devido a ligação implícita do objeto a alguém, estes lembravam alguém, ajudariam a alguém, eram desejados por alguém. Na entrevista realizada com Vera, veio à tona outro componente derivado da apropriação de objetos encontrados no lixo. Eles proporcionavam a ela algo equivalente à elevação da autoestima. Vera disse que trabalhar na ASMAR a deixou mais vaidosa, porque encontrava um monte de coisas: perfume, joias, roupas e agora ela podia pôr um brinco diferente sempre que quisesse, lia as revistas de moda que vinha no lixo e sabia como se vestir, “o que combinava com o que”. Ela também adorava ler e ali podia ler os livros que sempre quis e nunca pode comprar e que eram jogados fora. Vera era uma das mulheres de minha pesquisa, que mais se ressentia por não ter podido estudar quando jovem.

Então eu me sinto mais... Parece que aquilo ali mexeu comigo. Por mais que as pessoas falem que é lixo, que é reciclável, mas me deixou mais o que... eu fiquei mais vaidosa, por incrível que pareça. Eu me arrumo mais, eu boto brinco, eu vejo as revistas da moda, daí eu mudei o meu estilo de roupa, o meu estilo de pensar. (Vera, ASMAR).

Apropriar-se dos objetos, nesse caso e em outros que abordarei na sequência do texto, proporcionava o resgate da autoestima. Poder dar a si e a família aquilo que lhes era constantemente negado em suas vidas, provocava nessas mulheres um sentimento positivo sobre si próprias, certo orgulho. Joci concluía em uma das entrevistas que “vale a pena se sacrificar com o trabalho pesado e a sujeira”. Há uma valorização individual proporcionada pela apropriação desses objetos e pelas condições econômicas encontradas no trabalho com o lixo: apropriar-se de algo ou poder possuir algo também era uma forma de ser.

Eu usei a palavra apropriação no decorrer desse texto não somente para pensar a propriedade, ou o ato de tornar próprio algo que não possuía um dono ou que era de outro dono. A partir dos exemplos trazidos até o momento, é possível afirmar que as práticas de retirar os objetos da reciclagem implicam em um processo de readequação. Apropriar-se nesses casos é também um ato de adequação desse algo a uma nova realidade.

Arnd Schneider (2003) descreve como o conceito de apropriação foi usado pela antropologia para pensar as relações de contato cultural através do termo aculturação. Ele propõe usarmos este conceito para pensar também as práticas de reformulações individuais sobre o outro. A proposta de Schneider é retirar este conceito da esfera da cultura e o levar para a esfera do indivíduo. Segundo o autor, os modelos antropológicos que se propuseram pensar a aculturação deixaram pouco espaço para considerar a ação do indivíduo na sociedade e esta ausência de atenção ao indivíduo persiste até os dias de hoje na antropologia. Indiretamente, Bateson (1972, 61) tentou pensar a apropriação individual, estudando os processos pelos quais uma criança é moldada e treinada para adaptar-se à cultura em que nasceu, os processos de "inculturação". Para Schneider (2003), a negligência do indivíduo não foi remediada pelos estudos da escola de "cultura e

personalidade", pois neles os indivíduos foram simplesmente concebidos como representantes de sua cultura.

Schneider (2003) está usando o conceito de apropriação para pensar basicamente as produções artísticas que se fazem por meio da cópia ou reprodução de outras artes. Nessa discussão um dos problemas recorrentes é conseguir entender quem se apropria de que, onde e de quem. Por isso, o autor tenta reelaborar o conceito de apropriação para que consiga ter em conta as dinâmicas sociais e políticas envolvidas. O autor considera preciso situar as práticas de apropriação em diferentes relações de poder, que vão além das abordagens mais formais em história da arte, onde a noção de "apropriação" tem sido definida como tomar algo fora de um contexto e estabelecê-lo em um novo.

Para que isso fosse possível, Schneider (2003) desenvolveu um conceito de apropriação que leva em conta: o contexto original do artefato e os seus produtores; o próprio produto manufaturado; e a pessoa que se apropria ou o agente. Defende que se adote um conceito de apropriação que permita vislumbrar o elemento de agência de quem se apropria e o elemento de compreensão hermenêutica. Considera que a introdução de um conceito de agência concentrando-se em atores em vez de objetos de arte, permite construir um modelo que considere as intencionalidades dos atores envolvidos e as funções que determinados artefatos e obras de arte têm dentro de seu respectivo contexto social. Já a abordagem hermenêutica serviria para que se reconhecesse no conceito de apropriação também o ato por meio do qual cada indivíduo estabelece ou reelabora formas de compreensão do outro.

The emphasis on social agency has to be contextualized by the transformative act of appropriation, which, as outlined above, is better understood as a hermeneutic practice. This is to say that explanations for appropriative choices will have to be sought by investigating the interplay between changing definitions or conceptualizations of cultural traditions and nationhood and individual identity claims. It is at the intersection of the two that the recognition of otherness operates – a feature that is vital to the appropriation process itself (SCHNEIDER, 2003, p. 225-226).<sup>31</sup>

---

31 A ênfase na agência social tem que ser contextualizada pelo ato transformador de apropriação, que, como descrito acima, é melhor

Portanto, quando falo em apropriação de objetos encontrados no lixo tenho em mente principalmente a reelaboração de mundo feita através desses objetos pelos trabalhadores com o lixo. Trata-se de enfatizar a agência dessas pessoas para reinventarem o mundo em que vivem. Embora os objetos possam ser centrais e por vezes nos passem a sensação de que são eles que movem as ações das pessoas, em meu entender, eles são o meio pelo qual as pessoas constroem suas identidades e compreendem as alteridades do mundo a sua volta.

### **2. 3. A vida em um mundo das coisas.**

Nossa disciplina vive de juntar, catalogar, explicar e entender os objetos de outras culturas. Somos especialistas na arte de colecionar, ordenar, reagrupar. A antropologia se debruçou, desde seu princípio, sobre o estudo de objetos. São clássicas as descrições das cerimônias de trocas de braceletes e colares entre os trobriandeses durante os rituais do Kula, descritos por Malinowski, as coleções de objetos das mais diversas partes do mundo reunidos no Musée de l'Homme em Paris.

Os objetos nos atraem por seus formatos, cores, cheiros e sabores. Possuem uma dimensão estética, derivada do ato de criação que os deu origem e voltada para despertar nossos desejos. Os objetos carregam sentidos compartilhados por aqueles que os possuem e por isso comunicam e ritualizam nossa vida enquanto circulam. São suas capacidades comunicativas que usamos para expressar nosso *status* e criarmos distinções sociais dos outros que nos rodeiam. Olhando dessa forma, parece que os objetos é que são os agentes ativos, despertando interesses e guiando as ações das pessoas como já assinalava Merleau-Ponty (2004):

[...] as coisas não são, portanto, simples objetos neutros que contemplaríamos diante de nós; cada uma delas simboliza e evoca para nós uma certa

---

compreendida como uma prática hermenêutica. Isso quer dizer que as explicações para as escolhas de apropriação terão de ser procuradas na interação entre a mudança de definições ou conceitualizações de tradições culturais e a nacionalidade e as declarações de identidade individuais. É na interseção dessas duas tendências pontos que o reconhecimento da alteridade opera - um recurso que é vital para o processo de apropriação em si. Obs.: Tradução elaborada por Simone Lira da Silva.

conduta, provoca de nossa parte reações favoráveis ou desfavoráveis, e é por isso que os gostos de um homem, seu caráter, a atitude que assumiu em relação ao mundo e ao ser exterior são lidos nos objetos que ele escolheu par ter à sua volta, nas cores que prefere, nos lugares onde aprecia passear (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 23)

Para Alfred Gell, os elementos materiais, não humanos ou objetos também podem ter o mesmo poder de induzir a ação. Essa concepção de agência prevê um agente que é a fonte de sequências de ações e que pode ser humano ou não humano. No caso dos objetos, o que acontece é uma agência passiva porque o objeto é um agente secundário, sendo tanto a origem quanto o destino da agência social. Os objetos possuem uma relação intersubjetiva com o agente humano, pois sua produção, uso e significação decorrem da ação humana (GELL, 1998, p.13).

Embora os objetos sejam centrais em muitas das situações que apresento nessa tese, minha ênfase recai sobre a agência das pessoas envolvidas no processo de apropriação. Não são as coisas em si que transformam os trabalhadores com o lixo, mas é o que eles fazem com as coisas e os significados que atribuem a elas que permite a eles serem transformados por estas coisas. Na sequência apresento como os trabalhadores com o lixo transformam suas vidas a partir das apropriações que fazem dos objetos encontrados no lixo e tento discutir como o belo e o útil são inseparáveis na relação travada entre esses objetos.

### **2.3.1. As coisinhas**

Na ASMAR, primeira associação em que realizei minhas pesquisas, os trabalhadores com o lixo, em especial as mulheres, referiam-se aos objetos que retiravam do lixo para levar para casa como “coisinhas”. Por coisinhas denominavam os utensílios para a casa, brinquedos para as crianças, joias e roupas que eram encontrados entre os materiais ali doados ou “jogados fora”. Elas os ressignificavam e os colocavam em lugar de destaque em suas salas de estar, nos quartos das crianças, nas cozinhas, e em seus corpos. Era por causa das “coisinhas” que elas preferiam “fazer” o lixo vindo de casas, apesar de virem misturados com material orgânico.



Em uma das vezes em que gravávamos para o documentário que fizemos na ASMAR, as mulheres começaram a encontrar, nos sacos de lixo que estavam selecionando, vários objetos que separaram para levarem para suas casas: tapetes, suportes para caneta, alguns bonecos de brinquedo e desodorante. Percebendo que Renan, responsável por filmar, editar e dirigir o documentário se posicionara atrás da mesa para filmá-las, elas começaram a mostrar as coisas encontradas para a câmera e a comentar sobre o quanto era importante para elas encontrar estes objetos. Joci disse: “o que estou vestindo hoje é da ASMAR, menos a touca”, depois olhou para a Vera, fez um gesto que chamava a atenção para todo o corpo dela e concluiu: “a Vera também, olha: shop ASMAR”, e Vera respondeu, sem parar de selecionar, *fashion*.

Joci era sempre muito empolgada com todos os objetos que encontrava durante a seleção do lixo. Dizia gostar de encontrar essas “coisinhas” e contabilizava isso como parte do salário. Em uma das entrevistas que fiz com ela, explicava-me que estavam recebendo quase seiscentos reais a cada duas quinzenas (um mês), mas que, se fosse contar, ganhavam muito mais, porque almoçavam ali, e tudo o que levavam para casa, se precisassem comprar, teriam de gastar muito.



**Figura 23.** Joci, no intervalo do almoço, analisando as “coisinhas” que havia encontrado. Foto de Renan Nunes Paz.

A casa de Joci era um “puxado” da casa da sogra com três cômodos: cozinha, sala e quarto. O banheiro era compartilhado com a sogra e ficava do lado de fora da casa. Quando fui conhecer a residência de Joci, em 2007, ela me mostrou os objetos que tinha conseguido trabalhando na ASMAR: a louça da cozinha, a colorida coleção de xícaras de café, as roupas, os brinquedos do filho e alguns móveis. Também me mostrou outros bens que tinha comprado em prestação e que estava pagando com o dinheiro obtido em seu trabalho. Naquela ocasião, estava pagando parcelas do aparelho de televisão de 24 polegadas e do aparelho de som. No jardim, estavam empilhados as telhas, a pia e o vaso sanitário para a casa nova, que também havia comprado dessa forma. O Marido ganhou do pai um terreno no qual estava construindo, aos finais de semana, uma casa para eles. Ela mencionava todas as coisas de sua casa como sendo resultado de seu trabalho. Todas elas ou eram “reciclado” (encontradas durante o trabalho na ASMAR), ou eram compradas com o dinheiro de seu trabalho dentro da ASMAR.

Para os trabalhadores com o lixo, os objetos não tinham uma materialidade definida como tinham para mim. Eles não eram simplesmente um celular, uma bolsa, ou uma joia com uma função predefinida no mundo. Os objetos eram possibilidades de realizações, o que se poderia fazer era algo sobre o qual pensariam quando tivessem tempo, quando chegassem em casa, etc. Essa categoria nativa de coisa talvez reflita sobre a indefinição dos objetos encontrados no lixo.

Para Tim Ingold (2012, p. 27), o mundo em que habitamos é composto não por objetos, mas por *coisas*, e é através da noção de coisa que devemos pensar a cultura imaterial. Para ele as coisas tem vida, e a atual ênfase da literatura na agência material é consequência de uma redução das coisas a objetos, e da sua correspondente “retirada” dos processos vitais. As Coisas não podem ser pensadas isoladamente em sua forma, nem separadas do ambiente do qual fazem parte ou de tudo o que passaram no decorrer do tempo. As coisas estão constantemente sendo formadas. Por isso, Ingold propõe que se dê maior ênfase aos processos de formação, que ao produto final e aos fluxos e transformações dos materiais que ao estado da matéria. Ingold segue a definição de coisa de Heidegger, para quem coisas são um agregado de fios vitais, é um acontecer, ou um lugar onde vários aconteceres se entrelaçam.

Observar uma coisa não é ser trancado do lado de fora, mas ser convidado para a reunião. (...) Assim

concebida, a coisa tem o caráter não de uma entidade fechada para o exterior, que se situa no e contra o mundo, mas de um nó cujos fios constituintes, longe de estarem nele contidos, deixam rastros e são capturados por outros fios noutros nós. Numa palavra, as coisas *vazam*, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas (INGOLD, 2012, p. 27).

Segundo Velho (2001), essa teoria ecológica de Tim Ingold está dando continuidade à discussão da polaridade entre natureza e cultura e entre sujeito objeto que vem sendo discutida desde Bateson. A ecologia e o holismo de Bateson, quenão vê corpos, e sim relações e padrões comunicativos, são fundamentais para entender a definição da noção de coisas proposta por Tim Ingold. Ainda segundo Velho, a teoria de Ingold absorve a influência da fenomenologia de Merleau-Ponty, deslocando o foco de análise de um ser abstrato que dá sentido ao mundo para um ser-no-mundo. Tim Ingold (2012) critica a teoria do ator rede de Latour e propõe a metáfora da malha para pensarmos a cultura material e as relações de comunicação e fluxo entre as coisas.

Era muito evidente na casa de Maria, totalmente feita de reaproveitamentos, a forma como as coisas apropriadas do lixo faziam parte de relações, de fluxos de informações e transbordavam os sentidos originalmente atribuídos a elas. Os objetos encontrados no lixo não eram simplesmente transpostos de um lugar a outro. Maria, com seu conhecimento sempre em constante aperfeiçoamento, em contato com as mais inesperadas coisas, permitia criar e recriar o espaço onde vivia com sua família.

### **2.3. 2. Maria e sua casa feita de “reaproveitamento”**

Conheci Maria na Pro-CREP como professora de artesanato. Antes de ir para a associação, ela trabalhava de empregada doméstica em uma pousada e a proprietária do local tinha um ateliê, no qual costumava ensinar pintura e desenho. Quando a comunidade da Pinheira, juntamente com a Pro-CREP, começou os projetos de revitalização da praça e dos muros do colégio local utilizando mosaico, Maria começou a ajudá-los e a fazer as aulas com a professora que coordenava este trabalho. Esta professora também ensinou algumas vezes no ateliê da patroa de Maria.

A patroa de Maria a ensinou a fazer os primeiros mosaicos e deu a ela algumas “pedrinhas” de cerâmica para que pudesse trabalhar em casa. No início, Maria usava o martelo para quebrar, depois adquiriu outras ferramentas. Ela passou a fazer mosaicos em casa e a trabalhar como voluntária ajudando no muro da escola e, mais tarde, também ensinando na oficina da Pro-CREP. Depois de seis anos trabalhando como voluntária, em 2011, Dona Hélia, presidente da associação Pro-CREP, conseguiu um contrato com a prefeitura para que Maria recebesse um salário como professora de mosaico e desse continuidade ao trabalho da oficina. A ideia era que ela ensinasse os associados e demais pessoas da comunidade a reaproveitarem tudo. Nesse momento, Maria já tinha aperfeiçoado os seus talentos artísticos e todos conheciam as melhorias e decorações que tinha feito em sua casa com objetos que encontrava no lixo. Sabendo disso, convidei-me para conhecer sua casa e ela atendeu ao meu pedido.

Já na entrada do pátio da casa de Maria, era possível tomar conhecimento da peculiar decoração que compunha toda a sua residência. A calçada que circundava sua casa era revestida em alguns pontos com mosaicos e o mesmo acontece com o que deveria ser uma simples tampa de fossa. Nos fundos do terreno, ela aproveitou o canto do cercado para fazer um quiosque e o ornamentou com vasos de flores, vários mosaicos e cadeiras de madeira construídas artesanalmente. Até a mesa que existe no local era uma antiga tampa de esgoto feita em concreto que ela revestiu com mosaico.



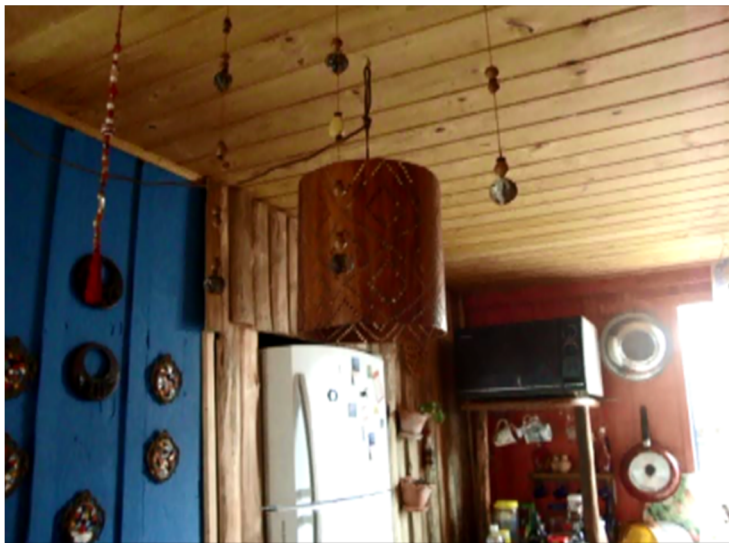
**Figura 23. Quiosque aos fundos da casa de Maria. Foto de Simone Lira da Silva.**

A maior parte das paredes da casa de Maria era feita com madeiras utilizadas anteriormente nos andaimes das casas que o seu marido pedreiro construía. A parede entre a sala e o quarto de sua filha mais velha era composta por vários pedaços de janelas que foram encontradas no lixo e restauradas. A prateleira construída nessa parede continha uma infinidade de objetos decorativos, alguns dos quais oriundos do lixo. Também possuía alguns mosaicos que disfarçavam pequenas falhas nas emendas dos pedaços de janela. Entre a sala e a cozinha existia uma porta ampla com uma cortina feita por rolfas de garrafas e outros pequenos objetos encontrados no lixo. Alguns móveis, como o fogão à lenha e a mesa de centro na sala eram revestidos com mosaicos.



**Figura 24: Parede divisória entre a sala e o quarto da filha de Maria.  
Foto de Simone Lira da Silva.**

Na cozinha, o balcão e os bancos que o circundavam eram feitos de “madeira de reaproveitamento”, que ela envernizou. A luminária foi feita com um cano de PVC. O fogão à lenha era uma construção de cimento revestido por mosaicos e pedaços de mármore. O banheiro era todo revestido com recortes de lajotas de diferentes tamanhos e cores, mas cuja disposição foi criteriosamente pensada e calculada. A pia era feita a partir de uma bacia de argila, a qual ela furou o fundo, introduziu o encanamento e revestiu com mosaico.



**Figura 25. Luminária de PVC na casa de Maria. Foto de Simone Lira da Silva.**



**Figura 26. Banheiro da casa de Maria. Foto de Simone Lira da Silva.**



Maria buscava sua inspiração para arquitetar o uso que faria dos objetos encontrados no lixo em diferentes fontes. Além de estar trabalhando com isso há mais de oito anos, ela sempre estava envolvida em cursos que a ajudavam a obter conhecimento e a aperfeiçoar suas técnicas em diferentes artesanatos. Ela olhava para cada objeto pensando o que poderia fazer com ele, tinha sempre a intenção concreta de transformá-lo. Ela também tinha em sua casa acesso à internet e frequentava, durante minha pesquisa, o curso de pedagogia na UNISUL. O leque de informações a que tinha acesso permitia que ela não só reutilizasse, mas também criasse novos usos para os objetos.

Como hábil *bricoleur*, ela encontrava o potencial de cada objeto que estava a sua disposição. Não havia um projeto prévio, tudo se formava com a disponibilidade e a criatividade de cada momento.

O conjunto de meios do *bricoleur* não é, portanto, definível por um projeto (o que suporia, aliás, como com o engenheiro, a existência tanto de conjuntos instrumentais quanto de tipos de projeto, pelo menos em teoria); ele se define apenas por sua instrumentalidade e, para empregar a própria linguagem do *bricoleur*, porque os elementos são recolhidos ou conservados em função do princípio de que “isso sempre pode servir”. Tais elementos são, portanto, semiparticularizados: suficientemente para que o *bricoleur* não tenha necessidade do equipamento e do saber de todos os elementos do corpus, mas não o bastante para que cada elemento se restrinja a um emprego exato e determinado. Cada elemento representa um conjunto de relações ao mesmo tempo concretas e virtuais; são operações, porém, utilizáveis em função de quaisquer operações dentro de um tipo (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 34).

Maria fazia parte daquele ambiente que ela construiu. Cada pedaço de madeira, cada rolha de garrafa, cada pedaço de cerâmica eram parte constituinte do saber que ela acumulou ao longo dos anos e de suas distintas trajetórias de aprendizagem. Era uma elaboração de si e do outro materializada na composição de sua casa.



### 2.3.3. O belo também pode ser útil: para repensar a estética

O lixo tem sido positivado pelo seu uso em obras de arte. A estética entra, nesse caso, como um fator de atribuição de valor aos objetos produzidos a partir de composições feitas com o lixo. Existe inclusive um movimento de alguns artistas, designers de interior e arquitetos que tem usado o lixo na produção de suas obras. Além, da proposição política de defesa de um mundo sustentável, há entre estes profissionais uma preocupação com a estética. Os designers inovadores criados por estes profissionais aliados à ideia de consumo sustentável atraem para este mercado um público muito seletivo e de alto poder aquisitivo<sup>32</sup>. Mas que tipo de estética está presente na arte feita por trabalhadores com o lixo?

Segundo Geertz (1997, p.146), “em qualquer sociedade a definição de arte nunca é totalmente intraestética; na verdade, na maioria das sociedades, ela só é parcialmente intraestética”. Para o autor, o problema que surge com o poder estético é de conseguir anexá-lo a outras formas da atividade social, um processo de atribuir ao objeto um significado cultural que é sempre local, contextual. Geertz afirma que os meios através dos quais a arte se expressa e o sentimento pela vida que os estimula são inseparáveis. Sendo assim, estudar a arte é explorar uma sensibilidade fruto de uma coletividade. “A participação no sistema particular que chamamos de arte só se torna possível através da participação no sistema geral de formas simbólicas que chamamos de cultura” (GEERTZ, 1997, p. 165).

Com esta discussão, Geertz (1997) chega a um ponto chave para a discussão aqui proposta, o de que as artes não possuem um sentido universal, mas são resultado das várias concepções que as diferentes sociedades têm sobre como funciona e se organiza o mundo. Assim, ainda segundo este autor, se localizarmos o contexto de surgimento das artes, talvez seja possível começar a localizar as origens de seu poder. Dessa forma, entendo que esta pesquisa deve buscar compreender o

---

<sup>32</sup> São exemplos desse tipo de produção que usa o lixo como matéria prima: as obras de arte do fotógrafo Vik Muniz, já mencionado no capítulo anterior; a seleta linha de móveis de demolição, com grandes fábricas no setor; bem como sua versão mais recente de móveis construídos com paletes. Alguns sites onde estes trabalhos podem ser visualizados: [http://obviousmag.org/archives/2009/07/vik\\_muniz.html](http://obviousmag.org/archives/2009/07/vik_muniz.html), Acesso em: 29 de jul. 2015. [http://madeiradedemolicao.com/moveis.html#\\_VeH8NvIViko](http://madeiradedemolicao.com/moveis.html#_VeH8NvIViko), 29 de julho de 2015, <http://www.maispaletes.com/>, 29 de jul. 2015.

contexto que torna o lixo um objeto de decoração, pois é nesse contexto que está a origem dos valores atribuídos ao lixo. A cultura é a principal responsável por impor subjetividade aos objetos e com isso fazer com que eles hajam sobre os pensamentos das pessoas, mas que cultura é essa, compartilhada pelos trabalhadores com o lixo?

Entretanto, não podemos ignorar que na cultura ocidental existe também um campo da arte, o qual só uma pequena elite dotada de capital simbólico específico pode produzir e admirar. Para Bourdieu (1996), este campo é cercado por rígidos padrões de comportamento, no qual as pessoas usam seu conhecimento para buscar poder e atribuir valor. Para fazer parte desse campo, é preciso ter o capital cultural e simbólico necessários para reconhecer e classificar dentro dos valores compartilhados pelo grupo. A arte é associada, em nossa sociedade, às classes sociais altas, que por muito tempo foram, quase que exclusivamente, detentoras do capital da cultura erudita capaz de entender e apreciar a beleza abstrata de uma obra de arte.

Canclini (2011), no entanto, nos mostra que a divisão entre cultura erudita e popular tem perdido o sentido quando falamos de culturas populares urbanas. Para o autor, é exatamente nos processos desconsiderados sob o aspecto de culturas populares urbanas que se estabelecem novas organizações de cultura, hibridação das tradições de classes, etnias e nações (ibidem, p. 283). Os trabalhadores com o lixo são reveladores de que o espaço urbano contemporâneo não é mais palco dos grandes monumentos, das formas puras, intocadas. Entendo que nestas formas híbridas e impuras, como o lixo se tornando arte e coleção, podemos encontrar novos padrões estéticos, uma estética do urbano.

Os sistemas classificatórios que estes trabalhadores imprimem sobre o lixo podem ser entendidos como uma das categorias que Canclini (2011) descreve como descolecionamentos. Ao lado das fotocopiadoras, dos videocassetes, dos vídeos e dos videogames, estes sistemas classificatórios também promovem a decomposição das coleções rígidas que separavam o culto, o popular e o massivo, promovendo desigualdades.

Os saberes acumulados por Maria, ao longo de vários cursos, de pesquisas na internet e da convivência em ambientes de artistas plásticos deram a ela conhecimento sobre este lado “culto”, que a princípio ela estaria excluída. Maria sabia que era uma tendência da arte contemporânea usar lixo em seus trabalhos, mas nem por isso o que ela produzia era uma simples cópia ou reprodução dessa tendência. Sua arte

não estava separada de sua vida, ela era sua vida. Sua arte era palpável, tinha serventia e refletia os gostos populares.

É impossível explicar os novos usos dados a estes objetos apenas pela utilidade que os mesmos possam ter para os trabalhadores com o lixo. A estética dos objetos era muito importante tanto para levar o trabalhador a apropriar-se dos mesmos, quanto para o resultado final dessa apropriação. Parte da utilidade de um determinado objeto estava em sua beleza, quanto mais belo fosse mais atrativo seria.

Em um dos textos do professor Vincenzo Padiglione, que tive o prazer de ajudá-lo a traduzir para uma palestra que faria em universidades brasileiras em 2013, deparei-me com uma explicação da estética popular. Ele problematizava a vinculação do *souvenir* ao gosto das “massas”. E considerava legítimo interpretar o incômodo das classes intelectuais quando confrontadas com muitos *souvenirs*, por meio do conceito de *habitus* de Bourdieu. Para ele o desprezo pela estética popular deriva do fato de esta preferir um belo concreto, compreensível, atraente e de preferência útil.

Na casa de Maria, por exemplo, os objetos precisavam entrar na categoria do bonito, mas também precisavam ser funcionais. As composições criadas por Maria também tinham a intencionalidade de tornar o objeto útil. Sua própria casa era uma composição que almejava determinada estética, mas ainda assim era uma casa, onde morava com sua família. O valor do belo para estas pessoas é ampliado proporcionalmente a sua utilidade.

Há, portanto, nas criações dessa senhora e de outras trabalhadoras com o lixo, o surgimento de uma nova sensibilidade estética, proporcionada pelas práticas e experiências dessa coletividade. A estética, retomando Geertz (1997), não pode ser vista separada das atividades sociais que a criam, nem dos processos que permitem a atribuição de significado cultural a ela. Entre os trabalhadores com o lixo este processo sofre implicações de um fenômeno global de valorização do lixo, mas também de reelaborações locais construídas com os conhecimentos compartilhados dentro cada associação.

A vida nesse “mundo de coisas” dos trabalhadores com o lixo nos remete também aos mais diversos tipos de circulação de objetos e, por conseguinte, às práticas de consumo. Suas formas de apropriação dos objetos, as negociações de sentidos e valores atribuídos a eles constituem-se em intervenções que permitem por as coisas novamente em circulação. O nosso ato de descartar, que a princípio poria fim à vida do objeto, na verdade é apenas um ponto no emaranhado de trajetórias

possíveis para este. No próximo capítulo, falarei sobre a circulação dos objetos e de como entendo que as práticas de apropriação se constituem em práticas de consumo que alteram e reproduzem a estrutura de consumo da nossa sociedade.

### **CAPÍTULO 3. A ESTRUTURA DE CONSUMO E SUA RESSIGNIFICAÇÃO PELO TRABALHO COM O LIXO.**

A centralidade dos objetos na vida das pessoas não está restrita ao grupo que estudei nem à época em que nos encontramos. Os objetos sempre assumiram uma importância indescritível na vida de qualquer pessoa, indiferente da sociedade ou da época que esta tenha vivido. Na sociedade contemporânea, se, por um lado, as pessoas almejam e têm acesso aos bens de forma muito rápida, por outro, elas os descartam também rapidamente. Há uma grande intensidade de circulação de objetos, mas estes têm sua importância restrita a um curto período. É imprescindível ter muitos objetos, mas não necessariamente mantê-los.

Esta característica da sociedade contemporânea faz com que a mesma seja descrita como uma sociedade voltada para o consumo. Mas o que exatamente isso quer dizer, já que o consumo, em sua definição primária é inerente à vida humana de qualquer sociedade ou época? E de que forma o descarte e a apropriação dos objetos encontrados no lixo inserem-se ou fazem parte do consumo?

Meu objetivo nesse capítulo é tomar as práticas de apropriação de objetos encontrados no lixo como parte do processo de consumo. Busco, através da desconstrução das noções banalizadas sobre consumo, repensar as práticas sociais envolvidas e iniciar uma discussão que extrapole as visões negativas e moralistas que acompanham as análises sobre consumo.

Inicialmente, faço uma revisão teórica e conceitual sobre a “sociedade de consumo” e sobre as abordagens antropológicas dadas ao “consumo”, entendendo o consumo como circulação de objetos repletos de significados que estabelecem e mantêm relações sociais, criam classificações e delimitam as distinções sociais entre as pessoas. Tento elaborar uma proposição teórica que explique a apropriação dos objetos retirados do lixo.

Na sequência, tentarei tomar as padronizações do sistema produtivo enquanto um exemplo possível para o que chamo de estrutura de consumo e analisar a influência que o mesmo tem sobre as classificações realizadas pelos trabalhadores com o lixo. Por fim, busco pensar o consumo entre esses trabalhadores sob três aspectos: o da circulação de objetos, no qual evidencio as novas rotas criadas pelo trabalho com o lixo para objetos descartados; o da atribuição e alteração de significado, em que retomo a explicação teórica que criei sobre estrutura e práticas de consumo para pensar as apropriações e

ressignificações do lixo descritas no capítulo dois; e o do estabelecimento de hierarquias e distinções sociais, no qual introduzo como a percepção dessas distinções constroem os sentidos do “nós” e do “outro” nas interações travadas pelos trabalhadores com o lixo e demais pessoas.

### **3.1. A sociedade contemporânea e o consumo na teoria social**

É recorrente entre alguns autores como Bauman, Baudrillard, Campbell e, até mesmo entre os que defendem a cultura material, como McCracken e Sahlins, a ideia de que há certa ruptura nas formas de consumo, responsável por separar no tempo e no espaço a “sociedade ocidental” ou a “sociedade de consumo” das ditas sociedades tradicionais. Duas questões derivadas dessa afirmação precisam ser problematizadas antes de dar sequência à apresentação dos dados de minha pesquisa: Como definir o que é a “sociedade ocidental” ou a “sociedade de consumo”? E qual a apropriação e reelaboração que faço do conceito de consumo em meu texto?

#### **3.1.1. As definições da sociedade contemporânea de consumo**

Embora os autores que citarei na sequência apenas parcialmente construam definições para a “sociedade ocidental” (também chamada por eles de sociedade moderna, sociedade de consumo, sociedade contemporânea), é possível perceber que essas definições sempre tangenciam as formas de consumo adotadas pela nossa sociedade. Portanto, a descrição sumária e rápida dessa sociedade contemporânea visa mostrar a centralidade que a temática consumo assume dentro dela.

Segundo McCracken (2003), não há um consenso sobre os termos em que se dá essa revolução do consumo, mas é possível identificar através da revisão de alguns historiadores, três episódios da produção do “consumo moderno” na “sociedade ocidental”: o consumo na Inglaterra no fim de século XVI e durante todo o século XVII, que fez da corte elisabetana um desfile espetacular coreografado pela rainha ao usar os bens como um instrumento de poder e governo e a ao estimular a competição entre os nobres, os quais, para terem acesso às decisões da corte, precisavam esbanjar em vestuários, jantares e palácios; a expansão dramática da produção de bens, das pessoas que participavam como consumidores e das estratégias de marketing no século XVIII; e a transformação desse formato de consumo em um fato social permanente na sociedade, no século XIX, marcada pela emergência das lojas de

departamento e pelo tipo de informação a que está influenciado o consumidor. Cada um desses episódios, mais que definir um início, revela um novo conjunto de forças atuando na criação da “sociedade moderna de consumo”. O autor conclui, com a análise desses momentos, que o consumo moderno é um artefato histórico e suas características atuais são o resultado de vários séculos de profunda mudança social, econômica e cultural do ocidente (McCRACKEN, 2003, p. 43).

Bauman (2008), por sua vez, parte da construção de alguns conceitos, enquanto tipos ideais weberianos, para descrever a sociedade que hoje habitamos. O principal desses conceitos é o de “consumismo”, que seria exclusivamente característico da “sociedade de consumo”. Para o autor, o “consumismo” é um tipo de arranjo social resultante da transformação das vontades, desejos e anseios humanos rotineiros em uma força propulsora da sociedade, “uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação social, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel importante de auto-identificação individual e de grupo” (Idem, p. 41). O consumismo é quando o consumo assume o papel chave na sociedade. Enquanto, para esse autor, o consumo é ocupação dos seres humanos como indivíduos, o consumismo é um atributo da sociedade. Para que uma sociedade adquira este atributo, a capacidade de querer ou de desejar deve ser destacada do indivíduo e transformada em uma força externa que irá estabelecer os parâmetros das estratégias e manipular a probabilidade de escolha e conduta dos indivíduos. Ao fazer tal afirmação, Bauman retira do consumidor a escolha dos objetos desejados e responsabiliza a “sociedade de consumidores” por gerar e manipular as necessidades.

O consumismo, em aguda oposição às formas de vida precedentes, associa a felicidade não tanto a *satisfação* de necessidade (como suas “versões oficiais” tendem a deixar implícito), mas a um *volume e intensidade de desejos sempre crescentes*, o que por sua vez implica o uso imediato e a rápida substituição dos objetos destinados a satisfazê-la. Ele combina, como Don Slater identificou com precisão, a insaciabilidade dos desejos com a urgência e o imperativo de sempre procurar mercadorias para se satisfazer. Novas necessidades exigem novas mercadorias, que por sua vez exigem novas necessidades e desejos; o advento do consumismo augura uma

era de “obsolescência embutida” dos bens oferecidos no mercado e assinala um aumento espetacular da indústria da remoção do lixo (BAUMAN, 2008, p 44-45).

Já Baudrillard (2011, p. 22) destaca também o consumo como essencial para pensar nossa sociedade, assumindo um estatuto miraculoso. Há uma crença exagerada na onipotência dos signos que leva à busca pela acumulação daqueles signos que se espera serem portadores de felicidade. Com estas afirmações, o autor compara a lógica de consumo com o pensamento mágico primitivo, pois as pessoas percebem os objetos como um milagre e não como parte do sistema de produção capitalista. Para Baudrillard (2011) o que caracteriza a sociedade de consumo é a universalidade do *fait-divers*<sup>33</sup> da comunicação em massa, em que toda a informação é acolhida sob a mesma forma, simultaneamente anódina e miraculosa. O pensamento mágico é estimulado pela comunicação em massa que não nos oferece verdade, mas “vertigem de realidade”, fazendo com que o signo nos passe segurança. “A imagem, o signo, a mensagem, tudo o que «consumimos», é a própria tranquilidade selada pela distância ao mundo que ilude, mais do que compromete, a ilusão violenta ao real” (Idem, p. 25). O signo, portanto, assume na sociedade de consumo maior importância e é mais conhecido que o produto real.

Para Campbell (2001, p. 32), no consumo moderno, houve uma nova aptidão para comprar supérfluos e uma nova disposição para fazê-los, trata-se de uma mudança na atitude mental do consumidor baseada no gosto e na moda. A relação dada entre necessitar e alcançar nunca são satisfeitas. “Quando uma necessidade é preenchida, diversas outras habitualmente aparecem, para lhe tomar o lugar” (Idem, p. 58). Os motivos dessa nova postura não estão ligados ao bem material e suas características físicas ou a sua utilidade, mas ao seu valor simbólico, ou seja, ao tipo de afeto que simboliza, a sua qualidade, beleza e

---

<sup>33</sup> Segundo Dejavite (2014) *fait divers* é um termo francês, introduzido no jornalismo por Roland Barthes no livro *Essais Critiques*, em 1964. Significa fatos diversos que cobrem escândalos, curiosidades e bizarrices. Também se caracteriza como sinônimo da imprensa popular e sensacionalista e é usado para se referir as notícias cujo interesse editorial está naquilo que possui de extraordinário, de exótico. São assuntos não caracterizáveis nas editoriais tradicionais (política, economia, internacional, desportos, etc).



sofisticação e aos sinais e sucesso e personalidade expressos através do mesmo.

Ainda de acordo com Campbell (2001), o consumo moderno tem quatro características. A primeira é que a explosão de consumo se deu primordialmente entre uma burguesia nascente e uma parcela da força de trabalho de renda mediana. A segunda característica é a predominância de indústrias voltadas para a produção de bens que só os muito ricos poderiam chamar de “necessidades”, tais como brinquedos, jogos, produtos de beleza e roupas da moda. O consumo é, nesses casos, um informador de papéis sociais e seu uso é um guia para a construção de identidades bem como para expressá-las. Em terceiro, está a revolução do lazer, com a prestação de uma série de serviços como o teatro, a música, dança, esporte etc. Por fim, a última característica apontada pelo autor é o desenvolvimento do romance moderno e o aparecimento de um público de leitores de ficção, que está relacionado à ascensão do amor romântico, responsável por elevar o status da emoção a um patamar inédito no curso da história (CAMPBELL, 2001, p. 42).

Para Sahlins (2003, p. 167), a economia ocidental e a própria sociedade ocidental se experimentam através do utilitarismo. O utilitarismo é a maneira pela qual o sujeito participante desta sociedade vive e é também a forma pela qual o economista a pensa. Em ambos os pontos de vista, o processo parece ser de maximização material. Em *Le Pensée Bourgeoise*, Sahlins chega a questionar a possibilidade de que o operador totêmico da sociedade primitiva (que articulava as diferenças culturais com diferenças da espécie animal) tenha sido substituído na sociedade ocidental por espécies e variantes de objetos manufaturados. Esses objetos, enquanto categorias totêmicas, têm o poder de fazer, da demarcação de seus proprietários individuais, um procedimento de classificação social (idem, p. 176).

O consumo, portanto, tem sido pensado como uma prática constitutiva da sociabilidade moderna. Segundo Lima (2010, p. 14), na antropologia, os pesquisadores têm se ocupando com as variadas maneiras pelas quais os bens são incorporados pelos consumidores em distintos contextos sociais. Chego assim à segunda questão que devo esclarecer antes de dar seguimento à apresentação da pesquisa sobre a prática de apropriação de objetos retirados do lixo: O que definimos por consumo na antropologia?

### 3.1.2. O que diz a antropologia do consumo

Segundo Miller (2007), o maior problema enfrentado pelo estudo do consumo é que a maioria dos acadêmicos que escreveram e teorizaram sobre o assunto parecem supor que ele é sinônimo do moderno consumo de massa. E veem isso como um perigo, tanto para a sociedade como para o meio ambiente, dando pouca ênfase para o seu potencial de abolir a pobreza, por exemplo. Os sociólogos da sociedade contemporânea, como Baudrillard e Bauman, que mencionei acima, também se inserem entre estes teóricos condenatórios do consumo. Segundo Miller, eles desenvolveram uma crítica do consumo mais geral, como sendo o ponto final do capitalismo. Para estes autores, se antes os bens representavam pessoas e relações, classe e gênero, agora eles vinham a substituí-los fazendo do mundo moderno um circuito sem fim de “signos” supérfluos e levando a uma existência pós-moderna superficial que perdeu autenticidade e raízes (MILLER, 2007, p. 37).

A palavra consumo geralmente é usada em nossa sociedade para expressar ideias ligadas à finitude ou à aquisição de algo. Usamos também cotidianamente o termo consumo, quase como sinônimo de aquisição, seja por meio de compra seja por meio de troca. Segundo Miller (2007), a razão pela qual os estudos do consumo adotaram esse aspecto moral ou normativo não é resultado de algum atributo do próprio consumo de massa e sim de uma característica intrínseca à atividade e que entende o consumir algo como uma forma de destruir a própria cultura material. Essa percepção naturalista que atribui ao consumo um caráter maligno existe muito antes do consumo de massa moderno.

Miller (2007) também lembra que esta não é uma percepção exclusiva de nossa sociedade, diversas culturas e filosofias condenam o consumo. Enquanto a produção é associada à criatividade (arte, artesanato, por exemplo) e possui valor, o consumo envolve o gasto de recursos e sua eliminação do mundo. Sendo assim, os debates morais que dominam esse tópico são mais velhos e mais profundos que a preocupação com o materialismo contemporâneo (MILLER, 2007, p. 35).

Duarte (2010, p. 364) constata que os estudos sobre o consumo, na antropologia, sempre estiveram presentes em tópicos, como sistemas de troca, esferas de troca, bens de prestígio ou moeda primitiva, mas não se estabeleceram enquanto uma área consolidada. Segundo a autora, isso se deve ao fato desses tópicos serem usados exclusivamente para estudos de sociedades pré-industriais e não das sociedades orientadas

pelo consumo em massa. Assim, a dicotomia criada entre sociedades “primitivas”, em que os bens circulam como dádivas, e a sociedade “ocidental”, na qual circulam como mercadoria, restringiu o estudo do consumo na sociedade “ocidental” à disciplina da economia.

A notoriedade do tema consumo vem sendo reconhecida pelas ciências sociais e em especial pela antropologia há algum tempo. No entanto, a influência das ciências sociais nos estudos de consumo moderno só se fez presente a partir da década de 1970, através dos estudos de Mary Douglas, que aborda os bens como um sistema de linguagem; e de Pierre Bourdieu, que vê os bens como forma de se criar e expressar distinções. Estudos mais preocupados com a semiótica foram consolidados no final dos anos 1980 com a publicação de três livros: *The social life of things*, de Appadurai, em 1986; *Culture and consumption*, de McCracken, em 1988; e *Material culture and mass consumption*, de Miller, em 1987. (MILLER, 2007, p. 44).

Na contramão das críticas efetuadas ao consumo, Douglas & Isherwood (2013) rejeitam, por serem amplamente deterministas, os principais enquadramentos discursivos que têm explicado o consumo no âmbito da mídia: o naturalista, o moralista e o hedonista. No primeiro caso, o consumo refere-se a aspectos físicos de determinado objeto, que, devido determinada ação, deixam de existir. O termo consumo é usado no sentido de gastar, ingerir e extinguir. No enquadramento hedonista, o consumo é visto como essencial à felicidade e à realização pessoal e, no enquadramento moralista, o consumo é responsável pelas diversas mazelas da sociedade. Esta última definição seria a principal responsável, segundo os autores, pelo silêncio acadêmico em relação ao consumo e pelo fascínio da economia pelos estudos da produção (DOUGLAS & ISHERWOOD, 2013, p. 10).

Douglas & Isherwood (2013) tentam refutar as explicações que se centram apenas em questões de utilidade ou na relação oferta e demanda e tentam demonstrar como necessidades básicas são inventadas e sustentadas na cultura (idem, p. 15). Os bens, na análise desses autores, são reconhecidos pela função de criar e comunicar significados, são tratados como um sistema vivo de informações e códigos, no qual consumir é exercitar um sistema de classificação do mundo que nos cerca a partir de si mesmo. Eles buscam retirar o consumo da esfera do privado e jogá-lo na esfera do público. Os bens servem para classificar, portanto, são conhecimento, e o objetivo do consumo é obter e transmitir esse conhecimento.

Segundo Douglas & Isherwood (2013, p. 110), as pessoas usam este conhecimento para demarcar o tempo, o status social e o lugar. A maior utilidade dos bens não está no uso, mas em sua capacidade de compartilhar nomes que foram apreendidos e classificados. Dessa forma, os dias da semana são marcados por uma alimentação específica, possuímos roupas distintas para frequentar cada um dos lugares sociais a que fazemos parte e somos capazes de reconhecer, pela marca de um produto, a classe social de quem o possui. Assim, não compramos o produto, e sim a informação que este transmite.

É por essa capacidade que determinados bens têm de gerar distinção, que Bourdieu (2007 e 2009) elabora sua teoria geral das classes sociais, buscando construir a correspondência entre práticas culturais e classes sociais e mostrando, ao longo de uma grande quantidade de pesquisas, como os indivíduos legitimam, expressam e reproduzem a hierarquia por meio do que consomem: arte, educação e bens materiais. O autor, portanto, desconstrói a máxima de que “gosto não se discute”, a qual pressupõe que as escolhas são meramente individuais. Nossas escolhas são, na verdade, reflexo do *habitus*<sup>34</sup> incorporado, que, em última análise, é a forma como o grupo social a que pertencemos atua sobre nós. O *habitus* define os estilos de vida das classes sociais de forma que é possível identificar uma repetição nos padrões de escolha dos indivíduos.

O livro organizado por Appadurai (2008), *A vida social das coisas: mercadorias sob uma perspectiva Cultural*, reúne artigos que fornecem uma forte resposta às acusações de que o consumismo ou o consumo moderno produz a fetichização dos objetos e impede a

---

<sup>34</sup> Segundo Setton (2002), o conceito de *habitus* é objeto de interpretações controversas. Bourdieu o teria elaborado na versão brasileira do posfácio do livro *Architecture gothique et pensée scolastique*, de Erwin Panofsky. No entanto a sistematização mais precisa do conceito de *habitus* só foi feita a partir das pesquisas realizadas entre camponeses da região francesa de Béarn, na Argélia em que Bourdieu define *habitus* enquanto “um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações” (BOURDIEU apud SETTON 2002, p 62). Este conceito é constantemente retomado em nos trabalhos posteriores de Bourdieu. No livro *O Poder Simbólico*, Bourdieu tem uma parte intitulada *A gênese dos conceitos de habitus e campo*, em que retoma os usos e as aplicações que deu a este conceito e define o *habitus* como “um conhecimento adquirido e também um haver, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural ” (BOURDIEU, 2001)

construção de vínculos sociais. Como bem coloca Laura Gomes na introdução à edição brasileira desse livro, a coletânea demonstra de forma eloquente como o consumo está na base da formação do gosto e da distinção e que sem ele não se poderia falar de individualismo, nem das estratégias sociais de reprodução dos muitos grupos e identidades sociais do mundo moderno. Segundo Miller (2007, p. 44), os autores desse livro contribuíram para a geração de uma ampla literatura sobre consumo, decentralizando os exemplos pautados nos EUA e no Reino Unido quando se fala de consumo na maioria das outras disciplinas e propondo, entre outras coisas, que examinemos as trajetórias seguidas pelos bens para se tornarem parte de uma sociedade de consumo.

McCracken (2003, p. 11), além de reconhecer o caráter cultural do consumo, amplia a prática do consumo para além do ato de comprar e inclui também a produção de bens e o uso. Ao não restringir o consumo ao momento de aquisição ou de apropriação, o autor nos sinaliza para a amplitude das diversas práticas que envolvem o consumo. Em meu entender, a grande contribuição de pensar o consumo dessa forma é permitir visualizar apropriadamente o consumo como parte de um sistema maior pelo qual os bens circulam. Esta postura teórica permite ver, também no consumo moderno, o que já nos ensinaram grandes clássicos da antropologia como Mauss (2003) e Malinowski (1976): os bens circulam e a troca e uso dos objetos são práticas que criam e mantêm vínculos sociais, ordenando assim a vida coletiva.

Os significados carregados pelos bens, segundo McCracken (2003), têm uma característica móvel, eles estão sempre em trânsito. Na teoria do autor, há três localizações para o significado e dois momentos de transferência. O significado está localizado no “mundo culturalmente constituído”, no bem de consumo e no consumidor. Sobre o “mundo culturalmente constituído ele diz.

[...] Este é o mundo da experiência cotidiana através do qual o mundo dos fenômenos se apresenta aos sentidos do indivíduo, totalmente moldado e constituído pelas crenças e pressupostos de sua cultura. Este mundo foi conformado pela cultura de duas maneiras. A cultura detém as “lentes” através das quais todos os fenômenos são vistos. Ela determina como estes fenômenos serão aprendidos e assimilados. Em um segundo lugar, a cultura é o “plano de

ação” da atividade humana. Ela determina as coordenadas da ação social e da atividade produtiva, especificando os comportamentos e os objetos que delas emanam. Enquanto lentes, a cultura determina como o mundo é visto. Enquanto “plano de ação”, ela determina como o mundo será moldado pelo esforço humano. Em resumo, a cultura constitui o mundo suprindo-o com significado. Este significado pode ser caracterizado em termos de dois conceitos: categorias culturais e princípios culturais. (McCRACKEN, 2003, p 101).

Segundo McCracken (2003), a transferência de significado se dá entre o mundo culturalmente constituído e os bens de consumo, através da publicidade e do sistema de moda, e entre os bens de consumo e os consumidores, através dos rituais de posse, troca, uso e despojamento.

Para McCracken (2003), contribuem para a formação do significado as categorias culturais e os princípios culturais. As categorias culturais são formas de classificações de tempo, espaço e pessoa. O tempo segmenta tanto unidades específicas, como um segundo, quanto unidades tão vastas quanto tempo de lazer, trabalho, sagrado, etc. O espaço define as classificações da flora, da fauna e do mundo sobrenatural. E a categoria cultural de pessoa cria as distinções de classe, gênero, idade e ocupação (idem, p. 101). Já os princípios culturais são as ideias e os valores de acordo com os quais as categorias culturais são avaliadas e construídas. As categorias culturais são a segmentação do mundo e os princípios culturais são as ideias através das quais esta segmentação é performatizada (idem p. 105).

Ainda segundo o autor, um dos modos mais importantes no qual as categorias culturais são substanciadas é através dos objetos materiais de uma cultura. Os objetos conferem substância e contribuem para a construção do mundo culturalmente constituído. Os objetos são um registro vital e visível do significado cultural que seria, de outro modo, intangível (McCRACKEN, 2003, p.103).

Este significado de que fala o autor está presente no calçado que usamos, por exemplo. Ele não serve apenas para proteger nossos pés, mas também para comunicar quem somos através de uma infinidade de símbolos reconhecidos socialmente. Sua cor, modelo e marca são capazes de dizer a que grupo ou “tribo urbana” pertence quem os calça, se pratica ou não esportes e sua classe econômica. Esta estrutura de consumo dita o que deve ser objeto de desejo, aquilo que está “na

moda”, que confere mais status no momento, bem como os objetos que já não servem mais. Estas classificações criadas pela sociedade contemporânea são tão carregadas de significado quanto as usadas nas sociedades tradicionais. A Tecnologia de ponta, o *fashion*, o artigo de marca, artigo de coleção, o *made in china*, o lixo ajudam a comunicar e delimitar o lugar de cada pessoa no mundo. Portanto, a teoria antropológica tem certa urgência em mostrar como o consumo moderno também é carregado de significado.

Com esta exaustiva revisão teórica, visei resgatar as principais contribuições da antropologia para o estudo do consumo. Do meu ponto de vista, estas contribuições são: primeiro, visualizar o consumo não como um ato isolado de obtenção de algo, mas como a circulação dos objetos no mundo dos homens; segundo, enfatizar a capacidade que tal circulação tem de estabelecer e manter relações sociais; e, por fim, mas não menos importante, considerar que os objetos envolvidos nessa circulação têm significado, criam classificações e delimitam as distinções sociais entre as pessoas que os fazem circular.

O consumo, como se pode perceber a partir da revisão teórica que acabo de esboçar, é tanto as ações que permitem a circulação dos objetos, quanto os significados e valores atribuídos a tais objetos e a tais ações. Tentando dar conta das dimensões práticas (produção, uso e descarte de bens) e também simbólicas e culturais do consumo, optei por trabalhar esta temática sob duas novas categorias. De um lado, uso a categoria estrutura de consumo para me referir aos princípios classificatórios de ordem cultural e, de outro, uso a categoria práticas de consumo para me referir às diversas ações que envolvem a produção e circulação dos bens.

Por estrutura de consumo me refiro aos códigos de classificação públicos que permitem comunicar informações sobre o indivíduo e regulam relações sociais através da circulação de objetos. Considero possível afirmar que o consumo é constituído por uma dimensão estrutural (relações simbólicas de ordem cultural) que rege grande parte das ações das pessoas em nossa sociedade. O termo estrutura é aqui usado preservando a ideia de Lévi-Strauss de que há um caráter classificatório inconsciente por meio do qual todo o discurso cultural, as normas e leis sociais são criados. No entanto, não me prendo à ideia de que as classificações sigam uma lógica arbitrária de atribuição de significados por meio de oposições binárias ou que sejam estritamente inconscientes. Prefiro antes investigar como as relações sociais, os arranjos políticos e os valores sociais criam e recriam classificações que

se tornam estruturantes no consumo de cada indivíduo. Nesse sentido, a estrutura, tal como a entendo, não me impede de dialogar concomitantemente com a teoria da prática para pensar mais amplamente a reprodução através dos conceitos de *habitus* e distinção de Bourdieu (2001, 2007) e a mudança através dos conceitos de evento e estrutura de conjuntura de Marshall Sahlins (2011).

Parte da interpretação que uso para apropriar-me dessas teorias é bastante influenciada pela análise de Ortner (2011) sobre estes autores e suas influências na produção antropológica das últimas décadas. Em nenhum momento a autora sugere que seja possível trabalhar com o estruturalismo e as chamadas teorias da prática ao mesmo tempo, mas evidencia a ênfase que os autores da teoria da prática deram às práticas e às relações sociais, conhecidamente negligenciadas pelo estruturalismo. Considero possível fazer essas duas abordagens teóricas, estruturalismo e teorias da prática, serem complementares ao analisar as práticas de apropriação de objetos retirados do lixo, bem como as relações sociais, os arranjos econômicos e os processos políticos envolvidos nelas como práticas formadoras da estrutura de consumo e ao mesmo tempo como práticas definidas pela cultura.

Portanto, a estrutura nesse texto é entendida como princípios classificatórios, não meramente cognitivos, mas públicos, porque se formam através das relações sociais, dos valores e significados compartilhados pelas pessoas de uma sociedade. A definição de Sahlins (2011, p. 8) de estrutura como relações simbólicas de ordem cultural é a que mais se aproxima da forma como irei usar o termo nesse texto. Trazer o conceito de estrutura de consumo para o âmbito da cultura é fundamental para entender os princípios classificatórios que permeiam as práticas de consumo. A estrutura do consumo é também o que McCracken (2003) chama de “mundo culturalmente constituído”, no qual se originam os significados que residem nos bens e as distinções ou categorias por meio das quais a cultura divide o mundo.

Já por práticas de consumo entendo todas as ações que permitem a circulação de um determinado objeto. As práticas de consumo são a definição ampliada de consumo de McCracken (2003) e abrangem, além da produção, da compra e do uso de bens, também o descarte. Entendo que a compra (troca de um produto por dinheiro) não é a única forma dos bens passarem de um indivíduo a outro, portanto, trabalho com a ideia de apropriação e/ou aquisição como práticas equivalentes a compra. Por práticas de consumo enfatizo a circulação de objetos, as formas possíveis por meio das quais os objetos passam de uma pessoa a outra.



Nesse sentido, as práticas de apropriação de objetos encontrados no lixo, que descrevi no capítulo anterior, são parte do consumo, porque permitem a circulação e transmissão de bens. Mais que a circulação dos bens, as práticas de apropriação dos objetos encontrados no lixo proporcionam a ressignificação dos sentidos atribuídos a esses objetos, pois elas não se moldam às classificações do sistema de produção previamente estabelecidas pela estrutura de consumo de nossa sociedade, elas o reinventam.

### **3.2. O sistema produtivo e a padronização do trabalho com o lixo**

Passarei a descrever na sequência alguns dados que exemplificam a estrutura de consumo e as práticas de consumo entre trabalhadores com o lixo. Inicialmente, apresentarei as categorias de classificação do sistema de produção que ordenam o mercado de reciclagem. As classificações do sistema de produção certamente não são o melhor exemplo para pensar estrutura de consumo, no entanto, eram elas quem disciplinavam o espaço das associações e os corpos dos trabalhadores, daí porque me ative, inicialmente, a elas. Como tentarei mostrar no fim deste capítulo e no próximo, a estrutura de consumo está além dessas padronizações técnicas, ela está introjetada na forma como vemos e classificamos as pessoas e as coisas no mundo.

Depois de descrever as classificações do mercado de recicláveis e de como tais classificações são formas disciplinadoras do trabalho com o lixo, apresento como o cotidiano de trabalho acaba por impedir uma padronização completa. Este cotidiano de trabalho permite a criação de novas rotas de circulação de objetos. Tais rotas são, em grande medida, possibilitadas pela criatividade e engenhosidade de cada uma das pessoas com as quais fiz pesquisa.

#### **3.2.1. Classificações do mercado de materiais recicláveis e a estrutura de consumo da sociedade contemporânea**

As práticas de consumo que compreendem ações como a produção, a comercialização, a apropriação, o uso e o descarte de objetos estão também pré-estabelecidas pela estrutura de consumo da sociedade ocidental. Um exemplo disso é a forma como os bens são pensados pelo sistema de produção. Nossos objetos são feitos para durarem pouco, até um novo modelo surgir. O valor deles está na atualidade e não na durabilidade. A publicidade e a moda impulsionam a

entrada de um novo bem no comércio e também o retiram rapidamente, tornando-o obsoleto ao lançarem algo “novo”, com “designer arrojado”, com “o melhor desempenho já visto”, etc. Esta constante substituição faz com que desde a produção os bens tenham um tempo de vida definido. As coisas se tornam lixo antes mesmo de perderem sua utilidade ou de serem desgastadas pelo tempo. Os objetos são produzidos para passarem, de maneira linear, pelo comércio e, através da compra, serem adquiridos pelo consumidor, usados e descartados. As classificações desse processo estão ligadas a uma ordenação do mundo dada pelo sistema produtivo de bens que usa os mais diversos tipos de valores culturais para fazer com que tudo seja constante e rapidamente substituível.



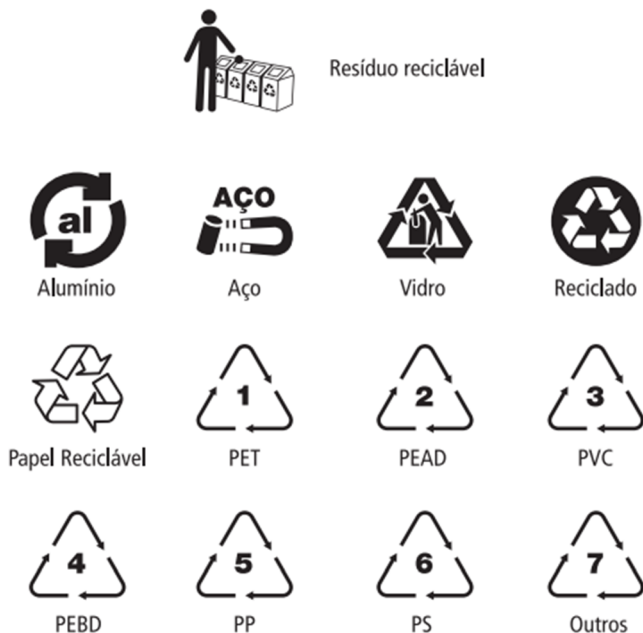
**Figura 27. Organização das práticas de consumo segundo a estrutura de consumo. Elaborada por Simone Lira da Silva**

A expectativa de que os bens circulem por meio dessa ordem de práticas de consumo é evidente na preocupação do sistema produtivo sobre o que fazer com estes bens após o descarte. Atualmente, a maior parte dos objetos e embalagens estão grafadas com um símbolo de reciclagem, que, na maioria das vezes, são três flechas apontando no sentido horário e formando um triângulo. Estes símbolos têm pequenas variações que identificam o tipo de material: papel, vidro e plástico. No caso dos plásticos, ele tanto pode ser acompanhado da sigla, como do número que identifica a composição química do produto. Tal simbologia é, em grande parte, destinada a auxiliar no reconhecimento do material no momento de descarte e facilitar a separação para que este retorne à indústria em formato de matéria prima. Ou seja, todos os objetos estão desde de seu surgimento inseridos dentro de uma lógica produtiva voltada para o descarte.

Segundo a norma técnica de classificação dos plásticos (NBR 13.230:2008), existem seis grupos de plásticos, são eles: PET, PEAD, PVC, PEBD/PELBD, PP, OS<sup>35</sup>. Além desses, há uma sétima categoria, denominada “outros”, usada para classificar produtos plásticos

<sup>35</sup> Disponível em: [http://www.plastivida.org.br/2009/Plasticos\\_Tipos.aspx](http://www.plastivida.org.br/2009/Plasticos_Tipos.aspx). Acesso em: 30 de jul. 2014.

fabricados com uma combinação de diversas resinas e materiais (ABS/SAN, EVA, PA, PC). O PET (polietileno tereftalato) compreende frascos e garrafas para uso alimentício/hospitalar, cosméticos, bandejas para micro-ondas, filmes para áudio e vídeo e fibras têxteis, entre outros. É transparente, inquebrável, impermeável e leve; O PEAD (polietileno de alta densidade) compreende embalagens para detergentes e óleos automotivos, sacolas de supermercados, garrafeiras, tampas, tambores para tintas, potes para utilidades domésticas, etc. É inquebrável, resistente a baixas temperaturas, leve, impermeável, rígido e com resistência química; O PVC (poli cloreto de vinila) compreende embalagens para água mineral, óleos comestíveis, maioneses, sucos, perfis para janelas, tubulações de água e esgotos, mangueiras, embalagens para remédios, brinquedos, bolsas de sangue, etc. É rígido, transparente, impermeável, resistente à temperatura e inquebrável; no grupo dos PEBD/PELBD (polietileno de baixa densidade/ polietileno linear de baixa densidade), estão as famosas e problemáticas sacolas para supermercados e boutiques, filmes para embalar leite e outros alimentos, sacaria industrial, filmes para fraldas descartáveis, bolsa para soro medicinal, sacos de lixo, etc. É flexível, leve, transparente e impermeável; PP (polipropileno) inclui filmes para embalagens e alimentos, embalagens industriais, cordas, tubos para água quente, fios e cabos, frascos, caixas de bebidas, autopeças, fibras para tapetes, utilidades domésticas, potes, fraldas e seringas descartáveis, etc. Conserva o aroma, inquebrável, transparente, brilhante, rígido e resistente a mudanças de temperatura; PS (poliestireno) – potes para iogurtes, sorvetes, doces, frascos, bandejas de supermercados, geladeiras (parte interna da porta), pratos, tampas, aparelhos de barbear descartáveis, brinquedos, etc. Impermeável, inquebrável, rígido, transparente, leve e brilhante; e Outros (ABS/SAN, EVA, PA e PC) no qual se encontram solados, autopeças, chinelos, pneus, acessórios esportivos e náuticos, plásticos especiais e de engenharia, CDs, eletrodomésticos, corpos de computadores, etc.



**Figura 28. Símbolos de classificação dos plásticos. Fonte: APRE. Integração de Aspectos Ambientais no Projeto e Desenvolvimento da Embalagem: Adequação da ABNT ISO/TR 14.062:2004 para as Embalagens. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: [http://www.abre.org.br/wp-content/uploads/2012/07/cartilha\\_iso.pdf](http://www.abre.org.br/wp-content/uploads/2012/07/cartilha_iso.pdf). Acesso em: 19 de abril de 2015.**

No Brasil, todas as embalagens plásticas devem conter o símbolo que identifica a que grupo pertence, mas os trabalhadores costumam se orientar pelo som que o objeto produz ao ser pressionado, tornando assim o trabalho mais rápido que se necessitasse procurar pelo minúsculo símbolo impresso na embalagem. A separação de alguns plásticos, além de atender a estas classificações, também leva em consideração a cor do objeto. É o caso das garrafas pets, as transparentes geralmente são depositadas em lugares diferentes das que possuem algum tipo de coloração.

Além das diversas classificações para a separação de plásticos que descrevi acima, o papel era outra importante fonte de material reciclado que possuía uma ampla classificação. Entre os papeis, há

quatro grupos principais que todas as associações que realizei a pesquisa separavam: o papel branco, composto majoritariamente por papel branco de escritório com pouca escrita e sem imagens coloridas impressas; o papelão; embalagens longa vida ou cartonada, cujo principal exemplo são as caixas de leite; e o misto que abarcava todos os demais tipos de papel desde tolha de papel até caixas de calçados.

De uma maneira geral, todos nós sabemos que é possível reciclar plástico, papel, metal e vidro. O que, na maioria das vezes ignoramos, são as subdivisões que estas categorias possuem e que se pode falar do lixo com termos como pureza e qualidade. O valor comercial da maior parte dos materiais recicláveis depende do grau de “pureza” destes quando enviados à indústria de reciclagem. Por isso, quanto mais detalhada for a separação, maior qualidade terão os materiais recicláveis e melhores serão seus preços no mercado.

Meu objetivo, com a descrição dessas classificações, é mostrar como é possível visualizar o que estou chamando de estrutura de consumo no cotidiano de trabalho com o lixo. Como já mencionei, o caráter estrutural do consumo encontra-se nas classificações prescritas pela cultura que criam as distinções de status e ditam as regras de comportamento. Estas classificações não só definem o significado de cada bem, como também atribuem a ele um tempo de existência, uma trajetória esperada para sua circulação e até mesmo as práticas de consumo esperadas em cada fase da vida de determinado objeto. A prática de descarte, já imaginada e esperada pela estrutura de consumo, é evidenciada nas classificações previamente atribuídas a um objeto ao pensar em o que fazer com ele quando não mais servir ao uso.

Dentro dos galpões de seleção, há uma rotina de separação e enfardamento do material reciclável que segue critérios rígidos ditados pelo mercado da reciclagem. Isso implica em um esforço de padronização dos setores que fazem a triagem do lixo. Esta padronização, no entanto, não se completa por inteiro dentro das associações. Como tentarei demonstrar na sequência, os cursos oferecidos aos trabalhadores com o lixo e as novas tecnologias disponibilizadas nem sempre são suficientes para que a separação dos materiais recicláveis seja feita da mesma forma em todas as associações ou por todo o tempo. Esta padronização varia segundo uma série de fatores: a aceitação, por parte dos trabalhadores com o lixo, das novidades introduzidas no cotidiano de trabalho; a precariedade dos equipamentos que conseguem comprar para realizar o trabalho; o valor monetário obtido com cada grupo de material reciclável, e também a

criatividade de cada trabalhador com o lixo para dar destinos diferentes ao lixo, que não o esperado pelo sistema produtivo.

### **3.2.2. A padronização imposta aos trabalhadores e sua adequação às condições de cada associação**

Como vimos, na ponta dessa linha de práticas de consumo esperadas em nossa sociedade, estão as indústrias de reciclagem. São elas as responsáveis por criar as categorias de classificação dos objetos descartados e por passar parte do conhecimento técnico necessário para a prática do descarte aos setores responsáveis pela coleta e triagem dos materiais recicláveis. Muitas dessas indústrias de reciclagem investem em cursos e convidam membros de associações de trabalhadores com o lixo para realizá-los. É comum que dentro de cada associação pelo menos um dos trabalhadores tenha realizado algum desses cursos e repasse as informações que considera importantes aos demais, quando estão fazendo a separação. Além de proporcionar conhecimento sobre o modo como os materiais deviam ser separados, esses cursos explicavam como manter o local de trabalho “organizado”. O trabalho dentro das associações tinha sua organização influenciada pelo conhecimento que seus associados possuíam das normas técnicas criadas visando melhor adequação da matéria prima retirada do lixo para a indústria de reciclagem.

Na ASMAR, por exemplo, os associados comentavam que realizavam a separação dos materiais recicláveis sentados, mas, após alguns dos integrantes terem feito um curso e receberem orientação sobre as vantagens de permanecer em pé e de usar uma mesa como apoio para trabalhar, modificaram sua postura de trabalho. Margarete, fundadora da associação e também presidente da mesma na época, conta que, no início, os trabalhadores não queriam “deixar as cadeiras”. Eles estavam acostumados a trabalhar sentados e a arcarem-se sobre o lixo no chão para separá-lo. Reclamavam que seria muito cansativo passar o dia todo em pé. No entanto, pouco tempo após terem implementado a coleta sobre as mesas improvisadas no centro do galpão, todos concordavam que esta era a melhor forma de trabalhar. Os pontos positivos apresentados nos cursos eram reais, o trabalho em pé diminuía os problemas de coluna e dava maior agilidade para realizar a separação, o que resultava em uma maior quantidade de material separado e conseqüentemente maior rendimento ao final de cada quinzena, quando realizavam a venda.

Além da orientação de trabalhar em pé, os cursos explicavam as vantagens de manter sempre no mesmo lugar os recipientes com os objetos já classificados e de o associado trabalhar sempre no mesmo local na mesa de seleção. Na ASMAR e na Pro-CREP esta era uma prática comum durante a seleção. Ao redor das mesas da ASMAR e da esteira da Pro-CREP, estavam dispostas as bombonas, ou sacos nos quais os materiais selecionados eram depositados. A disposição das bombonas investe o trabalhador com o lixo de certa técnica corporal para realizar a atividade de seleção. Os movimentos tornam-se mecânicos, na medida em que ele adquire noção espacial precisa do que está a sua volta. Assim, a maior parte dos associados retirava os materiais recicláveis do lixo e os atirava nas bombonas correspondentes sem precisar olhar para as mesmas. Na ASMAR, onde tive oportunidade de realizar o trabalho de seleção por mais tempo junto aos associados, vi isso acontecer com meu próprio corpo: passei de alguém que não conseguia acertar um papel amassado dentro da lixeira que ficava sob minha escrivaninha, para alguém que realizava com êxito o encestamento de diferentes objetos, com diferentes formatos e pesos, em bombonas localizadas a mais de dois metros da minha localização.



**Figura 29. Mesas de seleção do material reciclado na ASMAR. Foto de Renan Nunes Paz.**

A ASMAR também tinha adotado um sistema de cercados, que os trabalhadores chamavam de “gaiolas”, para onde era levado o material das bombonas quando estas estavam cheias. Os cercados impediam que o material se misturasse a outros e também era uma espécie de medida para quem prensava e fazia os fardos. Geralmente quando o cercado estava cheio, havia quantidade suficiente de material para se obter um fardo. Os fardos tinham um volume de aproximadamente um metro cúbico e seu peso variava de acordo com o tipo de material prensado. Sacolas plásticas e papel, por compactarem melhor durante a prensagem, resultam em fardos mais pesados. Na ASMAR acompanhei a pesagem de fardos de até duzentos e trinta quilos, o que era um grande problema na hora de erguer no caminhão, já que a associação não dispunha de uma máquina empilhadeira.

A cada quinze dias, os fardos prensados na ASMAR eram vendidos para os atravessadores, que levavam esse material até a indústria de reciclagem. Nos primeiros meses de minha pesquisa, os trabalhadores da ASMAR não dispunham de nenhum tipo de tecnologia mecanizada que os auxiliasse no carregamento dos fardos. Isso era realizado por meio de um extenuante trabalho coletivo. Cinco ou seis pessoas tombavam os fardos até aproximá-los do caminhão e continuavam fazendo isso sob uma rampa de madeira que improvisavam com duas tábuas escoradas na lateral do caminhão. Depois de algum tempo, eles construíram um sistema de roldanas fixadas na parte superior do galpão, os fardos eram amarrados a uma das extremidades da corda que passava pela roldana e era puxada pela outra extremidade por duas pessoas, outras duas o direcionavam para dentro do caminhão. Esta técnica reduziu consideravelmente o esforço físico realizado pelos trabalhadores para erguer os fardos, embora não fosse o mais indicado, pois as vigas do galpão, onde foram fixadas as roldanas, não tinham sido construídas para suportar esse tipo de peso.

Havia, especialmente na ASMAR, grande interesse dos associados em aderir às iniciativas que aumentassem seus lucros, mas a associação era constantemente limitada por suas dificuldades financeiras, que impediam a compra de equipamentos para ampliar ou facilitar o trabalho prestado. Os equipamentos da Associação se limitavam a uma prensa, um picador de papel industrial e a um caminhão, todos já estavam bastante desgastados e necessitavam de reparos seguidamente. A Associação não possuía nenhum órgão ou empresa que a patrocinasse financeiramente e precisava que os ganhos com a reciclagem fossem suficientes para cobrir as despesas que incluíam o fornecimento de água e luz, a alimentação e a manutenção



dos equipamentos e do caminhão. Seus parceiros se limitavam a doar o lixo que produziam, a divulgar a atividade da ASMAR ou a fornecer algum curso para os associados. Os materiais selecionados eram todos coletados pela associação com seu próprio caminhão. Pelo acordo feito com os Irmãos Maristas, que cederam o galpão, a ASMAR não poderia comprar material de terceiros, apenas selecionar o que era doado à associação ou conseguido com a coleta realizada nas ruas. Por dependerem exclusivamente da renda obtida com o trabalho de selecionar os materiais reciclados, todos cobravam, uns aos outros, agilidade e responsabilidade com o trabalho. Essa pressão, muitas vezes, causava conflitos entre os associados que possuíam ritmos diferentes de trabalho e mútuas acusações de estar fazendo “corpo mole”.

A precariedade dos equipamentos e os conflitos internos faziam parte do cotidiano das outras associações que pesquisei e influenciavam o grau de adesão desses trabalhadores às técnicas e aos procedimentos de segurança no trabalho incentivadas pelas indústrias de reciclagem. Era comum que os trabalhadores realizassem o conserto dos equipamentos usando um aparelho de soldar emprestado de alguma oficina da vizinhança ou que alugassem prensas e trituradores de papel para realizar o trabalho até conseguirem dinheiro para o conserto do antigo.

A ASMAR, por exemplo, tinha acordos com um dos hospitais de Santa Maria, com o Banco do Brasil e com alguns órgãos públicos para “fazer” o “papel sigilo”. Essas instituições pagavam para que a associação triturasse os documentos que eram descartados por elas. Depois de triturados, os papéis podiam ser vendidos normalmente pela associação. A renda extra obtida com o pagamento pela trituração era importante para a associação e eles não podiam deixar de realizar o trabalho só porque o triturador estava quebrado. Era preferível perder todo o dinheiro ganho nessa atividade com o aluguel de um triturador que correr o risco que estas empresas procurassem outras pessoas para fazerem o serviço.

A Pro-CREP era a associação que dispunha de melhor infraestrutura, tendo a sua disposição um galpão bastante amplo. Logo na entrada estavam os objetos eletrônicos encontrados no lixo, que ainda funcionavam e seriam vendidos como eletrodomésticos usados, os fardos já prensados, além de um pequeno espaço com geladeira e mesa onde os associados faziam a pausa para o lanche. No canto à direita à entrada, estavam localizados os banheiros e a porta de acesso ao Brechó. No centro ficava a esteira onde era feita a triagem do lixo. Ao redor

dela, estavam os sacos, caixas ou bombonas usadas para separar os objetos e, ao longo de uma das paredes, compartimentos maiores para estocar os materiais selecionados até atingirem quantidade suficiente para se fazer um fardo. Nos fundos, existia outra porta grande, que era por onde o caminhão chegava com o lixo recolhido na rua e onde o deixava até que fosse puxado pela esteira para a triagem. Também nos fundos ficava a porta de acesso à construção paralela que abrigava o projeto do biodiesel da UNISUL.

Além do amplo espaço, a Pro-CREP contava com o apoio de uma série de entidades e projetos governamentais que eram articulados pela professora Helia. Como esta associação foi fundada por lideranças locais e não por trabalhadores com o lixo, estava estritamente ligada a diversos projetos de educação ambiental e assistência social. Por sua vez, a atuação dos trabalhadores era voluntária ou involuntariamente influenciada pela pressão das pessoas que articulavam estes projetos. A organização do local, a distribuição da renda e o destino dos objetos eram decididos levando em consideração os diversos projetos da associação. A coleta de óleo para o biodiesel, por exemplo, era uma tarefa estimulada pelo projeto que a Unisul desenvolvia no local e o biodiesel produzido não era usado apenas pelo caminhão da associação, mas era distribuído para pescadores artesanais usarem em suas embarcações. Alguns dos objetos encontrados no lixo deviam, preferencialmente, ser entregues para o Brechó e para o projeto da oficina de mosaicos e artesanato.

Apesar de todo um esforço externo para homogeneizar o trabalho dentro das associações, alguns trabalhadores com o lixo não queriam ter suas rotinas de trabalho alteradas e encontravam seu próprio “jeito” de contornar os desafios proporcionados pelo trabalho com o lixo. Duas das associações em que fiz a pesquisa em Santa Maria não tinham aderido totalmente à técnica de separar o lixo sobre uma mesa ou sobre a esteira. Na ARSELE, apenas Dona Teresinha usava a esteira, mas os demais preferiam separar sentados. O lixo que chegava à associação era depositado no chão, na parte central do galpão de triagem, e os trabalhadores com o lixo ficavam sentados ao redor. Os recipientes de separação ficavam dispostos atrás ou ao lado dos trabalhadores. A principal dificuldade que observei ao participar desse tipo de seleção era precisar ficar arcada sobre os sacos de lixo o tempo todo, esta posição era bastante incômoda para a coluna. Depois de separados, os materiais da ARSELE eram levados para grandes sacos nos quais permaneciam até atingiram quantidade suficiente para se fazer um fardo na prensa. O

material coletado na associação era vendido a cada trinta dias para atravessadores

Já na ARPS, não havia esteira ou mesa e os materiais eram pré-selecionados durante a coleta. A coleta era realizada com carrinhos puxados pelas mesmas pessoas que iriam separar e pensar o lixo depois. A associação possuía alguns pontos fixos de coletas, geralmente colégios e comércios dos bairros mais próximos, mas, na maioria dos dias, a rotina consistia em sair pelas ruas em “zigzague”, procurando material de lixeira em lixeira. O Trajeto variava: como existem outras pessoas procurando por materiais recicláveis nas ruas, sempre que viam outro trabalhador com o lixo à frente ou o caminhão da empresa responsável pela coleta de lixo em Santa Maria mudavam o trajeto. Às vezes, o carrinho, uma armação de metal cercado por uma tela de plástico, sustentado com um único eixo de rodas e puxado a mão, enchia apenas no trajeto da vila Santa Marta, assim, as trabalhadoras retornavam à associação. Outras vezes, era necessário percorrer mais de um bairro para conseguir completar a carga. Para encher os carrinhos, as trabalhadoras dessa associação podiam levar até três horas e meia.



**Figura 30. Trabalhadoras da ARPS percorrendo as ruas do bairro de Santa Marta, local conhecido como Alto da Boa Vista. Fotos de Simone Lira da Silva.**

O trabalho consistia em ir de lixeira em lixeira apalpando as sacolas. Quando percebiam que havia objetos de seu interesse, faziam pequenos furos nos sacos e retiravam as garrafas, latas ou outras embalagens recicláveis. Basicamente pegavam apenas papel, papel-caixinha, papelão, garrafas *pets*, potes de plástico, caixas de leite e latas. As roupas, que eventualmente eram encontradas, passavam por uma “revisão” antes de serem postas no carrinho. As trabalhadoras só pegavam o que consideravam que poderia ser usado por uma delas ou por alguém da família. As sacolinhas plásticas não eram muito cobiçadas por essa associação, faziam fardos apenas das que vinham como embalagem do lixo que recolhiam na rua, mas as associadas não se detinham a pegar as sacolas na rua. Todas as associadas saíam juntas, revezavam-se para puxar o carrinho e para fazer a coleta dos materiais recicláveis na lixeira.

De volta ao galpão da ARPS, depois de retornarem da coleta, as mulheres retiravam o material recolhido dos carrinhos e levavam para os locais em que iriam permanecer até o enfardamento. Nessa forma de separação, as associadas precisavam se debruçar sobre os carrinhos para pegar o material e depois caminhar com ele até o local em que o iriam depositar, por isso ficavam o tempo todo andando de um lado para outro dentro da associação.

O trabalho com o lixo está organizado, portanto, com base em uma série de classificações que são dadas previamente pela estrutura de consumo da nossa sociedade. As classificações técnicas criadas para o momento do descarte e que acompanham os objetos desde que saem da indústria são categorias que não podem ser ignoradas pelos trabalhadores com o lixo. No entanto, as tentativas de padronizar o trabalho com o lixo esbarram sempre na prática e no cotidiano de quem de fato executa tal trabalho. Diversas circunstâncias, que só podem ser entendidas pela prática e pelo cotidiano de trabalho de cada associação, influenciam as classificações presentes nas associações.

O “papel Sigilo”, por exemplo, era uma classificação específica que encontrei apenas na ASMAR, já que esta era a única associação que estabeleceu parceria para selecionar este tipo de material. A classificação de objetos que poderiam ser usados para a confecção de artesanato só existia na ARSELE, em Santa Maria, e na Pró-CREP, na Pinheira, porque ambas possuíam oficinas de artesanatos acopladas às associações. Às vezes, as associações podem fazer contratos diretamente com a indústria que utiliza determinada embalagem. Nesses casos, a embalagem é vendida por um preço estipulado por unidade e não por peso e os trabalhadores precisam se certificar de que ela não se encontra

amassada ou danificada de alguma forma. Garrafas de vidro, bombonas de água e embalagens para amaciantes eram as que mais tinham saída nesse tipo de mercado.

Além disso, outras circunstâncias, como o valor monetário de cada objeto e a quantidade de esforço, tempo e espaço necessário para realizar a separação faziam com que os trabalhadores excluíssem objetos de determinadas categorias de reciclados e os jogassem no lixo. O lixo era uma categoria que continuava a existir após a seleção, aliás, para os trabalhadores, só existia após a separação. Todo o material que não era incluído em nenhuma das classificações de reciclagem era destinado ao lixo. Nas primeiras vezes em que trabalhei na triagem do lixo, durante a pesquisa de campo, era grande meu estranhamento quando algum dos associados respondia minha pergunta sobre onde colocar determinado objeto com um simples “no lixo”. Levou tempo até que internalizasse e me sentisse confortável com a ideia de que lixo era apenas uma pequena parcela de tudo o que estava dentro da associação.

O lixo é também uma categoria contextual. Como já disse no capítulo anterior, a sujeira é relativa à ordem que desejamos estabelecer. Esta ordem é pré-determinada pelo meio social em que vivemos. Cada cultura tem seus padrões de limpeza, de classificação e ordenação de mundo. Daí porque algumas ações, como descartar a embalagem de papel de um doce que acabamos de comer nos pareçam tão normais e as façamos corriqueiramente. A definição do que se torna lixo é cultural e entre os trabalhadores com o lixo esta categoria era permanentemente reformulada.

### **3.3 As práticas de consumo entre trabalhadores com o lixo:**

Os objetos sempre assumiram uma importância indescritível na vida de qualquer indivíduo, mas, na sociedade contemporânea, observa-se o seguinte paradoxo: se, por um lado, as pessoas almejam e têm acesso a eles de forma muito rápida, por outro, eles são também rapidamente descartados. Ao serem descartados, a relação com estes objetos se altera radicalmente: o que era desejado torna-se inoportuno, o que suscitava admiração torna-se obsoleto, o que era útil passa a ser um estorvo, a ponto de, em alguns casos, possa gerar uma sensação de repulsa, de nojo e de medo. Através do conceito antropológico de consumo, é possível resgatar estes objetos, nesse exato momento, de seu suposto fim social: o descarte.

Mesmo após se tornarem lixo, estes objetos ainda podem circular, levando consigo os mais diversos significados. Com a apropriação feita pelos trabalhadores com o lixo desses objetos, esta circulação é reinventada, assim como os significados atribuídos a eles. Portanto, a apropriação feita pelos trabalhadores com o lixo é também uma prática de consumo. Assim, as apropriações desses objetos encontrados no lixo são práticas de consumo por meio das quais os trabalhadores com o lixo fazem circular não só objetos, mas também os novos significados atribuídos a estes.

As práticas de consumo entre trabalhadores com o lixo se dá enquanto novas rotas de circulação para os objetos, enquanto práticas que permitem a reavaliação dos significados do lixo e enquanto formas de classificação que alteram ou mantêm as distinções e hierarquias sociais previamente definidas pela cultura.

### 3.3.1 A circulação de objetos

Através do estudo das práticas de apropriação de objetos retirados do lixo por trabalhadores com o lixo, foi possível identificar que as ações que compõem a prática do consumo (produção de matéria prima, produção de bens, aquisição e descarte) não estão dispostas de forma linear como pressupõe a estrutura de consumo da sociedade ocidental. As diversas práticas que envolvem o consumo podem se articular de forma imprevisível. O momento do descarte, por exemplo, não só absorve os bens vindos de qualquer parte do processo como pode fazê-los recircular novamente entre as demais práticas de consumo.

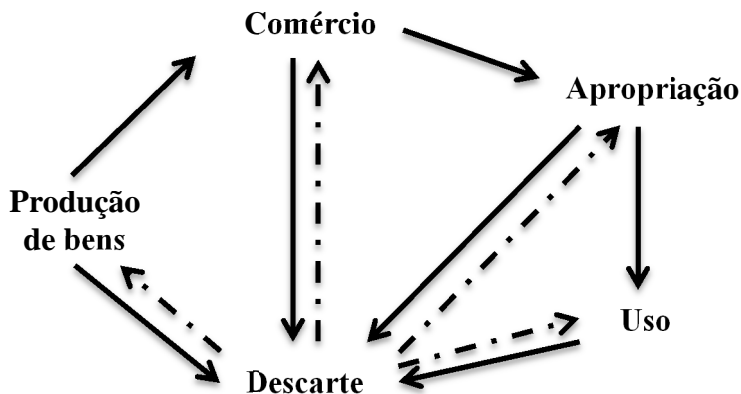


Figura 31. Gráfico da circulação dos bens através das práticas de consumo.

É verdade que parte dessa trajetória não linear percorrida pelos objetos também já está prevista pelo sistema produtivo. Este sistema considera a possibilidade de que uma pequena porcentagem do que produz jamais seja comercializado. Ainda dentro das fábricas, os produtos são submetidos a um controle de qualidade que pode levar parte da produção direto para o lixo. Alguns produtos, geralmente os que são compostos por um único componente, como por exemplo uma garrafa pet, pode retornar para o início da linha de produção como matéria prima. No entanto, nos casos de produtos compostos por diversos tipos de materiais, como é o caso de calçados, a reciclagem nem sempre é uma opção viável economicamente, fazendo com que grande parte desses produtos acabem em aterros sanitários.

Outros bens podem ter sua linha de circulação alterada durante o comércio. Era muito comum dentro das associações encontrar objetos novos, ainda em sua embalagem original. Este era o caso de produtos comercializados por vendedores ambulantes informais. Muitas vezes estas pessoas eram obrigadas a se desfazer de suas mercadorias, jogando-as no lixo, para poder escapar da fiscalização. Outros, quando pegos de surpresa, tinham suas mercadorias apreendidas pela Receita Federal, que, dentre os destinos usuais, costumava encaminhar estes produtos para serem reciclados.

Existe também a possibilidade de que após a aquisição, ou a apropriação de um determinado bem, este seja descartado antes mesmo de ser usado. Quem de nós não adquiriu algo e acabou se desfazendo deste antes mesmo de usá-lo?

Paralelamente a isso, a circulação é também motivada por uma série de preocupações moralistas sobre o cuidado com o meio ambiente, tentando, a todo o custo, implementar o retorno desses objetos para a linha inicial do sistema de produção. A reciclagem é, antes de tudo, uma bandeira política de movimentos ambientais, que tem encontrado respaldo em outras esferas da sociedade dado seu potencial econômico. Tanto trabalhadores com o lixo como a própria indústria de reciclagem se utilizam do discurso sobre preservação do meio ambiente para promover suas atividades. E este discurso é o principal responsável por conferir valor a alguns produtos, em especial para aqueles cuja reciclagem não é economicamente viável.

A trajetória seguida pelos objetos antes de chegar às associações de reciclagem, portanto, é muito diversa. Assim também é a trajetória que eles tomarão após a seleção feita pelos trabalhadores com o lixo. Eles podem seguir para a indústria de produção de bens como matéria

prima, mas também podem ser redirecionados ao comércio, como é o caso dos móveis e roupas usadas, ou serem apropriados e reusados pelos trabalhadores com lixo.

O trabalho com o lixo é o principal responsável por fornecer novas rotas de circulação aos objetos. Quando estes chegam às associações, têm suas possibilidades de circulação aumentadas significativamente. O momento liminar em que estes objetos se encontram quando chegam às associações os tornam exponencialmente mais flexíveis. A partir desse momento, eles podem ser qualquer coisa. Não há nada que obrigue os trabalhadores a verem estes objetos apenas pela definição que tinham quando saíram da linha de produção. Uma tampa não “precisa” ser uma tampa, pode juntar-se a outras para formar um tapete. Recipientes pets não precisam mais ser necessariamente embalagens, podem ser um brinquedo, um instrumento musical, uma vassoura, etc. O limite de possibilidades está na criatividade de cada hábil *bricouler* que trabalha reclassificando estes objetos.

### **3.3.2 Atribuição e alteração de significado**

As práticas de apropriação de objetos encontrados no lixo permitem também a construção do mundo em que os trabalhadores com o lixo vivem. Como mencionei no capítulo anterior, a forma como os trabalhadores com o lixo ressignificam esses objetos inserindo-os em suas vidas como “coisinhas”, que os permitirão construir e decorar suas casas, reordena suas vidas. Este tipo de apropriação é uma prática de consumo que altera muitas das categorias culturais de nossa sociedade.

Os materiais do descarte são considerados, pela estrutura de consumo, como categorias inferiores, tabu: o lixo. A estrutura de consumo atribui ao lixo o caráter de sujeira, de imperfeição e de algo imprestável. É também a nível estrutural que encontram-se as definições do lugar que quem trabalha com o lixo tem na sociedade.

[...] As categorias culturais são constantemente substanciadas nas práticas humanas. Agindo de acordo com o “plano de ação” da cultura, os membros de uma comunidade estão o tempo todo realizando as categorias no mundo. Estão constantemente determinando estas distinções, de modo a tornar o mundo que criam consistente com o mundo que imaginam”. Em certo sentido os membros de uma cultura estão constantemente engajados na construção e na constituição do



mundo em que vivem (McCRACKEN, 2003, p.103).

No entanto, no engajamento de cada pessoa na construção do mundo, as categorias culturais podem ser alteradas. Durante o trabalho de seleção, outras classificações podem ser atribuídas. As práticas de classificação dos trabalhadores com o lixo alteram as características com as quais usualmente definimos o lixo. Não se trata mais de lixo e sim reciclado. Para que novas classificações fossem possíveis, os trabalhadores precisavam ressignificar as representações prévias de limpo e sujo que tinham sobre o lixo. Só então eles passavam a reutilizá-los como ferramentas dentro da própria associação de trabalho ou em suas casas, como enfeites, bijuterias para seus corpos, pequenas coleções e como matéria prima na confecção de artesanatos ou objetos em geral de arte.

Isso só é possível, em grande medida, pela atual conjuntura de nossa sociedade, que tem oferecido condições para o crescimento do número de pessoas que, ao serem excluídas do mercado formal de trabalho e de toda e qualquer outra forma de obter renda, passam a se ocupar de dar um destino a estes bens tabus. Ao irem trabalhar com o lixo, suas práticas e suas ações no cotidiano de trabalho alteram os significados desses objetos tabus. Esta categoria tabu, classificada como lixo, é reintroduzida em várias outras categorias, como artesanato, coisinhas e reciclado. Os trabalhadores com o lixo darão aos objetos encontrados no lixo um fim muito diferente do daquele previsto pelo sistema de produção, que o esperava de volta como matéria-prima para um novo ciclo de produção. Depois de passar por esse momento liminar, ou de ter suas propriedades de contaminado e profano ressignificados, o lixo é inserido novamente na vida das pessoas, mas não da forma como previa o sistema de produção e a estrutura por traz dele. Portanto, toda a categoria social está sujeita a reavaliação quando posta em prática.

Para Sahalins (2011), toda a comunicação social é um risco que pode gerar inovações radicais. “Afim no encontro contraditório entre pessoas e coisas os signos são possíveis de serem retomados pelos poderes originais de sua criação, ou seja, pela consciência simbólica humana” (Idem., p.11). Para o autor, a história é mais que os feitos dos grandes homens, ela se realiza em todo o lugar. As mulheres havaianas, ao se oferecerem sexualmente aos marujos, cumpriam com o seu papel social de conseguirem filhos de deuses, mas acabavam forçando os marujos a quebrarem as proibições impostas por seu comandante. Estes

marujos, imersos nas classificações de seu mundo, retribuem às mulheres com bens materiais e jantares e assim as induzem a quebrar uma série de restrições e tabus havaianos.

Sahlins (2011) reuniu, em seu livro *Ilhas de história*, textos sobre temas polinésios, nos quais expunha uma discussão sobre a relação entre história e estrutura, que tem sido muito importante para a antropologia. Segundo o autor, a ideia central de seus ensaios poderia ser resumida em: “O que os antropólogos chamam de estrutura – as relações simbólicas de ordem cultural - é um objeto da história” (SAHLINS, 2011, p.8). Por meio da crítica aos modelos estruturais a-históricos, o autor cria um mecanismo para explicar a reavaliação dos significados quando realizados na prática e a produção e reprodução da cultura.

No exemplo havaiano, a chegada do capitão com sua tripulação e a associação deles a deuses desencadeavam uma série de relações que seguiam a estrutura prescritiva e performativa ditada por esta sociedade. As regras havaianas que prescreviam como as pessoas deveriam agir esperavam que os homens arrancassem de seus deuses e chefes a substância humana em forma de alimentos, enquanto que as mulheres deveriam obter substâncias em forma de filho (SAHLINS, 2011, p. 28). A tentativa dos havaianos de pôr em ação esta estrutura desencadeia uma série de quebras de tabus e a morte do Capitão Cook, que era considerado por eles como o Deus Lono.

E também por isso Sahlins (2011, p. 167) afirma que a morte de capitão Cook teria sido uma morte realmente polinésia: “a morte reservada para aqueles que acumulam tanto mana que são tentados a desafiar as regras que governam os meros mortais”. Os deuses, na mitologia havaiana, eram os rivais naturais dos chefes. Por isso, chefes não foram ao navio de imediato, e, quando foram, o fizeram com muita cerimônia. É também por esta rivalidade que os chefes ordenam a morte do capitão Cook.

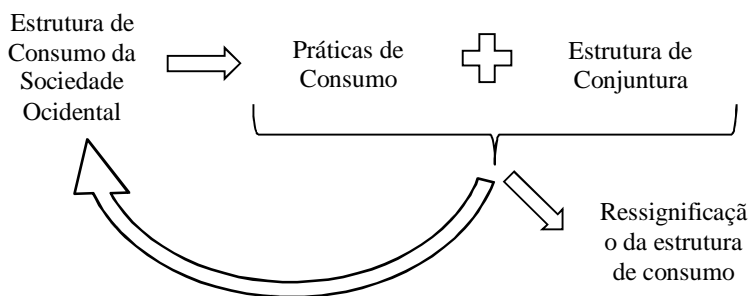
Apesar de terem seguido a estrutura na morte do capitão Cook, nas décadas seguintes à visita fatal de Cook, as trocas travadas com europeus alteram o sentido e as relações habituais. Essas reavaliações funcionais, no entanto, sempre aparecem como continuação dos conceitos tradicionais, pois chefes passam a imitar o estilo de vida luxuosa da Europa, mas restringiam o acesso popular ao mercado por meio de tabus. O tabu passa a ser cada vez mais usado como um signo de direito material e de propriedade.

Sahlins (2011) chega, com o exemplo havaiano, a duas constatações que podem a princípio parecer contraditórias, mas que são de meu particular interesse, porque parecem explicar a mudança, e sem

implicar em um fim absoluto da cultura. A primeira delas é que as categorias tradicionais, quando levadas a agir sobre um mundo com razões próprias, são transformadas; e a segunda é que, quanto mais as coisas mudam, mais elas permanecem iguais, pois a reprodução de uma categoria nunca será igual, mas ainda estará em volta na apropriação de um evento em termos de conceitos a priori.

Apesar das reclassificações das mudanças de significados atribuídos ao lixo, as novas categorias criadas pelos trabalhadores com o lixo, que a princípio parecem estar indo na contramão da estrutura de consumo, a qual prevê o fim do objeto no descarte, também reproduzem esta estrutura. A reprodução da estrutura se dá na medida que esses objetos e a própria prática de retirá-los do lixo permanecem sendo formas de classificação que evidenciam hierarquias e distinções sociais.

Tentando tornar gráfica minha interpretação sobre esta alteração e reprodução da estrutura de consumo no trabalho com o lixo, proponho o seguinte esquema:



**Figura 32. Diagrama sintetizando alteração e reprodução da estrutura de consumo. Elaborada por Simone Lira da Silva**

No esquema proposto, temos a estrutura de consumo enquanto normas e valores de nossa sociedade que se configuram em um código de classificação e informação sobre o indivíduo, bem como definem as práticas de consumo. A estrutura de consumo, além de oferecer os significados inerentes a cada bem e estabelecer distinções sociais através do uso ou posse de cada bem, também ordena as práticas de consumo (produzir, comercializar, apropriar, usar e descartar). Todos os

integrantes dessa sociedade, ao praticarem e inserirem-se dentro dessa estrutura de consumo, apoderam-se e fazem uso de determinados bens que, em um dado momento da relação, serão descartados como lixo. Esta categoria, lixo, ao ser inserida no mundo da ação, onde a vida das pessoas acontece, trava uma comunicação única e contextual, que poderá resultar na reavaliação de seu sentido.

A estrutura de conjuntura é a realização prática de categorias culturais em contexto específico de ação, no caso este contexto é o mercado de reciclagem aliado a uma grande população excluída do mercado de trabalho formal. É por meio da ação dessa população que o significado do lixo se altera. São os trabalhadores com o lixo e suas novas classificações que permitem reordenar o lixo dentro de novas categorias, como “coisinhas”, “reciclado”, “reaproveitamento” quebrando com a linearidade prevista pela estrutura de consumo ou a ressignificando em algumas esferas em que ela atua, como é o caso das questões identitárias que abordarei no capítulo quatro.

As práticas de consumo, que envolvem desde a produção dos bens até o descarte destes, são articuladas pela estrutura de consumo. No entanto, são essas mesmas práticas e suas realizações no cotidiano que constroem possibilidades de alteração para a estrutura de consumo. Portanto, a estrutura de consumo da sociedade ocidental é estruturante e ao mesmo tempo estruturada pelas práticas de consumo.

### **3.3.3. Estruturas de classificação das hierarquias e distinções sociais.**

Dentre as características estruturantes das relações travadas pelos trabalhadores com o lixo, estão as hierarquias que constituem a organização social de nossa sociedade. As formas como as pessoas veem-se e classificam-se umas em relação às outras é algo posto pela cultura, portanto, é um conhecimento público e acessível a todos os participantes de uma dada relação social.

O trabalho com o lixo causa uma reação bastante adversa nas pessoas. É desconfortante ver alguém trabalhando com o lixo. Já mencionei anteriormente que as pessoas, em geral, têm uma postura de repulsa, não só para com o lixo, mas também para com todos aqueles que trabalham diretamente com ele. Está implícito para todos a percepção desses indivíduos em uma relação hierárquica de inferioridade. Esta percepção é compartilhada tanto pelos trabalhadores com o lixo quanto pelas demais pessoas.

Para entender melhor isso, imagine-se no lugar de uma dona de casa que resolve levar o seu lixo seco, devidamente embalado em sacos próprios para este tipo de material, até uma associação de reciclagem. Ao chegar ao local, retira o saco de seu carro e uma das associadas, sem luva, vem encontrá-la, pega o lixo e agradece. Você entrega, sem dizer nada, e continua a olhar para dentro da associação, onde algumas mulheres separam o lixo molhado oriundo de um hospital. Os dois lados da porta de entrada e a frente da associação estão cheios de sacos de lixo mal cheirosos que o caminhão havia acabado de recolher e descarregado ali. Como se sentiria? O que pensaria? Que atitude teria diante daquelas pessoas?

Isso aconteceu em 2006, quando eu fazia a pesquisa dentro ASMAR, em Santa Maria. Naquela ocasião, as mulheres e eu fazíamos a seleção dos sacos de lixos coletados graças a um convênio estabelecido entre a associação e o Hospital Universitário de Santa Maria. No lixo vinham embalagens de seringas e recipientes vazios de soro, basicamente papel e plástico. Depois que a senhora que levou o lixo até a associação saiu, as mulheres riram e fizeram comentários sobre o que ela deveria estar pensando sobre eles: “coitadinhos, em meio a todo este lixo”.

Tal situação, em que os trabalhadores percebiam o desconforto das pessoas que iam à associação e faziam piadas sobre eles, acontecia repetidamente. Geralmente era desencadeada por alunos de universidades que realizavam seus trabalhos de conclusão de curso, professores e alunos de escolas que iam conhecer as associações e ainda por outras pessoas representantes de entidades religiosas ou ligadas a questões de meio ambiente e assistência social. O cheiro, a grande quantidade de lixo e o fato de que nem todos os trabalhadores com o lixo costumam usar luvas durante a execução de sua atividade desencadeiam nos visitantes um grande desconforto. Alguns desses visitantes têm reações involuntárias de nojo, que podem tanto vir a ser motivo de piada por parte dos trabalhadores quanto fazer com que se sentissem insultados.

Cada trabalhador tem uma forma diferente de reagir a essas posturas dos visitantes. Há os que procuram provocar mais ainda os sentimentos de repulsa e nojo, mostrando a parte do trabalho que seria mais “suja” e exagerando na descrição de detalhes desse tipo de trabalho. Na ASMAR, por exemplo, em 2007 uma turma de alunos do serviço social da UNIFRA fez uma espécie de trabalho de campo para conhecer a realidade de algum grupo com o qual provavelmente viriam

a trabalhar depois de formados. A professora da turma teria pedido à associação para que desse a eles alguma tarefa para realizarem dentro da associação. Naquele momento, a associação havia recebido um carregamento de cigarros apreendidos pela polícia federal. Era um trabalho que nenhum dos associados gostava de fazer, porque precisava desmanchar e separar o filtro do restante do cigarro e o cheiro do fumo era muito forte, causando certo mal-estar em quem permanecia muito tempo fazendo isso. Os estudantes eram sempre direcionados para realizar tal atividade, era claro que as justificativas das associadas eram de que aquele trabalho era o de menor risco para eles, mais “limpo”. Isso de fato procedia, mas também havia o outro lado: ninguém da associação gostava de realizar tal atividade e a maioria dos associados estava profundamente incomodado em ter de permitir a presença dos estudantes. Com frequência, quando estes já tinham ido embora, as associadas estereotipavam os comportamentos dos jovens assistentes sociais quando estavam em contato com o lixo, provocando o riso dos demais.

Havia também os que simplesmente preferiam se afastar, que não queriam conversar e eventualmente eram ríspidos com os visitantes. No entanto, nenhum desses comportamentos era direcionado igualmente a todos os visitantes. Algumas pessoas eram acolhidas com carinho. Também na ASMAR havia um grupo de seminaristas que, por certo tempo, prestou serviços voluntários no lugar. Eles iam a cada quinze dias e as associadas os inseriram nas atividades normais da associação, solicitavam que fossem ajudar nos dias de maior trabalho e jogavam jocosamente com eles, ao especularem sobre suas escolhas por seguirem uma vida de celibato. Embora estas brincadeiras deixassem alguns dos rapazes bastante desconcertados, elas eram feitas “com” eles e não “sobre” eles. Os dois grupos, nesse caso, compartilhavam os momentos hilários originados de tal situação.

O posicionamento negativo dos visitantes sobre o lixo também podia ser explícito, alguns deles questionavam por que os trabalhadores com o lixo não usavam luvas, e faziam discursos sobre a importância da higiene e dos equipamentos de segurança. Luvas, botas e máscaras eram os principais “equipamentos de segurança” cobrados por órgãos de fiscalização dentro das associações. Esta fiscalização não era rígida e nem periódica, nunca tive, por exemplo, a oportunidade de presenciar uma em minha pesquisa. Mas, pessoas externas que costumavam frequentar as associações cobravam para que o trabalhador adquirisse estes equipamentos. Por isso, quando os trabalhadores sabiam que essas pessoas estariam presentes, eles costumavam fazer uso dos

equipamentos de segurança e inclusive adotavam, diante delas, o discurso sobre a importância de usar os mesmos no local.

Embora fosse recorrente que os trabalhadores com o lixo adotassem um discurso politicamente correto diante de quem os visitava, era no riso e na piada que eles evidenciavam o segredo da ordem, a estrutura que delimitava o sujo e o limpo e também as hierarquias sociais. Darnton (1986) analisa, através um massacre de gatos ocorrido em uma oficina na rua *Saint-Séverin*, essa inversão da ordem por meio do riso e da piada. Ele se utiliza da narrativa de um dos operários, feita 20 anos após o ocorrido, para mostrar como que funcionários se vingaram do descaso de seus patrões. A história relata que um dos tipógrafos, *Léveillé*, foi até o telhado do quarto de dormir do patrão e começou a uivar e miar de maneira tão terrível que o burguês e sua mulher não conseguiram dormir. Depois de várias noites com esse tratamento, os patrões, com medo de que se tratasse de feitiçaria, pois os gatos nessa época simbolizavam bruxaria, mandaram os aprendizes de tipógrafos livrarem-se dos gatos. A patroa deu a ordem, recomendando aos rapazes que evitassem assustar a *Grise*, sua gata de estimação.

Os funcionários armados com cabos de vassouras, barras da impressora e outros instrumentos de seu ofício, foram atrás de todos os gatos que conseguiram encontrar e *Grise* foi a primeira. Depois, todos reunidos encenaram um fingido julgamento e consideraram os animais culpados, punindo-os em forcas improvisadas. As intensas gargalhadas, a alegria e desordem promovida pelos tipógrafos atraiu a patroa que, imediatamente percebeu que, entre os gatos, podia estrar a sua *Grise*.

As risadas e a euforia seguiu-se por dias, toda vez que um dos tipógrafos reencenava o ocorrido durante o trabalho na oficina. O massacre de gatos foi visto como uma grande piada. Dentre as explicações possíveis trazidas por Robert Darnton para entender o ocorrido, estava ver o massacre de gatos como um ataque indireto ao patrão e sua esposa, devido ao ódio dos operários aos burgueses, pelo tratamento destinado a eles e aos gatos. Além disso, o simbolismo dos gatos era muito forte durante o início da idade moderna. Darnton mostra como os gatos desempenhavam papéis importantes em alguns festivais de folia da época: na Borgonha, fazer um gato uivar de dor era uma forma de humilhar o marido traído; No ciclo de São João Batista, a forma preferida de se obter boa sorte era jogando um gato em uma fogueira; Os parisienses gostavam de incinerar sacos cheios de gatos; os Courimauds de Saint-Chamond corriam atrás de um gato em chamas, pelas ruas, etc. A ideia central em todos estes casos era a mesma: “uma

fogueira, gatos e uma aura de hilariante caça às bruxas” (DARTON, 1986, P 161). A tortura de animais, principalmente de gatos, era um divertimento popular em toda a Europa moderna. Quando os operários julgaram e enforcaram os gatos agiram dentro de uma tendência cultural da época.

Entre os trabalhadores com o lixo, o riso zombava da ordem ou das noções de sujeiras compartilhadas por maior parte da sociedade. Eles sabiam que estas noções de sujeiras os jogavam para uma posição hierarquicamente inferior, mas rir delas os faziam mais fortes que os demais, porque eles eram capazes de fazer coisas que outros não conseguiam. “Ser capaz de”, “ter coragem para” eram expressões bastante usadas para provocar um ao outro quando o trabalho exigia que alguém precisasse superar as barreiras de seu próprio nojo. O ambiente de trabalho e o riso criavam um ambiente propício para a mudança estrutural

### **3.4. Em síntese**

Usar as práticas de apropriação de objetos encontrados no lixo para pensar o consumo em nossa sociedade resultou em um interessante recurso de estranhamento dessa temática. De certa forma, a abordagem de consumo que apresentei nesse capítulo visa exaltar o papel da cultura material na atribuição de sentido ao mundo em que as pessoas vivem. Segundo Miller (2007), a maioria das abordagens sobre consumo tem uma postura decididamente anticultura material, vendo a própria materialidade como uma ameaça à sociedade. No entanto, “os estudos de cultura material trabalham através da especificidade de objetos materiais para, em última instância, criar uma compreensão mais profunda da especificidade de uma humanidade inseparável de sua materialidade” (Idem, p. 47).

O que move o consumo e o descarte está além das funções para as quais os objetos foram criados. Muitos objetos ainda cumprem suas funções quando vão parar no lixo. Podemos ver isso no recente mercado da tecnologia, que torna aparelhos celulares e computadores obsoletos com o passar de poucos meses. Portanto, o consumo não pode ser percebido como mera busca por satisfazer necessidades básicas, a diferenciação entre necessidade básica e supérflua não existe, já que ambas contribuem para as classificações e busca por distinção social. Tudo o que consumimos, desde a comida até os brincos, são indispensáveis para nos distinguir um dos outros e também para dar sentido ao lugar que ocupamos no mundo.



O que mais interessa para esta tese são as classificações que fogem das padronizações criadas pelo e para o mercado de reciclagem. Estas classificações, criadas na relação estabelecida com os objetos retirados do lixo, eram realizadas sobre um pequeno universo de coisas que cada trabalhador catalogava. Os cantinhos e as caixas destinadas ao depósito de objetos que o trabalhador considerou bonito, porque queria testar se ainda funcionava, para ser consertado, porque alguém podia fazer uso, etc., eram a fonte inspiradora e o meio através do qual eles reordenavam suas classificações de mundo.

Defendo que retirar objetos do lixo para os mais diversos usos pode ser compreendido enquanto um fenômeno de consumo, porque, através desses objetos, os trabalhadores com o lixo comunicam sua identidade e interação com o mundo a sua volta. Evidentemente o termo consumo não era exatamente usado por essas pessoas, mas resultou em um conceito analítico apropriado para pensar as relações que estas pessoas travam com os objetos e como os usavam para se relacionar com outros.



## **CAPÍTULO 4. EMPODERAMENTO E DISTINÇÃO SOCIAL: ALTERAÇÃO E REPRODUÇÃO DA ESTRUTURA DE CONSUMO ENTRE TRABALHADORES COM O LIXO**

Nas discussões apresentadas nos capítulos anteriores, venho tentando defender a tese de que é possível pensar como sendo consumo o uso dos objetos encontrados no lixo pelas pessoas com as quais fiz pesquisa. Nesse capítulo, em particular, busco demonstrar como as práticas de consumo proporcionadas pelo trabalho com o lixo, seja pelo poder aquisitivo auferido com a atividade, seja pelo acesso aos objetos de desejos encontrados no lixo, alteram os significados inerentes à estrutura do consumo de nossa sociedade ao mesmo tempo que a reproduz.

Lembrando que por estrutura de consumo estou me referindo às classificações internalizadas, compartilhadas não só pelos trabalhadores com o lixo, mas também pela sociedade em geral. Trata-se especificamente do conhecimento cultural que cria as identificações e as distinções nós/outro através dos objetos que escolhemos para fazer parte de nossa vida. Sem maiores reflexões teóricas, tento fazer com que os relatos de campo e as descrições da vida de algumas das pessoas com as quais fiz a pesquisa permitam evidenciar a construção das novas identidades, bem como a reprodução de algumas distinções previamente concebidas em nossa sociedade.

### **4.1. O empoderamento feminino pelo trabalho com o lixo**

Para Canclini (2001), as práticas de consumo são importantes na conquista do direito à cidadania. Consumir não é um ato meramente “irracional” ou um gasto desnecessário e inútil, mas um ritual através do qual as pessoas procuram se organizar racionalmente. “O consumo é um processo em que os desejos se transformam em demandas e em atos socialmente regulados” (idem. p. 59). O consumo também é bom para pensar, através dele se realiza a reflexão sobre o corpo, as interações interpessoais e de organização política da sociedade. Embora a afirmação de Canclini de que há um processo de regaste da cidadania por meio do consumo possa ter suas críticas no meio acadêmico, ela é interessante para pensarmos sobre o trabalho com o lixo e as práticas de consumo proporcionadas pelo mesmo. Como tentarei mostrar na sequência, há certo empoderamento proporcionado pelas práticas de consumo com o lixo.

#### 4.1.1. Vera: encontrando a liberdade feminina

“Eu sou uma cidadã, eu pago meus impostos, eu tenho minhas contas, eu tenho minha família, eu sou responsável pela minha família. Então eu preciso daqui. O que me faz trabalhar é isso, eu tenho uma família atrás de mim, que depende de mim”. É com esta frase que Vera inicia sua autoapresentação quando gravamos as entrevistas que depois vieram a se configurar no documentário *Das quinzenas às coisinhas*. São as transformações pelas quais esta mulher passou que pretendo descrever aqui. Transformações estas que só foram possíveis, em grande medida, quando inicia a trabalhar com o lixo dentro da ASMAR, quase 8 anos antes da pesquisa.

Vera era mãe de quatro filhos, três meninos e uma menina. O mais velho, na época da pesquisa, tinha 22 anos e trabalhava com ela na ASMAR. Desde que se separou do marido, ela morava com os quatro filhos e sua mãe. Apenas Vera e o filho mais velho trabalhavam, sua mãe não tinha uma idade muito avançada, mas estava com sérios problemas de saúde e dependia frequentemente dos cuidados de Vera ou dos netos. Os outros filhos de Vera ainda eram muito jovens (15,13 e 10 anos), e ela considerava que eles estudando e cuidando da “avó já estava bom”. Não queria que eles tivessem de trabalhar desde pequenos como ela e a mãe trabalharam. Fazia questão que os filhos estudassem, queria que chegassem à universidade.

A saga de trabalho desde muito jovem em casas de família começou com a mãe de Vera. A história de vida da mãe dela era seguidamente contada por Vera com um misto de orgulho e indignação por tudo que a mãe passou. Ela me contou que seu avô faleceu quando sua mãe tinha um ou dois anos de idade e o irmão dela alguns meses. Sua avó ficou sozinha com as duas crianças e, depois, quando casou-se novamente, o novo marido não aceitou as crianças e ela então os levou para um abrigo. De lá sua mãe foi adotada. Naquela época, segundo ela, era mais fácil adotar meninas porque elas eram postas para trabalhar dentro de casa, enquanto que os meninos demoravam mais para ajudarem em alguma coisa. O tio de Vera faleceu aos dezessete anos no abrigo e sua mãe trabalhou para a família que a “adotou” desde pequena, sem receber salário. Eles adaptaram a casa com bancos e escadas para que ela ainda criança pudesse lavar a louça e arrumar as camas.

A mãe de Vera lhe contava que ficou maravilhada com o cinema quando assistiu a uma sessão pela primeira vez, ainda em preto e branco. Só tinha conseguido ir ver uma vez, com dinheiro dado pela moça que trabalhava na casa ao lado a que morava. Os filhos da

“patroa” eram um pouco mais velhos que a mãe de Vera e quando a filha casou esta quis levar a mãe da Vera para trabalhar na casa nova em Rio Grande, RS. Segundo o que a mãe de Vera lhe contava, esta filha era um pouco mais “moderna” e permitia que ela saísse para passear, fosse à praia. Foi em uma dessas idas a praia que ela conheceu o pai de Vera e fugiu com ele algum tempo depois. No início do casamento, ela achou maravilhoso, porque pela primeira vez estava trabalhando e ganhando seu próprio dinheiro, porém, com o tempo, começou a ser espancada pelo companheiro. Grávida de Vera, ela pegou o dinheiro que tinha conseguido economizar com seu trabalho e fugiu para Santa Maria, mas não para a casa de seus antigos patrões. Ela foi para um terreno que estava sendo invadido por um grupo de pessoas e construiu um barraco com madeiras que encontrou na rua. Vera nunca conheceu o pai e disse não sentir falta dele. O lugar onde, na época da pesquisa, ficava a sua casa ainda era na mesma vila fundada com esta invasão.

Vera cresceu na cidade de Santa Maria, RS, mas sem grandes recursos, sustentada apenas pela mãe com o que ganhava trabalhando em casas de família, não pôde estudar muito. Ela estudou somente até a quarta série, porque quando criança não tinha como comprar os livros. Disse que repetiu de ano porque naquela época quem não tinha o livro para acompanhar as atividades não podia entrar na sala de aula e que naquele tempo não era como nos dias de hoje, onde, se o aluno não tem o livro, o professor providencia uma forma de conseguir. Depois, no último ano em que Vera estudou, ela trabalhou para uma senhora quase o ano inteiro para pagar os livros que esta havia comprado para ela. Quando finalizou os estudos na escola próxima de sua casa, parou e começou a trabalhar, também em casa de família. Mais tarde conseguiu um emprego em um mercado e teve a oportunidade de voltar a estudar, mas, também nessa época, com mais ou menos dezessete anos, ela conheceu o seu ex-marido e começou a namorar. Ele era muito ciumento e fez com que ela parasse de estudar e de trabalhar.

A mãe de Vera foi contra o seu namoro, mas falou que “todo mundo tem uma fase de bobeira”. Vera disse que seu marido era muito bom quando estava sóbrio, e “até trazia dinheiro para casa, não era muito, mas elas e as crianças sempre tinham o que precisavam”. No entanto, ele ficava extremamente violento com ela e as crianças quando bebia ou usava outras drogas. Sua sogra, com quem morava quando era casada, dizia que a culpa era de Vera, que ele bebia por causa dela. Mesmo tendo passado por isso, não se arrependeu de ter ficado casada com seu ex-marido por tanto tempo, afinal ele havia lhe dado quatro

filhos e ela sempre quis ter vários filhos. Apesar de considerar que devia aceitar todos os filhos que deus lhe desse, na última gravidez, Vera resolveu que iria fazer “Ligadura”<sup>36</sup>. Participou dos encontros e grupos de preparação que o hospital oferecia para pessoas que queriam fazer esse procedimento terem certeza de que era aquilo mesmo que elas queriam.

Conta como teve de “comprar uma briga” com o médico no dia do parto para que realizasse o procedimento. Primeiro ele não queria fazer porque acreditava que a criança nasceria de parto normal e não faria a cirurgia se não houvesse necessidade de cesariana. Depois, quando se constatou que o parto precisava ser feito por cesariana, ele queria que o marido da Vera assinasse um termo de autorização para realizar o procedimento, porque dizia já estar sendo processado judicialmente pelo marido de uma mulher na qual ele havia feito o procedimento anteriormente. O ex-marido de Vera, no entanto, insistia que, por ele, não precisava fazer, pois se sua mãe (a sogra de Vera) tinha tido dez filhos, porque Vera não podia ter também, além disso, não queria que ela “deixasse de ser mulher”. Ao final, diante da insistência de Vera, o médico acabou aceitando fazer o procedimento.

Depois de um tempo, ela se separou e voltou a morar com a mãe, mas o ex-marido insistiu em reatar o relacionamento. Vera concordou, mas com a condição de que ele fosse morar na casa da mãe dela e também com a de que a deixasse trabalhar. Mesmo assim, a rotina de violência contra ela e com as crianças continuou, até que Douglas, filho mais velho de Vera, cresceu o suficiente para ajuda-la a se defender e a defender os irmãos menores. Em uma das vezes em que o marido chegou em casa bêbado, ela escondeu as crianças na vizinha e, ajudada por Douglas, na época com 14 anos, expulsou o ex-marido de casa. Vera disse que ele, até aquela data, ainda ia a casa dela chorando e pedindo para voltar, mas nem ela nem os filhos queriam.

Logo depois de se separar do marido, Vera perdeu o emprego na casa de família em que estava porque entrou em conflito com a patroa. Então, como já conhecia o trabalho de Margarete na presidência da ASMAR, pediu se podia ir trabalhar ali. Muitos dos trabalhadores com o

---

<sup>36</sup> Ligadura é nome popularmente usado para a cirurgia de esterilização voluntária definitiva das mulheres. O termo médico para o procedimento é Laqueadura de Trompas, e consiste em amarrar ou cortar as trompas das mulheres, evitando assim que o óvulo e os espermatozoides se encontrem. Informação disponível em: <http://www.gineco.com.br/saude-feminina/metodos-contraceptivos/ligadura-de-trompas/>. Acesso em: 15 de nov. 2015.

lixo com quem fiz pesquisa tinham sempre alguma história sobre como foi difícil se adaptar a trabalhar com lixo. Vera, no entanto, enfatizava mais como foi bom ter podido deixar de trabalhar nas casas de família e também o fato de ser melhor remunerada ali.

Vera participava ativamente de todas as atividades da ASMAR, principalmente as que envolviam a participação em cursos de formação e segurança do trabalho, reuniões com prefeitura, encontros de catadores realizados dentro ou mesmo fora da cidade de Santa Maria. Muitos desses cursos, principalmente os oferecidos pela prefeitura, eram obrigatórios para que a ASMAR não perdesse o registro de associação. A maioria dos associados não gostava de participar e quase sempre Vera era escolhida para representar a associação nesses eventos.

Além de participar ativamente da vida política que envolvia o trabalho com o lixo, Vera também começou a participar, ainda que timidamente, de encontros de mulheres. Nesses grupos, ela começou a ter acesso a questionamentos sobre o papel da mulher e também sobre a condição do negro na sociedade brasileira. Não era raro que ela fizesse algum comentário, sobre como algumas coisas só aconteciam porque a pessoa era negra, ou então se posicionasse sobre acontecimentos noticiados pelo rádio que elas escutavam enquanto trabalhavam, enfatizando o racismo e a violência contra negros que estava por traz do acontecimento.

Vera era uma mulher muito liberal em sua vida pessoal e também na educação que fornecia a seus filhos. Depois de se separar do marido, ela disse ter prometido a si mesma que não deixaria mais ninguém intervir em sua vida, nem mesmo os filhos ou a mãe. Contava-me que trabalhava “feito louca” durante a semana, mas o sábado à noite e o domingo eram os dias dela. Saía para festas, ia para a casa do namorado e passava o fim de semana lá. Não queria mais se casar ou morar junto com alguém, mas também não tinha deixado de “gostar da coisa”. Seus relacionamentos abertos e casuais eram sempre alvo de brincadeiras das demais mulheres que trabalhavam na Associação. Seu filho Douglas, que não raro presenciava tais brincadeiras, parecia não gostar, mas quando falou da mãe na entrevista que fiz com ele, disse que a vida era dela e ele respeitava todas as decisões que ela tomava, por tudo o que sabia que ela havia passado por ele e os irmãos quando eram menores.

Quanto aos filhos, Vera, como já havia mencionado antes, queria que eles estudassem. Douglas, o mais velho, fez a oitavo ano e parou, “se rebelou por um tempo”, mas no momento tinha retomado os estudos também. Ia para a escola no turno da noite, depois que saía do trabalho

na associação. A filha, que tinha treze anos na época, estudava e Vera a matriculou em dois cursos (um de cinema e outro de Inglês) gratuitos que estavam sendo oferecidos na cidade em projetos ligados à prefeitura em 2007. Contou-me que fazia de tudo para que ela só estudasse e a orientava para não ter filhos cedo, enquanto era “novinha”. Disse que nunca proibiu a menina de namorar e que sempre lhe explicava como usar anticoncepcionais e camisinha. Por enquanto, a menina falava para ela que não tinha namorado e que não precisava de nada disso, mas Vera dizia não acreditar muito, porque nessa idade os adolescentes sempre fazem as coisas e querem esconder dos pais. Relatou que também orientava os meninos nesse sentido, porque o problema não era só a gravidez, mas também “a AIDS que anda por aí”.

Geração após geração, as mulheres da família de Vera são subjugadas à condição de semiescravidão, como foi o caso da Mãe dela, “adotada” para ajudar no serviço da casa, à condição de empregada doméstica mal remunerada, e a condição de esposa dependente do marido. Vera e a mãe quebraram este círculo e construíram vidas para além dos papéis sociais que lhe foram impostos pela sociedade e pela família. No caso de Vera, o trabalho com o lixo foi extremamente importante na formação das opiniões políticas que possuía no momento da pesquisa. Através da ASMAR, teve a oportunidade de participar de cursos e encontros de formação sobre a condição do trabalho com o lixo no Brasil, que também a aproximou da discussão em torno da questão racial. Proporcionou a ela pensar sua trajetória enquanto mulher e negra.

#### **4.1.2. Dona Maria e a maternidade**

Na época da pesquisa, dona Maria estava com 50 anos e trabalhava na ASMAR há quase dez anos. Antes de ir para a Associação, ela trabalhou como empregada doméstica e cozinheira em alguns restaurantes de Santa Maria, RS. Dizia que gostava muito de trabalhar nos restaurantes, mas teve de deixar o serviço quando seu esposo ficou doente. Segundo ela, era difícil conseguir voltar a trabalhar formalmente, porque os horários eram muito rígidos e ela estava com uma idade avançada, os proprietários não a contratariam.

Dona Maria tinha oito filhos, cinco meninas e três meninos, “todos sadios” como gostava de dizer. Dona Maria raramente falava das filhas, que estavam todas casadas e não moravam mais com ela. O filho mais novo tinha na época oito anos e o filho mais velho tinha um “problema mental”, que ela não soube explicar o que era. Disse-me que ele era “meio bobo”, e permitia que as pessoas o enganassem



facilmente. Também devido a esta condição não podia trabalhar formalmente e catava e vendia latinhas na rua junto com o irmão de oito anos. O que eles conseguiam não era muito, mas já a ajudava com as despesas da casa. Também morava com Dona Maria um filho de 20 anos na época, sua esposa de 17 anos e duas netas menores de três anos, geradas pelo jovem casal. As netas estavam sobre a guarda de Dona Maria e iam e vinham do “abrigo”,<sup>37</sup> para menores.

O trabalho dentro da ASMAR não mudou muito a vida de Dona Maria, mas a permitia ser a principal responsável pelo sustento de sua família em meio às diferentes situações pelas quais passaram após a doença do marido. Sem precisar dar satisfação para um patrão, Dona Maria conseguia trabalhar e ir aos diversos lugares em que era solicitada: o fórum para tratar da guarda da neta, a polícia para liberar o filho infrator, o hospital para atender ao marido, as reuniões da escola do filho mais novo, etc.

Apresento, na sequência, uma cronologia dos acontecimentos envolvendo a família de Dona Maria no ano de 2006. Considero que esse relato cronológico dos acontecimentos consegue capturar melhor a vulnerabilidade da vida dessas mulheres em busca do bem estar de suas famílias e também sua capacidade de superação diante das dificuldades ou obstáculos que encontravam. O compromisso com a maternidade vivido por Dona Maria exemplifica a vida de muitas outras mulheres com as quais fiz a pesquisa, bem como dá uma dimensão do que é ser mulher para elas e dos motivos que as fizeram ir trabalhar com o lixo.

Em maio de 2006, encontrei Dona Maria particularmente quieta em sua mesa de seleção. Depois de passar algum tempo ajudando-a, ela começa a falar que estava muito preocupada com algumas decisões que precisava tomar nos próximos dias. Contou-me que sua nora tinha 15 anos quando engravidou do primeiro bebê e 17 anos quando nasceu a outra criança. O bebê mais novo tinha apenas alguns meses e estava em um abrigo por ordem judicial. O médico que fez o parto denunciou a mãe da criança à justiça, porque ela se encontrava sob efeito de drogas quando chegou ao hospital. Segundo Dona Maria, seu filho e a nora eram viciados em “pó do brabo” e seguidamente eram presos pela polícia. O Juiz teria dito que somente deixaria o bebê voltar para casa, se Dona Maria e seu marido fossem os responsáveis.

---

<sup>37</sup> Por “abrigo” dona Maria se referia as casas de passagens para crianças órfãs ou que foram retiradas temporariamente do convívio da família, por meio de intervenção judicial.

Dona Maria havia contratado um advogado para recuperar a guarda da menina, mas também cogitava a possibilidade de deixá-la passar o inverno no abrigo. Sua preocupação se devia ao fato de o lugar onde ela morava com a família não ter piso e ser muito frio para um bebê de poucos meses. Além disso, seu marido estava com o pé quebrado e não podia cuidar da criança quando ela saía para trabalhar. Pensava que talvez fosse melhor esperar crescer um pouco antes de levar para casa, no entanto, tinha medo que a justiça pudesse encaminhar a menina para a adoção nesse tempo.

Depois, ela passou a falar da outra neta e de como era engraçado vê-la pronunciar as primeiras palavras. Sua nora e seu filho dificilmente ajudavam a cuidar da criança. Era Dona Maria quem dava banho quando chegava em casa e preparava a mamadeira pela manhã. Durante o dia, o filho mais novo se encarregava de trocar a fralda e seu marido preparava o almoço de todos em casa. Ela concluiu dizendo que não era fácil ter filho, tinha que pensar em tudo o que precisariam: roupa, remédio, material para o colégio e tudo mais. Contou que aconselhou o filho a se cuidar e lhe explicara que ela só teve tantos filhos porque na época não tinha como se prevenir.

No mês seguinte, junho de 2006, Dona Maria contou-me entusiasmada suas novidades. Ela havia mudado de casa, tinha recebido autorização para ir buscar sua netinha no abrigo e o “seguro” que haviam pedido para seu marido também tinha sido liberado. Explicou-me que, como seu marido caiu de moto enquanto trabalhava, ele teria direito a um salário enquanto estivesse incapacitado de voltar ao trabalho. Era possível também que viesse a se aposentar, permanentemente, pois o médico achava que ele não poderia mais voltar a trabalhar devido a outras complicações de saúde. A mudança de casa, no entanto, seria provisória, pois, como a nova casa era no segundo piso, seu marido estava tendo dificuldades para se locomover com o pé quebrado. Dona Maria estava feliz, porque, com o auxílio que o marido iria receber e talvez uma possível aposentadoria, seria mais fácil arcar com as despesas da casa.

Em julho de 2006, Dona Maria teve um mal súbito enquanto estava trabalhando. Os outros associados a ajudaram. Quando ela melhorou, uma das mulheres comentou que provavelmente tinha ficado doente devido à preocupação com os problemas familiares pelos quais vinha passando. Dona Maria ainda não tinha conseguido levar a netinha para casa, porque o assistente social somente liberaria o bebê se a mãe das crianças não continuasse morando com elas. Essa decisão foi tomada após os vizinhos terem denunciado a nora de Dona Maria por ter

espancado sua própria filha de dois anos e o filho de Dona Maria, de oito anos, que tentou defender a sobrinha. O juiz teria expedido uma ordem para que a mãe das netas de Dona Maria saísse da casa onde morava com todo o restante da família. Como ainda era menor de 18 anos, seria levada provisoriamente para um abrigo de menores. Dona Maria sempre falava muito mal da nora, mas era visível como estava aflita com a situação de terem de expulsar a menina de sua casa. Em diversas ocasiões, Dona Maria foi a responsável legal pela nora menor de idade, assinando termos de responsabilidade em delegacias e também na escola, quando a nora ainda a frequentava. Era, de alguma forma, também uma espécie de mãe para a garota.

No mês seguinte, Dona Maria já estava com as duas netinhas em casa, elas ficavam com seu marido e seus filhos. A netinha mais nova tinha feito dez meses e seu filho de oito anos era o que mais ajudava com as meninas, no entanto, ele tinha dificuldade para ficar com elas no colo por muito tempo, porque estava obeso. Dona Maria me explicou que ele sempre esteve acima do peso, o parto precisou ser por meio de uma cesariana aos sete meses de gestação porque o menino era muito grande e o médico havia dito que não podia esperar completar os nove meses.

A mãe das meninas tinha voltado a morar com eles. Apesar de ter dito a Dona Maria que compraria roupas para os aniversários das meninas, ela raramente ajudava a cuidar das crianças, não tinha dia nem hora para ir para casa, era uma “mulher de rua”. Cuidar das netinhas estava sendo bem desgastante para Dona Maria. A “bebezinha” não dormia à noite e passava horas e horas chorando, queria estar sempre no colo de alguém quando não estava dormindo. Seu filho mais novo a chamava de “diabinha”. Contou-me que quando a bebê estava no abrigo também era assim, acordava “meio quarteirão de piaçada”. Além disso, o pai da criança estava sempre na rua e não ajudava a cuidar delas. O esposo de Dona Maria ia tentar falar com o jovem casal naquela semana para ver se eles passavam a ajudar pelo menos com dinheiro para as despesas da casa. Dona Maria contou que o filho mais velho, às vezes, cobrava maior responsabilidade do irmão, mas como ele era tido como “louco”, acabava não sendo levado a sério.

Em novembro daquele ano, Dona Maria estava pensando em construir uma casa nova em um outro terreno de invasão que tinha ganhado. Mas também estava pensando em se mudar para um apartamento com aluguel bem barato que encontrou próximo do centro da cidade. Sua neta mais velha estava morando com Joci, uma de suas

colegas de trabalho na ASMAR. Joci tinha apenas um filho de oito anos e não podia mais engravidar, já estava a algum tempo tentando adotar alguém e por isso se ofereceu para cuidar da netinha de Dona Maria.

Dona Maria também me falou que, como sua vida tinha se organizado, estava planejando sair da ASMAR e ir vender “churrasquinhos” no centro da cidade. Tinha até pedido para um amigo construir um carrinho com churrasqueira para ela. Sua ideia era começar nos fins de semana e, se funcionasse, iria trabalhar com os churrasquinhos a semana inteira. Estava empolgada pensando em como poderia ser um bom trabalho para o seu filho mais velho, se o carro de “churrasquinho” desse certo, sempre teriam em que trabalhar.

Em dezembro do mesmo ano, Dona Maria finalmente começa vender seus churrasquinhos no centro da cidade, mas foi denunciada para a Vigilância Sanitária, que a impediu de continuar com o trabalho sem ter uma licença da prefeitura para exercer a atividade. Ela me contou, revoltada, tudo o que teria de fazer para conseguir liberar seu carrinho de churrasquinho. Tinha se convencido de que não era interessante gastar tanto com um negócio que não tinha garantia nenhuma de dar certo. Talvez continuasse vendendo apenas aos fins de semana, na rua de sua casa, onde todo mundo a conhecia e não a denunciariam.

Ainda em dezembro de 2006, Dona Maria teve sua casa destruída pelas chuvas e pela enchente. Não tinha conseguido alugar o apartamento de que me falara em outra ocasião e nem construir no outro terreno. Ela e as netas estavam morando provisoriamente na casa de uma de suas filhas. Os móveis da casa, que não tinham sido levados pela enchente, estavam cobertos com uma lona no quintal. Na última vez que a vi naquele ano, ela tinha conseguido uma pequena parte dos materiais para reconstruir a casa e planejava comprar uma barraca para morar com a família no novo terreno até que a casa ficasse pronta.

O empoderamento que sugiro estar ocorrendo na vida dessas mulheres, mesmo diante de todas as dificuldades pelas quais passam, baseia-se em Foucault (2007, p.26), quando afirma que o poder “não se aplica pura e simplesmente como uma obrigação ou uma proibição aos que ‘não tem’, ele os investe, passa por eles, apoia-se neles, do mesmo modo que eles, em sua luta contra esse poder, apoiam-se por sua vez nos pontos em que ele os alcança”. Preocupado em entender as transformações e a construção do sujeito, Foucault (1994, p. 2) irá dizer que “o sujeito humano é colocado em relações de produção e de significação” e “é igualmente colocado em relações de poder muito complexas”. Isso implica que, em cada relação estabelecida em sua vida

cotidiana, este sujeito estará diante de uma forma de poder, diante da qual deverá se posicionar. A formação do sujeito para Foucault se dá nas relações que este estabelece, nas lutas que o indivíduo trava diariamente com cada esfera do mundo a sua volta: sendo assim, o indivíduo se constitui em várias formas de sujeito: o sujeito político, o sujeito de uma sexualidade, o sujeito de uma etnia, etc.

Ao relatar a vida de Dona Vera e de Dona Maria, busco evidenciar a alteração estrutural promovida pelas práticas de consumo desencadeadas pelo trabalho com o lixo e a consequente reavaliação identitária do ser mulher. Estes casos evidenciam como é possível alterar, através do consumo, algumas classificações fortemente inseridas em nossa cultura sobre o lugar da mulher, por exemplo. Ao consumir, as mulheres se apropriam das classificações e, se não conseguem alterá-las totalmente, pelo menos as fazem agir a seu favor. Elas passam a deter a posse de tudo que as tornam mulheres, seja o que usam para satisfazer suas vaidades, seja aquilo que precisam para dar sustento aos seus filhos. Ao serem donas das coisas sem precisar do auxílio de ninguém, tornam-se também donas de si e de suas próprias vidas. E são as diversas práticas de consumo às quais passam a ter acesso com o trabalho com o lixo que as permitem realizar tal alteração na forma como veem a si próprias.

#### **4.2. Distinções sociais: o nós e o outro no campo do trabalho com o lixo**

Se, por um lado, o trabalho com o lixo deu às mulheres que citei acima o mínimo de dignidade para conquistarem sua liberdade financeira e patronal, sustentarem suas famílias e tomarem parte de movimentos políticos, por outro, ele contribui para reproduzir o ciclo de exclusão social que as levou a trabalhar nessa atividade. Trabalhar com o lixo é estar sempre entre aqueles que não têm muito, que serão sempre suspeitos, que estão sempre sujeitos, etc. O pertencimento a um nós genérico de pobre em contraposição as forças do estado ou à humilhação sofridas estava sempre presente nessas vidas que se faziam em meio ao lixo.

Apresento na sequência alguns relatos de meu diário de campo que mostram como ocorre esta reflexão nós/outro entre as pessoas com as quais fiz pesquisa. Busco mostrar como respondem a acontecimentos cotidianos que evidenciam as distinções entre si e o outro com quem interagem. Estas respostas, do meu ponto de vista, acabam sempre por

reforçar a distância entre o seu mundo e o mundo do outro. O primeiro caso é sobre a relação das mulheres da ARPS, em Santa Maria, com o poder estatal, em especial o exercido pela escola e pelos programas de assistência social. O segundo é sobre a relação de conflito de alguns jovens ligados a ARSELE com jovens de classe média. E o terceiro é a reflexão de dona Teresinha sobre como estas distinções são criadas.

#### **4.2.1. A escola: entre expectativas e frustrações**

Em uma manhã de maio de 2009, acompanhei as mulheres da ARPS na coleta de do material reciclável pelas ruas da Vila Alto da Boa Vista em Santa Maria, RS. Era dia de realizar a coleta seletiva na escola de educação infantil em que os filhos pequenos de algumas delas estudavam. Estávamos a Tássia, a Tânia e eu. Tânia era uma mulher de pouco mais de trinta anos, tinha apenas um filho e era mãe solteira, o pai do menino a abandonou logo que ela iniciou o tratamento para problemas renais. Tânia fazia hemodiálise todas as semanas e, como morava sozinha, deixava o menino de oito anos com uma das vizinhas ou o levava até a casa de sua mãe em outro bairro da cidade. Ela não gostava que ele andasse sozinho pelas ruas, embora fosse difícil de “controlar o moleque”. Tássia tinha 6 filhos, algumas já eram adolescentes e, às vezes, trabalhavam na ARPS junto com a Mãe.

Quando chegamos à escola, uma das professoras estava sentada do lado fora do colégio fumando, e as crianças brincavam barulhentosamente no Pátio. O guarda que foi abrir o portão para nós tentava conter as crianças para que não saíssem. Quando entramos, ele pediu para que da próxima vez fôssemos fora da horário do intervalo das crianças, pois era bem difícil contê-las para não saírem do pátio da escola. Ajudei a levar o material para fora e a pôr no carrinho. Quando estávamos saindo, a professora que havíamos visto na entrada dirigiu-se a Tânia e começou a falar sobre o filho desta.

A professora estava visivelmente irritada e falava com uma voz rouca sobre o que o filho de Tânia havia feito na escola. Dizia para que Tania colocasse limites nele, porque não entendia como em um dia ele podia estar bem e no outro ele virar a sala inteira, bater nos colegas e quebrar as coisas como havia feito. Segundo a professora, quando ele começava a agir assim, ninguém na escola conseguia contê-lo. Além de não fazer nada do que estava sendo proposto em aula, ele também não deixa nenhum dos colegas fazer. A professora também reclamava de que o filho de Tânia estava sempre sujo e que ela precisava ensinar ele a ter maior cuidado com a higiene pessoal. Tania estava constrangida e mal

consequia falar com a professora. A professora, então, mudou o tom da voz e lembrou que da última vez que ela tinha falado com a Tânia o menino havia melhorado muito e que por isso estava pedindo de novo para que ela conversasse com ele em casa.

Sáímos em silêncio, ninguém sabia muito bem o que dizer para Tania. Quando chegamos à associação, a Marisa e a Andréia estavam comendo bolo frito e tomando chimarrão<sup>38</sup>. Sentamos e elas começaram a conversar. Tânia contou o que tinha se passado na escola e de como estava envergonhada. Disse que não sabia o que fazer, achava que teria de tirar o menino da escola porque sempre reclamavam dele. Ela disse que não conseguia entender o que se passava na cabeça dele, pois no dia anterior havia dito para ela que, quando fosse até a escola, as professoras fariam vários elogios a ele. Além disso, ela sempre mandava o menino limpo para a escola, de banho tomado, cabelo penteado e até nos dias em que faltava água ela “dava um jeito”. Olhou para a Tássia, que era sua Vizinha, e disse: “a Tássia vê sempre quando ele está indo para a escola”. Tássia confirmou e disse que isso era coisa de criança, que eles não ficam limpos o dia todo.

Andréia então instruiu Tânia para que não o tirasse da escola, porque assim poderia ter problemas com a justiça. Agora, que o menino já estava na escola, não tinha mais o que fazer, Tânia teria de mantê-lo matriculado e frequentando a aula até a idade prevista pela lei. Andréia contou que sabe disso porque teve sérios problemas com uma de suas filhas adolescentes. Ela não queria ir para a escola de jeito nenhum e o juiz culpou a mãe por isso. Teve vontade de bater na menina quando foi chamada para dar satisfação sobre por que a filha dela não estava indo na escola, mas os conselheiros tutelares lhe haviam dito que era crime espancar uma criança.

---

<sup>38</sup> O chimarrão ou mate é uma bebida característica da cultura do sul da América do sul e de origem indígena. É composto por uma cuia, uma bomba, erva-mate moída e água quente. Tem sabor amargo e a erva pronta para o uso consiste em folhas e ramos finos de *Ilex paraguariensis*, secos e triturados. A cuia é uma vasilha feita do fruto do porongo e pode ser ricamente ornamentada com gravuras e metais preciosos. A bomba é basicamente um canudo de cerca de seis a nove milímetros de diâmetro e cerca de 25 centímetros de comprimento. É feita de metal e também pode ser trabalhada artisticamente e conter pedras preciosas ao seu redor. Na extremidade inferior da bomba (que é inserida dentro da cuia) tem-se um cesto de metal que filtra água das folhas de erva.

Elas então começaram a falar sobre a dificuldade de se criar os filhos e de quais colégios eram melhores. Tassia comentou que nunca teve este tipo de problema com o filho que estudou no Colégio Marista<sup>39</sup>, ele até gostava de ir para a escola, o problema era conseguir uma vaga nessa instituição. Andreia falou que a pior “burrada” que fez foi solicitar a bolsa família<sup>40</sup>, agora estava tentando desistir dela, pois com a bolsa família ela era obrigada a confirmar a frequência das crianças na escola, mas seus filhos não gostavam de estudar. Os mais velhos fugiam com frequência para ficar andando pela rua. Se não fosse a fiscalização periódica dos assistentes sociais, ela tiraria os mais velhos da escola e levaria para aprender trabalhar com ela e mantê-los longe dos traficantes, que pegavam as crianças para trabalhar com eles no portão da escola. Se estivessem trabalhando com ela, teria como saber o que estavam fazendo. As outras concordaram e acrescentam que, umas boas palmadas do pai e da mãe para que a criança entendesse que não pode fazer tudo o que quer é preciso.

Em outras ocasiões em que estive nessa associação, já havia presenciado conversas dessas senhoras sobre a educação dos filhos. Embora as reuniões escolares nunca fossem algo de que elas gostassem de participar, em geral falavam positivamente da oportunidade de estudar que os filhos estavam tendo. Algumas chegavam até a imaginar como seria bom vê-los formados. As que tinham filhos pequenos falavam com orgulho de cada nova palavra que o filho aprendia a ler.

---

<sup>39</sup> A Escola de Ensino Fundamental e o Centro Social Marista Santa Marta integram a Rede Marista de ensino. Está presente em mais de 82 países e com quase 200 anos de atuação mundial. A escola instalada no bairro Nova Santa Marta, região oeste de Santa Maria, foi fundada em 1998. Oferece Educação Infantil, Ensino Fundamental. Informação disponível em: <http://colegiomarista.org.br/santamarta/sobre>. Acesso em: 7 de novembro de 2015.

<sup>40</sup> O Bolsa Família é um programa do governo federal do Brasil de transferência de renda destinado às famílias com renda per capita de até R\$ 77 mensais e as famílias com renda por pessoa entre R\$ 77,01 e 154 reais mensais desde que tenham, em sua composição crianças ou adolescentes de 0 a 17 anos. Este benefício é para que estas famílias tenham acesso aos direitos sociais básicos: de saúde, alimentação, educação e assistência social. As famílias que recebem o Bolsa Família tem o compromisso de manterem seus filhos na escola, leva-los periodicamente ao posto de saúde para acompanhar o peso, crescimento e fazer vacinas. Informação disponível em <http://mds.gov.br/assuntos/bolsa-familia/o-que-e/beneficios/beneficios>. Acesso em: 7 de novembro de 2015.



A forma enfática como a professora falou com Tânia provocou as mulheres a falarem sobre o outro lado sistema do escolar. Aquele em que a escola é, acima de tudo, um órgão controlador do Estado e seus agentes consideram estar fazendo um favor a estas mulheres quando as orientam sobre como cuidar de seus filhos e as encaminham para projetos sociais. Não quero entrar aqui nas discussões, sempre acirradas, sobre a quem compete a educação das crianças, se aos pais ou se à escola. A questão é o quanto a escola está aberta à diversidade de educação proporcionada pelos pais. Muitas vezes a escola só reconhece que a criança é “bem educada” em casa se ela se adapta a todos os padrões de comportamento esperados ou às normas escolares. As formas de transmissão de conhecimento que empregam castigos físicos ou incentivam a criança a realizar um trabalho e ser responsável pelo seu sustento são sempre questionadas. Além disso, o contexto social das crianças muitas vezes não é levado em conta. Uma grande parte das casas do bairro Alto da Boa Vista, onde Tania morava com o filho, não tinha piso nem água encanada dentro de casa e as ruas não eram calçadas. Como era possível esperar que estas crianças chegassem sempre limpas à escola?

O que acontece quando a criança não se encaixa nos padrões escolares? O que acontece quando a família não consegue educar seu filho para ser um bom aluno aos olhos da escola? Conseguirá esta criança integrar-se ao ambiente escolar, ou continua-se ali o ciclo de exclusão social que levou sua mãe a trabalhar com o lixo? Ser filho de alguém que trabalha com o lixo tem algum impacto na formação das percepções de professores e dos colegas da escola sobre esta criança? Como se concilia as expectativas dos professores sobre o que é ser um bom aluno com as expectativas das mães sobre o que é bom para seus filhos?

#### **4.2.2. Peripécias de uma manhã de verão**

Lisandro é um dos meninos acolhidos por Dona Teresinha na ARSELE. Ele cumpria medida socioeducativa e estava obrigado a trabalhar na associação e a manter residência fixa. Como seu padrasto não o aceitava em casa, Dona Teresinha permitia que ele morasse dentro do galpão de seleção de materiais. Em uma manhã ensolarada de verão, quando fazia pesquisa na ARSELE, Lisandro foi chamado do lado de fora do Galpão por um grupo de meninos, todos muito jovens, com

menos de 15 anos. Eles riam alto e lhe contaram algo que tinham feito naquela manhã.

Dona Teresinha pediu para que Lisandro voltasse ao trabalho e os garotos foram embora ainda rindo e falando alto. Lisandro entrou com um tênis na mão e Dona Teresinha o questionou-o de onde havia tirado aquele tênis e o que a “molecada já tinha aprontado àquela hora da manhã”. Lisandro apenas disse que um dos meninos havia lhe dado para doar a alguém ali da ARSELE. Dona Teresinha olhou-o com certa reprovação, ele se aproximou da Magda, que separava o lixo no chão, a alguns metros de mim e de Dona Teresinha, e começou a lhe contar o que havia acontecido. Falou alto e rindo, talvez querendo que eu e Dona Teresinha também escutássemos.

Os meninos estavam andando pelas ruas do bairro e encontraram com um “boyzinho” do Riachuelo e o fizeram “dar” o tênis para eles. Os meninos com quem falou estavam rindo contando como apavoraram o rapaz para conseguir o tênis. Dona Teresinha o repreende, dizendo que não era engraçado e que depois a polícia “batia” ali e eles iam ficar se fazendo de coitadinhos e pedindo para ela ir tirá-los da delegacia. Ordenou que ele retirasse o tênis de dentro da ARSELE e que não falasse mais sobre aquela história dentro da associação.

Este episódio sempre me intrigou. Convicta, na época, de que a motivação para roubar se devia apenas à necessidade extrema ou ao desejo de possuir algo que não tinha condições financeiras de comprar, me perguntava por que os meninos haviam pego o tênis se não o queriam e com o qual não iriam ganhar nada? Além disso, porque era tão engraçado? Não parecia ser um roubo para eles, mas um trote feito com alguém. Levou algum tempo para que eu entendesse que não se tratava de necessitarem ou de desejarem o tênis, mas do menino de classe média, o “Boyzinho” do Riachuelo. Riachuelo era um cursinho de pré-vestibular frequentado por jovens de classe média de Santa Maria e também de cidade vizinhas. Muitos deles usavam camisas e mochilas com a identificação do curso, forma pela qual, provavelmente, o rapaz alvo dos garotos amigos do Lisandro foi identificado.

Não quero com esta história minimizar a gravidade dos assaltos que ocorriam quase que diariamente nas ruas próximas ao bairro em que estava localizada a ARSELE. Minha intensão é reforçar as distinções perpetuadas por estes garotos entre um nós (da vila e que se rebela contra a rotina da escola) e um outro (que frequenta cursinho de pré-vestibular pago pelo pai). É com base nessa distinção que lhes pareceu lícito e engraçado praticar o roubo. É também por conta dessa distinção, que Dona Teresinha, mesmo quando repreendeu Lisandro, se identifica

com os rapazes, dizendo que no final seria ela a ter de ir à delegacia de polícia para tentar livrá-los de serem presos.

#### **4.2.3. Dona Teresinha e a periferia**

Dona Teresinha era presidente da ARSELE quando realizei minha pesquisa em Santa Maria. Foi também a principal responsável pela criação da associação, junto a outras lideranças do Movimento Nacional da Luta pela Moradia (MNLN). Com mais de cinquenta anos, Dona Teresinha vivia quase sempre sozinha, pois suas três filhas estavam casadas e seu marido havia ido embora há muito tempo, por não concordar com sua vida de militante política. Ela sempre saía e viajava de um lugar para outro com quem vinha convidá-la para ir à “luta” e ele sempre reclamava, então se separaram. Ela continuou sozinha, porque, como relatava: “não é fácil achar um companheiro que aceite viver assim”, seu ex-marido, no entanto, construiu outra família.

Além da ARSELE, Dona Teresinha continuava fazendo parte do Movimento Nacional da Luta pela Moradia e reivindicando reformas urbanas. Seguidamente o galpão da ARSELE era usado para dar abrigo a pessoas da “comunidade” que estavam temporariamente sem moradia. Durante todo o tempo em que fiz a pesquisa na ARSELE, Lisandro, de mais ou menos 17 anos, morou em uma das salas do galpão. Antes disso, esta sala foi moradia de outro senhor que trabalhava lá. No final de minha pesquisa, uma família inteira estava morando na sala ao lado a de Lisandro.

A ARSELE, como já mencionei nos capítulos anteriores, também era um espaço que abrigava projetos sociais, como a cozinha comunitária, a oficina de artesanato, o espaço recreativo para crianças, cursos de dança e aulas de ginástica. Dona Teresinha também abrigava muitos cachorros no local. A maioria havia chegado ali gravemente ferido ou com problemas de saúde. Dizia que parte dos cães eram de rua, mas outros as pessoas soltavam próximo da ARSELE porque sabiam que ela não os deixaria morrer sem assistência.

O envolvimento dessa senhora com a “comunidade” que ela dizia ter ajudado a criar era muito grande. Não era incomum que as pessoas do local fossem até ela para pedir ajuda quando estavam em alguma situação difícil. Também era bastante comum que agentes do estado a procurassem para conseguir ter contato com alguém da “comunidade”. Em uma das vezes em que estive no local, uma jovem com um filho pequeno estava na associação. Vítima recorrente de violência doméstica,

a jovem costumava se abrigar na associação ou na casa de Dona Teresinha até que seu marido se acalmasse. Dona Teresinha conversava com ela sobre a visita da assistente social da UNIFRA no dia anterior e lhe explicou que a mesma voltaria naquele dia para levá-la para fazer boletim de ocorrência na polícia.

Depois que a menina saiu, Dona Maria começou a me contar que não achava certo o que o marido da garota fazia com ela, mas tinha dúvida se o melhor era denunciar. No dia anterior, quando falou com a assistente social, tinha dito para que fosse cuidadosa porque depois de levar a menina para denunciar, não teria mais como voltar atrás. A assistente tinha de entender que precisava pensar também para onde levaria a garota com um filho pequeno. Para a comunidade ela não poderia voltar depois de fazer a denúncia, ou acabaria sendo espancada mais ainda como já teria acontecido com outra pessoa a que esta assistente social convenceu a fazer a denúncia. Segundo Dona Teresinha, a assistente vinha insistindo que se tratava de um direito da mulher e que precisava ser feito, que era um primeiro passo para que a situação dessas mulheres melhorasse. Dona Teresinha, então, fez um gesto desolado com os ombros e concluiu que não ia dar certo, pois tinha experiência e sabia que as coisas não funcionavam do jeito que a assistente social falou.

A vida das mulheres trabalhadoras com o lixo estava geralmente atrelada a diversas situações de violência e aos dramas comuns a todos os que moram em regiões pobres das grandes cidades brasileiras. Elas conviviam diariamente com a iminência de seu filho ser vítima da violência, de que se tornasse traficante, usuário de drogas ou então de acabar sendo abordado por engano pela polícia. Era também comum em todas as associações a atenção que davam para os informativos policiais noticiados pelas emissoras de rádio locais. Após uma notícia que envolvesse um conhecido ou mesmo algo ocorrido em seu bairro, os trabalhadores com o lixo passavam um tempo dando suas versões das histórias, contando para o outro o que viram, o que fizeram e qual era o motivo que havia desencadeado o conflito.

Trago um trecho de meu diário de campo do dia 10 de setembro de 2009, em que fica evidente tanto a proximidade das associações com este cotidiano de violência e vulnerabilidade social, quanto a participação ativa de Dona Teresinha em auxiliar os envolvidos.

Logo em seguida chegou uma senhora com intimidação para entregar a um dos meninos que lhe haviam informado estar trabalhando na

associação. Dona Terezinha confirma e pergunta por ele às outras duas mulheres. Elas dizem que um senhor dizendo ser pai dele esteve ali e pediu para que o acompanhasse, então elas o liberaram para sair mais cedo. Dona Terezinha nos conta que tinha recolhido ele da rua há alguns dias e que nem sabia que ele tinha família ali. Contou que ele está abrigado em sua própria casa e, embora brigue muito com (aponta para um dos meninos e diz) “um dos meus filhos”, ela o manterá lá até que não faça nada contra eles. Diz ter percebido que ele não era um mau menino, mas que estava precisando de alguém que o encaminhasse. A senhora que estava com os papéis diz que assim ficava mais sossegada sabendo que ele estava ali, pergunta se poderia deixar a intimação. Dona Terezinha diz que sim. (...) A senhora classificou os feitos deles como coisas de pouca importância que ela sabia que ele já tinha cumprido, mas que precisava se apresentar perante o fórum para dizer isso, caso contrário ainda poderia ter sérios problemas. Dona Terezinha diz que ela entregava o documento e se fosse preciso levaria ele até o fórum. (...) Dona Terezinha passa a me contar que já deve de ter abrigado mais de 20 meninos durante toda a sua vida. Alguns ela nunca mais soube o paradeiro, outros casaram ou deram um rumo à vida e aparecem de vez em quando. Diz não se arrepender e me conta que o Monra, rapaz que puxa o carrinho da associação, ela também tirou da rua. Na época todo mundo tinha medo dele. Ela colocou-o a dormir em sua casa sem saber nada sobre quem ele era ou o que já tinha feito e suas filhas ainda eram solteiras e moravam na casa dela. Diz não se interessar por quem é a pessoa ou o que fez antes, sempre irá ajudar e vai até na polícia buscar se for preciso, desde que andem na linha com ela. Monra está trabalhando na associação há quase dez anos e a trata “como a mãe que nunca teve”. Diz que muitos desses meninos só precisam de um pouco de acolhimento e sentimento de pertencer a uma família. (...) Depois disso, a conversa seguiu com os meninos que a essa hora tinham se juntado a nossa roda de

chimarrão. Um deles aponta os outros dois que estavam ali, ambos com passagem pela Case, e comenta que no fundo todo mundo já fez alguma “merda, não tem quem não faça”. (Diário de campo do dia 10 de setembro de 2009).

Dona Teresinha tinha uma opinião fortemente formada sobre o descaço do poder público para com a “população da periferia”. Ela deixava evidente o preconceito de classe e também racial que presenciou sua vida toda. Na entrevista que fiz com dona Terezinha para elaboração do documentário institucional sobre a ARSELE, ela esboça com clareza como se reproduzem as distinções sociais entre as pessoas da “periferia” e as pessoas da “sociedade”. Quando pergunto se havia algum tipo de preconceito contra os trabalhadores com o lixo, ela responde:

Ah tem. Tem porque as pessoas pensam que é tudo marginal, catador é... Não pensam que o currículo da pessoa, por pior que seja o currículo da pessoa pra trás é... em primeiro lugar, é um ser humano, né. É muitas vezes por isso que a sociedade em si ela... ela faz com que a marginalidade aumente, por tu tratar outra pessoa, né, como um marginal. Tua classe social não permite você ser um cidadão da sociedade. Então é muito difícil as pessoas respeitarem a periferia, em si, não só o catador, mas a periferia em si. Um jovem da periferia é maltratado pela sociedade, pela própria polícia em si, né, não respeita. É..., usa calça larga, é periférico, é marginal. Se é negro, pior ainda. Então enquanto não existir um respeito das autoridades com a periferia, não... O menino cresce ali vendo a polícia chamar de vagabundo. Dai, [bate uma mão na outra] ai eu já sou vagabundo, então... Eu presencio isso, vejo isso. Vejo eles fazerem, e sendo que não é isso, pelo estatuto da criança, eles têm que respeitar o adolescente, tem que respeitar a criança. E em si, a polícia não respeita. Entra de arma, não interessa a casa, o horário, onde, eles andam com aquelas enormes armas apontando pro lado da gente. Vamos supor que eles estejam fazendo um trabalho dele. É um trabalho. Atacando ali pra revistar, né, ou pra identificar alguém. Eles não

precisam estar pro lado das pessoas com aquelas enormes armas, como eles ficam. Porque eles param na frente da minha casa, já pararam várias vezes com aquelas armas. Então eu acho que isso contribui pra que a criança cresça com aquilo ali na cabeça. Então, né. E isso é a minha... não vou dizer que seja isso, mas eu penso assim. Porque não é com um... como o próprio conselho tutelar fala, não pode bater, não pode botar trabalhar, mas aí vai fazer o que? Eu boto os meus trabalhar, defendo que eles trabalhem. Claro, eles têm que ter o estudo deles, o lazer deles, mas também tem que ter responsabilidade. Tem que trabalhar, tem que aprender trabalhar. Pra depois de grande não achar que não... Há eu não gosto de trabalhar, nunca trabalhei, então... Que nem agora, nesse mundo que nós temos aí, vai trabalhar aonde, não tem experiência de nada. A pessoa mais velha, passa dos trinta é velho, é descartado. Daí é só esta faixa aí entre quem tem experiência e quem já está empregado, depois, se sair, depois dos trinta, não se emprega nunca mais. Então tá... o mundo tá indo pra um eco que não vai ter pra onde gritar, né. Não sei, não sei daqui pra frente. Então este trabalho ajuda, porque vem o jovem que não tem experiência, vem a pessoa de mais idade. Então poucos tem oportunidade de chegar e conseguir, principalmente se eles não estudam, não estudaram. (Entrevista com dona Teresinha para documentário institucional da ARSELE, em 2009).





## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Os trabalhadores com o lixo possuem diversos contextos de atuação pelo mundo. Mesmo se considerarmos apenas o contexto brasileiro, ainda assim, nos depararemos com diferentes grupos, cada um com suas próprias táticas de trabalho, estratégias de inserção no mundo do trabalho e de negociação de espaço com os poderes locais. Apesar de tal heterogeneidade, eles acabam sendo homogeneizados geralmente dentro das categorias de pobres, marginais e perigosos. Como já mencionei, minha pesquisa restringe-se apenas a uma pequena parcela desse grupo, os que estão organizados em associações.

É com base nas observações que realizei junto a esses trabalhadores com o lixo organizados em associações, que elaborei a tese de que as práticas de apropriação de objetos encontrados no lixo por essas pessoas constituem-se em práticas de consumo que lhe permitem: a) uma mudança estrutural através das micro esferas de empoderamento proporcionadas pelo trabalho com o lixo e b) a sustentação de determinadas estruturas de classificação presente na lógica de consumo da nossa sociedade e visíveis nas formas de distinções sociais.

Para pensar a mudança estrutural através do empoderamento tomei de empréstimo a noção de apropriação, tal como Schneider (2003), enquanto um ato de agência e de reelaboração dos objetos e dos espaços que compõem o mundo dos trabalhadores com o lixo. A apropriação, portanto, deve ser entendida para além do ato de retirar os objetos do lixo e encaminha-los para o mercado de usados, para a fabricação de artesanatos ou para a composição de coleções pessoais ou coletivas. Ela é principalmente o esforço empregado por estas pessoas para reordenar seus espaços e também suas compreensões sobre si através dos objetos com os quais partilham o mundo.

Também considerei como empoderamento as reavaliações e negociações identitárias vivenciadas por estes trabalhadores diante da necessidade de trabalhar com o lixo. Tanto a apropriação dos objetos, quanto as reavaliações identitária ressignificam profundamente algumas categorias e classificações compartilhadas por essas pessoas antes do trabalho com o lixo. Não são apenas os sentidos atribuídos ao lixo que são ressignificados, mas também o lugar que eles ocupam no mundo enquanto, trabalhador com o lixo, enquanto periferia e enquanto mulher. É por isso que usei parte do capítulo dois para enfatizar as ressignificações feitas pelos trabalhadores com o lixo sobre as noções de

limpo e de sujo. Entendo que era através dessas ressignificações que os significados atribuídos ao trabalho com o lixo também eram alterado para as pessoas com as quais fiz a pesquisa.

A tese como um todo busca também criar um estranhamento sobre as análises negativas em que muitas teorias sociais têm enquadrado o consumo na sociedade contemporânea. Tenta-se, assim como Douglas & Isherwood (2013) e McCracken (2003), ir à contramão dos enquadramentos discursivos que explicam o consumo através de um argumento naturalista, moralista ou hedonista. Trata-se de mostrar como a dicotomia entre sociedades “primitivas”, nas quais os bens circulam como dádiva, e sociedades “civilizadas”, em que os bens circulam como mercadoria, de fato não se realiza. Os objetos são carregados de simbologias e sua circulação através das diversas práticas de consumo do nosso sistema produtivo criam formas de comunicação e de distinções sociais. Eles não são algo à parte da vida das pessoas, mas estão no mundo com elas e as auxiliam a se expressarem e a lerem o outro diante do qual se encontram.

Acredito que tenha ficado evidente como, no decorrer dos capítulos, as vozes de mulheres tornam-se parte preponderante do texto. Embora, eu sempre tenha tido consciência de que meus principais informantes eram mulheres, foi no processo de releitura e de reescrita que tomo conhecimento que minha pesquisa é sobre trabalhadoras com o lixo. Se isso não é frisado no decorrer do texto, deve-se em grande parte ao fato de que precisei terminar a escrita para dar-me conta do óbvio.

No que diz respeito ao processo de escrita da minha tese, gostaria de salientar que a etnografia não foi somente ver, ouvir e escrever, como propõe Cardoso de Oliveira (2006), foi também rever, reouvir e reescrever. Depois de anos estudando o mesmo grupo de trabalhadores me dei conta que a vida desses indivíduos jamais será esgotada em uma tese. Rer meus diários foi emocionalmente difícil. Era inacreditável como, em cada página, encontrava algo que havia relegado ao esquecimento ou ao menos importante, mas que agora parecia explodir de vida, principalmente quando revia acontecer também com as pessoas com quem fazia pesquisa durante o doutorado. Uma vida que me via incapaz de transferir ou de contemplar com o devido merecimento em meu trabalho acadêmico. O que consegui trazer efetivamente para este texto é apenas uma parte das histórias, dos dramas, das classificações e das criações realizadas pelos trabalhadores com o lixo, de que me apropriei ao logo desses anos de pesquisa. A apropriação enquanto um ato de agência sobre algo e também enquanto um exercício de

compreensão resulta em ambos os casos, na minha escrita etnográfica e nas práticas de consumo dos trabalhadores com o lixo, em uma reelaboração do objeto.



**REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

- APPADURAI, Arjun. **A vida Social das Coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói, RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.
- BAUDELAIRE, Charles, O Vinho dos Trapeiros. In. **As flores do mal**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70. 2011.
- BAUMAN, Zigmunt. **A vida para o consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BATESON, Gregory. **Steps to an Ecology of Mind**. New York: Ballantine, 1972.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas III**. Trad. de José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: Critica Social do Julgamento. São Paulo: Edusp, Porto Alegre, Zouk, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da Arte**: gênese e estrutura no campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: perspectiva, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BRUM, Ceres Karan. Tradicionalismo e educação no Rio Grande do Sul. In. **Cadernos de Pesquisa**, 2009, vol.39, n.138, pp. 775-794. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742009000300005>. Acesso em: 20 de maio de 2015.

- BUARQUE, Cristovam. Prefácio: da diáspora a modernidade. BURSZTYN, Marcel & ARAÚJO, Carlos Henrique. **Da Utopia Urbana à exclusão: vivendo nas ruas de Brasília**. Rio de Janeiro: Garamond; Brasília: Codeplan, 1997.
- CAMPBELL, Colin. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- CANCLINI, Néstor García. **Imaginários urbanos**. Buenos Aires: Eudeba, 2007.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- CASTELLS, Alicia Norma González de. Políticas de patrimônio: entre a exclusão e o direito à cidadania. In. **O público e o privado**, nº10, Jul-Dez de 2007, p 63-73.
- CLIFFORD, James. **A experiência Etnográfica: Antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.
- DaMATTA, Roberto. **A casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DARTON, Robert. **O Grande Massacre dos Gatos: e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. São Paulo: Círculo do Livro: 1982.
- DEJAVITE, Fábila Angélica. O poder do fait divers no jornalismo: humor, espetáculo e emoção. In INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA

COMUNICAÇÃO XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Campo Grande, MS: 2014. Disponível em <http://jornalismo.ufma.br/licristina/files/2014/01/jornalismo-e-entretenimento.pdf>. Acesso em: 21 outubro de 2015

DOUGLAS, Mary & ISHERWOOD, Baron. **O Mundo dos Bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

DUARTE, Alice. A antropologia e o estudo do consumo: revisão crítica das suas relações e possibilidades. In. **Etnográfica** [Online], v. 14, n. 2, p. 363-393, 2010. Disponível em <http://etnografica.revues.org/329>. Acesso em 05/08/2014. Acesso em: 4 de abr. 2015.

EIGENHEER, Emílio Maciel. **Lixo**: A limpeza urbana através dos tempos. Porto Alegre: Gráfica Pallotti, 2009. Versão digital disponível em: <http://www.lixoeducacao.uerj.br/imagens/pdf/ahistoriadolixo.pdf>. Acesso em: 11/01/2015.

ELIAS, Norbert. **O processo Civilizador**: uma história dos costumes. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, 2011.

FAHMI, Wael Salah. The impact of privatization of solid waste management on the Zabaleen garbage collectors of Cairo. In **Environment & urbanization**. Cairo, v. 17, n. 2, p. 155-170, October 2005. Disponível em: <http://eau.sagepub.com/cgi/content/abstract/17/2/155>. Acesso em: 15 jan. 2010.

FAHMI, Wael; SUTTON, Keith. Cairo's Contested Garbage: Sustainable Solid Waste Management and the Zabaleen's Right to the City. In **Sustainability**, v. 2, p 1765-1783, 2010. Disponível em: <http://fr.ircwash.org/sites/default/files/Fahmi-2010-Cairo.pdf>. Acesso em: 13 de out. 2014.

- FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 34.ed. Petrópolis, RJ:Vozes, 2007.
- FOUCAULT, Michel [1982]. As técnicas de si. In **Espaço Michel Foucault**. Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994, Vol. IV, pp. 783-813, por Karla Neves e Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: [www.filoesco.unb.br/foucault](http://www.filoesco.unb.br/foucault). Acesso em: 10/10/2012.
- GEERTZ, Clifford. Arte como sistema cultural. In: **Saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação da Cultura**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GELL, Alfred. **Art and Agency: an anthropological theory**. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- GOFFMAN, Erving. **A Representação do eu na Vida Cotidiana**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação de identidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda, 2007.
- INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. In. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.
- IPEA **Diagnóstico sobre catadores de resíduos sólidos**. Relatório de pesquisa. Brasília: IPEA, 2012. Disponível em [http://www.silvaporto.com.br/admin/downloads/CATADORES\\_BRASIL\\_IPEA\\_2012.pdf](http://www.silvaporto.com.br/admin/downloads/CATADORES_BRASIL_IPEA_2012.pdf). Acesso em: 19 de nov. 2013.



- KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras: 2000.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento Selvagem**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. **Consumo**: uma perspectiva antropológica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- LUPPI, Pietro. Riuso ed Economie Popolari in Europa: il caso studio di Roma. In **Raccoglitori di Residui**: uma panorâmica globale sul primo anelo del riciclaggio. Cecilia Ruberto Lucia Fernandez (org). Roma. 2008, pp147-148. Disponível em: [http://issuu.com/basurita/docs/attiv\\_4\\_sensibilization\\_campaign\\_-\\_c\\_ruberto\\_sub\\_c](http://issuu.com/basurita/docs/attiv_4_sensibilization_campaign_-_c_ruberto_sub_c). Acesso em: 10 de out 2014.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. **Memórias da Rua do Ouvidor**. Edições do Senado Federal, v.41. Brasília: Senado Federal, 2005. Edição digital disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/sf000051.pdf>. Acesso em: 17 de mar. 2015.
- MACIEL, Maria Eunice. Patrimônio, Tradição e Tradicionalismo: O caso do gauchismo, no Rio Grande do Sul. In **Mneme Revista de humanidades**. Caiacó, v. 07. n. 18, p 349-460, out./nov. de 2005. Disponível em: <http://www.periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/331/304>. Acesso em: 20 de mai. 2015.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. Prefácio de Sir. James George Frazer. São Paulo: Coleção os Pensadores Abril Cultura Victor Civita, 1976.
- McCRACKEN, Grant. **Cultura e Consumo**: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

- MEDINA, Martin. **The World's Scavengers: salvaging for sustainable consumption and production**. Alta Mira Press, 2007.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas – 1948**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MILLER, Daniel. Consumo como cultura material. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 33-63, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v13n28/a03v1328.pdf>. Acesso em: 04 de ago. 2014.
- NATALINO, Marco Antonio Carvalho. Carrinheiros: Cotidiano e Itinerários Urbanos de Catadores de Lixo da Vila Cruzeiro em Porto Alegre. **Illuminuras**. Porto Alegre: Banco de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, v. 4, n. 7, 2003. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/viewFile/9159/5257>. Acesso em: 13 de jan. 2007.
- OCCHIO DEL RICICLONE. Impatti Occupazionale di un Riuso Sistemico nella Città di Roma. Roma: **Occhio del Riciclone**, 2008. [http://www.occhiodelriciclone.com/attachments/153\\_Impatti%20Occupazionali%20Riuso%20a%20Roma.pdf](http://www.occhiodelriciclone.com/attachments/153_Impatti%20Occupazionali%20Riuso%20a%20Roma.pdf). Acesso em: 11/12/2014.
- OCCHIO DEL RICICLONE. **Rapporto Nazionale Sul Riutilizzo 2014: l'usato prende forma**. Roma: Occhio del Riciclone, 2014. Disponível em: <http://www.occhiodelriciclone.com/attachments/article/1211/RAPPORTO%20NAZIONALE%20SUL%20RIUTILIZZO%202014.pdf>. Acesso em: 10 de out. 2014.
- OCCHIO DEL RICICLONE. **Rapporto Nazionale Sul Riutilizzo**. Roma: Occhio del Riciclone, 2010. Disponível em: [http://www.occhiodelriciclone.com/attachments/534\\_Rapporto%20Nazionale%20sul%20Riutilizzo%202010.pdf](http://www.occhiodelriciclone.com/attachments/534_Rapporto%20Nazionale%20sul%20Riutilizzo%202010.pdf). Acesso em: 12 de mai. 2015.
- OLIVEN, Ruben George. O Nacional e o regional na construção da identidade brasileira”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v.1 n.2, 1986.

- ORTNER, Sherry. Em teoria da antropologia desde os anos 60. In. **Mana**, v.17, n 2, p 419-466, 2011.
- PADIGLIONE, Vincenzo. **Poetiche dal museo etnografico**. 2º ed. Roma: Editrice La Mandragora, 2010.
- PADIGLIONE, Vincenzo. **Tra casa e bottega Passioni da Etnografo**. Roma: Edizioni Kappa, 2007.
- POMIAN, krzysztof. Coleção. In **Enciclopédia Einaudi**. V 1, Memória e História. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1984. Disponível em:  
[http://flanelografo.com.br/impermanencia/biblioteca/Pomian%20\(1984b\).pdf](http://flanelografo.com.br/impermanencia/biblioteca/Pomian%20(1984b).pdf) . Acesso em: 15 de abr. 2015.
- RIO, João. **A Alma encantadora das ruas**. Livro digital. Fundação Biblioteca Nacional. Obliqpress, [1908] Disponível em:  
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000039.pdf>. Acesso em: 18 de março de 2015.
- SAHLINS, Marshall David. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- SCHAMBER, Pablo. **De los desechos a las mercancías**: una etnografía de los cartoneros. Buenos Aires: SB, 2008.
- SCHNEIDER Arnd. On ‘appropriation’. A critical reappraisal of the concept and its application in global art practices. In **Social Anthropology**, v. 11, n.2, p. 215-229, 2003.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. In. **Revista Brasileira de Educação**. nº 20, p.60-70, Maio/Jun/Jul/Ago 2002.
- SHAMBER, Pablo. **De los desechos a las mercancías**: uma etnografia de los cartoneiros. Buenos Aires: SB, 2008.
- SILVA, Simone Lira. **Das “Quinzenas” às “Coisinhas”**: Pesquisa Etnográfica na Associação de Seleccionadores de Material Reciclável em Santa Maria – RS. Monografia. (Graduação em

Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

SILVA, Simone Lira. **Negociando Identidades: uma Etnografia entre trabalhadores com o lixo em Santa Maria, RS**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

SIMMEL, Georg. **The Philosophy of Money**. 3ª Ed. London: Routledge, 2004.

SINGER, Paul. **Aprender economia**. São Paulo: contexto, 2012.

TURNER, Victor. **O processo Ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

VELHO, Otávio. De Bateson a Ingold: passos na constituição de um paradigma ecológico. In. **MANA**, v. 7, n. 2 p.133-140, 2001.

WAGNER, Roy. **A invenção da Cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença introdução teórica e conceitual. **Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina, OLIVEIRA, Silvana Silva de. Algumas considerações sobre a família camponesa: desafios e estratégias na reprodução social do campesinato no Feirão Colonial de Santa Maria/RS . In. ZANINI, Maria Catarina Chitolina (org). **Mercados, campesinato e cidades: abordagens possíveis**. São Leopoldo: Oikos, 2015. 219 p. Disponível em [http://editoraoikos.com.br/files/Mercados\\_campesinatos\\_cidades.pdf](http://editoraoikos.com.br/files/Mercados_campesinatos_cidades.pdf). Acesso em: 23 de jun. 2015.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Introdução. **Italianidade no Brasil Meridional a construção da identidade étnica na região de Santa Maria – RS**. Santa Maria: Editora UFSM, 2006.

**FILMOGRAFIA**

COUTINHO, Eduardo. **Boca do Lixo** [Documentário]. Brasil, 1992;  
PRADO Marcos e PADILHA, José. **Estamira** [Documentário]. Rio de  
Janeiro, Brasil, 2004.

WALKER, Lucy. **Lixo Extraordinário** [Documentário]. Com a  
participação de Vik Muniz. Brasil e Reino Unido, 2010.

ALPERT, Jon e O'NEILL, Matt. **Redemption** [Documentário].  
Estados Unidos, 2013.



## CONTEÚDO DE BLOGS E SITES DE JORNAIS E DE INSTITUIÇÕES USADOS NA PESQUISA

- ABITARE A ROMA. Operazione di bonifica al campo nomadi di via Salviati. **Abitare a Roma. Roma**, 17 de outubro de 2014. Disponível em: <http://www.Abitarearoma.net/operazione-bonifica-campo-rom-via-salviati/>. Acesso em: 11 de jun. 2015.
- APRE. **Integração de Aspectos Ambientais no Projeto e Desenvolvimento da Embalagem**: Adequação da ABNT ISO/TR 14.062:2004 para as Embalagens. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: [http://www.abre.org.br/wp-content/uploads/2012/07/cartilha\\_iso.pdf](http://www.abre.org.br/wp-content/uploads/2012/07/cartilha_iso.pdf). Acesso em: 19 de abr. 2015.
- BLOG VIEJO TOPO. Spain: Welcome to the Third World. Pobreza y exclusión social. **Blog del Viejo Topo**. Espanha, 17 de janeiro de 2013 <http://blogdelviejotopo.blogspot.com.br/2013/01/spain-welcome-to-third-world.html>. Acesso em: 24 de mar. 2015.
- CANAL YOU TUBE. Presidente Dilma no Natal com os Catadores e População de Rua. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=VMnO7EBu5K8>. Acesso em: 14 de mai. 2014.
- CHITAN ENVAIRONMENTAL RESEARCH AND ACTION GROUP. Disponível em: <http://www.chintan-india.org/>. Acesso em: 24 de mar. 2015.
- COLÉGIO MARISTA. Disponível em: <http://colegiomarista.org.br/santamarta/sobre>. Acesso em: 7 de nov. 2015.
- DEMOCRACY NOW. Redemption: Oscar-Nominated Doc Follows the Working Poor Who Survive on Collecting Bottles and Cans. **Democracy Now**. New York, 31 de janeiro de 2013. [http://www.democracynow.org/2013/1/31/redemption\\_oscar\\_nominated\\_doc\\_follows\\_the](http://www.democracynow.org/2013/1/31/redemption_oscar_nominated_doc_follows_the). Acesso em: 31 de abr. 2014.

DIÁRIO CATARINENSE. Catadores de lixo reciclável de Florianópolis são transferidos. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 27 de março de 2009. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/Diariocatarinense/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&newsID=a2455700.xml>. Acesso em: 26 de mai. 2011.

DIÁRIO CATARINENSE. Prefeitura desativa núcleo de triagem de material reciclado no Centro de Florianópolis. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 26 de fevereiro de 2009. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/diarioCatarinense/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&newsID=a2419184.xml>. Acesso em: 26 de mai. 2011.

EL UNIVERSAL. Califica El Vaticano de inaceptable prohibición de pedir limosna. Roma, 08 de agosto de 2008, Caderno El Mundo. **El Universal**. Disponível em: <http://www.eluniversal.com.mx/notas/528754.html>. Acesso em: 13 de nov. 2013.

G1 GLOBO. Artigo Câmara de Florianópolis aprova lei que proíbe circulação de carroças. **G1 Globo**. Florianópolis, 28 de março de 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/03/camara-de-florianopolis-aprova-lei-que-proibe-circulacao-de-carrocas.html>. Acesso em: 29 de mar. 2015.

GIRARD, Bibiano. É Contêiner pra Cá, é Contêiner pra Lá. In. **Revista o Viés**. Disponível em: <http://www.revistaovies.com/cronicas/2011/11/e-conteiner-para-ca-e-conteiner-para-la/>. Acesso em: 25 de mar. 2015.

JORNAL A RAZÃO. Depoimento do senhor José Geraldo. Santa Maria, 2 de abr. 2008, p 7.

LA RAZÓN. Multas de 750 euros por hugar em la basura. **La Razón**. Madrid, Espanha, 20 de setembro de 2009. [http://www.larazon.es/multas-de-750-euros-por-hurgar-en-la-basura-KJLA\\_RAZON\\_99938#.Ttli0eoNbKHkfJ](http://www.larazon.es/multas-de-750-euros-por-hurgar-en-la-basura-KJLA_RAZON_99938#.Ttli0eoNbKHkfJ). Acesso em: 24 de mar. 2015.

LA REPUBLICA. El Ayuntamiento de Madrid multará con 750 euros a quien busque comida en la basura. **La Republica**. Espanha, 23 de outubro de 2011. <http://www.larepublica.es/2011/10/el->



ayuntamiento-de-madrid-multara-con-750-euros-a-quien-busque-comida-en-la-basura/. Acesso em: 24 de mar. 2015.

LIXO.COM.BR. Disponível em: [http://www.lixo.com.br/index.php?Itemid=251&id=144&option=com\\_content&task=view](http://www.lixo.com.br/index.php?Itemid=251&id=144&option=com_content&task=view), Acesso em: 27 de dez. 2013.

MADEIRA DE DEMOLIÇÃO. Disponível em: <http://madeiradedemolicao.com/moveis.html#.VeH8NvIViko>. Acesso em: 29 de jul 2015.

MAIS PALETES. Disponível em: <http://www.maispaletes.com/>. Acesso em: 29 de jul. 2015.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE A FOME. disponível em: <http://mds.gov.br/assuntos/bolsa-familia/oque-e/beneficios/beneficios> . Acesso em: 7 de nov. 2015.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Resíduos Sólidos**. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/mma-em-numeros/residuos-solidos>. Acesso em: 27 de mar. 2015.

MINISTERO DELL'AMBIENTE E DELLA TUTELA DEL TERRITORIO E DEL MARE. Disponível em: <http://www.albonazionalegestoriambientali.it/Home.aspx>. Acesso em: 24 de mar. 2015.

NDTV. Real women, incredible lives: from rag picker to entrepreneur. **NDTV**. Nova Deli, Índia, 24 de fevereiro de 2014. <http://www.ndtv.com/video/player/news/real-women-incredible-lives-from-ragpicker-to-entrepreneur/310792>. Acesso em: 05 de mai. 2014.

OBVIOUS. Disponível em: [http://obviousmag.org/archives/2009/07/vik\\_muniz.html](http://obviousmag.org/archives/2009/07/vik_muniz.html), Acesso em: 29 de jul. 2015.

PANARELLA, Elena. Baraccopoli e campi nomadi abusivi: Roma è una bomba a orologeria. **Il messaggero.It**. Roma, 15 de novembro de 2014. Disponível em:

[http://www.ilmessaggero.it/ROMA/CRONACA/roma\\_campi\\_nomadi\\_centri\\_rifugiati\\_immigrato\\_tor\\_sapienza/notizie/1013240.shtm](http://www.ilmessaggero.it/ROMA/CRONACA/roma_campi_nomadi_centri_rifugiati_immigrato_tor_sapienza/notizie/1013240.shtm)  
l. Acesso em: 01 de jun. 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. Evolução da limpeza pública na Capital Evolução da limpeza pública na Capital Das praias para o forno e o lixão. **Prefeitura Municipal de Florianópolis.** Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/comcap/index.php?cms=evolucao+da+limpeza+publica+na+capital&menu=1>. Acesso em: 26 de mar. 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. Os resíduos sólidos em Florianópolis – fatos históricos e situação atual. **Prefeitura Municipal de Florianópolis** Disponível em: [http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/26\\_11\\_2009\\_12.18.52.2a2a84d471e2627cfd3c56fab3bdc129.pdf](http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/26_11_2009_12.18.52.2a2a84d471e2627cfd3c56fab3bdc129.pdf). Acesso em: 27 de mar. 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA MARIA. Recicla Santa Maria. Programa de Coleta Seletiva. **Prefeitura Municipal de Santa Maria** Disponível em: <http://www.santamaria.rs.gov.br/recicla/>. Acesso em: 26 de mar. 2015.

RAMAJO, Javier El Ayuntamiento de Sevilla amplía las multas por "rebuscar" en la basura. **El Diario.** Espanha, 12 de outubro de 2014. [http://www.eldiario.es/andalucia/Prohibido-Sevilla-Ayuntamiento-rebuscar-basura\\_0\\_312868738.html](http://www.eldiario.es/andalucia/Prohibido-Sevilla-Ayuntamiento-rebuscar-basura_0_312868738.html). Acesso em: 24 de mar. 2015.

ROMA TODAY. "Rinascere Casilino 900, Marino venga ad inaugurararlo". **Roma today.** Roma, 24 de dezembro de 2014. Disponível em: <http://centocelle.romatoday.it/centocelle/campi-rom-ex-distributore-agip.html>. Acesso em: 10 de abril de 2015.

ROMA TODAY. Viadotto della Magliana, scoperto deposito di rifiuti pronti alla vendita gestito da rom. **Roma Today.** Roma, 17 de março de 2015. Disponível em: <http://www.romatoday.it/cronaca/deposito-campo-rom-via-del-cappellaccio.html>. Acesso em: 10 de abr. 2015.

SAFAI SENA. Disponível em: <http://www.safaisena.net/>. Acesso em: 24 de mar. 2015.

SOUZA, Karina da Silva de. Experiência do Município de Florianópolis na Gestão de Resíduos Sólidos. **Fundação Nacional da Saúde**. Disponível em: [http://www.funasa.gov.br/site/wp-content/uploads/2013/05/kerine\\_silva.pdf](http://www.funasa.gov.br/site/wp-content/uploads/2013/05/kerine_silva.pdf). Acesso em: 28 de mar. 2015.